

No Fio da Vida: Uma Odisseia Açor-Americana

Francisco Cota Fagundes



No Fio da Vida

No Fio da Vida: Uma Odisseia Açor-Americana

Francisco Cota Fagundes

Tradução e revisão do Autor



Colecção
Comunidades
Portuguesas

Autobiografia

Imprensa Nacional é a marca editorial da 

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.imprensanacional.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

© Francisco Cota Fagundes e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO: No Fio da Vida: Uma Odisseia Açor-Americana (autobiografia)

AUTOR: Francisco Cota Fagundes

EDIÇÃO: Jorge Reis-Sá

CONCEÇÃO GRÁFICA: Undo

CAPA: Estúdio João Campos

REVISÃO DO TEXTO: João Miguel Alves

1.ª edição: outubro de 2021

ISBN: 978-972-27-2994-9

Para a Jeanette, de todo o coração.
Para a minha mulher, Maria Deolinda
E para o nosso filho, Evan Anthony, que tinha
quatro anos quando esta autobiografia foi escrita e
para cujos olhos unicamente então se destinava.

AGRADECIMENTOS

Devo a edição portuguesa da minha história de vida a vários amigos que nela acreditaram e a quem desejaria que aqui ficasse registado o meu reconhecimento. Primeiro, agradeço ao Sr. Fernando Ranha, Diretor da VerAçor Editores, o ter-me honrado com a publicação de mais um livro.

Ao meu amigo Daniel de Sá fico devedor do comovente e generoso Prefácio com que me honra, agradecendo-lhe ainda a leitura cuidadosa do texto e as numerosas sugestões para o seu melhoramento, começando com o título que, na versão original inglesa, era bem menos poético e sugestivo.

À minha nova amiga Maria Leonor Sampaio Silva quero agradecer o cuidado e a rapidez que pôs na leitura do texto. Bem-haja pela ajuda!

Quero agradecer a D. Mécia de Sena a primeira tradução, feita há quase vinte anos, de Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey (memoir). Como me aconselhava ela então, a última versão para o português teria que ser feita por mim, pois o carácter oral, com que logo de início, até na versão inglesa, quis contar estas minhas andanças emigrantes, só o podia transmitir eu na minha língua materna que trouxera dos Açores. Isto não quer dizer, porém, que eu não deva muito do que contém a minha tradução da lição – e, inclusive, das palavras – de D. Mécia de Sena.

Agradeço à minha amiga Susana Antunes a sua leitura generosa de No Fio da Vida, feita no âmbito de numerosas responsabilidades académicas. Muito obrigado!

À minha mulher Maria Deolinda agradeço a generosa leitura final de uma história que ela conhece como ninguém e de que é parte fundamental como personagem.

PREFÁCIO de Daniel de Sá

“És corajoso”, disseram-me eles.
Não é verdade. Eu nunca fui corajoso.
Apenas achei indigno
vergar-me à cobardia dos meus camaradas.

**DO POEMA “CONVERSA COM UM ESCRITOR AMERICANO”,
DE YEVGENY YEVTUSHENKO**

Na década de 1960, o trabalho nas vacarias da Califórnia era uma escravatura que só o salário semanal disfarçava. Francisco não partira com demasiadas ilusões, mas nunca imaginara que o sonho americano pudesse ser um pesadelo. Ali, só as vacas eram sagradas. Uma delas deu-lhe um coice na coluna que haveria de obrigá-lo a ficar imobilizado na cama vários dias, temendo que a paralisia fosse definitiva. Apesar disso, Mr. Morrison aconselhara-o a não levar o caso a tribunal para que o patrão o indenizasse. Não valeria a pena. Anos mais tarde, um pescador português de atum processou o armador que se recusava a compensá-lo financeiramente por um ombro esmagado num acidente ao largo da costa da América do Sul. Francisco, que lhe serviu de tradutor no julgamento, desejou que ele provasse que Mr. Morrison não tivera razão. Não o conseguiu...

Há fortunas que crescem assim – sobre o suor e o sangue de muitos. Milionários. Gente que venceu na vida. Gente que venceu

a vida. Gente que venceu algo mais que a vida. Talvez lhes perguntem como chegaram tão alto. Talvez lhes concedam uma condecoração. Talvez queiram saber quais os degraus que subiram. Mas nunca “quem” foram esses degraus.

No Fio da Vida há personagens destas. Que estão no lado negro da existência. Que são como que uma versão humana dos buracos negros que se alimentam de tudo o que gravita à sua volta. Francisco Cota Fagundes retrata-os com a nudez crua da verdade. A mesma sinceridade que põe no seu próprio autorretrato. Porque este livro, como no caso de Yevtushenko, é uma autobiografia prematura.

Albrecht Dürer vestia os seus melhores trajes, penteava cuidadosamente os caracóis dos seus longos cabelos, retocava a barba, punha-se bonito para os autorretratos. Vincent van Gogh passava-se para a tela tal como estivesse, tal como era. De casaco coçado, chapéu velho, a barba esquilada. Ou sem esconder a degradação de uma grande ligadura branca e encardida a tapar-lhe a orelha cortada, numa das suas obras mais dramáticas. Se Francisco Cota Fagundes fosse pintor, certamente seria como Van Gogh — não se valeria de artifícios, não disfarçaria imperfeições. Neste livro, primeiro editado em Inglês, o título original resume-o: Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey (memoir). A odisseia de quem bate a muitas portas, de quem chama sem saber se é ouvido, de quem vagueia por vielas e congostas para acabar perdido nas longas avenidas. Ou talvez o contrário. É o outro lado da América esplendorosa, da América da justiça e da igualdade de oportunidades. A América capaz de ser mesquinha, ambiciosa, herdeira da revolução industrial que gerou impérios possidentes e miseráveis que morriam de tuberculose faminta mais que os escravos do Sul, racista perante a mínima diferença de cor da pele, de língua ou de sotaque. É a autenticidade da narrativa, o revelar-se todo, com defeitos e virtudes, sem poupar aos outros uma revelação de igual

crueza, que nos faz acreditar nesta autobiografia mais do que na generalidade das outras, em que os autores raramente se apresentam como anti-heróis. Uma autobiografia tão despida de imaginadas glórias quanto de coloridos literários desnecessários, a fazer lembrar, na sinceridade do seu realismo, e até na semelhança das personagens, a Servidão Humana, de Somerset Maugham. Porque Francisco Fagundes vale bem um Philip Carey (que não é mais que Maugham a fingir que se disfarça) ou com Jeanette a não merecer menos do que Mildred.

Mas, No Fio da Vida, há também os seres luminosos. Como essa Jeanette, uma das portas a que Francisco bateu, a estrela de maior fulgor entre todas as que esburacam de clarões o céu negro da noite à espera da manhã. Ou Jimmy, velho e doente, solitário na América que ele dizia que era um país solitário, generoso para além da morte.

Jeanette amava-o porque ele precisava de ser amado, ou porque ela mesma tinha necessidade de amar? Ela não o levantou do chão, mas talvez tenha ajudado a evitar que Francisco caísse no desânimo absoluto, na falta de crença em si mesmo e na vida. Jeanette chega a ser o seu último suporte — não a âncora que o detivesse, mas a aragem que lhe soprasse as velas da embarcação em risco de ser sorvida pelos remoinhos da existência. Francisco Cota Fagundes deve-lhe esse impulso, e com ela preenche a maior parte das suas memórias. Que, por um acaso quase tão inacreditável como aqueles que decidiam o destino de algumas das personagens de Pearl Buck, ele só volta a encontrar quase quarenta anos depois de um adeus sem limite no futuro. Mas então é para um outro adeus, o definitivo, porque Jeanette tem os dias contados para a viagem sem retorno.

Margaret, uma das mulheres cuja vida se cruzou com a de Francisco Cota Fagundes, ou que andou paralela à dele, diz-lhe um dia: "I am a person, Frank. Try to think of me as a person, just a person."

Acabada a leitura, por mais conscientes que fiquemos de termos lido uma obra-prima, e por mais impressionados que nos deixe o percurso extraordinário do autor, não devemos pensar que estamos perante alguém que vai além de ser pessoa. Porque, se fazemos dele um super-herói, perde-se o valor da sua lição de vida. Por isso, tentemos perceber que estivemos perante uma pessoa. Uma pessoa, simplesmente.

NOTA DO AUTOR

No Fio da Vida: Uma Odisseia Açor-Americana (autobiografia) foi escrito há mais de vinte anos e editado pela primeira vez em 2000 pela Gávea-Brown, do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University, com o título *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey* (memoir). Nunca pensei, ao escrevê-lo, que o livro fosse ser editado em Portugal e, ainda por cima, que fosse eu a traduzi-lo para português.

Ao traduzi-lo, tive de passar por aquilo que temia: rever, o que quer dizer, até certo ponto sofrer psicologicamente de novo, as peripécias amargas que aqui narro. Confortam-me os anos, que me privam dos medos a que uma confissão, tão desbragada como esta é, pode levar. Hoje, a caminho dos setenta anos, pouco ou nada já me surpreende e me vexa relativamente às minhas andanças. Sei-as, algumas delas, pouco exemplares e, em alguns casos, extremamente embaraçosas e nada autolisonjeiras. Alguns dos meus maiores amigos já fizeram reparos públicos acerca das revelações demasiado íntimas aqui registadas. Nunca, nem sequer quando as escrevi pela primeira vez, pensei assim. Se bem que seja verdade que nem tudo o que vivemos é digno de ser trazido à praça pública, ao recriar estas experiências parti do princípio, que ainda e sempre esposo e esposarei, que não somos de todo responsáveis pelo bom e pelo menos bom com que aconteceu a vida tocar-nos — e, simplesmente, ser. Assumo, sem vanglória nem vergonha, o bom e o menos bom, o que porventura possa ser exemplar para alguns e o

que sei que incomodará os bem-pensantes e bem-disfarçantes. Foi de propósito que selecionei, como uma das epígrafes que escolhi para este livro, versos de um autor que, tantas vezes e bem, embora não nos versos aqui citados epigraficamente, se pronunciou contra excessos de confessionalismo: Miguel Torga. Respeito essa perspectiva, mas não a subscrevo. Abrir a alma também é um ato de coragem. E é, acima de tudo, um apelo à nossa comum humanidade. É no espírito dessa comum humanidade que eu escancaro a alma neste livro. Há livros que usam roupagem; há outros que aparecem na rua semivestidos – nesta categoria, incluiria eu os meus dois volumes: No Vale dos Pioneiros e A Lagoa dos Castores. Há outros livros, porém, que vêm à rua despidos ou nus – e as minhas duas autobiografias, esta e a por enquanto inédita ‘Not Born to Be Happy’: A Journey Through Darkness, são livros nus.

Heróismos? Nunca pensei em mim e nas minhas andanças como sendo designáveis de heroicas. E a maioria dos meus heróis – na minha aceção humanística desse termo – não são e nunca foram heróis na aceção hollywoodesca da palavra! Estou perfeitamente a par do meu percurso invulgar, à época pelo menos, no contexto da emigração das nossas Ilhas. Não seria, porém, um leitor assíduo de autobiografias de emigrantes – dezenas e dezenas delas que tenho lido, das mais diversas proveniências étnicas – se não soubesse que os meus triunfos, por impressionantes que possam ser por padrões de algum leitor generoso, são irrisórios perante os triunfos espetaculares de gente que, como Andrew Carnegie, o Rei do Aço, Edward Bok, o Rei da Ladies’ Home Journal e tantos outros, marcaram presença paradigmaticamente como sucessos espetaculares e como autores de célebres autobiografias emigrantes nesta América em que uma historinha, do tamanho da minha, simplesmente não aparece no radar. Este é um país em que tudo é grande, em que tudo é excessivo, em que a bitola humana, por que outros povos se veem, se reveem e se julgam, serve apenas para

julgar bichinhos da terra muito pequenos, ou tão-só humanos. Acredito, porém, que mais humana seria a América se usasse, para ajuizar das gentes e das coisas, bitolas que mais humanas fossem!

Por que razão, mais de uma dúzia de anos depois da sua publicação e depois de vários colegas e amigos, tanto deste como do outro lado do Atlântico, generosamente ma terem lido e, uns quantos, comentado, permito eu que ela venha a lume, desta vez na minha língua e nas Ilhas onde nasci? Talvez — e sei que o que conscientemente pensamos não é, a um nível possivelmente mais profundo ainda, aquilo que a outro nível nos impele — porque o fio da vida se me encurta e eu quereria, através da minha história, que mais não seja, regressar ao lar. A nível consciente — e é esse o único a que creio ter pleno acesso — agradar-me-ia fazer mais uma contribuição, por modesta que fosse, para o conhecimento, a nível vivencial e existencial, do que a experiência da emigração das nossas Ilhas para a América tem sido. Não é, nem de longe, o El Dorado que muitos imaginam ou fingem que foi. Por outro lado, também está longe de ser o inferno a que muitos creem que todos os emigrantes têm que descer. A emigração é, tal como a condição humana ela mesma, um bocadinho de ambas essas coisas: parte via libertadora e parte inferno, parte sonho e parte pesadelo, parte viagem irresistível que marcou desde os primórdios o destino da humanidade e parte irremediável da vida de quem se viu forçado a abandonar o torrão onde foi parido e criado, porque nele não tinha condições de viver condignamente nem de atingir a plenitude, grande ou pequena, do seu potencial humano.

Amherst, 15 de setembro de 2010

Os nomes de alguns indivíduos que figuram nesta autobiografia foram mudados para proteger a sua privacidade.

*A Traveller I am,
And all my Tale is of myself.*

– WILLIAM WORDSWORTH, *THE PRELUDE*

*Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.*

– ÁLVARO DE CAMPOS, “*POEMA EM LINHA RETA*”

*Aqui, diante de mim,
Eu, pecador, me confesso
De ser assim como sou.
Me confesso o bom e o mau
Que vão em leme da nau
Nesta deriva em que vou.*

– MIGUEL TORGA, “*LIVRO DAS HORAS*”, *O OUTRO LIVRO DE JOB*

I O MENINO DA MADRINHA

Nasci com um dedo extra crescendo de cada lado dos meus mendinhos. Após inspecionar-me, o meu pai dirigiu-se à cocheira e arrancou dois longos pelos do rabo do seu cavalo, lavou os dois fios sedosos com água quente e sabão, depois deu um nó o mais apertado possível em cada um dos meus dois indesejáveis apêndices. Aos poucos, os meus mendinhos, depois os outros dedos, depois as minhas duas mãos foram ficando roxos e depois negros. Mas uns dias mais tarde os meus dedos a mais tinham desaparecido e o roxo e o negro tinham-se tornado morenos, da cor normal da minha pele. Ainda tenho as cicatrizes nas mãos: duas saliências papudas com uma insólita semelhança a tetas de vaca.

Aos onze meses fui levado de casa dos meus pais para casa dos meus padrinhos, vizinhos nossos que não tinham filhos e que se haviam oferecido para tomar conta de mim enquanto a minha mãe, no seio da pobreza em que os meus pais e irmãos viveriam até muitos anos depois, cuidava do meu irmão de dois anos, a quem ainda amamentava. Quando já estava há meses em casa dos meus padrinhos, a minha mãe já fazia preparativos para o nascimento do seu terceiro filho, um ano e meio mais novo do que eu. À medida que fui crescendo — na Aqualva, Terceira, Açores — e me ia apercebendo de que não vivia com os meus irmãos e pais, informaram-me estes repetidamente que eu não fora “dado”

a ninguém. A intenção deles sempre fora levar-me para casa logo que os meus irmãos ficassem mais grandinhos e a sua situação económica melhorasse um pouco. Mas entretanto as minhas duas irmãs também nasceram e o meu regresso a casa teve de ser adiado. De facto, até a minha irmã mais velha teve que se mudar de casa temporariamente e ir viver com os nossos avós maternos. “Temporariamente”, porém, tanto para ela como para mim, acabou por se transformar em “permanentemente”, até muitos anos depois quando toda a família se juntou e viveu sob o mesmo teto por algum tempo na América.

Os meus padrinhos também eram relativamente pobres. O padrinho era analfabeto. A madrinha, porém, fizera a terceira classe, sabia escrever cartas e de facto tornou-se uma escritora de cartas na nossa freguesia para pessoas que tinham parentes no Brasil e na América. Ganhou grande prestígio com isso. Sabia da vida de tanta gente na freguesia; consultavam-na para lhe pedir conselhos; era a moralista da nossa vizinhança. Devido ao facto de a situação económica dos meus padrinhos ser, até mais de duas décadas depois, bastante superior à dos meus pais, nunca tive que trabalhar enquanto frequentava a escola. Os meus irmãos, pelo contrário, sempre haviam ajudado o pai enquanto ainda andavam na escola e, ao concluírem a quarta classe, iam ambos vender lenha em Angra e no Porto Judeu.

Aos seis anos, comecei a frequentar o que era então o equivalente da pré-escola na freguesia. Um casal de idosos, o Mestre José e a Senhora Amelinha, preparavam, na sua casa, algumas crianças para a escola primária oficial. Ensinavam-nos o alfabeto, a escrever o nosso nome, e sobretudo a rezar. Sabiam tantas orações, sobretudo velhas rezas que já não estavam em voga, mas que eles consideravam

superiores às correntes. Ensinaram-nos a ser meninos educados: a dar os bons-dias e as boas-tardes às pessoas mais velhas quando passássemos por elas ou nos despedíssemos delas, aliás coisas que os meus padrinhos também me ensinavam. Para se certificarem de que estávamos a ser cumpridores, o Mestre José e a Senhora Amelinha, com o consentimento dos nossos pais, encarregavam vizinhos e amigos a serem informantes.

A madrinha sempre me dava um escudo para comprar queijo ou uma talhadinha de marmelada para o lanche. Mas o Mestre José às vezes conseguia tirar-me o dinheirinho. No seu quintal tinha ele bananeiras e maracujazeiros. Um escudo comprava uma banana ou dois enrugados maracujás; ele sempre insistia que a fruta era muito mais saudável do que o queijo ou a marmelada. Também tinha o Mestre José um mealheiro na forma de uma escultura de um menino preto cuja cabeça, suspensa num eixinho, ele fazia balançar para, segundo o Mestre José, dizer “sim” e “obrigado” quando, a insistências dele, púnhamos uma moeda na ranhura. Chamava-se “O Pretinho de Angola”. O dinheiro angariado entre a dúzia de meninos que frequentava a escola do Mestre José e Senhora Amelinha destinava-se a ajudar as criancinhas pobres de Angola. (Ou ficava o Mestre José com o dinheiro para si? Nunca soubemos ao certo.) Tínhamos que doar ao Pretinho de Angola todas as moedas de dez ou vinte centavos que conseguíssemos. Se lhe disséssemos que não tínhamos dinheiro, ele revistava-nos os bolsos para se certificar de que não lhe mentíamos. Uns quantos espertinhos começaram a esconder as moedinhas debaixo de pedras antes de entrar para a casa do Mestre José. Mas outros meninos larápios espiavam-nos. Quando nós íamos pelo dinheiro, já eles o tinham roubado. Apesar de tudo,

eu gostava muito do Mestre José e da Senhora Amelinha. A madrinha ensinou-me a respeitá-los como se eles fossem meus avós, algo que os outros pais também instavam os seus filhos a fazer. A madrinha, porém, ia um bocadinho mais longe do que os demais pais e mães: eu tinha que pedir a bênção ao Mestre José e à Senhora Amelinha quando chegasse à escola e sempre que passasse por eles na rua:

- *Sô José a bença.*
- Deus t'abençoe, rapaz.
- *Sora Amelinha a bença.*
- Deus t'abençoe, Chiquinho.

Aos sete anos comecei a frequentar a escola primária da Aqualva para cumprir os quatro anos de instrução obrigatória. A escola dos rapazes estava instalada no primeiro andar de uma velha casa, cujo rés do chão servia de depósito do maior armazém que havia na freguesia, de que anos depois eu seria empregado. A escola das raparigas ficava a cerca de um quilómetro de distância da nossa, bem afastadinha da escola dos rapazes. O meu primeiro professor foi o Senhor José d'Ornelas, um senhor já de idade, alto, de porte imponente, próximo da aposentação, que nunca sorria. Dava a impressão de estar zangado com tudo e com todos. Só falava para dirigir o coro de meninos a recitar o alfabeto e as sílabas da *Cartilha* de João de Deus. Para ele, a disciplina consistia em levantar-se da cadeira e, aos passinhos lentos e de lã, aproximar-se da criança que estava a portar-se mal, que por vezes nem se apercebia de que era a vítima almejada, e batucar-lhe rápido com o nó dos dedos, que os tinha duros como calhaus. Mas nunca nos gritava, como o fazia a nossa professora da terceira classe e durante os primeiros meses da quarta classe. Era uma senhora velhinha cujo nome nunca soubemos porque ela nunca no-lo disse ou, se no-lo disse,

eu esqueci-o. Era a “Senhora Professora” ou a *Sossôra*. Morava, ao que nos parecia, na ex-cozinha da residência em que estava instalada a escola, usava cabeleira, que às vezes ajustava mal, e dentadura, que por vezes tirava e punha num copo de água em cima da secretária. Ao contrário do Senhor d’Ornelas, porém, nunca nos batia, mas gritava imenso.

Dependendo do nosso comportamento ou da sua disposição (e sendo pessoa doente, parecia sempre maldisposta) recitava, num crescendo, a sua litania de insultos aos meninos:

– Diabos! Diabos insuportáveis!

E quando nós havíamos sido particularmente maus e ela já estava à beira das lágrimas que lhe víamos brilhar por detrás dos óculos de lentes grossas, emitia o seu notório insulto máximo que ainda ressoa dentro da minha cabeça:

– Diabos endiabrados!

Mesmo assim, como nunca nos batia, considerávamo-la inofensiva. O pior que nos fazia era proibir-nos de *ir lá fora*. Como não havia instalações sanitárias no prédio da escola, os meninos tinham que correr da escola à ribeira, que ficava a uma distância de uns quantos quarteirões da escola, para fazer as suas necessidades. Alguns de nós, valha a verdade, às vezes íamos lá fora e demorávamo-nos um bocadinho a brincar. Negar-nos autorização a ir lá fora, até mesmo em ocasiões de premente necessidade, tornou-se a sua forma mais dura de castigo. Um dia, um dos meninos que, devido a cheirar mal e a ter piolhos, tinha que se sentar a sós na última fileira de carteiras, não pôde conter-se mais e urinou num buraco do soalho que dava para um dos tachos dependurados do teto do depósito do armazém, aqueles mesmos tachos que nós ouvíamos chocalhar quando, de propósito, dávamos passadas fortes e pesadas no sobrado em cima.

A resposta do menino às perguntas impertinentes da Sossôra e do Manuel Raposa, proprietário do armazém, permanecerá uma das frases mais memoráveis de toda a minha infância:

– Porque foste tão mau, José Gabriel? Quem te deu licença para mijares no meu tacho?

– A minha bichinha é que deu, Sossôra, sô Manel!

A malta immortalizou a maravilhosa resposta: o José Gabriel passou a ser chamado, e seria para o resto da sua vida, o *Bichinha*.

Uns meses depois do começo da quarta classe, a Sossôra ficou doente e morreu. Tivemos que esperar quase quatro meses pela vinda da nova professora. Mas que diferença entre esta e o Senhor José d’Ornelas e a Sossôra! O seu nome, de que jamais me esquecerei, era Maria João Furtado Resendes. Era do Faial, novinha e linda. Impunha-nos uma rigorosa disciplina, mas nunca nos meteu medo. Prometeu-nos que nos prepararia para o exame da quarta classe e que nós, apesar de termos perdido tantos meses de instrução, seríamos dos melhores alunos a fazer o exame na Praia da Vitória. Eu lembro-me de trabalhar para ela: estudava o ditado, uma das disciplinas que mais odiava, para ela; fazia os meus exercícios de aritmética, para ela; para ela aprendi os nomes dos principais “rios” portugueses e seus “afluentes” (se bem que ninguém jamais nos tivesse ensinado o que era um “rio” ou um “afluente”); era capaz de recitar, de trás para diante e de diante para trás, os nomes e cognomes (pois todos eles o tinham) de todos os reis que Portugal teve, para ela; tantas vezes guardei a fruta do meu lanche para ela, que ela sempre se recusava a aceitar. A malta discutia qual de nós era o favorito dela e quem entre nós ela escolheria, quando fôssemos grandes, para ser o seu

namorado. Temia eu o dia em que acabasse a quarta classe e não a tivesse mais como professora. Lembro-me de recortar os pedacinhos da página do meu ditado em que ela tinha escrito notinhas e andar com os papelinhos na algibeira, como se fossem cartas de amor.

Um dia ela rebentou-me o coração. Parece que ela gostava do Arlindo, o rapaz grande mais bonito da freguesia, um homem que parecia um ator de cinema, mas que tinha a fama de falta de interesse pelas mulheres. Ia eu a subir as escadas da escola que eram em forma de L. Ouvi-os a falar um com o outro. Ela implorava-lhe:

– Beija-me, Arlindo. Pelas alminhas, beija-me!

E ele:

– Não me apetece agora, Maria João!

Como era possível, Deus meu! O mundo transtornou-se-me. Tinha ganas de matar e de dar cabo de mim também. Que safadeza a dela! Odiei o Arlindo. Mas tentei, com péssimos resultados, pentear o meu cabelo como ele penteava o dele.

Chegou o dia dos exames da quarta classe. Tinha eu onze anos e tinha acabado a escola, no preciso momento em que adorava andar na escola. O dia da formatura foi um dia feliz e triste. Recebi de presente dos meus padrinhos o meu primeiro relógio de pulso. Mas nunca mais entraria na aula dela.

Como terminara a escola, os meus padrinhos decidiram que era tempo de eu conseguir um emprego, para não andar a vadiar pelas ruas. Mas queriam para mim um emprego melhor do que tinham os meus irmãos, que era vender lenha. A madrinha sempre insistiu que eu tinha que realizar mais do que os meus irmãos e que eu era, de certo modo, melhor do que eles, que mais não fosse porque havia

sido criado por eles e, como toda a gente na freguesia estava farta de saber, eles eram de famílias melhores que os meus pais. Na verdade, os meus pais, sobretudo devido à reputação dos meus avós paternos, não eram das famílias mais respeitáveis da freguesia.

O meu avô paterno, José Cardoso Fagundes, que morrera antes de o pai se casar, tinha emigrado para o Brasil, ou pelo menos constava na família, a cuja história ninguém tinha tempo ou pachorra de dar muita atenção. Ao regressar do Brasil, emigrara para New Bedford, onde conheceu a minha avó, Georgina Borges, também oriunda da Aigualva. Casaram em *Betefete*, tendo o meu pai nascido em 1916 e vindo com a família para a Terceira em 1921. Na verdade, uma das glórias dos ascendentes de meu pai era, segundo ele, ser *amaricano*. Ele tinha orgulho em nos contar como recusara a cidadania portuguesa quando, por ocasião da Segunda Grande Guerra, as autoridades lhe deram a opção da cidadania portuguesa ou permanecer *ciscunscrito* à área de Angra para a eventualidade de Portugal vir a entrar na guerra. Foi a opção de confinamento à cidade que ele escolheu. O pai sabia que era pobre, mas teria algo muito especial para ofertar aos seus ainda hipotéticos filhos: a possibilidade de um dia irem para a América *usando os seus papéis de americano*.

Após o seu regresso aos Açores, os meus avós paternos sofreram uma série de tragédias. Dois dos seus filhos morreram; um rapaz, de um ataque de lombrigas; uma filha, da peste, doença de que a avó morreria também. A doença e o alcoolismo do avô quebraram-lhes o espírito e conspurcaram-lhes a reputação. Nunca mais regressariam a Massachusetts. As suas consideráveis economias esgotaram-se. Com mais seis filhos para criar e um marido quase constantemente embriagado e inútil, regressando

de Angra deitado no fundo da carroça num estado de semi-inconsciência, a avó era quem pegava nele ao colo e o levava para casa. E então, pela calada da noite, vestia-se de homem e ia surripiar maçarocas às burras de milho e legumes às hortas e até roubar galinhas, que trazia para casa de pescoço já torcido, para que os filhos não lhe morressem de fome. Um dia foi apanhada no ato de roubo por um vizinho — a quem ela desafiou para uma luta a murro. Então ia deixar os filhos morrer de fome só porque o marido era um irresponsável bêbado? A má reputação dos meus avós na freguesia provinha destes tempos. Quando ambos morreram, a má reputação passou-se para o meu pai que foi viver com uma tia após a morte dos pais, e do meu pai herdámos-la nós que nem os nossos avós havíamos conhecido. E herdei-a eu que nem em casa dos meus pais havia sido criado, e herdaram-na todos os meus irmãos, que eram tão culpados como eu.

Sendo pobres, não havia a mínima possibilidade de limparmos o mau nome, que só se limpava e escarduçava com posses, sobretudo alqueires de terra. A madrinha ressentia-se profundamente da mancha social que eu herdara. Pois ela, conquanto não fosse de gente rica, tinha herdado dos seus uns quantos alqueires de terra e na sua família não houvera bêbados e ladrões. Se bem que não fossem das famílias mais proeminentes da freguesia, possuíam no entanto uma reputação e uma respeitabilidade que os meus pais estavam longe de poder reivindicar para si e para nós. A madrinha usava a sua superior reputação como condecoração — e queria que eu, como seu menino, dela participasse e beneficiasse. E, sem disso fazer alardes, passou a encorajar-me a manter uma certa distância social dos meus irmãos para eu preservar e ser criado na aura de respeitabilidade que era minha por direito de ser menino dela e do padrinho.

Da sua parte, tudo fazia a madrinha para que eu cultivasse uma imagem mais distinta e me comportasse de maneira superior aos meus irmãos, indo ao extremo de me comprar roupas diferentes. Uma vez, quando a mãe queria que todos os seus filhos se vestissem do mesmo modo para a festa da freguesia, a madrinha não gostou. Procedeu como se aceitasse a sugestão, mas depois, sem que a mãe suspeitasse, fez-me roupas diferentes para eu “orgulhosamente” estrear no dia da festa. A mãe ficou, naturalmente, magoadíssima com ela por esta ação cruel, rompeu a chorar e recusou-se a ir à festa. Fui criado com a ideia, inculcada pela madrinha (com alguma assistência do padrinho), que eu um dia casaria com uma rapariga de boas famílias, que realizaria mais na vida do que os meus irmãos. Aos sete e oito anos, quando ia a um velório com a madrinha, ela mandava-me aproximar do caixão, assumir uma postura meditativa por uns momentos, e depois iniciar uma oração pelo morto acompanhado de todos os presentes. Tive de cumprir com este ritual umas quantas vezes. Uma ou outra vez, devido ao respeito que comandava a madrinha entre alguns dos seus pares, as pessoas presentes rezavam comigo pelo morto. A maioria das vezes, porém, apercebia-me eu, consternadíssimo, das abafadas risotas dalgumas pessoas que não receavam incorrer na ira dela e que achavam ridícula esta “tradição” inventada pela madrinha e propagada por mim.

Um ano pelo Natal, a madrinha decidiu que eu deveria cantar a sós um cântico natalício na Missa do Galo. Era costume na nossa freguesia as crianças vestirem-se de pastinhos e levarem saquinhos e saquinhas de trigo ou milho como oferendas ao Menino Jesus, que depois o senhor padre leiloava no domingo a seguir, sendo os proventos

para a igreja. As mães da freguesia concorriam umas com as outras para que os seus meninos dessem nas vistas da congregação. A madrinha, porém, na esforçada luta por a todas levar a melhor para benefício meu, exigia mais e melhor do que simples originalidade. Fui vestido de Francisco Marto, o rapazinho que fora um dos três videntes nas aparições de Fátima. E para que ninguém se equivocasse e treslesse o meu traje, a madrinha cosera nas costas da minha camisola branca, em enormes letras escarlates, o nome FRANCISCO MARTO.

Possuía eu uma voz muito razoável que melhorou muito quando integrei o coro das crianças da igreja da freguesia. (A madrinha encorajava-me a usar a voz na igreja quando o coro não estava a atuar, e olhava para trás, do sítio onde se sentavam as senhoras, para os assentos onde estavam os homens para se certificar que eu estava mesmo a cantar.) Entrei na igreja uns minutos antes do começo da Missa. Para mim, era audível o tossir e variados ruídos da enorme congregação que hoje enchia a igreja. Mas também ouvia, distintivamente, o pulsar do coração dentro do peito à medida que me encaminhava pelo centro da igreja acima em direção à enorme árvore de Natal armada perto de um dos altares laterais, com a madrinha seguindo-me muito de perto, e abri a boca para entoar, para toda a igreja ouvir, o cântico que havia muitos dias eu vinha ensaiando com ela.

Entraí, pastores, entraí
Por este portal sagrado.
Vinde adorar o Menino
Numas palhinhas deitado.

Pastorinhos do deserto
Todos correm para o ver
Trazem mil e um presentes
Para o Menino...

Tudo correu bem ao começo. Mas o longo e estreito saco de trigo que eu trazia ao ombro esquerdo, escudado por um bordãozinho sobre o ombro direito segurado pela mão direita como faziam os pastores de verdade, não me permitiu a atuação que a madrinha e eu imagináramos. Pois os meus nervosos dedinhos da mão esquerda começaram a torcer o cordel que atava a ponta do saco. E de tanto ser torcido, o cordel que amarrava a minha oferenda de pastor ao Menino Jesus de repente desatou-se — e as pessoas que estavam ajoelhadas ou sentadas na larga nave da nossa igreja da Agualva levaram com uma chuvada de trigo que se lhes meteu pelos penteados, lhes penetrou pelo pescoço, pelos seios, lhes invadiu as bolsas e os bolsos e fez as senhoras e as raparigas darem gritinhos de espanto e de choque e talvez risos abafados de gozo. O meu cântico afogou-se-me na garganta por entre uma zoadá, incluindo algumas gargalhadas impossíveis de disfarçar, que irromperam de muitos dos que acabavam de testemunhar a insólita atuação. Aos ruídos da igreja, juntei eu os meus soluços, pois rompi numa choradeira de irreprimível vergonha e de pânico mais que justificável à medida que a madrinha, apanhada ela também no dramático desenrolar dos eventos e no desmoronar-se de toda uma performance longamente ensaiada e agora traída pela minha falta de cuidado, começou a beliscar-me as costas até eu não saber mais se as lágrimas me corriam devido à dor do embaraço ou às dores físicas incutidas pelas beliscadelas, espetadelas com os dedos e murros por todas

as partes do meu corpo ao alcance das suas irreprimíveis fúrias. Durante a Missa, senti, sem ser preciso olhar, todos os olhares da congregação a penetrar-me por todos os poros do corpo, como agulhadas, sobretudo quando a congregação entoou o cântico que eu apenas tivera a oportunidade de esboçar, e que agora era, para os que presenciavam a minha desgraça, mais um estímulo para os seus risos por entre dentes ou para alguma abafada gargalhada alvar que emergia daqui e de além, ou tão-só da minha imaginação dorida.

O padrinho era frequentemente um aliado involuntário da madrinha no afã dela em tornar-me um menino-prodígio. Que era a madrinha quem mandava em casa, todos os vizinhos estavam fartos de saber. Todos sabiam também que o padrinho era uma alma lavada e pura, mas que não era particularmente esperto. Aborrecia as pessoas com as suas histórias enfadonhas e enfadonhamente repetidas. Contava infundáveis êxitos acerca das suas colheitas. (Devido a isto adquiriu a alcunha de Batata Doce, alcunha essa que eu também herdei, entre tantas outras que cheguei a possuir.) Quando as pessoas lhe viravam as costas de aborrecidas, ele insistia e persistia, não se apercebendo que os demais estavam a rir-se dele. Mas às vezes eu apercebia-me e, como o amava tanto, chorava cá dentro por ele e por mim. Odiava-o, porém, quando ele, seguindo as ordens recebidas da madrinha, me embaraçava, forçando-me a fazer em público as coisas que ela estava segura me trariam distinção.

Quando eu tinha onze ou doze anos, o Senhor Bispo veio à freguesia crismar as crianças. A madrinha arranhou maneira de ser eu a fazer um discurso de boas-vindas ao Senhor Bispo. Houve, da parte dos meus pares e de algumas mães invejosas que queriam a glória para os seus filhos,

tentativas de me impor novas alcunhas e à madrinha, mas tudo correu bem desta vez. Aliás, segundo a madrinha, foi um retumbante sucesso. Depois do discurso, que fora escrito por um seminarista da freguesia (que mais tarde abandonaria o sacerdócio para se casar), que eu tinha decorado e ensaiado, com muitos gestos de braços e mãos coreografados e repetidos numerosas vezes pela madrinha, o Senhor Bispo aproximou-se de mim e beijou-me o rosto, exprimindo à madrinha o desejo de que um dia eu fosse para o liceu; que podia, aliás, ir para o seminário, que eu era um menino inteligente e bem-educado. A madrinha ficou delirante. Durante semanas e semanas após o evento, não falava de outra coisa. Fazia comparações entre mim e os meus irmãos. Quem imaginaria um dos meus irmãos a fazer um discurso daqueles? A quem devia eu tudo aquilo senão a ela? E tive que proferir o que ficou conhecido na família como “o discurso do bispo” (para o distinguir do “discurso do professor”, que proferira eu quando o Senhor José d’Ornelas, o dos nós dos dedos duros como calhaus, se aposentara no ano anterior) a pessoas que nunca o tinham ouvido; e tive ainda de o proferir a pessoas que o tinham ouvido, mas que, para serem agradáveis à madrinha, me pediam que por favor lhes recitasse outra vez o discurso. E eu recitava-o:

— *Senhor Bispo, é com alegria e satisfação que vos recebemos na nossa freguesia. O nosso coração palpita de amor e reconhecimento por esta prova do vosso bondoso coração paternal... por isso muito obrigado. A visita de um Bispo é sempre desejada por nós criancinhas que somos os cordeirinhos do vosso rebanho...*

Dizia-o na nossa cozinha para visitas, na oficina do sapateiro, na mercearia, na rua para um grupo de pessoas. O padrinho, que tinha um *char-a-bancs* que transportava passageiros da Aqualva para a Praia da Vitória e que fazia

recados a pessoas que lhe pagavam com gorjetas, muitas vezes me levava no *char-a-bancs* consigo. Quando com ele entrava num banco onde ia pagar uma letra, ou no Registo Civil, ou à Câmara, ou num restaurante para almoçarmos, ou na farmácia para comprar um xarope ou para aviar uma receita, ele dizia a quem quisesse ou não quisesse ouvir que eu era o seu rapaz (não era seu filho, mas ele é que me tinha criado, explicava), o rapaz (não teriam ouvido dizer?) que tinha dito o discurso ao Senhor Bispo quando ele viera à Agualva crismar. Queriam ouvir o discurso? Eu apressava-me a apresentar desculpas, que tinha uma forte dor de cabeça e não me sentia bem de todo, que o discurso tinha sido para o bispo e que não fazia sentido estar a dizê-lo aqui e agora no banco, no Registo Civil, na Câmara, no restaurante, na farmácia — mas não me servia de nada. Ele estava convencido de que todo o mundo queria ouvir o discurso, porque assim lhe diziam, conhecendo-o, querendo rir-se à custa dele, ou assim pensava eu. Com o rosto incendiado de embaraço, lá recitava eu o discurso, tentando conter as lágrimas por causa do padrinho, a quem eu amava profundamente, talvez mais do que a qualquer outra pessoa do mundo, mas a quem em momentos como este ficava com um ódio de morte.

Havia-lhe perdoado, contudo, a cicatriz horizontal debaixo do meu olho direito. O padrinho estava em cima da figueira do nosso quintal tentando apanhar-me aquele figo maduro lá na ponta de um galho. Não lhe podendo chegar, pediu-me que lhe desse uma das canas que servia de estaca para os tomateiros e as ervilhas. Teria eu uns seis anos — e os meus bracinhos não eram suficientemente longos para que o padrinho, lá do alto, pudesse agarrar e segurar bem a cana, pelo que só a pegou com a ponta dos dedos. E a cana

desprendeu-se-lhe da mão e veio cravar-se no meu rosto. Fiquei com uma notável marca para o resto da vida — um sinal de Caim, cujo crime era gostar de figos e ter uns brancos curtos. Imagino — pois mantenho apenas uma vaga ideia dos eventos — a aflição do padrinho ao aperceber-se do que a tentativa de me conseguir um figo lhe custara.

Mas por vezes detestava-o por ele não ser como o meu pai que, apesar da sua má reputação como filho de um bêbado e de uma ladra, e apesar de nem sempre cumprir com as suas obrigações financeiras, era considerado um homem *discreto* ou inteligente, e sobretudo um homem que sabia e podia haver-se fosse com quem fosse que ousasse humilhá-lo ou humilhar-me a mim. E ficava eu dolorosamente dividido entre o querer, de puro medo, agradar a madrinha fazendo coisas que me embaraçavam (mas também me faziam sentir diferente e superior), e o desejo de viver tão anônima e descontraidamente como todas as outras crianças, de não ter que representar perante ninguém à custa de humilhações e risadas de escárnio. E desejava ardentemente estar com o pai, andar ao lado dele que nunca, acreditava eu, permitiria que eu sofresse aquelas indignidades que supostamente me trariam distinção. Mas o pai, a quem raras vezes via, nunca tinha tempo para mim. Reagia eu então com ódios a toda a gente. Não sei porque sentia tanto ódio, mas o certo é que o sentia. E os meus pares, por seu turno, também me odiavam e nem queriam brincar comigo. Consideravam-me estranho; davam-me alcunhas ou *apelidos*. Era o “Menino da Madrinha”, o “Chico da Madrinha”. As insinuações que eu era maricas, algo que me perseguiu e afligi durante a pubescência e a adolescência, com certeza que eram o resultado, pelo menos em parte, da minha associação com recintos onde andavam e cirandavam mulheres

devido às tentativas da madrinha de me tornar um prodígio entre os seus pares; das minhas atuações públicas que também possuíam, na opinião de alguns, algo de efeminado; e por último devido à minha associação com o padrinho. Se bem que o padrinho não fosse homossexual ou um homem efeminado, era verdade que não tinha filhos seus; e não ter filhos naturais, nas freguesias rurais dos meus Açores, fazia recair dúvidas sobre a masculinidade de um homem. Como eu era seu afilhado, era culpado por associação. (Já jovem adulto soube que era devido à madrinha que o casal não podia ter filhos.)

Tive vários empregos antes de emigrar para a América. Depois de acabar a escola primária, tornei-me um aprendiz de merceeiro. O emprego não incluía remuneração, mas oferecia-me a oportunidade de uma aprendizagem útil, de ser diferente dos meus irmãos, de vestir melhor do que eles, de ser alguém no conceito dos vizinhos. Manter-me resguardado do sol também era importante para a madrinha, pois algo que sempre a vexava, em relação à minha aparência, era eu ser tão trigueiro. A madrinha e o padrinho, pelo contrário, eram de compleição muito clara. A madrinha tinha o cabelo castanho-avermelhado e umas lindas pernas alvas. Um vizinho cruel e devasso da freguesia, António Simões, às vezes perguntava-me, com o propósito de me incendiar: “Como vão as pernas alvas? As vias lácteas?” Eu chorava de impotência. E durante anos tinha fantasias em que eu o matava — quem o pudesse! — da maneira mais cruel. O cabelo castanho-avermelhado e as pernas lácteas da madrinha também terão sido a razão pela qual outro vizinho, com certeza também movido por lubricidade, cruel e desnecessariamente me deitou, por assim dizer, um balde de água gelada por cima da cabeça quando eu tinha apenas

doze ou treze anos. A madrinha — não o sabia eu? — era a filha ilegítima do homem que eu conhecia como o Rapaz e que casara com a Tia Chica, mãe da madrinha, pouco antes da morte dela. E era por isso, opinou ele, que a madrinha tivera que casar com um homem inferior em inteligência e que tentava agora tornar-me um prodigioso — como compensação pelas debilidades do marido. Este cruel e gratuito ataque cegou-me de fúria e de dor. Durante anos sem fim sonhei em matá-lo, e desejei-lhe a mais cruel das mortes. Os meus desejos cumpriram-se: morreu de um cancro dos testículos, o grandessíssimo filho de uma puta!

Para me esbranquiçar a pele, a madrinha forçou-me não só a usar chapéu de palha no verão, mas também todas as noites a lavar a cara com urina, pois a madrinha — nada e criada no Brasil — tinha aprendido que a urina esbranquiçava a pele aos trigueiros. Para ela, os *morenos* não aparentavam boa criação nem eram atraentes. “Jeitosinho, mas trigueirinho” — quantas vezes mo disseste, madrinha! Para desilusão sua, porém, de pouco me valeu lavar a cara com urina durante nove longos anos. Ainda hoje sou trigueirinho. E, ainda na Terceira, antes de emigrar, uma mulher partir-me-ia o coração e o ego devido, em parte, à minha pele escura.

Devido a eu ser tão pequenino, o dono da mercearia em que me empreguei colocava um caixote de madeira sobre o qual eu me punha para chegar ao balcão e à balança e às prateleiras em que estavam dispostos frascos, garrafas e latas. Pela tarde, como era costume na freguesia, vinham os homens depois de terminado o trabalho nos campos, sentar-se sobre caixotes de madeira ou bancos para conversar, beber, fumar, trocar notícias e mexericos, e rasgar com os olhos a roupa do corpo das mulheres jovens que vinham

comprar mercearia à venda. Como eu era das poucas pessoas que sabia ler — o merceeiro, ele mesmo, tinha menos instrução formal do que eu — pediam-me que lesse o jornal. Comecei a adquirir fama. Não só era capaz de ler em voz alta os artigos do jornal, o que alguns dos presentes, incluindo o meu patrão, também eram capazes de fazer, mas *entendia* o que estava a ler. Alguns liam, mas não *entendiam*. E assim passei a ler *A União* ou o *Diário Insular*, e a explicar aos meus ouvintes o que tudo aquilo queria dizer.

Já que muito se esperava de mim, comecei a inventar interpretações para aquilo que não estava seguro de ter entendido bem, o que acontecia com alguma frequência. “Onde fica a Palestina, o sítio onde nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo?” perguntaram-me uma vez. Ficava na Europa. Não, não ficava na Europa, embora o meu interlocutor não soubesse ao certo onde ficava a Terra Santa. Talvez na Ásia. Não, não podia ser, ripostava eu. Tinha que ser na Europa. A Ásia era a terra da raça amarela, dos chineses e japoneses de olhos rasgados. Então as imagens do Jesus louro na nossa igreja tinham alguma semelhança com chineses e japoneses? Claro que não. E desta vez ganhei eu a partida, pois o meu interlocutor, conquanto não ficasse lá muito convencido, tão-pouco tinha recursos suficientes para me levar a melhor.

Todos me ficaram com grande admiração e comunicaram-no à madrinha. Encorajado pela minha audiência que aumentava a olhos vistos à medida que cada vez mais pessoas se juntavam na loja, alarguei o meu repertório para além de jornais e comecei a ler livros e revistas e a contar contos tradicionais que tinha aprendido de uns e de outros e aos quais ia acrescentando uns pontos, segundo achava necessário. Fiquei sobretudo conhecido pelas

minhas histórias bíblicas: o Filho Pródigo, José do Egito, a história de Rute, que eu lera em versões populares de livros que a madrinha pedia emprestados às poucas pessoas da freguesia que os possuíam. Na nossa casa não havia nenhum senão o *Almanaque do Lavrador*. Das histórias bíblicas passei para os romances-em-fascículos e cor-de-rosa. Nos dois anos que trabalhei na mercearia devo ter lido a maioria dos romances da biblioteca de uma família abastada da freguesia, a quem a madrinha dava provas de apreço ofertando-lhe ovos das nossas galinhas, galinhas do nosso galinheiro e as melhores postas de carne do nosso porquinho que matávamos em janeiro. As histórias com intrigas amorosas eram sobretudo do agrado dos meus ouvintes, especialmente os romances franceses como o interminável romance-em-fascículos (oitenta, se bem me lembro!) *Amor e Dever* e *A Toutinegra do Moinho*. Descurava as passagens mais aborrecidas e aquelas que mal entendia e dava toda a minha atenção aos episódios exóticos e amorosos. Delirava, e comigo delirava a minha audiência, com as peripécias da menina, a Toutinegra, que de início se separa dos pais ricos e proeminentes, é criada por um moleiro e, depois de centenas de páginas de provas e privações, depara-se com o amor e a felicidade e junta-se à sua família natural.

Todos debatíamos os estranhos nomes daquelas personagens e sítios — a Floresta das Ardenas, o Tio Timóteo — que ou não sabíamos ou então nos deliciávamos a pronunciar. Tinha eu acaloradas discussões quanto à veracidade dos acontecimentos ali narrados. Alguns eram da opinião de que tudo aquilo era invenção de gente esperta. Outros, e eu era um dos que mais apaixonadamente defendia esta postura, éramos do parecer que tinha que ser tudo verdade. Não havia dúvida, porém, que alguns dos episódios

desafiavam a nossa credibilidade, sendo tantas as casualidades, tantos os desfechos a dar certo, tantos outros com resultados tão lacrimosamente trágicos que até eu comecei a ter algumas suspeitas. Foi para mim uma crise, pois acreditava na altura que se o ali narrado não eram eventos historicamente ocorridos, então alguém estava a trair a nossa confiança e a brincar com os nossos sentimentos.

Tinha um rival que lia e narrava noutra mercearia da freguesia. Senhor de mais idade, havia aprendido a ler por si mesmo, o que lhe granjeara fama, mas preferia partilhar livros de devoção, histórias de santos e conteúdo de artigos de revistas religiosas. Começou a ventilar boatos acerca dos livros que eu lia e contava e que ele reputava sobretudo impróprios por ser eu apenas uma criança. Tão aquecido se tornou o debate que o homem me insultava quando passava por mim. Um dia ameaçou denunciar-me ao senhor padre. Foi quando a madrinha assumiu a defesa e a controvérsia resolveu-se: ele ensinaria o que quisesse e esforçar-se-ia por me “roubar” os “clientes”, e a madrinha prometia-lhe que eu por mim faria o mesmo.

Quando concluíra os romances-fascículo que a madrinha fora capaz de encontrar na freguesia, dei o salto para os poucos romances literários disponíveis nas bibliotecas privadas de uns quantos, pois biblioteca pública não havia nas freguesias rurais. Li então romances de Júlio Dinis e de Camilo Castelo Branco. Nessa altura a minha fama já transcendia os confins da mercearia. Em várias reuniões, sobretudo de gente idosa que, de cigarro de folha de milho ou de cachimbo ao canto da boca se sentava naqueles bancos de pedra ou de madeira respeitosamente a escutar-me, pediam-me que lhes contasse as histórias do *Amor de Perdição*, d'*As Pupilas do Senhor Reitor*, d'*A Morgadinha dos Canaviais*, dos

romances de Emilio Salgari e de Alexandre Dumas. O meu nome tornou-se alvo de comentários. A madrinha delirava, insistindo cada vez mais para eu ler, de maneira que quase não me sobrava tempo para brincar. Comecei a pensar que seria o que quisesse ser, lendo e partilhando com outrem o que ia aprendendo. A leitura passou a ser, para mim, coisa séria pela qual eu era responsável perante os demais. Dantes até chegara a inventar quando não entendia. Agora sentia-me até frustrado quando não estava seguro do significado do que lia. E comecei a ler e a reler, fazendo grande esforço de compreensão, ficando frustradíssimo quando não alcançava o sentido do que lia. Tirava notas antes dos meus encontros com a minha audiência.

O merceeiro, o Sr. Chico Tesoureiro, era um patrão amável e um dos meus fãs mais dedicados. Acreditava que, juntos, nós poderíamos estudar e aprender fosse o que fosse. Decidimos aprender inglês os dois. Todo o mundo sabia que uma das oportunidades de um bom emprego eram os americanos da Base Aérea das Lajes. Comprámos um *Inglês sem Mestre*. Lemos com muito cuidado a introdução. O passo seguinte era o alfabeto. A seguir ao alfabeto, porém, já se tornava um pouco mais difícil. Ambos nos tínhamos convencido de que, para pronunciar bem as palavras em inglês, tínhamos que deletrear, uma após outra, todas as letras que compunham uma palavra em inglês. E assim, uma palavra como “América” era pronunciada A-M-É-R-I-C-A, cada letra bem nomeada e martelada separadamente. Não levou muito tempo para nos convenceremos de que esta abordagem não podia estar certa, pois a mais simples frase levaria um tempão a proferir. Se era assim que os americanos falavam, como jamais conseguiriam comunicar-se entre si? Tivemos que admitir que a aprendizagem do

inglês não podia comportar o nosso tipo de aproximação. Sentimo-nos esmagados sob o peso da aprendizagem do inglês.

Com quase treze anos tiraram-me os meus padrinhos da mercearia em que era aprendiz e narrador para ir trabalhar no único armazém da freguesia, que me pagaria um salário de duzentos e cinquenta escudos mensais. Era o maior estabelecimento da freguesia, propriedade daquele senhor rico em cujo tacho o Zé Gabriel tinha urinado e que tinha a bem-merecida fama, como eu já sabia dos velhos tempos da escola e estava prestes a redescobrir, de ser um tirano. Trabalhei no seu armazém quase dois anos, dos mais difíceis e infelizes da minha juventude. Ido era o prazer de ler a outrem e contar histórias, pois ele não consentia “vaga-bundagem” no estabelecimento. E eu tinha que cumprir doze horas de trabalho por dia, seis dias por semana, fazendo ainda algumas horas aos domingos de manhã quando o estabelecimento estava fechado, mas alguns fregueses precisavam de adquirir algum artigo de emergência. Mas as longas horas não eram o pior. É que o Raposa maltratava-nos, a mim e a um colega mais velho mas contratado mais recentemente, por praticamente qualquer infração: um derrame inadvertido de petróleo quando o medíamos para uma garrafa numa zona escura da loja, quando não atendíamos um cliente com a rapidez que o patrão achava conveniente, quando, não havendo clientela, ousávamos brincar um pouco e ele de repente nos surpreendia. Ameaçava-nos então com a violência. E o Raposa frequentemente atingia o paroxismo da cólera (era, sem dúvida, um colérico!) — e as ameaças abrangiam então os meus padrinhos e os meus pais e os pais do meu colega, se porventura alguém se atrevesse a intervir em nossa defesa. Várias vezes contei

aos meus padrinhos o que me estava a acontecer, mas a madrinha achava que os meus medos e infelicidades eram um modesto preço a pagar pelo prestígio de trabalhar no maior estabelecimento localizado ali mesmo no Adro, bem no centro da freguesia. Tive, pois, que tolerar o emprego e aguentar o tirano da melhor maneira possível. Ainda o vejo, a pança às sacudidelas de cólera, o rosto transfigurado pela ira, a escorrer baba pelos cantos da boca, pronto a devorar os seus dois empregadinhos.

Duas crises, que poderiam ter redundado em tragédias, viriam pôr termo ao meu primeiro emprego remunerado. Uma ocorreu quando um dos bêbados da freguesia, que todos os dias vinha tomar o seu *calzinho* de aguardente, bebeu, em vez do que pensava estar eu a servir-lhe, um cálice de álcool verde. Como a loja estava todavia quase às escuras (a eletricidade não chegaria à Agualva até muito depois de eu estar já na América), e as garrafas de aguardente estavam colocadas na mesma prateleira, eu pensei que lhe estava a servir a bebida desejada. O cliente fez notar que a aguardente tinha um sabor esquisito, sem se aperceber, todavia, de que acabava de entornar um senhor cálice de álcool verde, que se usava como combustível. Pouco depois, porém, começou a sentir-se mal, vomitou, e então percebeu o que se tinha passado: eu tinha-lhe dado veneno. Quando se descobriu a verdade, acusou-me o Raposa de ter servido, de propósito, álcool verde ao freguês. Apesar de todos os meus protestos de inocência — e fora, como não poderia deixar de ser, um inocente equívoco, até porque o cliente ainda era parente distante meu — o tirano, Manuel Raposa, maltratou-me dias a fio, até que, tendo o cliente recuperado, a sua fúria esbateu-se. Mas não via eu o dia de poder fugir daquele armazém para fora.

Esse dia chegou por fim, pouco depois de nova quase-tragédia, uma vez mais devida ao álcool verde, que parece que me perseguia ou favorecia. Um dia em que eu e o meu colega estávamos a sós no armazém (o tirano fora a Lisboa consultar um especialista de doenças estomacais ou *barri-gais*), uma cliente, muito amiga de ambos, chegou à loja com o seu fogãozinho portátil para que a ajudássemos a acendê-lo, visto ela não o conseguir. Fui buscar a garrafa de álcool verde, espevitei o fogãozinho, enchi o repositóriozinho circular para depois riscar-lhe um fósforo e dar início ao processo de acendimento do fogãozinho, então muito popular nas zonas rurais das Ilhas. O álcool verde foi consumido pelas chamas azuis, ou assim pensávamos nós, mas por muito que lhe dêssemos à bomba, o fogãozinho chiava mas não pegava. Confiante que havíamos de eventualmente ser bem-sucedidos, reiniciei o processo pegando na garrafa de litro de álcool verde com a intenção de encher novamente o pequeno recetáculo. Mas as chamas não estavam extintas! Quando as pequenas chamas azuis ressuscitaram e furiosamente se ergueram labaredas, eu instintivamente atirei com a garrafa de álcool para quanto mais longe de mim possível. Dentro de segundos, o incêndio engolfava toda uma secção do armazém e ameaçava já as numerosas peças de fazenda expostas sobre uma plataforma e em prateleiras. Por sorte minha (ainda hoje me digo que as probabilidades de isto acontecer eram de todo impossíveis), os únicos dois bombeiros da Agualva (Manuel Gamelão e o Senhor António Estrela), que trabalhavam no quartel da Base Aérea das Lajes (nas freguesias rurais não havia sombras de quartel de bombeiros), entravam no armazém naquele preciso momento em que eu jogava para longe de mim a garrafa incendiante de álcool verde. Levou-lhes algum tempo, mas

puxando rolos de fazenda sem sequer a proteção de luvas, desembrulhando as peças de fazenda e usando-as para abafar as chamas, conseguiram eles conter o incêndio. Poucas semanas depois, o Raposa regressou de Lisboa, e eu fui incerimoniosamente demitido. O meu colega, que tivera muito menos responsabilidade do que eu no incêndio, mas tivera alguma, também se transformou em informante — para aliviar a sua culpabilidade e para salvar o seu emprego. Fiquei na lista negra, na desgraça. Por muito que os meus padrinhos se tivessem esforçado para me conseguir um emprego noutra estabelecimento, ninguém queria contratar um sujeito que servia álcool verde por aguardente e depois usava o mesmíssimo álcool verde como material incendiário.

Que faria eu, agora que perdera o meu emprego remunerado e a oportunidade, ao que parecia, de jamais conseguir outro? Semanas e semanas de ócio decorreram. Comecei a visitar o campo de golfe que os americanos da Base haviam construído nas imediações da freguesia, a caminho de Angra. A Base — o Campo das Lajes, como é conhecida pelos americanos — foi construída pelos ingleses em 1943 para defesa contra os alemães. Desde 1944, a Força Aérea Americana partilha-a, pelo menos teoricamente, com a Força Aérea Portuguesa. Faceticamente, alguns militares americanos referem-se à nossa Base como a única bomba de gasolina entre a América, a Europa e a África. Muitos rapazinhos visitavam o campo de golfe na esperança de conseguir uns trocos dos americanos depois de uma corrida para lhes recuperar e entregar as bolinhas brancas e duras como calhaus. Havia bons corredores que chegavam a ganhar dois e três dólares num dia, muito mais do que os seus pais ganhavam. Raras vezes recuperava eu uma bolinha, pois a

concorrência entre os meninos era feroz e eu não era dos mais favorecidos em rapidez. Mesmo assim, tinha a oportunidade de algum convívio com os americanos, no campo de golfe ele mesmo ou no clube que lhe era adjacente, e comecei a aprender umas palavras em inglês, que usava sempre que tinha a oportunidade. Passadas umas semanas já sabia umas dúzias de palavras e expressões, e era capaz de comunicar, com o auxílio de gestos, quase tudo o que precisava. Uns quantos americanos escolheram-me para recuperar as suas bolas de golfe e transportar-lhes os tacos. Tornei-me assim um *caddy*. Quando soube, porém, a madrinha proibiu-me de voltar ao campo de golfe. Quando descobriu que a maioria das crianças ao serviço dos americanos era de famílias pobres e de má reputação na freguesia, não me deixou ir mais. Algo que preocupava sobremodo a madrinha é que os rapazes, eu incluído, começámos a trazer para casa revistas e catálogos de moda americanos e a recortar fotos de modelos em roupa interior. Uma vez a madrinha apanhou-me com uma dessas fotos debaixo do travesseiro.

A minha esperança, desta vez com o consentimento da madrinha, orientou-se no sentido de me preparar para um emprego na Base estudando inglês formalmente. Ouvimos falar de um senhor (que vivia no Juncal, perto da Base, e mais tarde mudar-se-ia para a Praia da Vitória) que dava explicações de inglês e datilografia. Eram caras as lições, mas decidiu-se que eu frequentaria a sua escola três vezes por semana para aprender inglês e a escrever à máquina. Havia vários rapazes na freguesia que tinham frequentado o liceu, que não era obrigatório e era tão caro (devido à necessidade de transporte da Agualva para Angra, ou de alojamento em Angra) que só as pessoas ricas ou abastadas conseguiam frequentar. Alguns depois conseguiam

bons empregos em Angra ou na Praia, uns quantos (embora nenhum da nossa freguesia, que eu me lembre) indo para a faculdade no continente. Os que tinham aprendido inglês o suficiente para passar os exames de inglês que ofereciam os americanos da Base — Exames A, B e C — agora também possuíam empregos bem remunerados e desfrutavam do prestígio que esses empregos traziam. Para os que não eram abastados e não conseguiam concluir o liceu, as poucas oportunidades que havia de conseguir um emprego bom e razoavelmente remunerado era a Base.

Não levou muito tempo para eu me tornar, de longe, o melhor aluno do Senhor Santos em inglês e datilografia. Por sorte, achei uma velha máquina de escrever de marca Underwood na lixeira (sítio onde os americanos da Base iam despejar o seu lixo e as crianças da Aguálva iam, mandadas pelas mães, procurar garrafas e latas para elas guardarem, respetivamente, líquidos e banha de porco). Muitas letras já se tinham deslocado do teclado, mas a máquina ainda funcionava. Recortei letras de papelão bem recortadinhas e cole-as bem coladas. Praticava incessantemente e dentro de uns meses datilografava com uma rapidez assombrosa. Lembro-me de quão admirado ficava quando me via a datilografar, ao que me parecia ser à velocidade de um relâmpago, as palavras do manual de datilografia do Senhor Santos, frases cujo significado ainda não compreendia de todo: NOW IS THE TIME FOR ALL THE GOOD MEN TO COME TO THE AID OF THE COUNTRY... NOW IS THE TIME FOR ALL THE GOOD MEN TO COME TO THE AID OF THE COUNTRY. Cheguei a datilografar estas palavras com tanta rapidez que me maravilhava a mim mesmo como os meus dedos, por sua conta, “sabiam” já onde estavam localizadas todas as letras do teclado e “eu” não sabia. Ainda

hoje não conheço ninguém que datilografe mais rapidamente do que eu.

Ao começo, o Senhor Santos era um herói para nós. Nunca soubemos muito acerca da sua vida, exceto que tinha vivido na América por algum tempo, o que de *per si* já o tornava aos nossos olhos maior do que a vida. Tínhamos a impressão que ele era pessoa de vastos conhecimentos. Possuía um número enorme de diplomas pendurados na parede, já amarelecidos do tempo, dispondo os seus saberes sobre toda uma série de disciplinas, incluindo uma coisa chamada Morse. Usávamos um manual para estudar gramática e fazer leituras. Além disso, o Senhor Santos deu-nos um caderno com uma grande lista de verbos, conjugados no presente, no passado e no particípio passado, para decorar. Uma vez por semana, tínhamos que entregar-lhe o trabalho para casa: uma lista de frases empregando os verbos indicados. O Senhor Santos falava-nos de um livro — um misterioso livro — que nos abriria as portas a todos os segredos da língua inglesa.

— Então, quando é que nos mostra esse livro?

Prometia-nos que se continuássemos a estudar com ele — as propinas eram quarenta escudos mensais — que eventualmente no-lo mostraria e, mais, nos ensinaria a usá-lo. Ainda hoje não sei se ele estava a referir-se a um dicionário ou não — algo de que então nunca tinha sequer ouvido falar. O que quer que fosse o livro, nunca cheguei a vê-lo ou a saber ao certo o que era, porque tive de desistir das explicações em casa do Senhor Santos cerca de um ano e meio depois de haver começado.

Que o Senhor Santos era maricas ou homossexual, todos os alunos começaram a suspeitar uns quantos meses depois de iniciarmos as explicações. Ele punha-se de pé

detrás de nós, sobretudo detrás do que estivesse a praticar na única máquina de escrever que havia na sala, e esfregava o seu corpo nas nossas costas. Os rapazes muitas vezes perguntavam-se, e discutiam entre uns e outros, o que aquilo significava. Alguns opinavam que ele era maricas e tirava prazer de se esfregar na gente, em piscar-nos o olho, e em passar lubricamente a língua pelos lábios. Outros pensavam que aquilo não queria dizer nada, que o que o Senhor Santos estava era grosso, pois ele bebia bastante e tresandava sempre a vinho. Entre a turmazinha que assistia a aulas comigo, concordámos em nunca nos separarmos, e que nunca nenhum de nós jamais se encontraria a sós com o Senhor Santos. Este plano deu resultado a maioria das vezes. Mas lá havia alguma vez em que, dos seis na nossa aula, cinco faltavam ou então chegavam tarde. E, assim, deparei-me umas quantas vezes a sós com o Senhor Santos. O seu esfregar-se nas minhas costas tornou-se mais persistente. E começou ele também ostensivamente a massajar os genitais. Um dia o Senhor Santos teve o atrevimento de tentar beijar-me. Apesar do medo que lhe tinha, porém, mais medo tinha ainda de dizer aos meus colegas, exceto ao meu melhor amigo, também colega, o que o Senhor Santos me tinha feito. Enquanto ele fazia o que fazia a todos nós, todos podíamos falar e até rirmo-nos do acontecido. Quando se tratava do que me tinha ocorrido só a mim, no entanto, eu hesitava em partilhar com os demais temendo que eles pensassem que o Senhor Santos me visara a mim por eu o ter encorajado, que eu era mais culpado do que ele por o ter incentivado a dedicar-me mais atenção. Para mais, já não tinha eu, entre alguns dos meus pares, a fama de ser mariquinhas? Eventualmente chegou o momento de eu não ousar entrar mais na sala de aula do Senhor Santos até

me certificar de que já havia outros alunos lá dentro. E ele apercebeu-se disso. Um dia em que chovia a potes, bati-lhe à porta. Ele abriu-me a porta, mas recusou-se a deixar-me entrar, para me castigar, disse ele, pelos boatos que eu andava a disseminar acerca dele. (O meu colega e melhor amigo havia-me traído, como vim a descobrir.) Tornou-se impossível continuar a frequentar as aulas. Mas com que coragem diria eu aos meus padrinhos que acreditavam que era tão importante eu aprender inglês? Na verdade, o meu estudo do inglês tinha-se tornado uma fonte de orgulho para a madrinha, que não cessava de se vangloriar de quanto inglês eu sabia, que me fazia datilografar em frente de visitas, que insistia que eu dissesse coisas em *amaricano* para as pessoas ouvirem.

— Como é que se diz “vassoura”? Diz “colher”! — exigia ela.

Comecei a faltar às aulas. Apanhava a camioneta para ir para a Praia, ou então ia no *char-a-bancs* do padrinho, mas nem por sombras me aproximava da casa do Senhor Santos, que então já morava na Canada da Saúde, na Praia da Vitória. Este faltar às aulas durou meses. Sentia culpa ao comprar chocolates, romances e cigarros com os quarenta escudos que os meus padrinhos me davam ao mês para pagar as explicações ao Senhor Santos. Por fim, decidi informar os meus padrinhos de que o Senhor Santos já me tinha ensinado tudo o que sabia e que já não era preciso eu estudar mais com ele. Tinha dezasseis anos e era assim demasiado jovem para fazer os exames de inglês ou solicitar emprego na Base. E se fosse, achava que estava mais do que preparado para passar naqueles exames.

O terror da homossexualidade que o Senhor Santos me incutiu seria reforçado mais duas vezes antes do meu

décimo sétimo aniversário. Aconteceu uma vez com o padre da freguesia. Chamou-me à sacristia a pretexto de ir levar um pacote qualquer à irmã. Quando chegámos à sacristia, fechou a porta e começou a dizer-me quanto gostava de mim, como eu era um rapaz bonito; que eu, ao contrário dos meus irmãos, andava sempre bem-vestido, bem penteado, tinha uma pele bonita. Instintivamente, eu suspeitei do que se tratava. Mas o padre foi muito mais ousado e agressivo do que o Senhor Santos jamais havia sido. O medo e o respeito que eu lhe devia como padre e o inesperado do ataque, tornaram-me absolutamente incapaz de reagir. Também sabia que a madrinha e o padre eram grandes amigos. A madrinha era quem ornamentava os andores dos santos para as procissões e consertava as roupas das imagens dos santos da sua devoção. Ele abraçou-me, beijou-me em ambas as faces, nos lábios, ajoelhou-se aos meus pés no chão da sacristia e começou a desabotoar-me a braguilha. Antes de eu poder fugir ou empurrá-lo, ele tirou-me o pénis e pô-lo na boca. Foi quando eu comecei a soluçar de embaraço e vergonha é que ele se pôs de pé, atabalhoadamente limpou a boca com as costas da mão, escarafunchou nos bolsos e puxou uma carteira. Tirando uma nota de cinquenta escudos — que na altura era bastante dinheiro para um rapazinho como eu — e entregando-me, instou-me a não dizer nada a ninguém do que ali se passara, indicou que já não era necessário eu ir levar a embalagem à irmã, aconselhou-me que continuasse a ser bom rapazinho.

Nunca fora pessoa muito religiosa. Ia à missa aos domingos; cantava no coro; assistia a cerimónias religiosas em dias especiais; participava em todas as procissões, por vezes levando insígnias — honra que, geralmente, estava reservada para pessoas de mais idade. Era assim

distinguido, eu e a madrinha sempre pensámos, devido aos serviços prestados por ela à igreja. Mais tarde, até lia a Epístola e o Evangelho durante a Missa, já quando tínhamos outro padre, o que me trouxe grande honra e distinção na freguesia. Porém, desde que me lembre, nunca cri nos mistérios da fé cristã; sempre pensei que as histórias que os padres nos contavam acerca da Ressurreição de Cristo eram apenas histórias. (Mantive, porém, por algum tempo, um considerável respeito e medo a Deus, se por acaso). Encontrei apoio moral para a minha falta de crença no meu pai, que raras vezes ia à igreja e que frequentemente dizia a quem queria ouvir — sobretudo à madrinha, a quem ele gostava de chocar — que todos os padres eram uma corja de safados e que todas as beatas (e aqui a intenção dele era mesmo atingir a madrinha) eram mulheres que desejavam dos padres aquilo que os maridos eram incapazes de lhes dar. Ele ia ao extremo de dizer tais coisas na minha frente, querendo, como eu sempre supus, que a madrinha esquecesse, de uma vez por todas, a ideia que vinha de há anos a esta parte alimentando de me mandar para o seminário. Desde aquela experiência com o padre, mais razões tinha eu não só para não crer, mas na verdade para odiar tudo o que estivesse ligado à religião em geral e à Igreja Católica em particular, então a única religião sobre a qual eu tinha algum conhecimento. Sabia que não podia partilhar com ninguém o que me sucedera com o padre, sobretudo com os meus padrinhos, que provavelmente não acreditariam em mim, de qualquer forma. Que vinganças buscaria, pois vingar-me daquele padre era o que eu acima de tudo queria?

Havia um homem de vinte e tal anos na freguesia que insistia ser capaz de adivinhar o que as pessoas estavam a pensar. Um dia propôs-me ele a mim a experiência:

— Eu sei quem é o teu grande amor — desafiou-me ele.
— Só precisas de pensar no nome dela e o resto é comigo.

Rendi-me à brincadeira. Na verdade, havia uma rapariga por quem eu andava apaixonado. E pensei no nome dela.

— Manuel — diz-me o leitor de mentes passados uns segundos.

Jogando com a minha reputação de mariquinhas, com certeza que pretendeu aludir ao meu padrinho, cujo nome era Manuel e que também tinha fama de possuir uma masculinidade duvidosa. Mas eu interpretei a “solução” dele ao mistério do nome como sendo uma alusão ao padre, cujo nome também era Manuel — Manuel Cota Vieira. Nunca acreditara que ele fosse capaz de saber o conteúdo do meu pensamento. O medo que eu tinha era que alguém me tivesse visto entrar na sacristia com o padre, em pleno dia, talvez alguém que já tivesse tido uma experiência com o mesmo padre semelhante à minha, e a tivesse disseminado. E aqui estava o “leitor de mentes” a atirar-me com a realidade ao rosto. Fiquei horrorizado. Acima de todos os medos que colhi na infância, avulta aquele que me marcaria a pubescência e a adolescência e havia de marcar-me a vida por muito mais tempo — o medo de me considerarem maricas, o equivalente, numa freguesia de ignorantões, ao ostracismo e concebivelmente à perpétua marginalização quanto a uma vida normal. Pior ainda era o medo, intensificado por estas experiências, que havia comigo qualquer problema de masculinidade, por muito que eu o quisesse negar ou esconder de mim mesmo. Mas decidi vingar-me. Confessei a outro sacerdote que tinha pecado com um padre. O meu confessor exigiu que eu lhe indicasse a natureza do pecado e lhe desse o nome do vitimador. Que padre poderia ter sido senão o da nossa freguesia? Não omiti nenhum dos

pormenores, nem omiti o nome do culpado, que era o que mais queria revelar. Não sei se a informação foi ou não partilhada com alguém, ou se jamais chegou aos ouvidos do bispo. O certo é que, dali a alguns meses, o padre foi-se da freguesia e eu senti um enorme alívio.

Este alívio, porém, foi temporário. Que se passava comigo? Porque havia eu atraído as atenções sexuais de duas pessoas proeminentes? Porque era eu vítima de alcunhas e insinuações? Eu sabia que era louco por raparigas, mas mesmo assim as dúvidas persistiam. Atingiram um ponto dramático pouco antes do meu décimo sétimo aniversário, quando visitei uma prostituta. O meu segundo melhor amigo, três anos mais velho do que eu, já várias vezes visitara prostitutas, e sempre me encorajara a acompanhá-lo. Sempre havia resistido por medo ao que poderia acontecer-me (já tinha, naturalmente, ouvido falar de doenças venéreas), e medo também de que os meus padrinhos descobrissem. Mas um medo maior tinha-o eu do que o meu amigo poderia pensar se eu persistisse na minha recusa, e maior ainda era o medo que eu, de há tempos a esta parte sentia, acerca da minha adequação sexual — a qual finalmente decidi testar.

Escolhemos uma casa na Conceição, em Angra, que, de acordo com o meu amigo, era especializada em rapazes debutantes. Era onde ele tinha tido a sua “estrela”. Ao encaminharmo-nos para o prostíbulo, eu era um feixe de nervos e de bravata — bravata para impressionar o meu amigo, nervos pelo que pudesse vir a acontecer. Se bem que eu soubesse com base no que agora sentia que não estaria à altura de um desempenho, já havia dias que eu, antecipando aquela terrível possibilidade, consegui convencer-me que tudo o que era necessário era um homem ver uma mulher nua ou tocá-la de um jeito erótico, experiências por que eu

nunca havia passado, e uma poderosa ereção proporcionar-se-ia. E assim, apesar dos meus medos, caminhava não destituído de confiança. Subimos as escadas, conduziram-nos a uma sala de espera, sentámo-nos, pedimos bebidas, nas quais gastámos cerca de metade do dinheiro que trazíamos. Várias mulheres estavam sentadas em sofás; outras entravam em quartos acompanhadas de homens ou saíam de quartos a sós. Todas as mulheres, para minha surpresa, pareciam velhas, tão velhas como a mãe e a madrinha, ou talvez mais velhas ainda. Este facto veio aumentar a minha ansiedade, pois eu tinha esperado mulheres muito mais jovens e portanto menos intimidantes. Senti a minha visão turvar-se. Tínhamos vindo ver a Fernanda, cujos elogios o meu amigo não se cansava de contar, cujas pernas, seios, gestos, ondulações e gemidos ele tantas vezes criativamente descrevera que eles se tinham tornado parte integrante das minhas fantasias eróticas. Ele seria o primeiro e falar-lhe-ia de mim. E assim foi, acompanhando-a até entrarem num quarto que ficava no fim de um corredor, regressando, depois do que a mim me pareceu uns quantos minutos apenas, com o rosto afogueado mas iluminado por um grande sorriso triunfal.

Era agora a minha vez. Levantei-me, encaminhei-me corredor abaixo, de tão nervoso que estava empurrei a primeira porta que vi entreaberta, ouvi uma voz de homem, seguida de um sorrisito escarninho de mulher, que me gritou para que eu me retirasse dali para fora. A porta da Fernanda era lá mais ao fundo. Entrei.

— Franguinho, ahn?

Sim, era a minha primeira vez.

Nenhum de nós proferiu mais palavra enquanto a Fernanda, de pé, costas semiviradas para mim, de pernas

arqueadas como se estivesse a cavalgar um poltro invisível, começou a lavar-se com uma mão enquanto com a segunda segurava uma baciuzinha de esmalte entre as pernas. Depois de todo o sangue que tinha no corpo me subir às faces, senti que o resto do meu corpo ficara dormente, congelado. Limpei o suor da testa, dobrei e desdobrei desajeitadamente o lenço, furtiva e timidamente atirei-lhe miradas, tentei fixar-me nos seus boiantes seios, nas suas coxas, nas suas nádegas, na ação da sua mão. A Fernanda enxugou-se tão desembaraçada e alheadamente como se eu nem estivesse ali e depois deitou-se de costas na cama, olhando desafiadamente para mim.

— Então... — ouvi-a dizer, com um sorriso provocante.

Despi o casaco, a gravata, a camisa, e comecei a ter dificuldades intencionais com o cinto. Sorrindo sempre, a Fernanda deu-me sinal para que eu me despachasse. Santos deuses, se eu pudesse fugir! Mas o meu amigo estava lá fora à espera. Que diria ele se eu regressasse à sala de espera uns quantos minutos apenas após ter partido? De costas viradas para a Fernanda, puxei as calças para baixo, sentei-me na beira da cama para descalçar os sapatos e, o mais rapidamente que pude, tirei as calças e as cuecas e enfiei-me debaixo dos lençóis antes de ela ter ocasião de me espiar. Todo o meu corpo tremia, às sacudidelas. Fiquei ali o mais quieto que pude deitado a seu lado, de olhos presos ao teto, sem ousar nunca olhar para ela.

Quase maternalmente, a Fernanda virou-se para mim, pôs-me um braço por cima e sussurrou-me ao ouvido quaisquer palavras de conforto. Encorajado, voltei-me e deitei-me então em cima dela e, de olhos apertados para impedir que as lágrimas de embaraço me rolassem pelas faces, comecei a beijar-lhe a face, os olhos, o pescoço — que tresandavam

a creme, a perfume, a tabaco e a suor. Não sei porquê, mas não sentia contra o meu o calor do seu corpo, porque devia ser quentinho o corpo dela, pensava eu, e o que eu sentia era um frio indescritível e terrífico. A única outra sensação que eu tinha era a do cabelo púbico dela a esfregar-me a barriga.

– Não sinto nada, Fernanda – ouvi-me dizer, sem poder mais conter o choro.

Ternamente, a Fernanda empurrou-me até eu ficar ao seu lado, enxugou-me as lágrimas, arredou-me os cabelos dos olhos, e mandou-me vestir. Levantei-me e comecei a vestir-me. A Fernanda, já de pé, ajudou-me com a gravata. “Não te preocupes”, disse ela. “Não é nada para te preocupares”. Dei-lhe o resto do dinheiro que tinha (a Fernanda levava vinte e cinco escudos) e, com o rosto e as faces incendiados, desapareci pela porta fora e desci as escadas o mais rapidamente possível até me ver na rua.

– Ela não é um espetáculo? – perguntou-me, à queima-roupa, o meu amigo quando conseguiu alcançar-me.

– É, sim – respondi-lhe.

E acrescentei o que calculava serem claros indícios do meu sucesso: fragmentos de imaginários diálogos com a Fernanda, a sua aprovação, como tudo tinha acontecido tão naturalmente, que ser maravilhoso era uma mulher, como fora melhor do que eu jamais antecipara. E acrescentei uma particularidadezinha que pensei que fosse especialmente convincente: nunca pensei que fosse tão quentinho *lá dentro*. Temi, porém, que ele me lobrigasse as mentiras. Estava sobretudo preocupado que ele regressasse àquela casa e que a Fernanda lhe revelasse toda a verdade. Se ela o fizesse, porém, eu estaria preparado para a desmentir – por muitas mentiras que tivesse que inventar.

II AMÉRICA, CÁ VOU EU!

Do meu décimo sexto ao décimo oitavo aniversário, um pensamento dominou a vida da nossa família: embarcar para a América. Desde havia muitos anos que o pai andava obcecado com a ida para a América com a sua família, incluindo os dois filhos que não haviam sido criados em casa. Mas devido a dificuldades económicas, nunca pudera realizar o seu sonho. Por fim, o seu negócio começou a melhorar. Durante quase toda a vida, e tal como o seu pai fizera, ele vendera lenha em Angra e no Porto Judeu. Muitas vezes o pai partilhava connosco as suas experiências para ilustrar quão difícil a vida lhe havia sido, e aos pais dele, e como haviam sido essas dificuldades que precisamente lhe tinham incutido a resolução de um dia zarpar para a América, não importava o custo, para poupar aos filhos, se algum dia os tivesse, as amarguras por que passara.

Uma das histórias que tantas vezes lhe ouvi contar ocorreu era ele ainda rapazinho, talvez de onze ou doze anos. Sendo tão miúdo, era-lhe difícil competir com rapazes mais velhos e com adultos que também iam da Agualva vender lenha em Angra. Num dia chuvoso de inverno, o pai deu por si na cidade com a carroça ainda carregada de lenha. Escurecera já e ele sabia que a viagem de regresso à freguesia, uma distância de uns dezassete quilómetros, levaria mais de três horas. Cheio de fome e de medo, sentou-se na beira

do passeio e rompeu a chorar. Passados uns minutos, um senhor aproximou-se dele indagando acerca das razões daquele choro, ao que o pai respondeu que não vendera ainda nenhuma lenha, que não fazia ideia quando chegaria a casa, que os pais estavam à espera do dinheiro que ele lhes levasse para comprarem medicamentos – tudo verdades, segundo o pai. Apiedando-se dele, o senhor comprou-lhe a carroça de lenha. Desde então, quando o negócio da lenha afrouxava em Angra, o pai sabia como resolver a dificuldade: sentava-se na beira do passeio e carpia-se, o que ele insistia ser capaz de fazer sempre que quisesse. Alguém, quem quer que fosse, sempre ficava com pena do pobre rapazinho e comprava-lhe a lenha.

Havia outra história também ligada às fomes do pai. Muitas vezes no-la contou enquanto a mãe preparava comida de que os meus irmãos não gostavam, e também para ilustrar como o pai tinha esperteza e não era nenhum mariquinhas. Um dos seus empregos como criança era comprar ovos às donas de casa da freguesia e depois ir vendê-los noutras freguesias ou trocá-los por outros produtos em Angra. Em vez de dinheiro, as pessoas frequentemente davam-lhe garrafas de vinho, frascos de mel ou saquinhas de batatas. Uma vez uma senhora tentou impingir-lhe um ramo de flores a troco de ovos, o que o pai recusou aceitar virando-lhe as costas, simplesmente. Quando a fome apertava e ele não tinha dinheiro suficiente para almoçar, o pai chupava um ou dois ovos crus. Conseguir uma bebida era mais difícil, pois o pai, ao contrário do seu pai, nunca gostara de vinho, exceto com açúcar. Por isso sempre trazia de casa um embrulhinho de açúcar. Ovos crus e vinho com açúcar passou a ser o seu lanche. Este tipo de refeição – acreditava ele – tinha

sido responsável por ele desenvolver a diabetes tipo 2 ainda na casa dos quarenta.

Uma terceira história que o pai gostava de nos contar – e que narrava por entre risadas de másculo orgulho enquanto a mãe o repreendia por “não ter vergonha” em frente dos pequenos – foi o resultado de uma provocação. Alguns dos adultos que vendiam lenha com ele, sabendo que ele era levado da breca, provocavam-no a fazer diabruras que os fizesse rir. Um dia, desafiaram-no a correr nu pela Praça Velha, a praça principal de Angra. Se ele o fizesse, prometiam pagar-lhe o almoço e deixá-lo ser o único vendedor de lenha num setor da cidade. O pai aceitou, e era um tal de correr, de bichinha ao léu, diz que com o polícia gordalhucho no encalço, tentando baldadamente apanhar um diabrete com asas nos pés.

– Agarra-o, que ele vai nu! Agarra-o, que ele vai nu! – gritava o polícia.

– O imperador vai nu, o imperador vai nu! – um proprietário de loja de fazendas, um espertalhão, contrapontava.

Tudo acabou bem. O pai tornou-se um pequeno herói entre a malta graúda. Foi o primeiro, talvez o único, desnudo ou *streaker* que a Terceira já teve!

O pai era um negociante esperto, embora nem sempre escrupuloso. Após o casamento, iniciou ele a compra e venda de animais para suplementar o rendimento da venda de lenha. Comprava uma porca com porquinhos no Porto Judeu ou em Angra e vendia-os na nossa freguesia. Tinha grandes conhecimentos acerca de cavalos e mulas que com frequência também comprava e vendia, obtendo lucros avantajados. Orgulhava-se muito destas transações, pois muitas vezes conseguia ludibriar os compradores passando-lhes um cavalo velho e semicego pelo preço de

um animal mais novo, ou então cuidadosamente pintando, como se diz que fazem os ciganos, os cascos de uma mula velha e passando-a por um animal de mais valor. Eventualmente, alguns deram-se conta dos seus truques e a sua reputação, já coisa de pouca monta, sofreu ainda mais. Mas algures, em alguma freguesia ou lugarejo, o pai sempre conseguia fazer um negócio e assim manter a família de barriga razoavelmente cheia, se bem que o pagamento da renda na sua casa era uma luta mensal. Às vezes saía de casa antes do amanhecer e regressava pela calada da noite, ou tinha que realizar grandes desvios no seu percurso de regresso para evitar encontrar-se com o senhorio, o Senhor Manuel Correia, que tantas vezes ameaçou pô-lo e à família no olho da rua.

Um ricoço de Angra, João Guilherme, cuja vida, tal como a do pai, também tinha episódios de novela picaresca, emprestou uns dinheiros ao pai para ele montar um negócio de serração ou *serraria*. O pai comprou o equipamento, as madeiras, contratou dois homens, e dentro de pouco tempo tinha um negócio em desenvolvimento. Foi este negócio que lhe permitiu pagar o custo da papelada e, quando chegou o dia, comprar a passagem de avião para o meu irmão mais velho, Manuel, embarcar comigo para a Califórnia.

A madrinha, que raras vezes concordava com os meus pais no que dizia respeito ao que mais me convinha na vida, viu com muitos bons olhos a minha ida para a América. Suspeito que a postura dela era atribuível a duas razões principais. Por um lado, ir para a América trazia-me mais uma distinção, algo que ela sempre procurava com a melhor das intenções. Mas havia ainda outra razão importante: o facto de ela desde havia muito alimentar o desejo de me casar com uma sobrinha, esperança essa que eu achava ser

também alimentada pelos pais da Betty. Eu aderira sempre a esta ideia. Ter uma “namorada” na América era uma distinção de que mais ninguém na freguesia se podia orgulhar. E quantas vezes eu me gabara aos meus amigos, quando estávamos a ver um filme americano e olhávamos para aquelas lindas mulheres que nos pareciam feitas de alfenim e de sonho, ao contrário da maioria das nossas que pareciam ser feitas de barro e serradura, que eu também tinha uma namorada americana com quem um dia podia vir a casar.

Um dos primeiros filmes que vi (talvez tivesse uns onze ou doze anos) era com Doris Day. O cinema da freguesia estava a ser construído e, como a maioria dos espetáculos era para “Maiores de 16 anos”, um grupo de rapazes saltava a parede do cemitério, contígua a uma das paredes do edifício em construção, e víamos os filmes do cemitério. Não ouvíamos o som, mas, apesar disso, desfrutávamos muito da camaradagem e dos filmes. Íamos ao cinema — ou às fitas, como quase todos diziam — ao cemitério! Naquele dia, porém, sem que nós suspeitássemos, havia uma sepultura recém-aberta no carreiro por onde tínhamos de passar. Quando cada qual dava corridinhas pelos carreiros para evitar ser visto pelas autoridades e procurar um bom sítio à parede para ver o filme, eu tive a horrífica experiência de cair dentro da sepultura. Pensando que alguém me puxara terra abaixo, rompi aos gritos de terror, mas depois apercebi-me do que tinha acontecido. A vontade de ver o filme acalmou-me os nervos esfrangalhados. Doris Day estava no ecrã. O facto de eu não poder ouvir o som nem, devido à distância, ler as legendas, fizeram com que Doris Day se tornasse ainda mais irreal. Fiquei gago de tanta beleza.

— Era possível haver uma mulher tão bela neste mundo?

Quando cheguei a casa e me meti na cama, cobri a cabeça com os lençóis... e por muito tempo chorei baixinho. Ainda não sei bem se foi por me sentir esmagado e impotente ante uma beldade tão inalcançável como Doris Day, ou devido às emoções provocadas pela queda na sepultura, ou talvez ambas as coisas.

A preparação dos documentos para irmos para a América levou quase três anos e estava sob a direção de um agente de viagens a quem o pai conhecia havia muito e cujo nome era Anatólio. Foi este senhor que conseguiu a certidão de nascimento do pai do registo civil de New Bedford, foi ele quem entrou em contacto com o Consulado Americano em Ponta Delgada, e seria ele ainda quem obteria licença militar para mim quando chegasse o momento.

Desde que se soube na freguesia que nós iríamos emigrar para a América, o nosso estatuto social melhorou consideravelmente. Já havia muito que eu sabia que os “americanos” e “brasileiros” desfrutavam de reputações invejáveis na freguesia, tanto quando vinham de visita à terra, como quando se aposentavam na Agualva depois de passar anos lá fora. Até me lembro de exemplos de emigrantes idosos regressarem à freguesia e casarem com raparigas novinhas. Um desses casos, que acontecera há pouco tempo, tinha-se tornado célebre. Um velhote viera da Califórnia falsamente a apregoar riquezas e casara com uma rapariga nova e bonita que, após a chegada à Califórnia, descobriu que o marido não tinha cheta se não uma modesta reforma. A história teve um desfecho trágico quando os dois foram atropelados por um comboio em Oakland e morreram. Mas o pai da rapariga veio à América buscar a herança da filha e do genro, um seguro de vida estimado no valor de 20 000 dólares, que contribuiu para

que ele se tornasse, naquele tempo, um dos homens mais ricos da Agualva.

O meu ascendido estatuto social começou de imediato a pagar dividendos. Raparigas de quem eu gostava e que, antes da minha boa-sorte, não queriam ter nada que ver com um tipo rasca como eu, ficaram interessadas em mim na esperança de um dia irem, elas também, para a América. Uma delas em particular, a Lúcia, que eu há anos tentava em vão namorar e que foi a grande obsessãozinha da minha adolescência, finalmente consentiu em ser a minha namorada, mas em segredo. Pois apesar de o meu estatuto haver melhorado, essas melhoras eram por enquanto pouco sólidas. Ainda faltava eu ir para a América, voltar uns quantos anos depois com uma sólida reputação de emigrante bem-sucedido (e quantos deles voltavam pobretanas ou não voltavam nunca!), e só então poderia eu aspirar à sua mãozinha. Entretanto, havíamos de manter em sigilo o nosso namoro, tanto dos pais como, sobretudo, do avô, um sujeito obcecado com o estatuto social e com as suas terras que já em várias ocasiões havia manifestado o seu desprezo pela nossa família sem estatuto e sem terras. O facto de, na escala social, eu estar um entalhe acima dos meus irmãos por ter sido criado pelos meus padrinhos, não removia de todo a minha nódoa de pessoa de baixa extração. O casamento de raparigas de boas famílias era caninamente vigiado por todos os membros da sua família. Boas famílias eram aquelas que na freguesia eram consideradas ricas; médias eram aquelas cujos pais possuíam uns quantos alqueires de terreno (e um mero par de alqueires poderia tornar não elegível um noivo que por outras razões fosse inteiramente aceitável!); aquelas que não eram de boas famílias — e eu pertencia a esta categoria — eram aquelas famílias que não

possuíam cheta e, além disso, não podiam reivindicar uma reputação social e moral de longa data.

O avô da Lúcia tinha mais do que suficientes razões para não gostar muito de mim; e eu, mais do que razões suficientes para lhe votar o ódio que lhe tinha. Era ele proprietário de todas as casas à volta do largo da freguesia onde eu e os meus amigos e vizinhos brincávamos por não termos pátio de recreio ou campo de jogos. O nosso brincar com frequência consistia em estofar uma meia velha de senhora com jornal amachucado para usar como bola de futebol, já que os nossos pais não tinham dinheiro para nos comprarem uma bola de verdade. Às vezes, valha a verdade, a “bola” sujava-se de lama da rua e não poucas vezes batia nas paredes caiadas das suas casas. Ele via lume diante dos olhos, chamava-nos pelas nossas alcunhas, ameaçava-nos com pancadaria e denunciava-nos aos nossos pais que, devido ao medo e respeito que lhe tinham, impunham severas restrições à nossa liberdade de brincar. Uma vez um de nós ganhou uma bola de verdade numa rifa com dinheiro contribuído por todos. Guardávamo-la como a possessão preciosa que ela representava para todos nós. Todos partilhávamos o direito de a levar para casa à noite quando chegasse a nossa vez (quando me tocava a mim, eu guardava a bola debaixo da cama). Só a trazíamos para a rua em dias especiais, e só ousávamos jogar com ela quando o avô da Lúcia (que era proprietário de uma pequena mercearia ali no largo e sempre se sentava detrás do balcão na companhia do seu obeso e grotesco irmão) não estava nas imediações, ou então aos domingos quando a loja estava fechada. Um domingo eu chutei a bola com mais força do que queria e parti um vidro numa das suas janelas. Vários membros da sua família e ele saíram para a rua e largaram-se a correr atrás de mim dispostos a

encostar-me a roupa ao corpo, gritando-me todas as alcu-
nhas herdadas dos meus avós, pais e padrinhos. O que ele
não esperava era que a madrinha também se tivesse aper-
cebido dos eventos a decorrer no largo, a pouca distância
da nossa casa. A madrinha era das poucas pessoas da vizi-
nhança com coragem de se lhe opor. Deu-lhes a todos ordem
terminante e dura para que desistissem de me perseguir e
ofereceu-se desde logo para pagar a vidraça. Em seguida,
conseguindo uma força que até eu lhe desconhecia, enter-
rou os dois polegares na bola e rasgou o precioso objeto em
duas metades.

– Cadela – gritou ele. – É como se me rasgasses a cara.

– É mesmo o que eu estou a fazer – ripostou ela.

– O Chico é o meu pequeno. Se sabes o que te convém,
aconselho-te a nunca lhe tocares com essas patas sujas!

Depois deste episódio, os membros das duas famílias,
que há décadas viviam ao lado uns dos outros, deixaram de
se falar por muitos, muitos anos.

Mas as minhas lutas com o Tio Joaquim não haviam
terminado ainda. Coisa de um ano depois deste episódio,
quase que occasionei uma tragédia que teria tocado a vida
de dúzias de pessoas na Aqualva. Sentado nos degraus de
pedra da oficina do sapateiro, localizada mesmo em frente
à mercearia mas do outro lado do largo, eu ouvi o irmão do
Tio Joaquim, o Tio Bastiãozinho, sentado detrás do seu bal-
cão, a responder à pergunta de um empregado gritada do
meio do largo:

– É... é... é...

Sem que o sapateiro e os seus empregados ouvis-
sem nada, eu fiz-me eco escarninho da resposta do Tio
Bastiãozinho:

– Ê... ê... ê...

Estando a sós na mercearia e nunca tomando a iniciativa em nada que fosse, o Tio Bastiãozinho nem tugi nem mugiu. O drama só desabrochou à noitinha quando o Tio Joaquim regressou e eu já me tinha ido embora para casa. Convencidos de que o sapateiro e os trabalhadores — com quem o Tio Joaquim e os seus já havia anos estavam de relações cortadas, como aliás estavam com tanta gente na freguesia — eram os zombadores, a horda do Tio Joaquim — Tio Joaquim, Tio Bastiãozinho, os dois filhos do Tio Joaquim, um dos seus genros e uma salgalhada de filhas e netos e netas e netinhos e agregados — tudo saiu cá para fora para desafiar o não suspeito sapateiro, Senhor Joaquim Arentes, cujos legítimos protestos de inocência e veemente negação incendiava cada vez mais a legitimamente ofendida legião. Daí a nada, o largo era atroado por ameaças e contra-ameaças de morte, pois quando se tratava de defender a honra da família, as forças do Tio Joaquim não hesitavam em recorrer a um chicote ou a empunhar um fueiro dos seus carros de bois. Desta vez era pior: apareceram facas em ambos os campos. Um dos homens do Tio Joaquim empunhou uma; o sapateiro, ele também, estava decidido a defender-se e à sua honra com a sua terrorífica faca de sapateiro. Homens de idade e de respeito da vizinhança surgiram para exercer a sua influência, para acalmar toda a gente, para ajudar ao apaziguamento. Quando a tempestade acalmara um tanto, decidi ir à rua, decidido a confessar a toda a gente que havia sido eu o culpado zombador, que me perdoassem. Mas ao ver as duas hostes ainda a fumegar, e ao ouvir os do Tio Joaquim a jurarem vingança contra o sapateiro num momento mais propício — “Não, não haveria tréguas. Quem é que aquele sapateiro de merda achava que era, fazendo pouco da família do Tio Joaquim?” — as

minhas nobres intenções feneceram no meu aterrorizado peito e decidi bater em retirada. Até mesmo presumindo que ambas as hostes me perdoassem — uma presunção não muito de confiar, convenhamos — que diria e faria a madrinha?

Não obstante o meu ódio à sua família, com a Lúcia eu andava fascinado. Ela foi um dos pequeninos sonhos da minha adolescência, se bem que eu por vezes me perguntasse porquê. Nem bonita era ela, talvez até fosse um tiquinho feia, embora possuísse, para mim, o irresistível encanto físico que a mulher tem entre a infância e a adolescência. Seria possível também que o facto de ela ser, pelos padrões da Aqualva, rica e (até há pouco) inacessível ma tivesse tornado irresistível? Ter-me-ia a madrinha contagiado com a sua fascinação por subir socialmente? Não era fácil guardar sigilo acerca da minha “relação” com a Lúcia, sobretudo porque me apetecia gritá-la aos quatro ventos, partilhá-la com o mundo inteiro. Mas tinha que me contentar em passar de bicicleta vezes sem conta em frente da sua janela, olhar para ela à distância, procurar um lugarzinho estratégico na igreja onde podia bebê-la toda com os olhos sem levantar suspeitas. Como me divertia o facto de ela ser neta do Tio Joaquim. Às vezes ria-me para com os meus botões:

— É possível ele um dia vir a ser meu avô?

Dentro em breve começou a parecer pouco provável, pois outra rapariga rica da freguesia, até há pouco inatingível também, interessou-se por mim: a Graça. Também ela fora um dos meus sonhos impossíveis. A mais nova das filhas daquele senhor que herdara o dinheiro do seguro de vida da filha e genro mortos no acidente de comboio na Califórnia, a riqueza do pai também a desviara do alcance da minha órbita social. Mas como a América, até mesmo

antes de eu lá pôr os pés, me tinha transformado a vida! E eu decidi tomar uma barrigada de namoradas, vingar-me de tantas privações, utilizar ao máximo o meu fácil e recém-adquirido estatuto: mantive as duas relações sigilosamente a funcionar, namorando cada uma por razões diferentes (ah, mas a Lúcia era a minha predileta!), decidido a deixar que os deuses resolvessem o impasse.

A meada complicou-se quando recebemos uma carta da Califórnia indicando que a Betty e a família nos visitariam no verão. Foi um período de azáfama para a madrinha. O irmão emigrara quando a madrinha era pouco mais do que uma criança, e ela mal o conhecia. Eu também vivia num nervosismo insuportável. Estava dividido entre a ideia emocionante de finalmente ir conhecer a Betty e o medo de ela descobrir o que se passava com as minhas outras duas namoradas, ou elas aquilo a que, supúnhamos nós, vinha a Betty conhecer o futuro noivo! E gostaria a Betty de mim? A madrinha fez os preparativos, domésticos e extradomésticos, para a chegada dos americanos. Caiu-se por fora e pintou-se por dentro a casa, puseram-se cortinas novas nas janelas, planearam-se refeições à distância, visitas a vários pontos da ilha. O novo padre, com quem a madrinha já tinha ótimas relações, foi posto ao corrente. Celebrar-se-ia uma missa em honra dos nossos hóspedes e por alma da mãe da madrinha, a Tia Chica, que morrera havia uns anos, depois de tantos anos ali sentadinha no estrado num estado de semi-invalidez devido a uma trombose. A Tia Chica, a minha “avó” predileta (os meus avós maternos moravam na freguesia, mas com eles eu tinha pouco trato), fora sempre quem me defendera dos espancamentos da madrinha durante os anos da infância. Estas pancadas haviam tido por vezes alguma razão de ser, por exemplo, quando

eu atirei um cato à cara de um rapaz mais velho, que me espancara desapiedadamente, e o pobre diabo — a quem chamávamos o Sete Dedos devido a um defeito de nascença — teve que ir à Senhora Camilinha Enfermeira para remover os picos. Noutras ocasiões, as pancadas que levava da madrinha eram injustificáveis, como aquele dia em que interrompeu o meu brincar e me gritou da janela que viesse a casa imediatamente para que as visitas que estavam com ela, e a quem ela se gabara de eu ser um menino exemplar em obediência, um cãozinho amestrado, vissem quão bem comportadinho era eu. Mas suspeitando, com base em prévias experiências, que era essa a razão para o chamamento, recusei-me a ir. Vexada em frente das amigas, ficou furiosa comigo. Foi-me buscar, levou-me para a retrete ao fundo do quintal, e fustigou-me sem compaixão. Às vezes, porém, eu escapava — refugiando-me no estrado junto à Tia Chica. O estrado era a minha zona de segurança. Para evitar brigas com a mãe, que também tinha uma língua tão de palmo como a da filha, exceto em tudo o que se relacionava comigo (a quem sempre tratou com amor e carinho de avó), a madrinha levava-me para a privada, onde me administrava a disciplina necessária sem interrupções.

Devíamos ao irmão da madrinha, José Gonçalves, uma dívida insaldável, que no entanto todos nos esforçávamos por saldar. Havia muitos anos, ele mandara dinheiro para comprar aquela casa à mãe, que após o casamento deles se tornou a casa dos meus padrinhos. O irmão da madrinha também nos enviava dinheiro de vez em quando, e quase todas as roupas que eu usava haviam sido *encomendas* que nos mandavam da América. Como a madrinha era uma das melhores costureiras da terra, dos vestidos e fatos fazia-me camisas e calças. A madrinha ela mesma sempre andava

com vestidos americanos. E o padrinho, esse, parecia um americano de verdade com os seus *alvarozes*. Que emoção era aquela quando recebíamos um *recibo* do carteiro indicando que fôssemos levantar mais uma saca de *encomendas* da Califórnia! Lembro-me sobretudo do prazer que era cheirar aquelas roupas... Fechava os olhos, enterrava a cara no montículo de roupas... e aspirava a América para os meus pulmões! Criei-me com o cheiro da América, sensações da América, cores da América à minha volta. Tudo isto contribuiu para o meu desejo de ir para a América, desejo esse reforçado pelos meus contactos com americanos da Base, os militares do campo de golfe, e durante uma visita à Base.

Fora aquela visita uma das experiências mais memoráveis que até então havia tido. O nosso padre tinha recebido um convite para organizar um grupo de crianças para uma visita especial à Base pelo Natal, onde receberiam presentes natalícios doados pela Cruz Vermelha Americana. Como o privilégio só tocava a um pequeno grupinho da nossa freguesia, os pais fizeram todo o possível para meter as suas cunhas com o padre. Para mim não havia problema, pois as relações da madrinha com os padres sempre haviam sido invejáveis. E chegou o dia de subirmos para a camioneta que nos levaria, pela primeira vez, a penetrar no recinto da Base. Veríamos os aviões de perto e havíamos de comer comida americana. Eu já comera “pão” americano (*pound cake*), que um vizinho, padeiro na Base, nos ofertara.

— Se o pão americano tem este sabor — pensava eu — que sabor não deve ter o *conduto* deles!

Chegou o momento de recebermos as nossas meias cheias de prendas de Natal. As nossas experiências excederam de longe as nossas expectativas. Até nos deixaram sentar no assento do piloto de um avião! E o Pai Natal — o

Santa Claus — desceu dos céus num helicóptero ali mesmo em frente dos nossos rostos embaçados! Até sentíamos o vento do helicóptero soprar-nos os cabelos à medida que um homem ia descendo dependurado de uma corda. Depois de o helicóptero aterrar, outros homens com trajes de *elves* ou gnomos jorravam da barriga do helicóptero com braços de meias para distribuir às crianças que davam guinchos de espantosa alegria. Depois fomos levados para o barracão da messe, onde nos serviram comida deliciosa. A sobremesa era gelado, que nos deram nuns copinhos de papelão com umas palhetazinhas de madeira. Era a primeira vez que eu comia gelado! Como não sabia comê-lo, era às dentadas que o devorava, até que, por causa do gelo, me doíam os dentes e a cabeça. Todas estas experiências fizeram crescer em mim a admiração que eu já sentia por tudo o que fosse americano! A experiência de ver o interior de um avião foi, porém, de todas a mais comovente.

Os aviões sempre haviam sido um fascínio para mim — e uma fonte de terror, desde aquele dia em que a *Sossôra* nos levou lá fora para ver as faixas de condensação que os jatos deixavam ao voarem alto por cima da ilha. Ou para nos meter medo, ou porque ela mesma nunca tinha visto jatos, avisou-nos que aqueles riscos de *fumarada* eram feitos pelos dedos de Deus a escrever nos céus. Se nós não nos portássemos bem, ai de nós — Deus castigar-nos-ia severamente. Aqueles riscos eram, por enquanto, os sinais que Deus manda antes de mandar os verdadeiros castigos às crianças endiabradas. Da próxima vez, contássemos nós que não seriam apenas riscos de fumo... mas não avançava com mais pormenores. Mais tarde descobri que os riscos eram condensação produzida pelos jatos, mas o terror perdurou em mim. Como os aviões pareciam agora reais e

não ameaçantes à medida que nós, um de cada vez, éramos autorizados a entrar na cabine do piloto e a sentarmo-nos no seu assento!

A madrinha espalhou a notícia que o seu irmão vinha da América. Como era costume na freguesia, os vizinhos e amigos presenteavam as famílias e os emigrantes retornados ou os que vinham de visita à terra. Assim, a madrinha tinha razões de sobra para divulgar a notícia. Os preparativos prosseguiram a um ritmo cada vez mais intenso. Compraram-me o meu primeiro fatinho; comecei a receber lições de extra-bom-comportamento. Todos sabíamos que o meu futuro estava pendente do que acontecesse. Eu não daria cabo dele, pois não? Que fazia o irmão dela na América? — alguns vizinhos indagavam. Na família todos sabíamos que ele era porteiro e também trabalhava na limpeza de uma fábrica ou armazém, que havia herdado uma casinha de uma velhota de quem cuidara. Mas a madrinha — com a minha ajuda, devo confessar — promoveu-o. Ele era sócio numa fábrica; era um homem de grandes posses. Fervíamos de emoção. E o dia chegou.

A caminho do aeroporto, as palmas das mãos molhavam-se-me de perspiração; os pés ardiavam-me apertados nos meus sapatos novos; eu ia ensaiando mentalmente o que diria à Betty e o que faria e como havia de sorrir-lhe. Seria um dia memorável ou um dia para esquecer? O que eu mais queria era que o dia acabasse. Não suportava mais a comoção. Devia falar-lhe em português ou em inglês? Será que o meu inglês sobreviveria a toda esta pressão?

O avião aterrou e os passageiros saíram lá de dentro às golfadas. Embaraçado, tentei pôr-me na retaguarda da multidão ali à espera de parentes da América. Mas os olhos sempre alerta da madrinha detetaram a minha hesitação

— e um beliscão familiar indicou-me que ela me queria lá bem na vanguarda. Não tive opção. Uns momentos de eternidade passaram-se, e depois surgiu diante de mim uma rapariga que eu reconheci — das muitas fotos que já vira dela — como sendo a Betty. E então, ainda no aeroporto, eu soube, sem que ninguém mo dissesse: a Betty estava desiludida comigo. Não gostava de mim! Como viria a descobrir dentro de uns dias, a Betty pensava que eu fosse muito mais alto. Se bem que ela tivesse fotos minhas, eu devo tê-la induzido a pensar que era mais alto, quer traduzindo mal do sistema métrico para o inglês, quer exagerando de propósito a minha verdadeira altura. E a Betty, que tinha um tiquinho mais de 5 pés de altura e era gordinha que Deus a guardasse, havia há muito decidido que só se casaria com um rapaz alto. E um rapaz que fosse bem branco. E eu, para minha desgraça, era bem baixo e bem escuro. Tudo isto eu vim a descobrir à medida que a sua estada na nossa casa se ia prolongando. Mas já no aeroporto eu sabia que a Betty não era para mim. Tinha o ego esmagado, esfrangalhado; e depois pulverizado quando, dentro de umas semanas, a Betty tornou conhecido de toda a gente que gostava mais de José, o meu irmão mais novo, do que gostava de mim, embora o José fosse apenas do tamanho dela — mas, ah, era branco!

As poucas semanas que os visitantes estiveram conosco foram para mim um inferno. Que fazer? Como proceder? Apesar de saber que a Betty não me gramava, eu não podia correr o risco de desapontar a madrinha ou provocar-lhe a ira. Acima de tudo, queria prevenir a humilhação de uma rejeição catastrófica. No segundo dia da estada da Betty conosco, cometi uma das ações mais destrutivas e vis da minha vida: beijei suavemente a Betty nos lábios durante

uma conversa que tivemos sentados no estrado da cozinha, onde a proteção da Tia Chica, avó da Betty e “avó” minha, tantas vezes me havia poupado às santas fúrias da madrinha. Depois da Fernanda, a Betty foi a primeira mulher que beijei. Beijei-a, imaginei eu, como as estrelas se beijavam nos filmes que vira do cemitério. A Betty respondeu ao meu beijo com a vibração de uma múmia. E foi aquela uma das últimas vezes que ela consentiu em estar a sós comigo. Betty acusou-me ao pai, vim eu a descobrir, e ele ordenou-lhe que se mantivesse afastada de mim. O resto do tempo que a família *amaricana* esteve connosco, vivi-o dividido entre as insistências da madrinha em que eu estivesse com a Betty, fosse com a Betty visitar parentes na freguesia, que a Betty e eu caminhássemos lado a lado, e as menos subtis evasões da Betty à medida que seguia as suas próprias inclinações e os conselhos dos pais.

Humilhações, lamentos e um irremediável sentido de rejeição foi tudo o que me ficou quando chegou o dia da partida da Betty e dos pais. Que alívio para mim! A madrinha, porém, estava confiante que, agora que a semente do trato familiar havia sido lançada à terra e com o adubo da minha iminente partida para a Califórnia, os seus desejos de me ver casado com a sobrinha viriam a realizar-se. Eu era o único capaz de descortinar o futuro!

A Lúcia tinha pressentido águas agitadas. E para marcar a sua presença e afirmar a sua superioridade (eu era, ao fim e ao cabo, um namorado à experiência e ela é que era rica), depois da partida da Betty tratou-me com indiferença. Não me devolvia as miradas meiguinhas; atirava com a janela quando a minha bicicleta se aproximava; e, na igreja, os meus olhos em vão procuravam os dela. O meu mundo social estava a sofrer um colapso. Optei pela hibernação,

pela leitura de romances de Zane Grey... e sonhava com uma América da qual a Betty fosse inteiramente banida. Passavam-se dias que nem saía de casa. Por fim, à medida que o tempo me sarava as feridas, dediquei-me à Graça (que, como vim a descobrir, parece que verdadeiramente gostava de mim) e ela colocou-se, literalmente, nos meus braços. Resolvemos que só nos permitiríamos beijinhos, afagos, joguinhos eróticos. Com a Graça recuperei a autoconfiança. Não havia, como dissera a Fernanda, nada com que devesse preocupar-me. Não teria havido a necessidade de rezar a Deus, como eu fizera após o episódio com a Fernanda, para Ele um dia me “dar filhos”, se bem que as minhas verdadeiras intenções com respeito ao meu bom-funcionamento sexual não alcançassem necessariamente a paternidade. E como me orgulhava de não ir às vias de facto com a Graça! O nosso carinho um pelo outro cresceu durante os poucos meses em que nos encontrámos. As lembranças da Betty e da Lúcia (as desta ainda bem dolorosas, valha a verdade) começavam a desvanecer-se. Estava a recuperar a minha autoconfiança. Um dia voltaria da América em triunfo e casar-me-ia com a Graça. Acima de tudo o mais, EU ESTAVA PRESTES A EMBARCAR PARA A AMÉRICA!

Por esta altura, comecei a dar explicações de inglês na nossa loja que, havia uns anos, servira de sala de aula enquanto a nova escola da freguesia estava a ser construída. Cheguei a ter dez alunos, alguns deles trabalhadores na Base que queriam melhorar os seus conhecimentos que tinham do inglês. Outros eram vizinhos, incluindo o filho do Senhor Chico Tesoureiro, o meu primeiro patrão, com quem eu havia feito a tentativa frustrada de estudar inglês usando um *Inglês sem Mestre*. O meu irmão José também se inscreveu na minha aula e foi comigo que aprendeu as

primeiras noções do inglês. Havia eu conhecido um rapaz da Força Aérea Americana que, ao contrário da maioria dos militares da Base, gostava de vir pelas freguesias e tinha uma atitude respeitosa relativamente aos habitantes da ilha. Ficámos amigos. Ele dava-me presentes pelo Natal — chegou a oferecer-me um par de calças que encomendara de um catálogo — e trazia chocolates e outras guloseimas aos meus padrinhos. Em troca, comia connosco. Adorava caldo de couves com feijão, parece que mais ainda do que eu adorava comer *pound cake*. Era ele — Richard Cayton, natural do Ohio — que pacientemente se sentava comigo na aula, nos dois dias por semana em que me reunia, por duas horas, com os meus alunos, para me ouvir dar a aula e, quando fosse necessário, servir de modelo de pronúncia do inglês americano. O meu inglês melhorou muitíssimo na prática com ele — que não sabia uma palavra de português e que, como outros americanos da Base que conheci, nunca se dava ao trabalho de tentar aprender umas noções que fossem da língua do país em que era hóspede.

A Graça e eu decidimos que já não havia razão para mantermos segredo acerca do nosso namoro. Agora podíamos falar-nos aos domingos sem medo da família dela que um ano ou dois antes tê-la-iam proibido de olhar sequer para mim. Os meus pais, sobretudo o pai, ficaram delirantes com o meu namoro com a Graça, uma rapariga das “melhores famílias” da freguesia, com o consentimento dessa família. A Graça foi convidada, com a intenção de começar a puxá-la para o seio da nossa família, para madrinha do bebé que a mãe e o pai esperavam.

A madrinha, porém, não partilhava esses entusiasmos. Noutras circunstâncias teria ela ficado contentíssima com um namoro em que eu era, sem sombra de dúvida, o que

mais beneficiava socialmente. Ela era até amicíssima da família da Graça, que sempre nos ofertava presentes de fruta dos seus pomares e de legumes das suas hortas. Um dos irmãos da Graça até chamava à Tia Chica sua “avó”. Mas agora havia de permeio a sobrinha da madrinha. E recebi ordem da madrinha de romper com a Graça, que a acusava de me haver roubado à Betty, e que jurava tudo fazer que estivesse ao seu alcance para pôr termo àquele namoro. A proibição da madrinha, no entanto, não me pesou de todo. Como eu estava prestes a embarcar, já pouco me importava o que ela pensasse. E um dia disse-lho. Pela primeira vez na vida, ousei dizer-lhe tudo o que achava dela, como ela fora cruel e tirana comigo e agora, que ia para a América, seria eu a decidir se lhe escreveria ou não e ao padrinho. Claro que, nem por sombras, teria coragem de jamais os abandonar. Mas sabia que agora estava numa posição de poder — e decidi fazer-lho a ela saber e sentir. Acabámos por nos perdoar mutuamente... e chorámos os dois... e prometemo-nos que nada e ninguém nos separaria. Foi um dos poucos momentos de ternura de que me lembro de experimentar com a madrinha. Apesar de tudo, a família da Graça e os meus padrinhos cortaram relações. E as relações entre os meus padrinhos e os meus pais, que sempre haviam sido do mais íntimo e familiar, também começaram a soçobrar à medida que os meus pais (sobretudo o pai, que raras vezes intervinha nos assuntos da madrinha) agora acharam oportuno proteger a boa fortuna que me batia à porta com o namoro com a Graça. O resultado foi que os meus pais e padrinhos deixaram de se falar pouco depois de eu emigrar. Não se falaram mais durante todo o tempo que os meus pais estiveram na Terceira até, eles também, emigram para a América e voltarem à Terceira vários anos depois.

Como eu me aproximava do meu décimo oitavo aniversário, abeirava-se o dia de eu ir às sortes. Os preparativos da última hora tiveram que ser apressados. O meu irmão mais velho, que já fora às sortes e ficara livre de prestar serviço militar, estava fora de perigo. Mas eu não estava. E como toda a gente sabia, muitos rapazes da nossa freguesia já estavam na guerra em Angola ou a caminho de África. (Também houvera tropas da Agualva na expedição à Índia, quando a União Indiana tomou Goa, Damão e Diu.) Obter licença militar para mim estava a ficar difícil. Mas o pai tinha padrinhos em Angra e sempre há autoridades corruptas que se deixam subornar.

Já havia muito que se decidira que, como não tínhamos meios para embarcarmos todos ao mesmo tempo, iríamos, como tem acontecido a tantos açorianos, às prestações. Meu irmão Manuel, o mais velho, e eu iríamos primeiro. Trabalharíamos um ano ou pouco mais e mandaríamos o dinheiro para irem o pai e o meu irmão mais novo, o José, e depois todos nós ganharíamos o suficiente para que emigrassem os restantes membros da família: a mãe, as minhas duas irmãs, Elisa e Idalina, e o nosso irmão ou irmã bebé. Outra razão — meu irmão Manuel e eu suspeitávamos — pela qual o ritmo dos preparativos finais para a partida se tornou cada vez mais frenético (com idas e vindas apressadas, com pormenores da última hora a serem urgentemente despachados ou postos de parte) teria que ver com a gravidez da mãe. Acontece que Manuel e eu partimos a 28 de fevereiro de 1963. Jorge, o nosso benjamim, nasceu em maio. A mãe sentia-se muito incomodada ao ver-se grávida na presença dos filhos já homens, e vê-los pela porta fora, por muito que lhe pesasse a nossa partida, era-lhe importante também como mãe expetante.

Chegou o dia do embarque. Na noite anterior, a Graça e eu despedimo-nos na ribeira. Ela estaria à porta da casa de um irmão para nos dizermos adeus uma última vez indo eu já a caminho do aeroporto. Os meus padrinhos e eu passámos a noite inteira sem pregar olho. De tudo falámos — desde finanças à frequência com que eu deveria escrever-lhes da América. A madrinha fazia questão de me lembrar para eu ser bonzinho para com a família da Betty e para com a sobrinha. Eu levar-lhes-ia prendas. O dinheiro para a minha passagem, tinha-o o padrinho pedido emprestado a um vizinho cuja alcunha era Chico Gadelha. Se bem que, naquela altura, o pai pudesse ter pago a passagem do meu irmão e a minha, a madrinha recusou-se a aceitar essa solução. Eu era o seu rapaz; eles é que me tinham criado. Eu iria para a América com o seu dinheiro. Logo que eu pudesse, mandar-lhes-ia o custo da passagem para eles o devolverem ao vizinho. A passagem e parte da papelada custou um montante de doze contos em 1963. Pergunto-me quanto desse dinheiro foi comissão para o agente de viagem!

Eu suspeitava que o dia da partida seria doloroso. Quantas despedidas havia eu testemunhado de emigrantes com destino à América, ao Brasil, aos vários países da Europa. Estas despedidas eram como funerais: todos os familiares a chorar, a desmaiar, a acenar adeuses-para-todo-o-sempre, como se os emigrantes estivessem de abalada para nunca mais voltar. E é verdade que muitos nunca mais voltavam! O pai desapareceu, como sempre desaparecia em ocasiões de fortes cenas emocionais — para ir chorar a sós. Também o fazia, dizia a mãe, quando os filhos nasciam. Sucumbindo a um sentido de culpa e ao medo, quando a parteira chegava, ele desaparecia e não regressava até horas depois quando presumia que estaria tudo bem. Quando ele me beijou e

abraçou no dia anterior à partida, eu já sabia que no outro dia pela manhã já não o veria. A mãe, o padrinho e a madrinha — e muitos tios e tias, primos e primas, e vizinhos e amigos — vieram despedir-se e alguns deles carpir-se. Tive a sensação de estar a assistir ao meu próprio funeral. E, devo admitir, tirei um certo prazer doentio da experiência de ver tanta gente a chorar por mim, quando eu ia, tão-só, a caminho da América!

A Graça, tal como havíamos combinado, estava à porta à espera. Pedi ao motorista do táxi que parasse, fui-lhe apertar muito a mão... e tive a estranha sensação de *saber* que era a última vez que nos tocávamos. O nó que levava na garganta não me permitiu falar mais até chegar ao aeroporto.

Da minha família imediata, só o padrinho me acompanhou ao aeroporto. A madrinha não podia, pois estava, em momentos de forte comoção, atreita ao desmaio, devido a um problema do coração. O padrinho e eu conversámos longamente e a nossa despedida trucidou-me o coração. De há muito que se sabia na família que o padrinho era incapaz de chorar. Não tinha chorado quando a mãe e o pai lhe morreram, não chorara quando os sogros, que ele tanto estimava, haviam morrido. Mas quando chegou o momento da última chamada a bordo, ele rompeu aos soluços convulsivos, apertando-me tanto contra o peito que eu tive a sensação que ele me queria reter, esmagando-me. Que sentimento de culpa o meu por tudo o que entre nós se passara! Prometi-me a mim mesmo que repararia tudo o que em certos momentos havia pensado dele. Apercebi-me naquele momento de quanto o amava, muito mais na verdade do que jamais amara a madrinha ou qualquer outra pessoa.

A viagem para São Miguel levou cerca de meia hora. Manuel e eu permaneceríamos lá mais duas semanas para

tratar de preparativos finais no Consulado Americano em Ponta Delgada, depois iríamos para Santa Maria onde apanharíamos um avião da Pan American que nos levaria a Boston. Outro avião conduzir-nos-ia a São Francisco – onde a Betty e os pais estariam à nossa espera. De São Francisco iríamos num autocarro da Greyhound para Tulare, no Vale de San Joaquin, o nosso destino.

Uns cinco minutos antes de aterrar em São Miguel, deu-me umas dores de ouvidos tão fortes que pensei que ia morrer. Pensando que a causa fosse toda a comoção da partida, e nunca tendo experimentado nada semelhante, julguei que era chegado o fim da minha vida. Entrei em pânico e comecei a implorar: “Socorro! Acudam-me que estou a morrer!” E insistia, aos gritos. Meu irmão, sentado ao meu lado, olhou para mim e apercebeu-se que era mesmo caso sério e começou, ele também, a gritar. Alguém que servia de aeromoço ou aeromoça – pois as avionetas da SATA da época não tinham espaço para ninguém andar nelas de pé a assistir aos passageiros – indagou acerca do que se passava. Quando eu contei o que se passava comigo, toda a avioneta rompeu numa gargalhada alvar! Tinha que ver com a pressão do ar dentro da avioneta, ora bolas!

– Porque não nos haviam informado? – pensei eu.

Fiquei consternadíssimo, mas a dor começou a derreter-se à medida que o aviãozinho se aproximava da pista. Dentro de segundos, estaríamos em São Miguel, a primeira terra que meu irmão e eu havíamos jamais visto para além da nossa ilha. A comoção embargava-nos a voz... não víamos o momento de, pela primeira vez na vida e para as próximas duas semanas, nos sentirmos livres de tudo e de todos, livres para fazermos o que bem quiséssemos e entendêssemos.

As experiências de procurar um hotel, passear nas ruas de Ponta Delgada, comer em restaurantes, conhecer pessoas de todos os cantos dos Açores que, como nós, também iam para a Califórnia ou para Massachusetts foram indescritíveis. Uma família ia para Visalia, perto de Tulare. Sentimo-nos bem com eles. O meu encontro com uma família de São Jorge ficaria memorável: um padre e a sobrinha. Ele tinha vindo para ajudá-la a completar os documentos para o embarque. Ia para Santa Clara, nas imediações de São Francisco. Se bem que ela fosse bastante mais velha do que eu, tornámo-nos romanticamente íntimos. Não era eu capaz de acreditar que uma mulher bem mais velha do que eu estaria interessada em se aproximar de mim, andasse de braço dado comigo nas ruas de Ponta Delgada, enquanto o meu irmão, furioso comigo e amuado, caminhava atrás de nós. Eu era bem um cãozinho à solta, depois de ter estado dezoito anos acorrentado! Eu e ela devíamos, com certeza, parecer marido e mulher. Fomos ao cinema ao Coliseu. Gozei com os medos que ela fingiu quando um avião levantou voo no ecrã, parecendo dirigir-se mesmo às cabeças da plateia, e ela encostou o corpo muito encostadinho ao meu dando histéricos gritinhos, de mãos muito dadas às minhas como se fôssemos marido e mulher. Manuel estava sentado no assento atrás de nós, amuado. À noite, Manuel e eu estávamos a dormir na mesma cama do hotel quando eu percebi que ela entrava no quarto. Manuel fingiu estar a dormir enquanto ela me tirava as cuecas, me lambusava todo, me dava prazeres que até àquele momento eu não sabia que existiam, e convenceu-me que o mundo inteiro estava nas palmas das minhas mãos. Com toda esta liberdade, com toda esta atenção — comecei a pensar que, não obstante a Betty e a Lúcia, eu era irresistível às mulheres.

Que aconteceria, santos deuses, quando eu chegasse à terra da América: a terra da Doris Day e das Janes que eu vira nos filmes de Tarzan com Johnny Weismüller da parede do cemitério?

Manuel não teve tanta sorte. O primeiro dia que jantámos num restaurante, ele sentia-se constrangido e começou distraidamente a assobiar. Um senhor gordo, cabelo untado e fachada imponente e ameaçadora aproximou-se de nós e perguntou-lhe:

– Ó fedelho, então não sabes que não se assobia numa sala de jantar de um restaurante?

Pobre Manuel que ficou tão ofendido e humilhado. Mais tarde, para o descontraír, compus-lhe um poemeto:

Quando o senhor rotundo
de careca luzidia
me cuspiu:
– Ó fedelho, então não sabia
que em sala de jantar
de restaurante de luxo
não se assobia?

Eu só respondia:

– Senhor rotundo
de careca luzidia,
que em sala de jantar
de restaurante de luxo
não se assobia,
o fedelho não sabia.

E depois insistia:

— Mas, senhor rotundo
de careca luzidia,
que em sala de jantar
de restaurante de luxo
não se *cuspi*...
isso, o fedelho já sabia!

Embora nunca tivéssemos debatido a questão de como nos governaríamos, agora que a vida nos tinha juntado, era mais do que evidente que a primazia pertencer-me-ia a mim. Se bem que ele fosse quase dois anos e meio mais velho do que eu, havia um acordo implícito, até mesmo antes de partirmos da nossa terra, que eu era o instruído, o que falava inglês, o que tinha tido experiências... eu é que seria o líder entre nós. Manuel seguir-me-ia. E assim ficou sendo, até mesmo depois de chegarmos à América.

Falávamos de como seria a América. Como eram diferentes as nossas expectativas! Manuel sempre trabalhara e fizera trabalhos árduos. Em várias ocasiões, tinha ele doze ou treze anos, o pai ficava na Aqualva a jogar às cartas e Manuel era o que ia de carroça vender lenha ao Porto Judeu ou a Angra. Uma vez, um grande baú caiu da carroça carregada e atingiu-o numa perna — por pouco não a esmagando. Manuel passou semanas no hospital. Quando era criança, também partira um braço ao brincar aos toiros. Pequenininho e fisicamente bastante fraco, Manuel era resiliente. Perdeu um dia uma nota de cinquenta escudos e, temendo a ira do pai, disse-lhe que um freguês não lhe pagara e lhe ficara a dever aquela quantia. Durante semanas e semanas Manuel não almoçou no Porto Judeu para poupar o dinheiro que “devia” ao pai.

Acontecia que Manuel estava muito melhor preparado para enfrentar o que nos esperava na América do que eu. Sabíamos que iríamos para casa do nosso primo, o Felisberto, e que o emprego deste era ordenhador de vacas e que nós, nem eu nem o Manuel, tínhamos quaisquer habilitações comercializáveis. Nenhum de nós havia jamais tocado nas tetas de uma vaca. Apesar de saber tudo isto, eu afastava esses pensamentos. Sempre pensei que algures, de qualquer maneira, eu arranjaría um melhor emprego do que o de ordenhador de vacas. Pois não falava eu o inglês? Não trabalhara em mercearias? Não andava mais bem-vestido que o Manuel — e não havia sido sempre assim connosco?

A madrinha, pensando como eu, tinha-me comprado um belo anel de ouro e uma pulseira como os rapazes então usavam. Até pensara que fosse apropriado comprar-me luvas, belas luvas de cabedal macio que os homens-bem usavam em ocasiões especiais. Ia preparado para um belo emprego na América e não tinha dúvida que o conseguiria. O Manuel e eu muitas vezes comparávamos as nossas ideias do que seria a América. A América, para ele, era um lugar muito parecido com a Base: muitos carros por todo o lado e aviões, muita e boa comida, longos, intermináveis caminhos para toda a banda. Não haveria carroças de lenha, porque já ninguém queimava lenha na América. Mas aquilo em que Manuel estava interessado, acima de tudo o mais, era ganhar 20 000 dólares e depois regressar aos Açores.

Eu também levava comigo a quantia mágica de 20 000 dólares, 560 contos pelo câmbio do ano em que emigrámos, os 20 000 dólares que o pai da Graça tinha herdado da filha morta e que o tinham tornado um dos homens mais ricos da Agualva! Para além disso, a América era um amontoado de imagens surripiadas aos filmes que eu tinha visto, aos

livros que eu tinha lido, às memórias coletivas de *encomendas* da América de cheiro agradável, ao gelado comido na Base pelo Natal com uma palhetinha de madeira, ao *Santa Claus* pendurado de uma corda a descer de um helicóptero com gnomos no encalço trazendo braçados de meias cheias de prendas, ao *pound cake*, às mulheres lindas, não só dos filmes mas da Base, que só me convenciam que eram de verdade porque falavam e mexiam-se. Acima de tudo, a América era a terra da limpeza e do asseio. Não havia moscas — não poderia haver moscas — na América; não havia, na América, ruas de porcos exalando odores que entravam pela cozinha dentro. Não haveria — esperava eu de todo o coração — boas famílias, famílias médias, famílias más ou de má raça na América, cujas filhas estivessem em redomas de vidro para as proteger dos filhos inferiores da ralé. Todos eram, todos éramos, simplesmente, pessoas... e todos seríamos julgados com base na nossa comum humanidade, não no simples acidente do nascimento ou da riqueza acumulada ou roubada. Na América, uma pessoa podia fazer o que quisesse, ser o que quisesse, como todos sabiam e diziam. Bastava desejar e trabalhar, e aí estaria tudo ao nosso alcance. De outro modo, como seria possível que os emigrantes da nossa freguesia que tinham ido para a América voltassem cheios de dinheiro e trajando boas roupas? Até pareciam mudar fisicamente. Ficavam mais jovens do que quando haviam partido; mais atraentes até, apesar das calças e casacos largos e esvoaçantes. A América era uma terra de milagres. E nós estávamos a caminho da América. Dentro de duas semanas entraríamos num grande avião em Santa Maria, mas quando dele saíssemos — já estaríamos a pisar o solo da América. Passados uns quantos anos regressaríamos aos Açores — sendo já americanos. E talvez

eu viesse então à minha terra com a intenção de casar com a Graça e a levar comigo para a América. Mas de uma coisa estava absolutamente seguro: naquela altura eu mostraria ao Tio Joaquim e à sua quadrilha aquilo de que era capaz. E a única coisa que eu sentiria pela Lúcia seria desprezo ou, pior, indiferença.

III BOAS-VINDAS DE LUZ

A nossa chegada à América foram boas-vindas de luz. À medida que o avião se aproximava do Aeroporto de Logan, em Boston, o nosso porto de entrada, olhei para baixo e deparei-me com um mar de luzes que me encantaram e assustaram. Ali em baixo era onde nós íamos viver. Mas que lugar, santos deuses! E um sentimento de insegurança começou a crescer em mim. Como encontraríamos o nosso caminho naquele emaranhado de luzes e estradas? Não havia então, como há hoje, guias que falassem português para orientar os emigrantes na alfândega e nas conexões para outros voos. Embora confiasse no meu inglês, não levou muito tempo para descobrir que, com toda a comoção e excitação da chegada, pouco ou quase nada entendia. Mas conseguimos despachar-nos da alfândega, sem no entanto evitarmos deixar alguns comestíveis de contrabando que a mãe e a madrinha haviam tido por bem meter nas malas para levarmos para a Califórnia.

Cansados como estávamos, antecipámos o voo para a Califórnia. Mais seis horas de viagem e chegaríamos ao nosso destino. Em São Francisco, a Betty e a família estariam à nossa espera. Não encarava com regozijo este encontro, mas dentro em breve ultrapassá-lo-ia e estaríamos a caminho de Tulare e da nova etapa de vida que nos aguardava. Em Boston, começámos a perder contacto

com as pessoas que haviam viajado conosco no avião. Os que iam para Fall River e New Bedford sumiram-se logo. Até mesmo os que iam para áreas distintas da Califórnia apanhavam voos que não o nosso. Dos poucos açorianos que iam para a Califórnia no nosso avião, nenhuns eram nossos conhecidos. A rapariga de São Jorge que conheceu em Ponta Delgada não tinha vindo conosco. Já tinha embarcado para Santa Clara, Califórnia quando partimos de Santa Maria.

Em São Francisco, outro mar de luzes deu-nos as boas-vindas. A América, concluímos, era uma terra de luzes: luzes movediças, luzes estáticas, luzes vermelhas e amarelas por quanta distância a vista alcançasse. Quando saímos do avião, senti o coração a galopar-me dentro do peito. Uma sensação semelhante àquela que experimentara no aeroporto das Lajes enquanto esperava pela chegada da Betty tomou posse de mim. Mas que sorte! A Betty não estava à nossa espera no aeroporto de São Francisco. Pensando que nós só chegaríamos no dia a seguir, a família e ela não tinham ido ao aeroporto naquele dia. Que alívio! É verdade, porém, que tínhamos contado com eles para nos ajudarem a conseguir camioneta para Tulare. O meu inglês foi-me muito útil nesta ocasião. Tínhamos que apanhar um autocarro do terminal para a estação de camionetas interurbanas Greyhound e lá apanharíamos uma que nos levasse para o Vale, onde quer que ficasse o Vale. Contávamos que dentro em breve chegaríamos a Tulare.

Cansados e esfomeados como estávamos, nem eu nem Manuel pensávamos em comer, pois alimentávamo-nos de comoção e antecipação. A comida no avião, embora ambos a tivéssemos comido, não fora do nosso agrado, sobretudo aquela salada e aquele molho de salada de cor esquisita.

A verdade é que não estávamos habituados a comer salada; o ruído de alguém a mastigar salada era-me repugnante. Levar-me-ia anos a aprender a comer salada e a gostar. As horas voavam mais rápido do que a camioneta Greyhound. Havia pedido ao motorista que nos avisasse quando chegássemos a Tulare. De vez em quando perguntava-lhe:

– E então, Tulare já está perto?

E ele:

– Ainda não. Ainda falta um grande estirão!

Com medo que ele se esquecesse e nos levasse para os confins da Califórnia, eu lembrei-lhe muitas vezes que “íamos para Tulare”. Até que o homem ficou aborrecido comigo e já nem se dava ao trabalho de responder às minhas perguntas ou acusar as minhas ansiedades. As cidades e as cidadezinhas e as vilórias ao longo do Vale de San Joaquin seguiam-se umas às outras com tal rapidez que pareciam sem conta. Tinham, algumas delas, nomes semi-familiares: Manteca, Modesto, Ceres – mas nada de Tulare. Turlock, Delhi, Atwater, Merced, Chowchilla, Madera –, mas onde estava Tulare? A fome causava-nos dores no estômago. Começámos a sair da camioneta cada três ou quatro paradas para comprar chocolates e *candinhos* nas máquinas automáticas com as moedas americanas que trazíamos. Manuel e eu comemos tantos chocolates que começámos a ficar agoniados. Eu que dantes gostava tanto de chocolates, durante muitos anos depois desta experiência não podia nem olhar para eles.

Se bem que os nomes dos lugares estivessem sempre a mudar, parecia que o panorama era sempre o mesmo: imensos campos de plantas de algodão e luzerna, prolongando-se muito para além de onde a vista alcançava. Terras planíssimas... eram oceanos de algodão e luzerna! Depois de

horas sem fim, apareceram mares de vinhedos, que depois deram lugar a mais campos e campos de algodão e a mais campinas de luzerna. E vacarias de ambos os lados da Autoestrada 99, uma estrada que não tinha mais fim! Com que então, aquelas eram as vacarias ou *leitarias* onde trabalhavam os emigrantes açorianos! Depois de Fresno, o motorista avisou-nos que não faltava muito para chegarmos a Tulare, aonde, finalmente, chegámos por volta das 2:00 da tarde, tendo saído de São Francisco pelas 5:00 da manhã. Felisberto, o nosso primo, estava na estação à nossa espera.

Uma das razões pela longa temporada na preparação dos papéis (às vezes tinha fantasias em que surgiam, ao longe, cadeias de montanhas de papel, e perguntava-me se algum dia alguém faria uma fogueira com toda aquela papelada pelo São João!) era encontrar alguém na América que nos fizesse o *affidavit of support*, o chamado “termo de responsabilidade”. Conquanto o Felisberto se tenha oferecido para nos proporcionar o termo, ele não tinha propriedades ou adequadas condições financeiras. Os nossos avós maternos tinham um primo rico em Lemoore, mas ele recusou-se devido aos riscos envolvidos. Suponhamos que um de nós adoecia, não encontrava emprego, metia-se em sarilhos com a lei...? A responsabilidade seria toda dele durante os cinco anos seguintes. E ele trabalhara muitos, muitos anos para construir a sua fortuna. Não estava agora para arriscá-la por nós, rapazes que nem conhecia. Mas um agente de viagens de Hanford (o Senhor Morrison, homem do Faial que tinha um nome anglo-saxónico) finalmente persuadiu o Tio José Cota, primo do nosso avô, a ser nossa fiança. Devíamos-lhe uma grande dívida. Como constava na família, se não tivesse sido o Tio José Cota, não poderíamos ter vindo para a América.

O Felisberto levou-nos para a sua casa, onde a esposa e cinco filhos estavam à nossa espera com um grupo de pessoas da Agualva que vinham dar-nos as boas-vindas, buscar presentes que lhes trazíamos da família e perguntar-nos pelos seus. Comemos, partilhámos notícias da Agualva, dos amigos e familiares. Como andava este e aquele? Ainda estava esta ou aquela viva ou já tinha morrido? As suas perguntas e as preocupações partilhadas e comentadas comigo e com o Manuel faziam transparecer que as experiências e ansiedades dos emigrantes não correspondiam à nossa visão idealizada da América, e tão-pouco à imagem da América que os próprios emigrantes projetavam quando iam de visita à sua terra.

O Felisberto, esse, era um otimista. Já havia seis ou sete anos que chegara à América. Sempre ordenhara vacas. A sua era uma casa de abundância, fez-nos notar, apontando para a mesa coberta de manjares, os seus eletrodomésticos, o televisor. Como é que ele podia criar os filhos nos Açores do mesmo modo que os criava cá? Claro que tinha que trabalhar doze ou treze horas por dia, só com dois dias de descanso por mês (tirara este dia de folga para nos ir esperar e estar connosco). Claro que tinha que se levantar às 2:00 da madrugada para ordenhar as vacas e depois dormir apenas umas horas antes de regressar à casa de ordenha e ordenhar as vacas novamente às 2:00 da tarde. Mas poderia ele comprar um carro na Terceira? Seria capaz de ajudar a sua mãe viúva que lá vivia se estivesse na Agualva e tivesse que sustentar uma família de sete?

O Senhor Chico Cardoso, antigo homem rico da Agualva que viera para a América havia cinco ou seis anos quando o seu negócio falhara e ele queria tentar refazer a sua fortuna, era de opinião distinta. Simplesmente não imaginava

que pudesse haver lugar pior do que a América. Na verdade, o seu ódio à América era tal que, quando se juntava com outros emigrantes, era ele quem tomava a dianteira nos ataques à América, contando casos que conhecia de emigrantes que viviam isolados nos ranchos, eram explorados por patrões, na sua maioria antigos emigrantes açorianos ou seus descendentes. Narrava outros casos de emigrantes que, devido ao seu ódio à América, chegavam ao extremo de só comer flocos de cereais, que eram baratos, com leite, que o podiam obter grátis da casa de ordenha das vacarias onde ordenhavam, para pouparem um dinheirinho que lhes permitisse regressar aos Açores o mais depressa possível. O Felisberto contrapunha-lhe que conhecia muitos desses emigrantes que, depois de todos os sacrifícios de poupança, tinham regressado aos Açores com intenções de se reinserirem permanentemente, mas que uns anos depois tinham regressado novamente ao Vale de San Joaquin. O Senhor Chico Cardoso então informava-nos, ripostando, do ressentimento que os emigrantes mais velhos sentiam em relação aos mais recentes. Os antigos emigrantes haviam mungido as vacas à mão, não como nós, felizardos, que agora as ordenhávamos com máquinas ou *mechinhos*. Nos velhos tempos, trabalhava-se semanas a fio sem nunca ir à cidade. E os velhos emigrantes ressentiam-se por os recém-vindos quererem ir passear à cidade e comprar carro logo que arribavam. Nós, os recém-chegados, não sabíamos reconhecer o que os antigos emigrantes tinham tido que sofrer! Nos velhos tempos, antes de haver *mechinhos* de ordenhar, as unhas das mãos dos ordenhadores apodreciam por terem de mungir trinta vacas à mão duas vezes por dia. Alguns deles dormiam com as mãos em azeite para amortecer as dores. E estes velhotes odiavam os recém-chegados,

invejando-lhes a melhor sorte. E os proprietários das vacarias exploravam os *greenhorns* ou verdinhos não só para deles beneficiar — mas para sadicamente os fazer *sofrer* como os velhotes tinham sofrido. Avisou-nos muito o Senhor Chico Cardoso a não trabalharmos nas vacarias dos que tinham trabalhado nas vacarias doutrem: “Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu!”

A conversa enveredou por quantas vacas o Felisberto ordenhava agora dadas as recentes chuvas que tornavam os animais tão sujos que cada turno de ordenha levava uma hora a mais, uma hora a *menos* que os ordenhadores dormiam e descansavam. Para quem ordenhava fulano e sicrano? Quantas vacas ordenhava neste momento o Senhor Chico Cardoso? A América, concluí eu mentalmente, era uma terra de luzes, mas também uma terra de vacas!

Acabada a refeição, fomos ver a vacaria. Então era assim que se ordenhava vacas na América! Ficámos espantados, primeiro, com o tamanho das vacas, vultosas como montes. O Felisberto demonstrou-nos como funcionavam as máquinas de ordenhar, como o leite era refrigerado, como as vacas eram lavadas e alimentadas. Falou-nos de vacarias ultramodernas onde se ordenhavam milhares de vacas e de vacarias em que as vacas eram artificialmente inseminadas. Esta vacaria, por acaso, tinha ainda um touro com o qual era preciso ter cuidado. O grande sonho do Felisberto era um dia ser proprietário da sua própria vacaria. Como lhe brilharam os olhos ao proferir estas palavras! Aprenderíamos a ordenhar facilmente, veríamos. Ele ganhava 455 dólares, informou-nos. Nós ganharíamos outro tanto quando ordenhássemos. A ganhar esse montante, Manuel e eu estimámos, não levaria muito tempo para ameaharmos os 20 000 dólares que nos permitiriam regressar à Terceira, se

ainda quiséssemos fazê-lo. Mas agora havia poucos empregos. O Felisberto era, porém, um otimista.

O Manuel e eu não víamos o momento de nos deitarmos depois da longa viagem. No dia seguinte, ajudaríamos o Felisberto com a ordenha; ele levar-nos-ia a ver gente da Terceira que conhecíamos; e iríamos, no próximo dia de folga do Felisberto, visitar o Tio José Cota e agradecer-lhe o visto de responsabilidade e pessoalmente pedir-lhe que, quando chegasse o momento, ele nos proporcionasse outro visto para o resto da família.

Manuel e eu dormiríamos no quarto adjacente ao do Felisberto e da Filomena. Conquanto a Filomena nos tivesse recebido na sua casa de braços abertos, não levou muito tempo para nos apercebermos de que ela e o marido estavam a ter problemas matrimoniais. Este facto tinha-se tornado transparente quando ela começou a deixar perceber que trabalhava como uma escrava e que nos dias de folga o Felisberto punha-se nos bares em vez de ir com ela a algum sítio para espairar ou de ficar em casa com ela e os pequenos:

— É, isto é a América, mas eu sou uma escrava nesta casa!

Manuel e eu sentimo-nos culpados por nos estarmos a impor à pobre Filomena, embora esperássemos não ser senão por uns dias. Não levaria muito tempo para encontrarmos emprego.

A meio da noite, Manuel e eu fomos rudemente acordados por gritos no quarto contíguo ao nosso: a Filomena e o Felisberto estavam não só a ter uma briga de palavras, mas aparentemente estavam a atirar objetos um ao outro, pois ouvíamos o som de coisas a bater de encontro às paredes do quarto. Que faríamos? Como eu era o que sempre tomava as iniciativas, não foi necessário um debate sobre quem

deveria intervir. Levantei-me, vesti-me, bati à porta do quarto deles, pedi licença e devagarinho entrei no quarto. A briga amainou e ficou reduzida a um rixa verbal em que ambos lavaram e puseram de barrela montes e montes de roupa suja que, de havia muito, vinham acumulando. O Manuel, que entretanto se nos havia juntado, e eu escutámo-los, demos o nosso parecer, prometemos ajuda à Filomena enquanto estivessemos com eles, pois não levou muito para descobrirmos que uma das justas queixas da Filomena, embora longe de ser a única, era que o Felisberto lhe tinha impingido o cuidado de mais dois homens em cima de todo o trabalho que ela já tinha de cuidar de uma casa de sete pessoas... e que o Felisberto, nos seus dias de folga, ia para *as barras* à cata de putas. O que ela fazia – dizia, chorosa – era ficar no rancho a cuidar dos pequenos e a lavar *mechinhos* e *mechinhos* de roupa suja de merda de vaca.

No dia seguinte, o nosso dia de estreia na Califórnia, Manuel e eu juntámo-nos ao Felisberto para começarmos a aprender o ofício de ordenhadores de vacas. Para já, eu iria cercar as vacas e trazê-las para um curral de espera equipado com repuxos, onde uma primeira lavagem das vacas ocorria. Manuel, por sua vez, lavaria as vacas dentro da casa de ordenha com uma mangueira com bico de chuveiro a muita pressão. O Felisberto, com autorização do proprietário, depois ensinar-nos-ia a *correr mechinhos*, isto é, coordenar o uso de cinco máquinas a ordenhar cinco vacas ao mesmo tempo, sem permitir que uma máquina ficasse a chupar as tetas de uma vaca quando ela já não tivesse mais leite. Eu soube que as vacas “sabiam” individualmente quando havia chegado a sua vez de entrarem no *ban(d)lo* (‘barn’) ou casa de ordenha com a sua leva de companheiras. E era verdade: cada *estrim* (de ‘string’) ou leva *sabia* não só a sua vez, mas

cada animal ia direitinho ao seu lugar na fileira de repartições ao longo de uma manjedoura do comprimento do barracão a que os emigrantes açorianos davam o nome de *cangas*. Empregavam o termo *manjas* (do inglês ‘mangers’) para a longa manjedoura onde o encarregado da lavagem despejava com um balde a ração ou *fira* (do inglês ‘feed’) às vacas enquanto elas, em cada *canga*, eram detidas pela cabeça durante a ordenha. O que o Felisberto não me disse foi que, quando uma vaca *está a boiar* (de “boi”, portanto “querendo boi”) ou no cio, o touro fica com ciúmeira e ataca, como todo o intrometido nos casamentos alheios sabe perfeitamente bem, quem ousar “roubar-lhe a vaquinha”. E isso foi o que eu lhe fiz, juro que sem quaisquer intenções sensuais.

Por muito habituado que estivesse a touros — sobretudo com base nas touradas à corda na Terceira — não esperava a investida. E, além de tudo mais, não estava eu habituado a touros americanos sem cornos, porque culturalmente os americanos não acreditam em cornos! Quando o touro investiu, eu naturalmente fugi — mas para uma zona do curral que, devido às chuvas recentes, era um sítio para o qual era mais fácil entrar do que sair. E vi-me enterrado até aos joelhos em rabo de vaca, e a enterrar-me cada vez mais sempre que fazia qualquer esforço para me libertar. (Entretanto, o touro, por compaixão e apercebendo-se de que eu era, no que à sua vaca dizia respeito, inofensivo, havia cessado a perseguição.) O Felisberto acudiu, mas não parecia preocupado, embora tão-pouco visse maneira de eu me libertar. Quanto mais aflito me via e maior esforço fazia, mais me enterrava naquele abismo bovino. O Felisberto decidiu, por fim, ir buscar um trator — e, tal como fazem os *cowboys* nos filmes, atirar-me um lasso. Fui indignamente lassado ou pescado daquele mar de

vaquinha para terra firme ao som das gargalhadas convulsivas do meu irmão:

– Bem-vindo à América, senhor doutor! [a alcunha que às vezes o meu irmão usava porque eu era um tipo “instruído”] Bem-vindo à América, senhor doutor!

A sorte estava connosco na procura de emprego. O patrão do Senhor Chico Cardoso, um emigrante açoriano de nome Joe Airoso, acabava de falecer. O Felisberto sugeriu que fôssemos ao funeral com ele, porque ficaria bem. Joe, filho do morto Senhor Airoso, estava à procura de um lavador de vacas; um de nós poderia ter a sorte de ser contratado. Assistimos ao funeral. Manuel e eu estávamos estupefactos! Que diferença dos funerais na Aqualva! Em vez de lágrimas e prantos, gritarias, gente agarrada ao caixão quando chegava o padre para acompanhar o cortejo fúnebre, havia música e montes de flores. O cemitério era um parque florido, não um recanto tenebroso como o cemitério da nossa e de outras terrinhas. Depois do enterramento houve um banquete. O Senhor Chico Cardoso daria uma palavrinha ao Joe Airoso acerca de um de nós como possível lavador na vacaria onde o Senhor Chico era o ordenhador. Qual de nós conseguiria o emprego?

Já tínhamos debatido com o Felisberto a questão de eu conseguir um emprego que não fosse na ordenha de vacas. Mas o Felisberto não sabia nada acerca desse tipo de empregos em Tulare. Poderíamos, porém, ir falar com um senhor diretor de um programa de rádio em língua portuguesa. Talvez ele pudesse sugerir alguma coisa. E talvez eu aprendesse e me habituasse a ordenhar vacas. Todo o mundo sabia que os ordenhadores eram dos emigrantes que mais ganhavam. Eu conformei-me. O Joe Airoso decidiu contratar um de nós. Qual de nós escolheria, porém? Airoso escolheu o Manuel,

que lhe pareceu muito mais apto a tornar-se um bom trabalhador, pois sempre trabalhara nos Açores. Fiquei contente pelo Manuel, mas também fiquei humilhado. Aliás, pensei que falando eu o inglês tinha mais aquela habilitação e seria o preferido. Mas não era necessário saber inglês, e muito menos datilografia. O que era necessário era poder trabalhar duro, levantar-se a tempo e horas, contentar-se com dormir apenas umas quantas horas por dia, trabalhar semanas ou meses a fio sem dias de folga. Quem era preciso era o que tivesse prática do trabalho árduo. E o Manuel tinha trabalhado mais do que eu.

O Manuel e eu moraríamos numa casa no rancho do Joe Airoso que distava umas três milhas da vacaria. Mas como é que o Manuel iria para o trabalho? E como iríamos nós ao centro fazer as nossas compras? E quando eu conseguisse o meu emprego, como resolveríamos o problema de transporte? Por enquanto, o Felisberto vinha à nossa casa duas vezes por dia para ir levar o Manuel ao trabalho — o Felisberto, coitado, que vivia a dez milhas de nós e que tinha que chegar a tempo ao seu emprego. Como é que o pobre poderia guiar toda esta distância e trabalhar todas as horas que trabalhava? O Senhor Chico Cardoso propôs uma solução. Até eu encontrar emprego, nós usaríamos um dos pequenos camiões ou *pickups* do rancho. Afinal, a *leitaria* era ali tão perto da nossa casa, era um caminho por onde quase não passava trânsito. Mas nem eu nem Manuel tínhamos, escusado é dizer, jamais guiado um carro! E daí? O Senhor Chico Cardoso não achava que esse pormenor era significativo. E eu tão-pouco! Guiar era fácil. Eu já andara de mota, sabia meter mudanças, era questão de estar atento ao som do motor, carregava-se na embraiagem para baixo, metia-se a mudança e depois levantava-se o pé da embraiagem

devagarinho. O que era preciso era não esquecer de olhar para a frente enquanto se fazia a manobra. Sempre desejara guiar um carro! E aqui estava a minha oportunidade única de o fazer — e já. Naquele dia, guiei da vacaria para casa sem encontrar a menor dificuldade e não via o momento de, no outro dia às duas da madrugada, me levantar para outra vez servir de chofer ao Manuel. E ficaria de chofer do Manuel duas vezes na ida e duas vezes no regresso a casa, e durou isto por um período de umas duas semanas. Mas um dia tivemos problemas. Como chovera muito e o caminho de entrada para a nossa casa não era pavimentado — e a terra do rancho era extremamente barrenta, tornando-se um lamaçal pegajoso quando encharcada de água — as rodas da *pickup* não obtinham tração, por muito jeito que eu usasse no acelerar, ou por muito acelerar que usasse em pânico que o Manuel não chegasse ao trabalho a tempo de ir buscar e lavar as vacas e aprontá-las para a ordenha quando o Senhor Chico Cardoso chegasse ao *bano*. À medida que eu entrava em pânico, mais as rodas do camião se enterravam na lama e mais eu tentava, a todo o custo, encontrar maneira de mudar o carro para um lugar mais enxuto até obter tração. Chegando à casa de ordenha e não vendo as luzes acesas, o Senhor Chico soube logo que tinha havido problema — pois o Manuel era tão pontual: ou não acordara, ou eu tinha “feito pirraça” com a *pickup*. E veio encontrar-nos num susto insuportável devido ao medo de Manuel perder o emprego e ao estrago que eu, tentando tirar a *pickup* para o caminho, fizera na pequena estrada de terra que conduzia da nossa casa à estrada principal alcatroada. No dia a seguir, o Joe Airoso viu o estrago e descobriu que eu — que nem carta de condução tinha e que nunca aprendera sequer a guiar um carro! — é que o tinha feito, com o

seu caminhãozinho. Repreendeu severamente o Senhor Chico Cardoso e proibiu-me, terminantemente, de voltar a tocar na *pickup*. Que faríamos agora?

O Felisberto, sempre um exemplo de otimismo, não achava insolúvel o nosso problema. Comprariamos um carro, ideia com que eu imediatamente concordei, embora o Manuel ficasse com ela horrorizado. E comprámos um carro por 400 dólares: um Chevrolet de 1959, que eu guiei do lote para casa naquele mesmo dia, seguindo o Felisberto. Comprar um carro em segunda mão na América era como comprar um quilo de açúcar numa venda da Agualva – era pouco mais que entrar e sair do lote! Agora o Felisberto não precisava de nos vir sequer ver todos os dias – e que alívio para o pobre do homem. Era eu quem ia fazer compras a uma vendola a umas milhas da nossa casa – pois os grandes supermercados ficavam na baixa e eu tinha todavia medo de para lá me dirigir com o carro, nem sequer tendo ainda carta de condução de aprendiz ou provisória. Passei a ser o cozinheiro, a “dona” de casa e o chofer oficial do Manuel. Dali a umas semanas consegui carta provisória, embora o “treino” ficasse estritamente à minha conta. Logo que aprendesse a estacionar o carro – sobretudo a estacioná-lo *em paralelo* entre outros dois carros já estacionados, o sinal definitivo que já sabia guiar – obteria a minha carta formal. Entretanto, o Felisberto não se cansava de tentar encontrar-me um emprego.

Chegou um dia de folga para o Felisberto. Como o Manuel não podia ainda tirar um dia de folga, iria eu a Lemoore com o Felisberto agradecer ao Tio José Cota o visto de responsabilidade e pedir-lhe que, pelas alminhas, fizesse outro para o resto da família vir juntar-se a nós. O pai já nos havia enviado uma carta dizendo que tinha muitas

saudades nossas e que o termo de responsabilidade para o nosso irmão José era o único documento que faltava para ele e o nosso irmão se juntarem a nós. Como cidadão americano que era, o pai não precisava de termo de responsabilidade. Quando chegámos a Lemoore, disseram-nos que o Tio José Cota estaria a lavrar terra com um trator. Dirigimo-nos para o sítio onde ele trabalhava no seu rancho imenso, embora metade do qual ele já tivesse vendido ao governo americano para a construção de uma base militar, supostamente por milhões de dólares. O resto do rancho era trabalhado pelos filhos e genros, incluindo um homem da Agualva, da família Ferraz, que casara com uma filha do Tio José havia muitos anos. O Tio José Cota não se aposentaria jamais, embora já estivesse na casa dos oitenta. Deu-nos as boas-vindas de cima do trator, que desligou, mas sem dele descer para nos cumprimentar. Perguntou pelo nosso avô, seu primo, mas antes que eu tivesse ocasião de partilhar com ele notícias da Agualva começou o Tio José a botar um discurso sobre os velhos tempos e como os emigrantes recém-chegados não prestavam para *coidesíssima* nenhuma e só queriam carros e raparigas. Era por isso que nunca chegavam a valer *coidesíssima* nenhuma. Os antigos emigrantes, esses, tinham comprado terras alcalinas que não prestavam para *coidesíssima* nenhuma. Tinham trabalhado aquelas terras e mais os filhos todos; até as mulheres tinham mungido as vacas. As mulheres de hoje não prestavam para *coidesíssima* nenhuma. Mas vejam só — e fazia um gesto com o braço, como se estivesse a deitar uma bênção, ou a colher para si, os ranchos vizinhos — vejam só este rancho.

Importava-se o Tio José de fazer o termo de responsabilidade para o nosso outro irmão? — perguntei-lhe muito a medo. A resposta do Tio José Cota foi pôr o trator em

marcha. Prosseguindo com a lavra, embrulhado numa nuvem de pó avermelhado, ainda o ouvi gritar:

— *Ê devia ãa díveda multe grande a tê avô e já la paguei. Sê fizé o fainiaute que vocês nã ando às dereitas, ê mando vocês pa trás de volta pàs Ilhas*¹.

Isto e o mais que proferiu exprimiu ele numa linguagem difícil de entender, sobretudo devido à entoação e à mescla de inglês com português e algum espanhol colhido dos seus empregados mexicanos que os via eu ali, aos rebanhos, a sachar algodão. Tendo passado já cinquenta anos na Califórnia, o Tio José, como tantos emigrantes da sua geração, havia-se tornado quase alingue devido à míngua do português e também a um excesso de outras línguas mal digeridas. Falando com ele, às vezes só era mesmo possível entender o que ele dizia com base no contexto. Ele teria escrito o termo para José, o agente de viagens Senhor Morrison mais tarde informar-nos-ia, se tivesse sido necessário. Mas até mesmo se o pai lá fosse para lhe agradecer, o Tio José Cota gritar-lhe-ia que jamais voltaria a ser fiança de ninguém para não correr o risco de perder o seu rancho por gente que não prestava para *coidesíssima* nenhuma e que tudo queria da América, menos trabalhar.

Agora que tínhamos carro, levava eu o Manuel ao trabalho, fazia compras de mercearia, limpava a casa e cozinava. O cozinhar criou-nos algumas dificuldades. Que cozinharíamos, já que ninguém nos tinha jamais ensinado a cozinhar fosse o que fosse? Para o pequeno-almoço, adorávamos ovos e fatiazinhas de toucinho à inglesa ou *bacon*.

1. Eu devia uma dívida muito grande ao teu avô e já a paguei. Se souber [de 'to find out' ou 'averiguar'] que vocês não andam às direitas, eu mando-os de volta para as ilhas. [N. do A.]

Usando a madrinha e a mãe como modelos, deitava muita banha na frigideira. Quando punha os ovos na sartã para os frigar, no entanto, o chuveiro de graxa escaldava-me os braços, respingando-me até o rosto. O Manuel ria-se como um danado, olhando para as minhas atividades de chefe. E recusava-se a ajudar-me. Pois não era ele o trabalhador, eu a “dona” de casa? Inventámos um estratagema. Ele seguraria uma folha de papelão em frente de mim, na qual eu tinha cortado dois buracos para os braços e uma “janelinha” para os olhos — e ao quebrar os ovos no laguinho de gordura enquanto me agachava, evitava escaldar o rosto. O almoço geralmente consistia em sandes frias, atum ou sardinhas, de que gostávamos, e outros produtos que experimentávamos e algumas vezes deitávamos fora.

Levou três semanas para o Felisberto me encontrar emprego de lavador numa vacaria que ficava a sete milhas da nossa casa. Como Manuel começava a trabalhar às 2:00 da manhã, e eu às 2:30, o horário batia certo. Eu ganhava 300 dólares por mês. (O emprego do Manuel pagava um pouco mais, mas eu fazia menos horas do que ele.) Porém, ao contrário do trabalho do Manuel, que lhe proporcionava um dia de folga por mês, eu não tinha dias de folga. Como era possível que alguém engendrasse a ideia de um emprego que não comportava um dia de descanso que fosse? Mas era assim entre os nossos patrões açor-americanos da Califórnia! Com frequência, regressava eu do trabalho e, como tinha tempo de sobra, parava em casa, lavava-me, mudava de roupa e então ia buscar o Manuel. Um dia o Manuel avisou-me que o Senhor Chico Cardoso, que tinha uma filha que frequentava a escola secundária ou *high school*, lhe tinha dado a entender que eu aparecia no rancho lavado e bem-vestido com intenções de namorar a filha, o que estava

longe de ser verdade. Era, porém, clara a mensagem: a filha do Senhor Chico Cardoso pertencia a uma daquelas “boas famílias” açorianas. E embora estivéssemos todos na América a ordenhar vacas e enterrados em vaquinha, os padrões açorianos aplicavam-se na mesma. O Manuel, que tanto devia ao Senhor Chico Cardoso, incluindo o seu emprego, não queria arriscar nada — e eu passei a ir buscá-lo sujo como estava do trabalho, esperando até ele acabar o tempo que fosse preciso.

Os Simas, a família para quem eu trabalhava, eram boa gente. O Dave, que geria a vacaria, era um solteirão e vivia na residência principal do rancho com os seus pais já velhinhos, ambos emigrantes oriundos dos Biscoitos, Terceira. Don, o outro filho, também vivia no rancho, era casado e tinha duas meninas na escola primária. Tinha servido na Guerra da Coreia, tinha um raro sentido de humor e uma atitude machisto-militarista acerca de quase tudo na vida. Os dois irmãos tinham nascido na América e só sabiam dos Açores aquilo que os pais, que haviam partido havia quarenta ou cinquenta anos, lhes haviam ensinado. Havia eu alguma vez andado de automóvel antes de vir para a América? Tinha visto um televisor? Ordenhavam vacas com *mechinhas* nas Ilhas? Lavravam as terras com *tractas*? Claro que não! Dava-lhes imenso prazer eu comprovar que aqueles milagres não haviam ainda chegado às Ilhas. Eu exagerava muito a pobreza e o atraso das nossas Ilhas, pois eles retiravam, ao que parecia, um prazer imenso da sua superioridade como americanos em relação à minha pessoa, um mero *greenhorn* ou verdinho, ou caloiro. As minhas responsabilidades incluíam ir buscar as várias levas de vacas ao curral, encaminhá-las para a casa de ordenha e certificarme de que cada uma tinha ocupado o seu espaço certo — o

que asseguraria que ela se sentiria melhor e, assim, forneceria todo o leite que tivesse para dar — dar-lhes ração ou *firá-las* enquanto elas estivessem a ser ordenhadas, e depois de terminada a ordenha — que só o Dave, ciosíssimo das suas vacas, se permitia — encarregar-me da lavagem do barracão de ordenha, que por sinal era ainda bem primitivo e exigia que os sólidos fossem transportados num carrinho de cantoneiro para uma esterqueira que já parecia um Himalaia — e dar de comer aos bezerros numa creche adjacente ao *bano*.

A Senhora Simas, sabendo que eu e o Manuel vivíamos sós, com frequência fazia comida para eu levar para casa. Um dia — havia uns três meses que já trabalhava para eles — ela tinha preparado um molho de peixe numa grande assadeira, que seria uma enorme surpresa para o Manuel que, tal como eu, adorava peixe e que estava a ficar farto de comidas enlatadas. A caminho de casa, porém, a má-sorte desceu sobre mim. Já me considerava um motorista experiente, se bem que tivesse chumbado no meu primeiro exame de condução devido ao estacionamento paralelo, que não tinha ocasião de praticar. Naquela tarde, a umas três milhas já da nossa casa, o meu carro foi atingido do lado do condutor por um carro vindo a alta velocidade numa autoestrada ou *aiuei* que atravessava um dos *caminhos de rancho*, como lhes chamávamos, por onde eu passava vindo do trabalho. Dei por mim de bruços num rego de um campo de algodão acabado de irrigar, sem saber como havia sido catapultado do carro. O meu carro, em parte no caminho e em parte no campo de algodão, era um montão de ferros e lata retorcidos e fumegantes. O outro carro, outro montão de ferros, estava no campo de algodão, mas do outro lado da autoestrada; e o motorista, um senhor já de idade, jazia deitado de costas, de braços abertos como um Cristo, no meio da estrada. Eu

não tinha visto o carro aproximar-se e não me detivera no sinal de STOP o tempo suficiente para me certificar de que a estrada estava livre. A culpa tinha sido minha. Desatei aos gritos, convencido de que o homem estava morto, nem me apercebendo ainda que estava todo escaldado do molho de peixe que havia colocado ao meu lado no assento da frente. O homem eventualmente pôs-se de pé e, numa fúria, começou a abanar os braços e a falar tão rápida e atabalhoadamente que eu não o entendia. Eu só dizia:

– A culpa foi toda minha, a culpa foi toda minha.

A polícia não levou muito tempo a chegar. Eu estava totalmente convencido de que seria preso. Mas talvez — como havia admitido a minha culpabilidade, pois era eu, sem tirar nem pôr, o culpado do acidente — o polícia talvez se compadecesse de mim e não me levasse para a cadeia. E a carta de condução, que lha mostrasse. Não, não tinha carta de condução — por enquanto só a provisória, que entreguei ao polícia. De quem era o carro? Entreguei-lhe os papéis: era meu e do meu irmão, embora o tivéssemos comprado no nome do Felisberto, o nosso primo. Apercebi-me que não iria preso, mas que seria o outro senhor a decidir o que fazer em seguida relativamente ao prejuízo no seu carro. Vendo que eu era um emigrante e como ele, apesar de abalado, escaldado e besuntado de peixe, não estava seriamente ferido, o senhor decidiu que era justo que nós sofrêssemos o prejuízo do nosso carro não assegurado e que lhe pagássemos o prejuízo do seu carro, aliás um calhambeque velho agora inutilizado, do qual ele também não tinha seguro. Feitas as contas mais tarde, o prejuízo total foi de 800 dólares.

Era o meu segundo acidente. O primeiro ocorrera na Terceira, teria eu quinze anos — com uma carroça do padrinho. O padrinho comprara um *char-a-bancs* no fim da

década de 50. Era então um bom negócio. Chegou a ganhar 100\$00 por dia, um bonito salário. As despesas, para além da manutenção do carrão, eram essencialmente comida para as mulas — milho cultivado nos serrados do padrinho (pedacinhos de terra que herdara dos pais e dos sogros e um serrado de sete alqueires que fazia de renda a um panças explorador de Angra que conhecíamos como o Senhor Major) e, como forragem, palha de trigo e sobretudo milhã que eu ia apanhar nos pomares da vizinhança, e também os caules sumarentos e as folhas da roca-da-velha, que na minha Agualva chamávamos *bisoiro*, de que eu ia buscar molhos ao mato ou às margens das ribeiras. Mas, entrada a década de 60, os passageiros que tomavam o *char-a-bancs* da Agualva para a Praia da Vitória começaram a escassear. (O *char-a-bancs* da Agualva para Angra já havia muito que falira.) A viagem, na melhor das hipóteses, levava umas duas horas e meia. Quando o padrinho tinha que parar nas mercearias entre a Agualva e as Lajes para receber as ordens de sal, farinha, óleos, e outros produtos que os merceeiros lhe encomendavam — e cujo transporte e tempo despendido depois lhe pagavam, o que vinha suplementar o ganho que derivava dos fretes dos passageiros — a viagem poderia levar três horas ou mais. E as pessoas começaram a não tolerar mais aquele investimento, agora considerado perda de tempo. E as camionetas faziam viagens várias vezes por dia com o mesmo destino. E o preço da camioneta era mais ou menos o mesmo do *char-a-bancs*. E a camioneta era muito mais confortável. Aliás, para quem não estava habituado a andar de camioneta, era uma festinha ir de camioneta, tornando comparativamente insuportável a chatice de ir de *char-a-bancs*. E as pessoas começaram a abandonar o *char-a-bancs* do padrinho. E a madrinha ficou furiosa. Usando as

suas amizades e prestígio, e algumas insinuações de ameaças a amigos e conhecidos mais próximos, que iam *refastelados na carreira* em vez de no *char-a-bancs*, tentou deter a maré, e depois avalanche, do progresso nos meios de transporte. Mas nem sequer ela foi capaz de o fazer. O progresso, encarnado nas camionetas vermelhas da carreira, rolou por cima dela e do nosso conforto económico. E o padrinho viu-se forçado a vender o *char-a-bancs* — o último desses carros que existiu na Terceira, e quem sabe se em todos os Açores. E comprou uma simples carroça de molas. Vendeu duas das três mulas que puxavam o *char-a-bancs* — a Mimosa, que era branca, a Redonda, que era amarelinha — e ficou com a Bolota, que era pretinha e linda. Estou a vê-la! A carroça destinava-se ao transporte de mercadorias, mas também era capaz, sobretudo quando o tempo o permitia, de levar dois ou três passageiros. Naquele dia íamos três pessoas na carroça: o padrinho, uma senhora de idade como passageira e eu. Atrás iam a passageira e o padrinho. À frente, no assento do condutor, ia eu a conduzir, privilégio que raríssimas vezes o padrinho me consentia. Mas sempre com a advertência que segurasse bem as guias, pois a Bolota tinha a tendência de, quando lhe davam rédea livre, correr mais depressa do que a sua idade e as suas pernas permitiam. Mas eu queria que a Bolota corresse, aliás queria que a Bolota voasse enquanto, no assento de trás, o padrinho distraidamente conversava com a passageira. Às tantas, na sua tentativa de levantar voo, a Bolota deu, humildemente, consigo no chão. Estendeu-se! E por cima da Bolota rolei eu, aterrando mesmo à frente da cabeça da mula. E depois, ao aperceber-me do que se havia passado e do que eu havia causado, tentei levantar-me. Mas não pude, pois naquele momento também me dei conta que a passageira, senhora

pesada e com imensas dificuldades em movimentar-se, tinha rolado do banco traseiro, e depois por cima da pobre Bolota e aterrado em cima de mim. Partido um varal da carroça, a Bolota de joelhos esfarrapados, eu com lacerações no rosto, o padrinho a manquejar de uma perna, faltava saber o que acontecera à passageira. Lembro-me de ouvir o padrinho gritar-me em altos berros enquanto eu gania de pânico pelo que lhe pudesse ter feito a ele e à senhora — que, felizmente, não sofreu nem uma beliscadela. O ter rolado por cima da Bolota, que era fofinha, e por cima de mim, tinha-a protegido a ela. Nem me apercebi logo das minhas próprias lacerações e do sangue que me escorria do rosto. Eu gritava:

— Eu é que tive culpa, padrinho... não segurei bem as guias à Bolota. Eu é que tive a culpa!

Quando gritei ao ver o senhor de braços abertos na autoestrada, não era possível não vir-me à mente o acidente com a carroça. Em ambos os acidentes, eu só queria que todos soubessem que a culpa tinha sido minha. Se eu gritasse a minha culpa talvez me salvasse. Se eu gritasse todas as minhas culpas, inclusive aquelas que não eram minhas, talvez me salvasse... E destas duas vezes salvei-me. O padrinho não me deu porrada! E o polícia não me levou para a cadeia!

Aliás, o polícia ofereceu-se para me levar a casa, quando eu lhe disse que o meu irmão, que estava à minha espera, não tinha condições de me vir buscar. E levou-me ao rancho onde o Manuel trabalhava. Como já era muito mais tarde do que a hora em que eu costumava ir buscá-lo, o Manuel estava à minha espera sentado nos degraus da casa onde morava o Senhor Chico Cardoso. Não seria capaz de descrever a expressão do seu rosto quando me viu sair do carro da polícia todo sujo de lama e lambuzado de molho de

peixe. Manuel não sabia se o polícia o vinha informar que me levava para a cadeia, ou se algo tinha acontecido ao carro. Eu fazia um esforço imenso para não romper a chorar. Tinha acabado de mandar 400 dólares aos meus padrinhos para pagar a minha passagem — onze contos. O dinheiro que Manuel andava a poupar era para ajudar a pagar as passagens do pai e do José. E agora? O polícia foi-se embora, depois de nos dar avisos e conselhos — e que eu não guiasse mais carros sem conseguir a carta primeiro! Fiquei-lhe muito agradecido pela sua amabilidade.

Pobre Felisberto, que uma vez mais estava condenado a levar-me e trazer-me para o trabalho. Como não havia horas suficientes no dia para ele dar boleia ao Manuel também, encarregou-se o Senhor Chico Cardoso de vir buscar e trazer o Manuel. Mas como poderíamos continuar a impormo-nos àquelas duas santas criaturas? As preocupações, as horas excessivas de trabalho, a falta de tempo para dormir e a perda de apetite começaram a produzir efeitos em mim. Talvez por tudo isto, começou-me a cair o cabelo. Entrei em pânico, pois tinha tanto orgulho no meu cabelo, e acabado de cumprir os dezanove anos! Implorei ao Felisberto que me levasse ao médico. A perda do cabelo era com certeza hereditária e não havia nada a fazer — mas havia algo muito mais grave, informou ele. Eu tinha febres dos fenos, *Valley fever*. Era uma doença perigosa. Eu precisava de repouso. Contei ao médico, o Dr. Ermshar, que vivera no Brasil e falava um bocadinho o português, a minha história. Aconselhou-me que, como eu não estava habituado a trabalho físico, o árduo trabalho das vacarias era demasiado exigente para mim e que, sabendo inglês tão bem como eu já sabia, que fosse estudar. Não via qualquer futuro para mim em ordenhar vacas. Mas uma coisa era mais do que

evidente: eu tinha que convalescer da minha doença e, para tal, tinha que me demitir do emprego e descansar ao menos umas semanas. Mas como era possível eu ir para a escola se tinha que me sustentar? E não podia impor-me ao meu irmão e muito menos ao Felisberto.

Decidimos ligar para o primo Antonico, com quem o pai vivera depois da morte dos pais e que tinha uma vacaria em Escalon, cento e cinquenta milhas a norte de Tulare. Dava-me licença de eu ir passar umas semanas com ele até recuperar? O Senhor Chico Cardoso, que não podia continuar a ser o chofer de Manuel, pediria ao Joe Airoso que ele fosse viver no casinhoto atrás dos currais dos bezeros. Manuel aceitou e achou boa ideia. Aliás, teria tido medo de ficar sozinho no casarão imenso onde vivíamos que teria muito facilmente acomodado uma família de dez pessoas e parece que a isso se destinara originalmente. E se alguém o assaltava, estando ele sozinho, sobretudo depois de alguém um dia ter rasgado uma das redes da janela, penetrado na nossa casa na nossa ausência, e roubado muitos dos nossos pertences, incluindo os objetos de ouro e as luvas com que a madrinha me presenteara e eu trouxera comigo para a América? O primo Antonico concordou e eu fiquei-lhe gratíssimo. Manuel mudou-se para o casinhoto. Eu apanharia a camioneta da Greyhound para Escalon. Antes de partir, pedi ao Felisberto que me levasse ao barbeiro. Raparia o cabelo, porque sempre ouvira dizer que rapar o cabelo era um santo remédio, pois o cabelo cresceria com mais força. Oxalá que fosse verdade, que o meu cabelo me crescesse forte como havia sido. Comprei um chapéu à *cowboy* que usaria até o cabelo me crescer. Tive a sensação que ia para a tropa, pois os soldados rasos começavam por rapar o cabelo.

Feita a malinha com os meus haveres, o Felisberto levou-me à estação das camionetas. Ia atravessar o Vale novamente, desta vez na direção inversa à que tomara havia uns quantos meses. Quando cheguei a Modesto, liguei para o primo Antonico, a quem nunca vira (ele estava na América havia uns dez anos). Veio-me buscar com a esposa, que estava grávida da sua quarta criança. Então eu era o filho do Manim (o nome pelo qual o pai sempre fora conhecido), o que havia sido criado pelo Batata Doce? O melhor tratamento para a minha doença, alertou-me, era o trabalho. O que eu precisava muito era de trabalho — e ele certificar-se-ia de que eu tomaria o medicamento que me convinha. Ele ensinar-me-ia a ordenhar (o Dave Simas, tão cioso das suas vacas, nunca me tinha deixado ordenhar uma vaca!), pois o trabalho de lavador não era um trabalho para homens, fez notar o primo Antonico. Porque é que eu tinha rapado o cabelo? Era por causa da doença, menti. O médico tinha-me aconselhado, alarguei a mentira. A filha mais velha do primo Antonico, a Umbelina, estava com dezasseis anos. Ele podia contar comigo para me portar bem, não podia?

Durante as três semanas e meia que estive com o primo Antonico e a sua família, trabalhei mais do que jamais havia trabalhado. Pintei todas as vedações à volta do seu rancho de sessenta acres e pintei o barracão do tanque do leite. Antonico ensinou-me a *correr* ou coordenar cinco *mechinhos* de ordenhar, que aprendi em poucos dias. Ele parou de se levantar às tantas da madrugada, pois levantava-me eu e assumi a responsabilidade de ordenhar todas as suas vacas. Estava a ser treinado para bom trabalhador, pois a minha doença tinha sido o resultado de nunca ter trabalhado antes. Aí estava o Manuel: ele não tinha adoecido porque sempre tinha trabalhado.

Contei-lhes a história da família que vivia em Livermore, a Betty e os pais. Qual era o nome deles? Ia convidá-los para me virem visitar. Implorei-lhes que não o fizessem. A ideia de a Betty me ver careca era mais do que eu podia tolerar. Mas Antonico insistiu. A Betty e a família vieram visitar-me a Escalon e passaram um dia no rancho. Como me dava eu na América? Pedi-lhes que não mandassem dizer aos meus padrinhos que eu adoecera. A Betty e eu quase não trocámos palavra. Parece que ela e a família se divertiram minimamente no rancho e partiram. Só muitos anos depois os veria novamente. O que quer que tivesse alguma vez existido de interesse entre mim e a Betty, agora estava morto. E eu sentia um alívio imenso.

A fome e a certeza de que o Antonico me estava a explorar a olhos vistos, para não falar da sua crueldade (um dia, ele até bateu na esposa grávida na minha frente!) impeliram-me a abandonar a sua casa. Quando a comida era posta na mesa, todos apropriavam-se do seu quinhão. O que não tivesse a ousadia de agarrar o que lhe convinha ficava sem comer. Muitas vezes eu levantei-me da mesa com fome. Claro que ele se opunha à minha partida, mas a minha insistência acabou por persuadi-lo. Regressaria a Tulare e procuraria emprego; e jurei a mim mesmo que jamais na vida entraria em contacto com o primo Antonico. Em geral, sentia-me bem. Talvez o Antonico não deixasse de ter alguma razão: do que eu precisava era de mais trabalho do que o que fizera em Tulare, embora tivesse achado o trabalho no rancho dos Simas, sobretudo o ter de trabalhar durante três meses sem descansar um único dia, mais do que suficiente para manter boa saúde!

Mas antes de eu partir de Escalon, iríamos visitar um senhor que tinha um programa de rádio — uma Hora

Portuguesa — em Turlock. Parecia que todos os portugueses da Califórnia com alguma influência eram locutores de rádio! Ainda não tinha perdido a fé de um dia arranjar um emprego que não fosse na ordenha de vacas. Fui visitar o senhor da rádio. Aconselhou-me a concorrer para um emprego numa fábrica de enlatamento de fruta, uma *canaria* ('cannery'), em Modesto. Entretanto, queria dar-me conselhos: que evitas-se as esparrelas que as mulheres armam aos homens nesta terra da América. Tínhamos que evitar as armadilhas delas, pois como toda a gente sabia, as mulheres é que desencaminham os homens. Aliás, eu tinha ouvido um dos seus programas de rádio e ouvira-o a criticar severamente o Concurso de Miss América — um “mercado de carnes frescas”, chamava ele ao concurso. E a maneira como ele dizia “mercado de carnes frescas” sugeria que ele não era exatamente um vegetariano convicto! E aqui estava ele outra vez a criticar as mulheres por todos os problemas dos homens, avisando-me para eu me proteger das suas investidas. Sorri para comigo, seguro na minha certeza que, dada a minha sorte e história com mulheres, não havia nada a temer delas.

Antonico levou-me à fábrica de conserva de fruta. Nem queriam aceitar o formulário que preenchi solicitando trabalho. Eu nem sequer tinha diploma da *high school*; eles queriam trabalhadores que tivessem. Os meus conhecimentos de inglês, concluí, não eram o suficiente: precisava do diploma. “Toda a gente fala *amaricano* na América”, lembrou o Antonico. E para mais, que mal é que havia em ordenhar vacas? Quem é que eu pensava que era? Todos os emigrantes portugueses que tinham feito fortuna, haviam-na feito nas *leitarias*. Era melhor que eu tirasse toda a merda da cabeça que havia trazido dos Açores, como o Manuel tinha feito, como ele, Antonico, tinha feito.

Vale abaixo abalei eu na camioneta Greyhound, com a última esperança destruída de encontrar um emprego que não fosse a lavar ou ordenhar vacas. Como os nomes daquelas cidadecas e vilórias me eram odiosamente familiares! Que vergonha ter de impor-me novamente ao pobre Felisberto! Mas que remédio tinha? Ele, por seu turno, era o mesmo ser otimista que eu sempre conhecera. Como poderia pagar a este homem o que lhe devíamos? Ele já tinha um emprego em mente, ao que parecia mesmo feito para mim — e era para ordenhar, não para lavar. Fomos visitar o Mr. Joe Leal, que estava agora mesmo à procura de um ordenhador. Tinha experiência como ordenhador? Não tinha muita, a falar a verdade, mas podia ao menos dizer que tinha alguma. Pois o vencimento regular eram quatrocentos dólares. Como eu não tinha muita experiência, começaria então a trezentos e cinquenta. À medida que fosse melhorando, ganharia mais. Os benefícios extra eram os do costume: casa para morar, leite grátis. E dias... teria um dia de folga por mês! As responsabilidades eram ordenhar 125 vacas por minha conta, o que quer dizer que eu é que iria buscar as vacas ao curral, é que as lavaria, e depois é que as ordenharia sem a ajuda de ninguém *correndo cinco mechinhos*. Em seguida, seria eu quem lavaria a casa de ordenha e os utensílios de ordenha — as máquinas, o vasilhame, os grandes recetáculos que, a intervalos na longa extensão de canos que conduziam o leite ao tanque que ficava num edifício contíguo ao *bano*, continham uns filtros de algodão que filtrava o leite antes de o precioso líquido entrar no enorme tanque para ser refrigerado. À tardinha, antes de começar a segunda ordenha do dia, eu tinha que lavar o tanque também, pois a essa hora já o camião-cisterna da cooperativa — a *Cremaria* (de ‘Creamery’), como diziam os

açorianos — teria vindo buscar o leite da tarde anterior e daquela manhã. O total de horas de trabalho seria uma média de seis horas e meia por cada ordenha, ou treze horas por dia, o que não se considerava tempo excessivo naquela altura em que as vacarias do Vale não tinham sindicato. Se houvesse chovido e as vacas estivessem enlameadas, então cada ordenha levaria muito mais tempo. Antes de assinarmos o contrato, o Mr. Leal insistiu num pormenor: eu teria que aparar a erva do quintal bem aparadinha, para não lhe desfear a casa. Para isso ser-me-ia fornecida uma máquina aparadora. O Felisberto, que só vivia a seis milhas da vacaria do Mr. Leal, trar-me-ia mercearia e, no seu dia de folga, viria buscar-me para irmos fazer compras ou para eu ir passar o dia com o Manuel. Começaria a trabalhar dali a dois dias.

Que alívio estar por minha conta, longe do Antonico, a ganhar um salário bom, e não importunando demasiado o Felisberto! Uma consulta médica revelara-me que os resultados dos meus testes tinham-se misturado com os de outro paciente. Eu não tinha, e nunca tivera, *Valley fever*! Mesmo assim, apesar de todas as dificuldades experimentadas em casa do Antonico, a mudança de ares talvez me tivesse feito bem. Agora sentia-me mesmo saudável. O trabalho era duro, mas não levou muito para me habituar. Estava decidido a cuidar bem de mim. Pouparia o máximo que pudesse e quando tivesse umas economias zarpava para os Açores. De uns tempos a esta parte que eu vinha, cada vez mais, a esposar as ideias do Senhor Chico Cardoso: a América não era como a pintavam. Sonhava agora com regressar aos Açores, casar com a Graça, a quem escrevia e de quem recebia carta uma média de duas em duas semanas. Este emprego permitir-me-ia atingir aqueles objetivos. Claro que

era preciso esperar uns anos para evitar o serviço militar. Quando chegasse o tempo, porém, eu estaria preparado.

Nunca havia, que me lembrasse, bebido leite. Só o cheiro do leite me toldava o estômago. Mas agora ironicamente comecei a beber leite. E como o leite na América, ao contrário do leite dos Açores na minha época, era refrigerado, perdia o sabor e cheiro a leite. E comecei a gostar de leite — que beberia durante todos os anos em que ordenhei vacas — e que deixaria de beber quando parei de ordenhar. O Mr. Leal era um bom homem, mas homem de poucas palavras. Raras vezes me dirigia a palavra, exceto quando era absolutamente necessário. Agradecia-lhe mentalmente por ter confiado em mim e permitir-me assumir a responsabilidade de lhe ordenhar as vacas. Ele levantava-se quando eu já estava quase a terminar a ordenha para inspecionar o meu trabalho. Trazia-me uma chávena de café, dava-me um “bom dia” arredio e arredava-se para ir dar luzerna às vacas, *firar as vacas fora*, como diziam os emigrantes açorianos, responsabilidade essa que não me tocava a mim.

Aqueles solitários momentos em casa à noite eram o pior de tudo. Tinha um radiozinho mas não possuía livros — pois sabia que não teria tempo para ler. Televisão não queria, não só para poupar ao máximo, mas porque sabia que ver televisão privar-me-ia de sono. Esses momentos de solidão eram atroz. Na casa de ordenha, porém, o tempo passava rápido. Até cheguei a cantar em voz alta para me distrair, ou inclusive a falar com as vacas. Para passar o tempo, dei-lhes nomes de pessoas que conhecia nos Açores. À pior vaca de todas, chamei Lúcia. As outras vacas, conforme eram boas ou más, tinham nomes consentâneos com a sua disposição e personalidade. Aprendi que as vacas são quase como as pessoas. A algumas era necessário falar-lhes

de mansinho quando se lhes punha o *mechinho*: “Ó bebé! Ó bebezinha!” A outras era necessário aplicar-lhes o *clamp* (um instrumento que parece um torno que, aplicado às costas da vaca, a imobiliza e impede de escoicear), ou a *hobble* ou peia. E se o ordenhador aplica o *clamp* à que está habituada à *hobble*, ou a peia à que está acostumada ao *clamp*, é coice certo — que levei muitas vezes até me acostumar a estes hábitos holsteinianos.

Comecei a ter medo de ir para casa à noite, pois o facto de não ter viv'alma com quem falar começou a afligir-me. Já não via o momento de estar com as vacas — para ter com quem rir e falar. Antecipava, com alvoroço, as raras visitas que o Felisberto me fazia. De duas em duas semanas, ele trazia o Manuel para passarmos uma ou duas horas juntos — que pareciam segundos a esvaír-se. Nem podíamos conversar um bocadinho decente, pois se o fizéssemos pagaríamos com dores de cabeça de sono e o desconforto da exaustão, até que pudéssemos recuperar o sono e o descanso perdidos.

Voltei a comer ovos com toucinho ou fiambre para o pequeno-almoço. O pior era o jantar. A prima Maria, a mulher do Antonico, tinha-me ensinado a assar peixe; a Filomena também me tinha dado lições básicas sobre a preparação de pratos simples. E o Felisberto, sabendo as comidas de que eu gostava e que eram de preparação fácil, comprava-mas. Quando eu queria que ele me trouxesse algo diferente, ia à casa do Mr. Leal e ligava para o Felisberto pedindo-lhe que da próxima vez que viesse cá não se esquecesse de trazer este ou aquele produto. Mas um dia que eu liguei para a Filomena a pedir-lhe que o Felisberto me trouxesse mercearia, ela não me disse que eles tinham tido uma briga e que não se falavam. Cheguei ao meu

último filete de peixe congelado e a umas bolachinhas. Fritei o peixe, pus as bolachinhas na mesa e o copo para o leite. E depois — que cabeça a minha! — lembrei-me de que já não tinha mais leite. Mas a casa do tanque estava ali a duas passadas. Deixei a minha refeição em cima da mesa e fui de corrida buscar um jarro de leite. No dia a seguir tornaria a ligar ao Felisberto e a pedir-lhe que, pelas alminhas, me trouxesse de comer. Quando regresssei do *bano*, um gato do Mr. Leal estava em cima da mesa a delamber-se. Acabava de devorar o meu jantar! Eu não tinha tido o cuidado de fechar bem a porta quando saí. E não tinha mais nada para comer!

Vi lume diante dos olhos. Fechei a porta bem fechada. Agarrei a vassoura. O gato pagaria com língua de lixa pelo seu crime. Persegui-o por todo o casarão deserto, no auge de uma ira frenética que aumentava à medida que o gato, em pânico, se metia debaixo da cama, num desespero tentava encontrar uma saída da casa para fora, voltava à cozinha, trepava à pia de lavar louça, de novo se atirava de encontro à porta. Quando a vassoura o apanhava, ele dava um voo pelos ares, aterrando aqui e além, chiando e dando miaus estranhos como se estivesse sob a posse de mil e um demónios felinos. Senti as lágrimas correrem-me pela cara abaixo na medida em que aquele ladrão daquele gato se tornou para mim as coisas e as pessoas que me tinham feito sofrer, se tornou responsável pela minha solidão, pela perda do meu cabelo, pela minha vinda para a América. Aquele gato era a Filomena que não tinha comunicado o meu pedido de comida ao Felisberto; era o Felisberto que não me tinha trazido a mercearia. Era o Mr. Leal que quase não tinha palavras para mim e que, havia semanas, não se cansava de me avisar que eu cortasse a relva que já dava pelas janelas da

casa. Mas como podia eu cortar a relva se quase não tinha tempo para dormir? O gato tinha aterrado, não sei quantas vezes, na pia da louça. Tive uma ideia diabólica. Aqueceria a gordura de fritar o peixe e, da próxima vez que ele se atirasse à pia, eu fritava-o.

Meu dito, meu feito. O gato miava e chiava insolitamente — e eu achei prudente abrir a porta de uma vez e deixá-lo fugir. Nunca soube o que lhe aconteceu depois porque nunca mais o vi. Rompi num ataque de choro e soluços, deitei-me por cima da cama vestido como estava e só acordei ao som do despertador indicando-me que eram horas de ir mungir as vacas, às 2:00 da madrugada.

Cortei a relva umas quantas vezes, sempre a instâncias cada vez mais lacónicas, mas insistentes do Mr. Leal. “Sou um homem de poucas palavras”, tornou-me ele a lembrar um dia. “E o nosso contrato é que mantenas o *iar* (*'yard*, quintal, jardim) em condições. Se não, tenho que te *deixar ir*”. Então estava descontente com o meu serviço? Não, por acaso não estava. Eu era um bom ordenhador, homem de confiança com as vacas. Mas não estava satisfeito com a maneira como eu mantinha o quintal e o jardim. Fiz um esforço mais concentrado, mas eventualmente o relvado foi a minha desgraça. Um dia, o Mr. Leal trouxe-me o cheque e tornou a dizer-me que era um homem de poucas palavras — como se eu precisasse que ele mo lembrasse; que me tinha avisado muitas vezes; que, sim senhor, eu era um bom ordenhador; não, não tinha queixas com respeito ao meu trabalho com as vacas. Mas que tinha que me “deixar ir”. Protestei. Era um rapaz novo. Tinha uns braços fortes. Não sei se estava a tentar meter medo ao Mr. Leal, que era um homenzinho velhote e frágil. Mas quer estivesse ou não a tentar intimidá-lo, ele nem se deu por achado.

— Se és tão forte, porque não cortaste o relvado como eu te disse?

Rendi-me. Estava despedido. O meu primeiro emprego durara mais ou menos três meses. Este tinha durado quatro. E agora? Com que cara é que eu ia ligar outra vez ao Felisberto para lhe pedir que me arranjasse outro emprego? O Manuel ainda tinha o seu primeiro emprego.

Se há algures tal coisa, o Felisberto tinha que ser um santo. Nem proferiu uma queixa. Tirámos as poucas peças de mobília da casa e levámo-las para a casa dele. Tentei evitar os olhos da Filomena. Como é que jamais lhes pagaria? Desta vez, porém, eu já tinha decidido que *seria eu* a conseguir o meu próximo emprego. E porque não entrar em contacto com os Simas? Dir-lhes-ia toda a verdade. Era um bom trabalhador. A razão porque fora despedido era que, por falta de energia e tempo para dormir, não pudera manter aparada a relva e fazer jardinagem em frente da casa, como insistira o Mr. Leal. Poderiam ligar-lhe e verificar. Então o emprego que fora meu... ainda existia? Dar-me-iam uma segunda oportunidade?

O Dave ficou contente com a minha chamada. Não houvesse dúvida, davam-me o emprego novamente. Afinal, eu partira devido à minha doença. Mas onde moraria? Desta vez, recusava-me a importunar o Felisberto. O Dave já havia tempos que estava a pensar em adquirir uma *trailer* ou rolo-te para o próximo empregado. O salário era o mesmo do costume: trezentos dólares ao mês, mas desta vez com cama. O Dave levar-me-ia ao mercado. Podia eu ir com ele à missa também. Com que então? Muito bem, aceitava. E agradeci-lhes muito. Estava orgulhoso de que, desta feita, havia sido eu a tomar a iniciativa. Começaria a trabalhar logo que os Simas conseguissem a rolete.

Quando já estava instalada a rolote, o que levou uns dias, mudei-me para o rancho. O Senhor Simas, pai do Dave e do Don, tinha falecido enquanto eu estava em Escalon. A Senhora Simas inundava-me de presentes: roupas que haviam pertencido ao marido. O Don brincava comigo:

– Já alguma vez tiveste tantas roupas, verdinho?

Eu aturava as brincadeiras do Don da melhor maneira que podia, pois agora morava no rancho e não havia maneira de lhe escapar. Às vezes fazia-me rir; outras vezes, as suas partidas era insensíveis ou cruéis. Passava pela minha rolote e sacudia-a, depois gritava-me, em frente da esposa, Josephine – a quem eu chamava, no meu inglês ainda tingido de português, *Mrs. Josephine* – que eu estava desavergonhadamente a masturbar-me e a sacudir a rolote e a alarmar a vizinhança. Depois rompia num ataque de riso, sem se aperceber de que me estava a ofender e a humilhar. A toda a hora do dia, enquanto eu fazia um esforço para adormecer, ele sacudia a frágil rolote, gritando:

– Para com as punhetas, seu *greenhorn!* Que raio de punhetar é esse?

Mesmo assim, eu gostava dele, exceto quando exibia a sua inumana crueldade, que ele, com orgulho, ao que parecia, atribuía às suas experiências na Guerra da Coreia.

– Eu sou um tipo louco, sabes?

Pensava eu que ele usava as suas experiências na Coreia como desculpa para fosse o que fosse, até porque fazia relativamente pouco trabalho no rancho em comparação com o Dave.

A sua crueldade chegou ao extremo do assassínio – que infligiu ao pobre do cão de um vizinho que ele professava odiar. Um dia que a sua cadela estava no cio, ele resolveu preparar uma armadilha ao cão do inimigo. Amarrou a

cadelinha dentro de uma curraleira de bezerros, deixando a portinhola semiaberta. E deu resultado: o cão do vizinho correu ao cheiro da cadelinha amarrada no pequeno curral. E eu fui convocado a testemunhar um dos atos mais cruéis que alguma vez me foi permitido presenciar. Empunhando um martelo, o Don literalmente esmagou a cabeça do animal do vizinho. Depois fez-me ajudá-lo a carregar o cadáver do cão para uma *pickup* e ir despejá-lo na estrada, para que o vizinho ficasse a pensar que o cão fora atropelado por um carro.

Com frequência, tornei-me a vítima das suas partidas, algumas delas bem perigosas. Um dia fui mordido por uma aranha venenosa, uma *black widow*, quando usava a retrete — pois a rolote não tinha compartimento sanitário. Esta experiência tornou-se o foco de piadas, quase todas de péssimo gosto e com insinuações que eu era um bocadinho deficiente e por isso a aranha me ferrara, que o sacudiam e dobravam de riso. Uma noite ele achou que seria divertido amarrar cordas à volta da privada, sem que eu, que estava lá dentro, me apercebesse do que se passava. Por muito que eu me esforçasse para encontrar uma saída, não atinava com a porta — e não levou muito para que eu entrasse num autêntico pânico e ficasse desorientado. Lá fora, o Don ria como um perdido, abafadamente para que eu não me apercebesse da presença dele e a comédia durasse mais tempo. Tirava um prazer doentio de fingir que eu estava apaixonado pela esposa e que ele, a todo o custo, teria que defender a sua honra de marido ultrajado. Um dia pegou numa espingarda, fingindo que o meu *affair* com a esposa tinha ultrapassado todos os limites, apontou-ma à cabeça e disparou! Ainda senti nos cabelos o vento produzido pelos bagos de chumbo a passarem-me por cima da cabeça. Ou levantava ele a

camisa, agarrava uma navalha de mola, abria-a de sopetão e colocava-a na posição de quem ia rasgar de lado a lado a própria barriga — isto para dramatizar o facto de ele ser homem capaz de matar qualquer homem que se atrevesse a pôr-se na mulher, e depois rasgaria o próprio ventre para não o meterem na cadeia. Todas estas incríveis exhibições eram colmatadas por gargalhadas alvares, com algo de demente, pois todas aquelas piadas, como era óbvio, tinham como objetivo fazerem-me rir e divertirem-no a ele. E conquanto eu por vezes — pois que remédio! — partilhasse do seu humor, lá no fundo tinha-lhe um pavor dos diabos. E, para evitar quaisquer suspeitas, tratava a *Mrs. Josephine*, que era uma senhora de uma doçura, delicadeza e ternura exemplares, como se ela fosse uma freirinha. E mal lhe dirigia a palavra se o Don não estivesse com ela.

Aos domingos, ia à igreja com o Dave. Se bem que a ida à igreja não tivesse qualquer significância religiosa para mim, era um pretexto para sair do rancho. Depois da missa, parávamos no supermercado para fazer as minhas compras semanais. Era muito do agrado do Dave, do Don e da Senhora Simas verem-me usar a roupa do Senhor Simas. Mas como eu odiava aquelas roupas! Sempre detestei roupas que me ficassem grandes e largas. E as roupas do defunto Senhor Simas, conquanto lhe tivessem ficado muito bem a ele, eram no mínimo dois números acima do meu. Mas usar estas roupas era, juntamente com o servir de fantoche, para as partidas e piadas do Don, um dos preços que eu tinha que pagar para agradar àquelas pessoas que, cada qual à sua maneira, haviam sido e estavam a ser tão bondosas e carinhosas comigo.

Um dia o Senhor Chico Cardoso e o Felisberto fizeram-me uma visita à rolote — por causa do Manuel. Agourei má

coisa, pois eles evitavam entrar de chofre na questão, diziam que o Manuel era ainda um rapaz muito novo e que as coisas iam melhorar quando o pai chegasse (aguardávamos a chegada dele para dali a um mês). Finalmente, o Senhor Chico foi direito ao assunto que os trouxera: havia um problema com o Manuel. Ele, o Senhor Chico Cardoso, já o apanhara várias vezes a conversar consigo mesmo; e às vezes ele punha-se a dar gargalhadas sem mais nem menos. Mas quando o Senhor Chico tinha ficado mesmo preocupado foi quando entrou no seu casinhoto o outro dia e constatou que o Manuel estava, despreocupadamente, a usar o soalho do casinhoto como latrina — quando o Senhor Chico Cardoso sempre lhe oferecera a sua casa de banho. E quando lhe perguntaram porque estava a defecar em cima de jornais estendidos no chão, Manuel havia negado tê-lo feito, apesar de a evidência estar ali à vista de todos. Achava eu que o devíamos levar a um médico, ou devíamos esperar até o pai chegar? O Senhor Chico estava com medo de partilhar a informação com o Joe Airoso, com medo que ele despedisse o Manuel. Mas tão-pouco queria o Senhor Chico a responsabilidade, caso algo terrível estivesse a acontecer ao Manuel. E por isso tinha ligado ao Felisberto; e por isso ambos estavam agora em minha casa. Não achavam que houvesse tragédia, por enquanto. Mas recomendava o Senhor Chico que o Manuel tirasse uns dias de folga (certificar-se-ia que o Joe Airoso concordaria). Talvez o Manuel pudesse ir visitar o nosso primo a Escalon, como eu fizera. Veementemente opus-me a esta solução. Então que fariamos? Santos deuses! Estava o Manuel a ficar louco? O Senhor Chico Cardoso pensava que talvez tivesse algo que ver com tudo o que nos havia acontecido desde o acidente de carro. Foi então que surpreendera o Manuel a falar sozinho e a rir-se

por tudo e por nada. O seu estado agravou-se com a falta de dormir. Como o seu casinhoto ficava ao lado do curral dos bezerros e estes berravam incessantemente pela noite fora, Manuel não conseguia dormir dias a fio. Além de tudo mais, Manuel nunca tinha querido tirar dias de folga desde que começara a trabalhar para o Airoso. Estava decidido, tal como eu, a poupar o mais possível para poder regressar aos Açores. Optámos, no fim, pela ida do Manuel durante uns dias para casa do Felisberto. Dentro em breve o pai estaria aí e então decidir-se-ia o que mais convinha fazer.

Raras vezes havia o Manuel escrito à família. Era eu o encarregado de escrever aos meus padrinhos e aos nossos pais e contar-lhes as nossas andanças. Sempre minimizei os problemas que estávamos a ter, e exagerei a nossa boa sorte. Não lhes tinha escrito acerca do acidente e havia atribuído a minha estada em Escalon à possibilidade de conseguir melhor emprego naquela área. Tinha pedido aos pais da Betty que não alarmassem os meus padrinhos com a notícia de que eu estava doente, mas eles não tinham respeitado a minha vontade. Por quanto não soubesse quanto eles haviam partilhado com a madrinha, ela soubera; e lembrou-me de tomar certos chás que sempre me tinham feito bem. Agradecia-me muito os vinte dólares que eu mandara em agosto para a festa da freguesia e que eu não me sentisse obrigado a mandar mais até ficar completamente restabelecido. E os meus patrões... tinham gostado do presente? A madrinha comprara, com dinheiro que eu lhes havia enviado para aquele fim, uma coroa de prata como aquelas que se usam nos impérios do Espírito Santo, embora um bocadinho mais pequena. Os Simas, a quem eu queria dar uma prenda como gesto de agradecimento por tudo o que eles haviam feito por mim, tinham ficado muito satisfeitos.

As cartas da madrinha sempre continham referências à Graça, incluindo as últimas refutações de coisas que a Graça tinha partilhado comigo e eu com a madrinha, pedindo-lhe muito que esta deixasse a Graça em paz, porque eu lhe queria muito e um dia casaria com ela. Segundo a Graça, desde a minha partida, a madrinha não perdera nenhuma ocasião de a humilhar, de a fazer sentir indigna de mim. A madrinha, por sua vez, escrevera que a Graça só tinha olhos meiguinhos para um rapaz de São Mateus que vinha vender fazendas numa carrinha pelas freguesias. Até nas festas da Agualva, escrevia a madrinha, a Graça e o tal caixeiro-viajante haviam trocado olhares amorosos. E pior ainda, a Graça namoriscara-o da janela da minha avó — pobre avó que inocentemente a tinha convidado para ver as touradas da sua janela! A Graça tinha negado tudo quando lhe escrevi a perguntar. Esperaria por mim, por muito tempo que levasse. Foi um bálsamo para mim a resposta da Graça, em que piamente acreditei. Quanto mais os problemas se intensificavam na América, mais desejava eu regressar à Terceira e à Graça; a Terceira e a Graça tornaram-se, para mim, os sonhos que um dia a América e a Betty haviam sido.

IV O LAR É UMA FAMÍLIA

Havia já oito meses que Manuel e eu estávamos na América quando o pai chegou. Seguindo o nosso conselho, ele tinha vindo de avião para Fresno. Em vez de viajar de São Francisco na camioneta Greyhound, apanhava outro avião que o deixaria a quarenta milhas de Tulare, onde eu, o Manuel e o Felisberto estaríamos à sua espera. O plano original era o pai vir com o José, pois o José estava agora, tal como eu estivera, em perigo de ir para a tropa e urgia tirá-lo dos Açores o quanto antes. Mas sabendo que nós estávamos a ter problemas na América, e suspeitando que as coisas seriam mais graves do que nós lhes permitíamos antever, o pai decidiu vir sozinho. O José e o resto da família segui-lo-iam dali a uns meses. Tendo vendido o seu negócio e realizado um considerável lucro, o pai fora capaz de pôr de parte dinheiro suficiente para pagar as passagens do resto da família — e até tinha trazido mil dólares consigo. Tinham-lhe dito numa agência de viagens na Terceira que o Consulado Americano ficaria satisfeito se o pai depositasse três mil dólares num banco americano e os mantivesse por um mínimo de dois meses. Como o pai era cidadão americano e dois dos seus filhos já tinham emprego na América, o consulado nem lhe exigiria outro termo de responsabilidade.

Trouxemos o pai para casa do Felisberto, mas ele insistiu que passaria a noite ou comigo ou com o Manuel.

Decidimos que a minha rolete oferecia melhores condições do que o casinhoto do Manuel. O Dave tinha-me permitido uma tarde de folga para ir esperar o pai, mas não o turno da manhã. Então eu e o pai, depois de regressarmos da casa do Felisberto, passámos a noite em conversa um com o outro até à hora de eu ir trabalhar. Com autorização do Dave e sem interferir com o desempenho das minhas funções, o pai foi para o trabalho comigo e acompanhava-me para todo o lado.

Era evidente, embora ele tivesse usado de alguma discrição, que o pai ficara chocado com o que viera encontrar: a nossa aparência, os lugares onde vivíamos (e ele ainda não tinha visitado o casinhoto do Manuel!), o número de horas que trabalhávamos, as experiências por que já havíamos passado. Eu não lhe tinha querido poupar nenhum pormenor. Agora que estava cá, achei que era necessário ele saber tudo. Para nos encorajar, e porque ele próprio nem suspeitava o que o esperava na América, o pai, inspirado pelo otimismo do Felisberto, tentou convencer-me, e convencer-se a si mesmo, de que todos os nossos problemas agora eram coisas do passado. Daqui a pouco, estaria cá a mãe. Todos moraríamos juntos. Ganharíamos muito dinheiro, e quando nem eu nem José corrêssemos já nenhum risco com a tropa, ou voltaríamos à Terceira, ou compraríamos a nossa própria *leitaria*. Com quatro homens a trabalhar, não levaria muito tempo até acumularmos dinheiro suficiente de entrada para comprar o nosso rancho. Tinha sido o Felisberto que propusera esta ideia. O Felisberto até se nos juntaria com todo o saber que já havia acumulado. Grandes coisas nos esperavam, veríamos.

A grande preocupação do pai era o Manuel, pois era mais do que evidente que ele não estava bem. Contrariamente aos seus costumes passivos e respeitosos, sobretudo

em frente do pai (nunca tinha, por exemplo, fumado em frente do pai, o que na Terceira era considerado uma falta de respeito da parte de um filho jovem), Manuel agora fumava cigarro após cigarro em frente do pai, estava argumentativo, mandão, quezilento, dava opiniões sobre tudo e todos, ficava aborrecido quando os seus pareceres não eram alvo de pronta anuência. E ria-se a bandeiras despregadas, por coisas que haviam tido alguma graça e por outras que não haviam tido graça nenhuma. Não era necessário ter muita esperteza para se ver que Manuel não regulava bem e estava longe de ser a pessoa que fora.

O pai trouxe-nos notícias da família, da venda do seu negócio, de tudo o que, passível de nos interessar, havia ocorrido depois da nossa partida, que parecia ter sido já há longos anos. E o Jorge, o nosso irmãozinho mais novo? O pai trazia montes de fotos que a Graça, sua madrinha, tirara com uma máquina que eu lhe havia mandado de presente. E a Graça, como estava ela? O pai contou-me a história do que transcorrerá entre ela e a madrinha. Andava um rapaz de São Mateus a tentar namorá-la? — queria eu saber. Cá nada! Eram estratégias da madrinha para acabar com o nosso namoro. O pai ter-se-ia expandido muito mais com respeito à madrinha, mas eu achei prudente mudarmos de assunto, pois as duas famílias estavam de relações cortadas. Muitas coisas não foram ditas, embora muitas mais tivessem ficado claramente subentendidas. Senti-me muito melhor depois da conversa com o pai. No dia seguinte, o Felisberto viria buscar o pai e ele iria passar o dia com o Manuel.

Eu e o Manuel já tínhamos liquidado as nossas dívidas: as nossas passagens, que já havíamos mandado para os Açores havia tempos; os nossos móveis e eletrodomésticos,

que tínhamos comprado apoiados no crédito do Felisberto; os oitocentos dólares de prejuízo dos dois carros devido ao meu acidente. O Manuel já tinha poupado mil e duzentos dólares; eu, oitocentos. Juntando todo o nosso dinheiro, já tínhamos os três mil dólares necessários para abrir uma conta que serviria de *fiança* para a vinda do resto da família. Iríamos a Hanford consultar o Mr. Morrison, a pessoa que tratava desses assuntos para todos os emigrantes da zona, o senhor que persuadira o Tio José Cota a fazer-nos, a mim e ao Manuel, o termo de responsabilidade. Não via com bons olhos o ter de dar o *meu* dinheiro ao pai. Por muito que quisesse — e queria! — ajudar a família, disse ao pai, para que não restassem dúvidas, que o dinheiro era só para usar para aquele fim. Depois de já não ser necessário, exigia que o pai mo devolvesse. Eu não tinha sido criado em casa, os meus padrinhos é que me tinham pago a passagem para a América, e eu não tinha nenhuma obrigação de entregar o meu salário ao pai. Ele concordou comigo.

Agora que na intenção todos éramos sócios, o Felisberto, sempre pronto a ajudar os outros, redobrou de esforços e começou freneticamente à procura de uma vacaria onde o pai se pudesse empregar. O Senhor Chico Cardoso, sempre um pessimista, tinha-nos avisado que os proprietários eram muito avessos a dar empregos a pessoas de idade (o pai já tinha quase 47!), sobretudo gente idosa e sem experiência de trabalho com vacas e com famílias grandes. Como o salário dos empregados de vacaria incluía moradia e energia (eletricidade e gás) e leite grátis, quanto maior fosse a família, mais custaria ao patrão. Além do mais, o pai não era ordenhador. Durante uma temporada ele teria que fazer a sua aprendizagem como lavador; e os lavadores, como eu e o Manuel sabíamos muito bem e o Senhor Chico Cardoso

lembrou a todos, eram tratados como cidadãos de segunda classe até aprenderem a ordenhar. Por tudo isto, concluiu o Senhor Chico Cardoso, não seria nada fácil o pai encontrar emprego. A menos que, isso sim, nós encontrássemos uma vacaria que estivesse precisamente à procura de uma família grande. Nesse caso, eu ou o Manuel, que já tínhamos bastante experiência como ordenhadores, poderíamos assumir essa responsabilidade e o pai a responsabilidade de lavador.

E o Felisberto começou à procura dessa vacaria ideal. E encontrámos uma, mas a experiência que eu e Manuel tínhamos não correspondia a todas as exigências, pois o proprietário também queria alguém que estivesse apto a administrar medicamentos às vacas doentes, soubesse encarregar-se dos ficheiros (datas de nascimento, bezerros produzidos, canadas de leite por vaca, etc.) de cada uma das vacas, e fosse capaz de trabalhar nos campos no cultivo, colheita e enfardamento da luzerna — tudo responsabilidades que nós estávamos por enquanto longe de poder assumir.

Decorreram semanas. O pai, que sempre fora um otimista encarregado dos negócios da família, começou a perder a coragem. Um dia na minha rolote rompeu a chorar. Era a primeira vez que via o pai tão desanimado. Admitiu que, sim senhor, *Um boi em terra alheia nem vaca é!* — máxima esta que repetiria vezes sem conta em todo o tempo que esteve na América. Passadas mais umas semanas, chegaria a mãe com o resto da família. Decidimos suspender a busca desenfreada de emprego até à sua chegada. Entretanto, o pai estava a cozinhar um plano. Iria a Escalon ver o seu primo Antonico, a quem considerava uma espécie de irmão mais novo. De facto, quando o pai vivera com os pais do

Antonico depois da morte dos seus pais, havia ajudado a criar o Antonico.

O dia em que a mãe e o resto da família chegaram, o Manuel conseguiu tirá-lo de folga; e até o Dave, contrariamente aos seus velhos hábitos de quase nunca dar dias *fora* aos empregados, também fez uma exceção no meu caso. Fiquei-lhe muito grato. Como a mãe enjoava, até ao andar de automóvel (sempre que andava de carro, levava consigo rodela de limão para cheirar e prevenir que os cheiros a gasolina a atingissem), mas poderia enjoar mais ainda de avioneta, resolvemos que seria, apesar de tudo, melhor ela apanhar o avião só até São Francisco. Nós iríamos buscá-la lá e depois faríamos o enorme percurso aos segmentos. Até para o pai, a viagem em avioneta de São Francisco para Fresno, não fora boa ideia — depois de um longo percurso de seis horas de Santa Maria para Boston e outro, mais longo ainda, de Boston para São Francisco. O Felisberto levar-nos-ia a todos a Escalon; de Escalon, o Antonico e o Felisberto iriam a São Francisco buscar os novos emigrantes e levariam tantos de nós quantos coubessem nos dois carros. Decidiu-se, por fim, que só eu e o pai iríamos a São Francisco buscar a mãe e os meus irmãos recém-vindos à América. O Manuel esperaria em Escalon.

A reunião de toda a família foi um dia de grande festa para nós, o dia mais feliz que já havíamos passado na América. Mas mal tínhamos tempo de estar juntos. Eu e Manuel tivemos que regressar a Tulare aos nossos trabalhos. A família, decidiu-se, ficaria em casa do Antonico, pois o pai e ele já tinham tido uma conversa por telefone de casa do Felisberto. O acordo a que tinham chegado (como eu viria a descobrir depois) havia sido proposto pelo pai depois de longa conversa: o pai emprestaria ao Antonico os

três mil dólares depositados na conta bancária quando o pai pudesse tirar esse dinheiro do banco; e, com esse dinheiro, o Antonico compraria mais vacas para expandir a sua *leitaria*. O Antonico então poderia dar emprego ao pai, até encontrarmos emprego em Tulare para a família ficar toda junta. Tulare era considerado o melhor dos dois lugares, pois a maioria das vacarias em Tulare eram de Classe A e portanto mais ricas e com maiores possibilidades de emprego; em Escalon eram mais pobres, de Classe B, como a do Antonico. Enquanto não fosse possível ter acesso ao dinheiro depositado no banco, a família permaneceria em casa do Antonico e o pai e José trabalhariam na vacaria e no rancho para cobrir as despesas de cama e mesa para toda a família.

Ligávamos para Escalon de vez em quando para saber como se iam dando. As notícias, como eu antecipara, foram piorando à medida que o tempo passava. Algumas das dificuldades experimentadas, eram-me muito familiares, pois por elas havia passado eu quando estive em casa do Antonico. Uma vez falei com o pai e a sua resposta à minha pergunta foi, simplesmente, “Bem, estamos aqui!” Não precisava de mais para saber que o Antonico lhe tinha partido a alma. Também fui capaz de conseguir algumas informações da mãe — que sempre tivera um grande objetivo na vida: ver a sua família toda junta! Não, nem tudo corria como eles pensaram de início. Uma longa carta da Idalina, minha irmã mais nova e afilhada, revelou-me a verdade em mais pormenor: o Antonico impunha quantidades brutais de trabalho a todos; todos estavam a morrer de fome (*des-sas* experiências era eu também perito); um dia, José, que sempre fora inclinado a tomar as suas próprias iniciativas, tinha fugido da casa do Antonico, jurando nunca mais voltar. O Antonico e o pai tinham-se metido numa *pickup*

para o ir buscar. José já ia a caminho de Modesto, a pé, sem um centavo na algibeira e sem saber para onde ia. O Antonico, conquanto já tivesse conseguido os três mil dólares, continuava a adiar a compra de mais vacas para expandir a vacaria. O pai, que toda a sua vida vendera lenha, e comprara e vendera cavalos, mulas e porcos, não tinha aptidão para ordenhar vacas, odiava vacas, e tinha medo delas. Essa tinha sido a desculpa do Antonico para ir adiando a compra de mais vacas. De uma coisa eu estava absolutamente seguro: o pai tinha emprestado o *meu* dinheiro ao Antonico, uma pessoa a quem eu odiava de morte — sem sequer me consultar! Fiquei furioso e inconsolável. Se ao menos ele me tivesse consultado... Seria este um pomo de discórdia entre mim e o meu pai. Chegaria a haver algum dia maneira de encontrar um emprego em Tulare onde fosse possível a família viver junta em harmonia na mesma casa?

Eu e Manuel lemos a carta ao Felisberto. Pobre Felisberto que, imediatamente, deu início a outra busca frenética de empregos para que toda a família pudesse vir o mais rapidamente possível para Tulare. Felizmente, descobriu uma vacaria em Tipton, uma vilória a sul de Tulare, que procurava um ordenhador e um lavador, preferivelmente uma família, pois um rancho só tinha uma casa para empregados. Dar-nos-iam emprego a um de nós e ao pai? Pois sim, com certeza. A maravilhosa notícia foi telefonada para Escalon. Dentro em breve estaríamos a viver todos juntos. Felisberto e eu iríamos a Escalon buscá-los todos logo que pudessemos. O Manuel demitir-se-ia do emprego na vacaria do Airoso e trabalharia com o pai. Aqui estava uma oportunidade para o Manuel viver em casa e recuperar. Além do mais, já bastava de imposições da parte de Manuel à esposa do Senhor Chico Cardoso, a Senhora Clotilde, que havia,

sem nada nos cobrar, cozinhado e lavado a roupa para o Manuel depois do meu acidente. Comprariamos outro carro; eu conseguiria outra carta provisória; dali a pouco teria a minha carta permanente. E como Tipton não era longe de Tulare, eu iria a casa de vez em quando para levar a mãe ao supermercado e aonde fosse necessário. O carro também me proporcionaria ocasião de sair do rancho para fora e a liberdade que eu desejava, pois a solidão já constituía, para mim, uma opressão insuportável.

Comprou-se mobília, desta vez em nome do pai, pois ele já tinha um emprego. Toda a família, exceto eu, iniciou o seu novo percurso de vida em Tipton. Só que não havia emprego para o José. E quando propusemos ao Senhor Chico que José ficasse com o velho emprego do Manuel, ele achou que seria má ideia. As condições no casinhoto eram péssimas, como todos nós sabíamos; ele, Senhor Chico, temia que o José pudesse adoecer como o Manuel. O próprio Manuel insurgiu-se contra a ideia. Mas apareceu um trabalho de lavador em Kingsburg, a norte de Tulare. A mãe opôs-se terminantemente. Não permitiria que a sua família vivesse outra vez separada uns dos outros! Mas seria uma separação apenas temporária. E precisávamos do dinheiro. Quanto mais depressa ganhássemos dinheiro, mais depressa podíamos voltar para a Terceira ou comprar a nossa própria vacaria. O pai, encorajado pela sua melhor sorte, agora encarava esta ideia muito positivamente. E assim, muito contra a vontade da mãe, José foi trabalhar para Kingsburg, onde teria cama e mesa na casa do seu patrão, um emigrante de São Jorge. (Os proprietários portugueses de vacarias eram, com raras exceções, ou terceirenses ou jorgenses. Os que o não fossem, eram italianos ou holandeses — a quem os portugueses se referiam como *dochas*, de 'Dutch'.)

Como eu invejava o Manuel que agora vivia em casa! Viveríamos algum dia todos juntos como família que éramos? Eu nunca tinha vivido com os meus pais, depois dos onze meses. Com tudo o que já tinha passado, o que mais desejava era o conforto e a alegria de uma experiência familiar. Mas a fortuna parecia, por fim, bafejar-nos: um homem que ordenhava com o Manuel em Tipton ia demitir-se, Felisberto veio dizer-me um dia. Achava o Felisberto que o patrão do pai e do Manuel me daria o emprego de ordenhador? O Felisberto opinava que sim, pois então não trabalhara eu como ordenhador do Leal? Sendo assim, eu demitia-me já do emprego na vacaria dos Simas e juntar-me-ia à família. Nem achei que fosse necessário consultar o pai, pois não tinha a menor dúvida de que ele aprovaria a minha decisão.

Como me enganei! Não que o pai jamais mo dissesse abertamente, mas levou-me apenas uns dias para descobrir que o pai teria preferido que o José é que tivesse vindo para casa, embora a sua falta de experiência como ordenhador com certeza que teria constituído um impedimento a que ele conseguisse o emprego. E talvez o pai tivesse razão. Ao fim e ao cabo, eu já estava encaminhado no meu emprego com os Simas; tinha o carro e podia ir a casa quando quisesse; o José é que, com menos experiência de vida fora de casa e sem carro, deveria ter vindo morar com a família. E eu tomara a decisão de me demitir e presumir que seria aceite em casa sem consultar o pai! Essa era a opinião dele, como vim a verificar. Não que ele se opusesse à minha vinda para casa — estava muito feliz com isso, claro — mas, mesmo assim, achava que teria sido mais justo que José é que tivesse sido o escolhido. E o pai tornou-se ainda mais firme na sua convicção quando, uns dias depois, ao ligarmos para

o patrão do José, soubemos que este estava doente. O pai e o Felisberto abalaram para Kingsburg. Que acontecera? O José tinha o estômago todo inchado. Não conseguia dormir; quase não era capaz de andar; estava convencido de que não poderia continuar a viver naquela casa. Levaram-no a um médico — que concluiu que o José tinha uma forte prisão de ventre de não comer senão ovos e toucinho. Mais tarde, descobriu-se ainda que José não estava a usar a casa de banho com a frequência com que devia. O patrão tinha duas filhas bonitinhas e o José tinha vergonha de usar a casa de banho sempre que tinha necessidade. Adia, adia... até que ficou tão aflito com prisão de ventre que já não conseguia evacuar. Eu e o Manuel achámos que o caso tinha até piada, e rimo-nos. Mas o pai não achou graça nenhuma. E não cessava de insistir, agora abertamente, que o José é que devia ter vindo para casa. E aí estava a prova de que ele tinha razão.

Fiquei extremamente magoado, pois tudo me parecia rejeição da parte do meu pai. Não deixava o pai de ter razão pelo que ao José dizia respeito. Mas havia mais: eu tinha sido despachado de casa uma vez; e agora que tinha a oportunidade de viver em casa, eis que me rejeitavam outra vez. Sempre soubera que o favorito do pai era José, pois ele nunca fizera sequer questão de o disfarçar. E aqui estavam mais provas. A minha relação com o pai tornou-se muito precária. Nunca lhe tinha perdoado o empréstimo ao Antonico do meu dinheiro sem minha autorização, dinheiro que o primo provavelmente nunca lhe devolveria, como eu lembrava ao pai. Tornei-me sobretudo ressentido quando chegou o momento de pagarmos os nossos impostos ao governo, em abril, e descobri que a maior parte do dinheiro que poupara nem era meu — mas do governo! Ficámos chocados!

Deuses, como podia o governo tirar-nos todo este dinheiro? O pai sugeriu que simplesmente não pagássemos. Como é que o governo ia sequer saber que nós estávamos aqui? Para que precisava a América de uns miseráveis patacos que lhe déssemos, um país tão rico? O Senhor Chico Cardoso aconselhava o pai a nem pensar em não pagar os impostos.

— Isto não é a Terceira, Manim. Aqui eles sabem tudo. Botam vocês todos na cadeia.

A mãe concordou logo com o Senhor Chico: que o pai nem pensasse em tal coisa! Era a primeira, mas não seria a última vez que o pai proporia a sua versão de soluções açorianas para problemas americanos!

Depois de mais de um ano na América e de tudo o que eu havia sofrido, regressara financeiramente ao ponto de partida. Nada valera de nada! A ideia de me juntar à família para comprarmos uma vacaria cada vez pesava menos na minha mente. O meu objetivo principal era poupar o máximo que pudesse e regressar aos Açores e casar com a Graça. Começaram a preocupar-me muito as dores nas costas — de rins, como se dizia nos Açores — que se haviam agravado cada vez mais, agora que eu só ordenhava e não lavava. Como lavador, o trabalhador raras vezes precisava de se abaixar. Como ordenhador, porém, baixava-se e levantava-se literalmente centenas, senão mesmo milhares de vezes! E ou dobrava as pernas para pôr-me de cócoras ao lado da vaca em que punha o *mechinho*, expondo-me assim a um coice dessa vaca, inclusive no rosto, ou, ainda mais, da vaca que estava *cangada* atrás dela; ou então, para usar de maior segurança, podia simplesmente dobrar as costas — e assim manter-se em posição superior de defesa caso um coice surgisse pela frente ou por trás. Mas, apenas dobrando as costas, a tensão era imensa. E eu comecei,

quando ordenhava para o Mr. Leal, a sentir imensas dores nas costas que por vezes irradiavam para a perna. Mas depois, quando voltei a trabalhar para os Simas, reassumi o meu trabalho de lavador e as dores tinham quase desaparecido. Agora que voltava a ordenhar, comecei a sentir as dores de novo.

O pai, ao contrário do que exprimira antes, agora via a minha resolução de independência económica como um ato de rebeldia e egoísmo. Quando me mudei para casa, ele propôs logo que todos nós trabalhássemos para o mesmo *monte*, pois mais cedo ou mais tarde compraríamos a nossa vacaria, e quanto mais depressa o fizéssemos, melhor seria para todos. Eu não aderi aos seus planos. A minha defesa era sempre a mesma: eu não fora criado em casa; o pai não tinha direito ao meu dinheiro. Eu pagaria as minhas próprias despesas: a comida, inclusive o sabão e o trabalho de a mãe me lavar a roupa, mas o meu salário era meu. Pelos padrões do pai, eu estava a faltar-lhe ao respeito, atacando diretamente a sua autoridade paterna. A mãe, como sempre, tentava ser conciliatória. O dinheiro é que tinha sido sempre o problema na sua família; estava farta de ouvir falar em dinheiros!

A minha relação com o Manuel e com a minha irmã mais velha, Elisa, também começou a deteriorar-se, um reflexo, como era óbvio, dos meus problemas com o pai. A minha relação com o pai tornara-se tão precária que durante dias não nos falávamos. Para ventilar as minhas frustrações e mágoas e arreliar o pai, tornei-me cruel com as vacas — fazendo a família inteira correr o risco de sermos postos na rua. E o Manuel, que sempre fora passivo e mansinho comigo quando havíamos vivido sós, agora, apoiando-se no pai para proteção, reiniciou o seu velho hábito de me chamar

“maricas”, sabendo que nada que me pudessem dizer me ofenderia tanto. Sendo muito mais forte do que o Manuel, muitas vezes o ameacei fisicamente. Elisa também se juntava a ele e insultava-me empregando os mesmos termos ofensivos. Formaram-se duas fações na nossa casa: o pai, Manuel e Elisa, por um lado; e, pelo outro, eu, a mãe, que queria paz e sossego acima de tudo mais na sua casa, e a minha irmã mais nova e minha afillhada, Idalina. Um dia Elisa atreveu-se a chamar-me “maricas”. Com lágrimas de raiva nos olhos, jurei que se ela o fizesse outra vez, eu a esbofetearia com quanta força tivesse. O pai desafiou-me a que o fizesse na sua frente. A Elisa repetiu o insulto. Eu dei-lhe uma bofetada tão grande que o sangue lhe respingou do nariz. Foi um pandemónio na nossa casa: o pai jurava que me matava, um animal que se atrevia a bater na irmã mais nova em frente dos seus próprios pais! A mãe pôs os braços à volta dele para prevenir que ele se atirasse a mim. Eu desafiei-o. Eu também era um homem – e muito mais forte do que ele! O Manuel mandou-me para o olho da rua. Ele e o pai é que tinham conseguido aquele emprego primeiro. A casa era deles! Eu era um animal, uma besta, um maricas! A Elisa não parava de chorar, chocada com a tragédia que havia desencadeado. Baixinho, a mãe e a Idalina soluçavam, inconsolavelmente. Eu saí para a rua, decidido a ir passar a noite na *estaca* (‘haystack’), a meda de fardos de luzerna da vacaria. Não voltaria àquela casa infernal, onde ninguém me tratava com respeito, onde ninguém tolerava a minha presença, onde ninguém me queria! O que todos queriam era o meu dinheiro, que o pai me tinha roubado! Não, não roubara! Havia de mo devolver logo que pudesse. E por ter faltado ao respeito ao meu pai, Deus havia de me castigar – e, eu que esperasse e visse, nunca desfrutaria

daquele dinheiro, porque era dinheiro amaldiçoado, dinheiro maldito!

Continuei a vingar-me de tudo e todos nas vacas. Onde iria tudo isto parar? O que é que se passava comigo? Prestava ainda para alguma coisa? Para quê? Porque é que esta tragédia tinha caído sobre a nossa família? Uma situação muito pior do que tudo o que nos acontecera antes dos meus pais chegarem! Estaria eu também a ficar louco? De uma coisa estava absolutamente seguro: nunca tinha sido tão infeliz e não pensava que fosse possível sê-lo.

Era ainda o chofer da família. Embora não tivesse passado o exame de condução pela segunda vez, à terceira tive mais sorte e passei. O pai, ao que parecia, tirava um grande prazer dos meus fracassos, como o de chumbar no exame de condução pela segunda vez. Talvez fosse a sua maneira de me castigar. Eu, que se supunha que fosse tão inteligente e nem um exame de condução conseguia passar! Durante anos e anos nunca deixou de me lembrar daquele fracasso, sobretudo quando o Manuel e o José, chegada a sua vez de fazerem os exames de condução, passaram logo à primeira vez.

Comecei desesperadamente à procura de um emprego só para mim. Ao terminar a ordenha da manhã, pegava no carro e percorria todas as vacarias a muitas milhas à volta, numa desesperada peregrinação para encontrar emprego e provar-lhes que não precisava deles. Não só queria sair de casa, mas a verdade é que estava com medo que o meu repreensível descuido no trabalho pusesse toda a família em risco de ser despedida, o que teria constituído uma tragédia. O receio dessa possibilidade nem me permitia conciliar o sono.

Por fim, consegui um emprego com um vencimento superior ao que tinha agora: quatrocentos e vinte e cinco

dólares, mais casa com eletricidade e gás, o habitual leite grátis e, desta vez, carne também grátis. O que quer dizer que o patrão mandaria, de vez em quando, abater um gueixo e distribuir a carne pelos empregados. Até podíamos cultivar os nossos legumes num lote de terreno que o Mr. Lerda nos deixaria usar. Que beleza de emprego! Mas estava destinado a dois ordenhadores com muita experiência. Sugeri o José. Não era aceitável, pois a experiência dele era como lavador, não ordenhador. E o Manuel — não estaria ele interessado? Eu que pensasse no caso e lhe dissesse, ele esperaria uns dias. O Mr. Lerda era italiano, e eu sempre ouvira a outros ordenhadores que os italianos eram os melhores patrões; eram muito mais generosos do que os portugueses e tratavam os seus empregados muito melhor. Os portugueses, como era do conhecimento geral, eram os piores de todos. Regra geralmente aplicável: nunca trabalhes para os da tua laia! Eles exploram-te sempre. As histórias do Senhor Chico Cardoso, e até certo ponto as minhas próprias experiências, pareciam confirmar esta opinião geral. Mas como ia eu persuadir o Manuel a abandonar o emprego que tinha agora, sendo a minha relação com ele e com a família o que era neste momento? E onde trabalharia o pai, presumindo que ele permitisse que Manuel aceitasse uma mudança de emprego? E o que seria de mim, já que o meu propósito ao procurar novo emprego fora sair de casa e não voltar mais? O Mr. Lerda ficara com o meu número de telefone. Pediu referências. Dei-lhe o número do Dave e, relutantemente, o do Mr. Leal e o do meu patrão atual, que também era português e cuja filha era casada com um *criaturinha* soberbinho, filho-bem de um ricaçozinho da Praia da Vitória, que fora estudar para a América, mas só conseguira a formação de casar com a filha de um medíocre proprietário de vacaria.

Mas era um tal de semear vaidades ante os *greenhorns* da sua terra... replantando na América as urtigas podres das hierarquias nojentas da nossa infeliz terrinha! O capataz do Mr. Leal, Anselm, que era um luso-americano que não tinha herdado vacas dos pais e falava um português caricato, entraria em contacto connosco caso fosse preciso.

Um dia levantei-me para ir ordenhar e o pai, que já havia tempos não trocava fala comigo, queria uma palavrinha. O Manuel, a mãe, a Elisa e a Idalina foram todos chamados. O capataz do Mr. Lerda tinha ligado acerca do emprego. E até tinha dito ao pai que a vacaria ao lado da sua estava à procura de um lavador. O Manuel e eu podíamos trabalhar para o Mr. Lerda, um emprego obviamente superior ao que tínhamos agora, e o pai podia trabalhar na *leitaria* ao lado. Mais tarde, poderia inclusive haver uma possibilidade para o José. O pai e o Manuel achavam que o emprego era uma excelente oportunidade — mas o resto era comigo. Tínhamos que fazer um esforço para nos darmos bem. A mãe, que começou a chorar, pediu-me que fizesse as pazes com o pai. Então não via o que a América estava a fazer à nossa família? Protestei: a culpa não era só minha. Mas prometi que ia tentar. Todos tínhamos a nossa responsabilidade a cumprir para restaurar a paz na família. Mas o Manuel e a Elisa tinham que desistir de me chamar nomes humilhantes. Quanto antes, teríamos que dar notícia ao nosso atual patrão, como constava no nosso contrato, que tínhamos aceitado outra colocação — e começaríamos a fazer os preparativos para a iminente mudança para Tulare, dez milhas a norte.

Acontece que o emprego na vacaria do Mr. Joseph Lerda proporcionou-nos o momento mais harmonioso, mais tranquilo e melhor de que jamais havíamos desfrutado como

família. E duraria quase dois anos. Entretanto, o pai ligou para Escalon, prometeu lá ir e encher o Antonico de porra-da se ele não lhe pagasse o que devia. O Antonico ia, como informou o pai, vender a vacaria. Queria voltar aos Açores. Então devolveria ao pai o que lhe devia. E desta vez cumpriu: devolveu ao pai o que lhe devia e o pai restituiu-me a mim os oitocentos dólares que eu lhe emprestara.

Mas algo viera interferir com a paz de que começávamos a desfrutar como família desde que viéramos trabalhar para o Mr. Lerda. (Entretanto, o José, ele também, mudara-se para mais perto: morava agora na minha velha rolote e trabalhava para os Simas no meu velho emprego!) Um dia recebi uma embalagem da Graça, a quem sempre escrevera e com quem estava em excelentes termos e de quem, apesar de todos os problemas que tivera com a madrinha, sempre tinha recebido cartas. A Graça devolveu-me todas as cartas que eu lhe tinha escrito desde que viera para a América! Como toda a gente sabia, as pessoas que emigram raras vezes voltavam à sua terra, e como ela tinha medo, se persistisse em esperar por mim, de acabar por ficar uma solteirona, tinha resolvido aceitar a proposta de casamento de um bom rapaz que era caixeiro-viajante e com quem ela achava que seria feliz. A Graça estava a romper comigo! A mãe, que estava ao meu lado quando eu abri o pacote de cartas, consolou-me o melhor que pôde: chorou comigo e censurou a madrinha, que Deus lhe perdoasse, pelo que acontecera. Eu, pelo contrário, não achava que as culpas fossem da madrinha. Aliás, a madrinha tinha feito várias tentativas para me avisar. Eu é que tinha sido estúpido em não seguir os seus conselhos. Que podia eu agora fazer à Graça, àquela... Como a faria pagar por haver destruído os meus sonhos como quem destrói um castelo de areia, por

me tornar um viúvo antes mesmo de eu me casar? O que é que a mãe achava que eu lhe devia fazer? A mãe aconselhava que eu não fizesse coisa nenhuma de que me viesse a arrepender. A Graça tinha sido sempre muito amável conosco; era a madrinha do nosso Jorge; a família dela tinha feito tanto pela nossa família quando o menino nasceu. O tempo sararia a minha dor, prometia a mãe.

Mas eu precisava de vingança. Não, ela não sairia ileso de fazer uma coisa destas! Decidi que escreveria ao padre da freguesia e contar-lhe-ia tudo o que se tinha passado entre nós: que nos tínhamos encontrado na ribeira durante quase um ano, que eu lhe tinha feito tudo o que um homem faz a uma mulher, menos engravidá-la, que ela era uma... que eu um dia voltaria à Aqualva e expô-la-ia, arruinaria a sua reputação. Até aquele caixeiro de merda a abandonaria — eis o que ela merecia por me ter destruído a felicidade, todos os meus sonhos, depois de tudo o que eu tinha sofrido. E escrevi ao padre, sem dizer a ninguém na família que o tinha feito!

O padre respondeu logo à minha carta. Havia falado com a Graça. Não, não havia a possibilidade de uma reconciliação (que era o que eu, no fundo, esperava que ainda fosse possível). A decisão dela era final. Tinha chorado em frente do padre, tinha-lhe contado tudo por que a madrinha a tinha feito passar por mim; como, durante tanto tempo, tinha rejeitado o namoro do Joaquim; mas como agora tinha decidido que casaria com ele. O padre, delicada mas firmemente, repreendeu-me pelo que eu tinha escrito; proibiu-me, como meu pastor, de fazer coisa alguma que pudesse vir a magoar a Graça, que era uma excelente rapariga; que ela tinha todo o direito de decidir com quem casaria. O nosso casamento não tinha de ser, eis a verdade! A emigração

— e ele tinha visto essas coisas tantas, tantas vezes! — trazia desgraças à vida das pessoas e às suas relações. E, dissesse eu a verdade, pensava a sério um dia regressar à Terceira e casar com a Graça? Ou era tão-só o meu orgulho magoado, o meu ego ferido? Ele compreendia e perdoava a minha reação, mas doravante eu devia comportar-me como um adulto que era e não como um menino mimalho. Ele falaria com a madrinha; inculcar-lhe-ia a necessidade de ela me escrever e me dizer que procedesse de acordo com a maneira como ela me tinha criado. Contava comigo para eu seguir os seus conselhos.

A minha dor, com o tempo, começou a esbater, como sofri pelo ato vil que havia cometido! Jamais teria a coragem de mostrar a cara na minha freguesia. O Felisberto, com quem eu partilhava todos os meus segredos, propôs que fôssemos à Disneylândia. Nunca tinha ido a lado nenhum durante os mais de dois anos que já estava na América, exceto a Escalton e uma vez a São Francisco buscar a mãe. Aceitei a oferta. A Elisa e a Idalina foram comigo. O Felisberto levou a família dele. A minha disposição melhorou, de facto, com a nossa visita à Disneylândia. Mais tarde decidiria o que fazer com a minha vida, agora que a ideia de regressar à Terceira se tinha desfeito.

O Senhor Chico Cardoso tinha razão: na América sabiam tudo a teu respeito! Um dia recebi uma carta do Selective Service, o equivalente americano da tropa, para que eu me fosse inscrever para possível serviço nas Forças Armadas Americanas. Entrámos todos em pânico. Claro que ouvimos falar da guerra no Vietname; até sabíamos de uma família, açoriana como nós, cujo filho já estava no Sudeste da Ásia. Bom Deus, conjeturou a mãe, então os seus filhos saíram da Terceira em parte para evitar a guerra em Angola

para agora serem enviados para uma guerra, talvez ainda pior? Iríamos consultar o Mr. Morrison que, com certeza, arranjará maneira de me livrar desta! O pai tinha confiança que encontraríamos, se chegasse a ser necessário, alguém a quem pagar. Tinha que haver gente com cunhas na América.

O Senhor Morrison informou-nos que não havia opção. E, não, não podíamos subornar ninguém para nos ajudar nesta situação.

– Isto aqui é a América, Senhor Fagundes. E na América as coisas não se fazem como nas Ilhas.

Não me restava outra alternativa senão ir ao Selective Service. O Anselm Cotta, o nosso capataz, e o Felisberto acompanharam-me. Dali a umas semanas iria à inspeção física, em Fresno. Quanto a não ser cidadão americano, esse pormenor não me tornava isento de prestar serviço militar, o funcionário do Selective Service informou. Eu estava na América legalmente, não estava? Tinha o meu cartão verde, não tinha?

Toda a família estava segura de que eu eventualmente seria enviado para o Vietname. Este tornou-se o assunto nevrálgico na família, um assunto que nos uniu a todos, devo dizer. Todos, desde o José que não vivia em casa, ao Manuel e às minhas irmãs que me olhavam como se eu fosse um homem marcado, um condenado. O pai e a mãe viviam numa preocupação constante. Várias vezes surpreendi-os a chorar. Eu também estava apreensivo, mas para dizer a verdade, não tanto como teria ficado até umas semanas atrás, antes de a Graça romper comigo. Agora até via o serviço militar como um escape a todas as incertezas que enformavam o meu futuro. Que futuro teria eu se continuasse a ordenhar vacas? O Anselm

havia partilhado comigo as vantagens do GI Bill, as pensões militares, a possibilidade de aprender um ofício, as viagens. E nem todos os militares iam para o Vietname. Havia outros sítios, outras bases americanas por todo o mundo. De repente, ocorreu-me uma ideia: poderia eu ir para a Terceira, para a Base das Lajes? Poderia eu ser um dos americanos da Base? Jogar no campo de golfe como os americanos? Ser um americano na minha própria freguesia? Que diria então a Graça se eu um dia regressasse como americano, não um daqueles *amaricanos* de arremedo com calças largas como saias e dizendo “xôa” por *sure* e “tanque iu” por *thank you*, mas sim um Americano de verdade a falar um inglês perfeito, de uniforme militar, que até podia ser um oficial? Santos deuses, seria possível? Seria possível tudo isto constituir um mal que vem por bem, uma bênção disfarçada? Não seria esta a única opção para, de uma vez por todas, fugir das malditas vacas que eu odiava com todas as fibras do meu ser? Enquanto devaneava acerca de todas estas possibilidades, até o José chegou a invejar a minha sorte. Seria ele chamado também? Com certeza, dizia-lhe o Anselm. Um dia chegaria a sua vez também. Mas nunca chegou.

Por seu turno, o pai e a mãe não encaravam as coisas com o meu otimismo. Embora nunca houvessem sido pessoas religiosas, ambos se viraram para o Espírito Santo, implorando-Lhe a minha salvação. Prometeram que se o Divino Espírito Santo interviesse em meu auxílio e me livrasse do serviço militar, todos nós um dia daríamos uma função na Agualva com centenas de esmolas distribuídas aos pobres, como era costume. E contrariamente aos seus hábitos, a mãe começou a rezar pela minha libertação. Santo Deus, que mais tinha a América para fazer aos seus

filhos? A culpa era toda do pai, concluiu ela. Ele é que tinha querido vir para a América!

– Podíamos ter ficado na Agualva e nada disto tinha acontecido.

– Cala-te, tola! Então antes querias que eles fossem para Angola?

– Sim, tinham ao menos morrido com gente que fala a nossa língua, gente como a gente, em vez de morrer naqueles lugares que, Deus me perdoe, nem sei dizer o nome deles. E morrer para quê? Pelo que a América tem feito por a gente? Mas o quê, diz-me lá, o que é que a América tem dado à gente? Oxalá que os teus pais ardam nas profundas do inferno por te terem parido nesta terra! Que ardas tu no meio do inferno pelo que estás a fazer aos meus filhos!

– Então eles não são meus filhos também? – protestou o pai, sentindo-se perdido, impotente.

O pai tornou-se irritável, macambúzio. Quase não se lhe ouvia palavra, ele que era tão falazão. Nem queria que se ligasse a televisão. Todos nós, que gostávamos de ver os programas televisivos *The Virginian*, *Bonanza*, *Death Valley*, protestámos, mas não queríamos contrariar e perturbar o pai e a mãe na sua dor. Eu, em particular, não queria interferir. Pois não era tudo por minha causa? Senti-me tão chegado aos meus pais. A mãe, que gostava tanto de ver *I Love Lucy* – “o *Shô da Luci*”, chamava-lhe ela – às vezes consentia em que eu ligasse o televisor pela manhã enquanto o pai ainda dormia. Eu traduzia-lhe os diálogos e explicava-lhe o enredo dos vários episódios. Eu assinava o jornal *The Fresno Bee* para praticar o inglês, pois mais do que nunca podia o inglês ser-me útil agora. Já pensava em que ofício escolheria quando estivesse no serviço militar. Quanto mais pensava na tropa, mais me convencia, mais

queria convencer-me, de que tinha um grande futuro pela frente.

Idalina e Elisa já havia tempos que frequentavam a *high school*. A Elisa adorava a escola e aprendia o inglês com uma rapidez impressionante. Às vezes, para grande divertimento do pai e do Manuel, ela embarçava-me com expressões e termos que eu, que supostamente sabia o inglês tão bem, nunca tinha ouvido. O Manuel desafiava-nos:

– Como se diz isso, Elisa?

Ela obedecia.

– E como é que tu dizes a mesma coisa, doutor? – perguntava-me ele a mim.

Às vezes ganhava eu a partida; muitas vezes, ganhava a Elisa. A Idalina, que era mais vagarosa a aprender, gostava muito menos da escola.

De início, elas tiveram problemas. Começou com os nomes delas. Os seus nomes completos, que usavam nos documentos escolares, eram Maria Cota Fagundes e Idalina Cota Fagundes. Mas Elisa – cujo nome era Elizabeth, nome que lhe foi posto em honra da Betty, sobrinha da madrinha, mas que o padre não registou por não se tratar de um nome católico – queria que a tratassem pelo seu nome habitual, Elisa. O pior era o apelido: Fagundes. Algumas crianças pronunciavam o nome *Ferguson*. Não sabemos exatamente como ou porquê, as duas passaram a ser *Maria Fagundes*. Mas a mãe – Maria Amélia Cota – também se tornou apenas *Maria*. E assim, quando chegava correspondência para *Maria Fagundes* – e na América não há ninguém que não receba carradas de *correspondência lixo*, que mais não seja – nunca se sabia se era para a Elisa (aliás, *Maria*) ou para a Idalina (aliás, *Maria*) ou para a Maria Amélia (aliás, simplesmente *Maria*). Por fim, entre

as suas amigas, as minhas irmãs passaram a ser conhecidas apenas como Lisa e Ida. Foi uma solução ideal, pois as questões identitárias, começando com os nomes, não tinham ainda adquirido a transcendência que possuiriam na América décadas mais tarde.

Não levou muito para a Elisa arranjar um namorado na escola, que lhe ligava para casa de vez em quando. Quando o pai soube, ficou muito zangado. Um dia, falou comigo acerca da possibilidade de tirar as raparigas da escola; não ia permitir que lhes acontecesse alguma. Como toda a gente sabe, na América as raparigas metem-se em encrencas com os rapazes. Não ia ele deixar que chegasse a esse ponto com as nossas pequenas. A Elisa levou uma pequena descompostura, mas retorquiu que estava a aprender muito na escola e que não ia ficar para freira. O que ela fazia era falar com o rapaz — que mal havia que ele ligasse de vez em quando? Ele até a ajudava com o trabalho da escola. Idalina, pelo contrário, aproveitava todas as oportunidades para não ir para a escola. Preferia ficar em casa com a mãe a ir para a escola. Elisa, essa, nunca faltava à escola. Eis a prova, concluía o pai, que ele estava a perder o controlo sobre a sua filha mais velha. Quando é que lhe seria permitido tirá-las da escola? Aos dezasseis, disseram-lhe. Bem, a Elisa já tinha dezasseis. E a Idalina, com quinze, fazia dezasseis no ano seguinte. No ano seguinte, ele tirava-as da escola.

Tentámos convencer o pai que as deixasse terminar a escola secundária. A filha do Senhor Chico Cardoso já concluíra a *high school*; agora que ela e os pais iam regressar à Terceira, poderia conseguir um bom emprego na Base das Lajes, se quisesse. Ou poderia abrir uma escola e dar explicações de inglês na Terceira. Se nós ficássemos na América,

as nossas raparigas, com um diploma da *high school*, poderiam conseguir um emprego razoável como funcionárias de um banco ou empregadas numa loja. Eu, por exemplo, sabia inglês bastante bem, mas não tinha diploma e não podia conseguir nenhum tipo de emprego senão na ordenha de vacas, então o pai não sabia? Que poderiam as pequenas fazer se ficassem na América e não tivessem terminado a *high school*? As raparigas não podiam ordenhar vacas.

O pai, cujo controlo paterno sobre os filhos, tinha diminuído consideravelmente, queria a todo o custo reter o seu controlo sobre as duas filhas. E a mãe concordou com ele neste caso:

– Voltamos à Terceira, Manim. Não temos outra coisa a fazer.

Regressar aos Açores por causa das raparigas tornou-se um assunto que a família debateu por longo tempo. Mas tudo ficava mais ou menos adiado com base no que me acontecesse a mim e ao José com a tropa americana. Eu ainda não havia ido às sortes. Quando chegasse o dia, o Felisberto iria comigo.

Entretanto, o Felisberto e a Filomena continuavam a ter sérios problemas. Já praticamente nem se falava em comprarmos uma vacaria juntos. O Felisberto, que há tantos anos estava na América e nada tinha que indicasse qualquer progresso, tinha comprado, instado pela Filomena, uma casa nova no centro de Tulare. Ainda tinha o seu velho emprego, mas já não desfrutava dos benefícios de casa e eletricidade e gás grátis. As suas despesas aumentaram astronomicamente. O Felisberto começou a ter mais e mais dificuldades em cumprir com as suas responsabilidades financeiras para com a casa e a família. Um dia veio informar-nos de que ia abandonar a casa nova e aceitar

um novo emprego, com umas soldadas muito mais altas, para poupar dinheiro e um dia comprar a sua *leitaria*, pois esse fora sempre o grande sonho do Felisberto. Vivía agora numa casa muito velha de um rancho no sul de Tulare e ordenhava, por si só, quase duzentas vacas, mas ganhava quinhentos dólares por mês.

A Filomena sempre tivera razão: nos seus dias de folga, o Felisberto ia para os bares à procura de mulheres. Muitas vezes me convidara para ir com ele. Porra, então o que é que se passava comigo? Não gostava de raparigas? Não sabia que era a coisa mais fácil do mundo pegar uma mulher? Ele, que nem sabia inglês, pegava uma num instante. Eu, que falava bem o inglês e era mais novo e *porfueito* do que ele, podia-me faltar de mulheres. Ninguém precisava de saber da nossa vida. Eu tinha resistido por muito tempo não só pelo respeito que lhe devia e o amor de irmão que lhe tinha, mas também por respeito à Filomena que, depois das nossas dificuldades do começo, me tinha tratado a mim e ao Manuel como se todos fôssemos, de facto, irmãos. Mas iria pelo menos uma vez; não daria ao Felisberto causa para ficar ofendido comigo.

O Felisberto conhecia todos os botequins em Tulare. Eu, por mim, nunca tinha entrado num bar na América. Havia bares onde um homem podia tomar uma bebida, oferecer uma bebida a uma mulher, entrar em conversa com ela, pedir-lhe que fosse dar um passeio com a gente. Se ela aceitasse o convite, sabia-se que estava interessada. Se não gostasse de uma pessoa, dizia que não. Mas não fazia mal nenhum, pois havia sempre outras que diziam que sim. Noutros bares, de mais luxo e onde a cerveja era muito mais cara, havia pistas de dança. Oferecia-se uma bebida a uma rapariga, perguntava-se-lhe se queria dançar. Então, eu não

gostava de dançar? Depois metia-se conversa com ela; se ela estivesse interessada numa pessoa, a gente podia chegar-se mais para ela, esfregar-se nela, meter mais falinhas. E depois pedia-se a ela para ir dar um passeio. Ele tinha-as levado muitas vezes à meda de fardos da *leitaria* onde trabalhava. As raparigas às vezes diziam que achavam um lugar muito esquisito — mas, olha, acabavam por gostar. E o Felisberto adorava *atacar* uma mulher em cima dos fardos, com as vacas lá em baixo a mugir. Às vezes até pensava que era a única coisa que havia gostado de fazer na América, onde tinha trabalhado tanto, sofrido tanto. Sentia até orgulho de ter aprendido a *pegar* mulher tão facilmente; tinha um jeito com elas, lá isso tinha; poça, o que ele não era capaz de fazer se soubesse falar *amaricano* um pouco melhor, se tivesse mais um bocadinho de tempo, se tivesse mais uns trocos que pudesse gastar.

— E a Filomena? — perguntei-lhe.

A Filomena tinha-se tornado uma chatice de ciúmes, sempre a pedir isto e aquilo. Ele tinha comprado aquela casa nova — a coisa mais burra que já tinha feito alguma vez na vida — para a agradar, para a acalmar. Ela estava a ameaçar abandoná-lo com os pequenos todos e ir ter com a família dela que vivia na América de Baixo, mas aquilo era só falar. Um homem tem que se divertir, e então? Tinha que ser um escravo toda a sua vida? Que diabo é que um homem *era suposto* fazer? A Filomena nunca se ia embora. Ele, Felisberto, não era o tipo de gajo que a Filomena pensava que ele era. Ela até imaginava que todas as mulheres, do mundo inteiro, andavam atrás do Felisberto. Essa era boa, não era? Até tinha ciúmes das mulheres dos patrões. Já se tinha visto uma coisa destas? Não, ele não era um desses. Caramba, oxalá que fosse!

Fomos a um daqueles bares com pista de dança. O Felisberto ia-me ensinar; o plano era pegar duas irmãs divorciadas que ele conhecia: Faye e Linda. Eram de Oklahoma. (“São sempre as mais fáceis de pegar, as raparigas de Oklahoma”.) Nunca tinha tido sorte com raparigas da Califórnia. Não sabia bem porquê, elas eram sempre mais difíceis de pegar. Aliás, não havia muitas da Califórnia nos bares que o Felisberto frequentava. Ele adorava chapéus de *cowboy*. Usava o seu no cocuruto, como uma crista de galo, para expor a sua moita de cabelo frisado, possivelmente também porque o fazia parecer um bocadinho mais alto, ele que tinha pouco mais de cinco pés de altura. Parecia andar nas pontinhas dos pés, prestes a levitar. Eu estava admiradíssimo com a facilidade com que o Felisberto se aproximou da Faye, a loirinha, e da Linda, que era morena e bastante mais velha do que a irmã. Dançou com uma, depois com a outra. Eu estava sentado ao balcão do bar muito envergonhado, a tomar, sem vontade, uma cerveja. Enquanto dançavam, de vez em quando olhavam na minha direção. Sabia que estavam a falar de mim. O plano era convidá-las a irem dar um passeio e depois levá-las à *estaca da leitaria* de um senhor chamado Brasil, onde o pai trabalhava, que ficava afastada da estrada. Sempre me surpreendia como o Felisberto se fazia entender em inglês. Mas não haja dúvida que conseguia. Não sabia gramática, mas sabia muitas “palavras soltas” que colocava estrategicamente sem elementos de ligação, com abundantes gestos de braços e mãos e muitos sorrisos e risos que lhe serviam bem a desbançar. E com raparigas, opinava ele, nunca precisava de dizer muito: elas entendiam a gente, conheciam a gente; e a gente conhecia-as a elas. Então, eu não queria dançar? — perguntou-me a Linda, aproximando-se de mim ao balcão do bar. Não, por acaso não. Nunca tinha dançado... Não sabia.

– O teu primo diz que tu falas inglês muito bem, mas que és muito tímido. Não há necessidade de ser tímido. Lá o teu primo não tem nada de tímido. Gajo porreiro.

Eu queria ir dar um passeio? Era com o Felisberto. Cá por mim, não me importava. Saímos do bar e metemo-nos no carro do Felisberto. A Faye sentou-se no assento da frente ao lado do Felisberto; eu, atrás com a Linda. Eu teria preferido ir com a Faye, que era mais jovem e bonita, mas o Felisberto tinha prioridade de escolha e escolheu a Faye para si. O carro partiu. Ele tornou-se muito falazão, contou anedotas que nem sempre faziam sentido, mas que eu ia esclarecendo na medida do possível. A Faye e a Linda eram um chorrilho de risinhos. Sim, eram de Oklahoma; mas já viviam cá nesta área há tempos. Eram ambas divorciadas. A Linda tinha uma menina de sete anos, linda menina. A Faye não podia ter família. A família delas ainda vivia em Oklahoma. A Faye ia muito chegadinha ao Felisberto no assento da frente. A Linda e eu íamos cada um sentado no extremo oposto do assento traseiro, mas depois ela foi-se aproximando e pegou-me na mão. Sim, senhor, ela estava mesmo agora a pensar que nós, eu e ela, ainda íamos ser grandes amigos. Senti as palmas das mãos molhadas de perspiração. E ia desconfortável, para ali humilhado com uma mulher que nem achava atraente e que o Felisberto tinha *pegado* para mim.

O Felisberto levou a Faye para a *estaca* para o que era, mais do que evidentemente, não a primeira vez. Não eram prostitutas, mas ele sempre lhe dava algum dinheiro. Eu, também, era para dar à Linda algum dinheiro. Caso contrário, da próxima vez elas fingem que não conhecem a gente. Mas não eram prostitutas. O Felisberto tinha raiva a prostitutas, porque elas passavam sempre doenças feias, como já

lhe tinham passado uma vez. Fiquei eu com a Linda, encostado ao carro. As pernas tremiam-me tanto que eu não estava seguro de como suportavam o meu corpo. Quem decidiria o próximo passo a dar, a Linda ou eu? De quem proviria a iniciativa? Estava ali à espera que a Linda fizesse alguma coisa; e esperava ainda mais que ela não fizesse coisa nenhuma. Tornei a meter conversa. Repetimos as mesmas coisas de que já havíamos falado. Com que então, ela era de Oklahoma, não era? Pois era. E como era Oklahoma, parecida a Califórnia? Nalgumas coisas, era mesmo. Noutras, era diferente. Sim, em Oklahoma, as pessoas eram diferentes. Porque é que eu era tão tímido? — a Linda quis saber. Então não gostava dela? Gostava, sim, menti. Mas nem sequer a conhecia. E não éramos cães para estarmos a fazer amor na meda de fardos. Ela gostava do que eu acabava de dizer, gostava mesmo. Era muito amável da minha parte; sim, uma das coisas mais bonitas que qualquer homem já lhe tinha dito. A gente havia de se ver outra vez, não? Talvez, porque não? O meu primo e a Faye eram um espetáculo os dois, não achava eu? Às vezes a Linda tinha muita pena da irmã. “Ela não pode ter filhos, sabes?” Então eu tinha que lhe dar algum dinheiro, não tinha? Se eu não me importasse, ela agradecia.

— Tenho uma menina de sete anos, *you know*.

Dei-lhe uma nota de dez dólares. Ao fim e ao cabo, não tínhamos feito nada, não era? A Linda discordou de mim: Não, tínhamos feito muito, muito mais do que o meu primo e a Faye, pois não tínhamos?

Uns dias depois, o Felisberto trouxe-nos a terrível notícia. E queria um favor da mãe. A Filomena, que já há tempos que lhe andava “a pregar partidas”, agora estava a pregar-lhe cada uma de espantar: recusava-se a cozinhar e até a limpar

a casa. Havia dias em que ela nem queria levantar-se da cama. E se bem que tivesse concordado em ir para o rancho onde viviam neste momento, agora não fazia senão queixar-se. Nunca parava de o *atazanar* por ele ter vendido a casa, aquela rica casinha que tinham comprado. O Felisberto não partilhara com a mãe o que me tinha contado: a Filomena até tinha deixado de se lavar — não era coisa do outro mundo? — para castigá-lo por ele andar atrás de putas. A mãe importava-se de falar com a Filomena? O Felisberto podia trazê-la à nossa casa, ou a mãe, que só tinha uma vaga ideia dos porquês dos problemas do Felisberto e da Filomena, podia ir à casa deles. A mãe concordaria com tudo o que eles decidissem. A mãe era prima filha-de-irmão do Felisberto; gostava muito dele e da Filomena; nós todos devíamos-lhes muito a um e a outro. Sempre nos haviam tratado, sobretudo a mim e ao Manuel, como irmãos ou filhos. Contraíramos uma dívida enorme para com eles. Tudo o que o Felisberto pedisse, a mãe faria.

A mãe falou com a Filomena. Nunca soubemos ao certo o que as duas disseram uma à outra, mas era óbvio pela cara da mãe que o futuro do Felisberto e da Filomena como esposos não estava assegurado. Veríamos em breve que as minhas suspeitas eram corretas. Um dia o Felisberto entrou na nossa casa, sentou-se no sofá, enterrou a cara na concha das duas mãos, e desatou a chorar como uma criança: tinha ido ao *tão* (do inglês 'town') ou à baixa, e ao regressar ao rancho, a sua casa estava vazia. A Filomena e os cinco pequenos tinham fugido! Ele tinha perguntado e procurado no rancho e na vizinhança, mas não havia sinal da Filomena ou dos pequenos. Tinha então ido a casa dos patrões — e a patroa é que lhe tinha dito que vira a Filomena e os pequenos a entrarem no carro de alguém, o que ela

achara estranho, por sinal. Onde é que nós pensávamos que ela estivesse? Tínhamo-la visto? Tinha dito alguma coisa à mãe quando falaram — que indicasse para onde tinha fugido? A mãe disse que a Filomena tinha falado em ir para o Isto (do inglês 'East', Este) ou para a América de Baixo quando falaram, mas que a mãe a dissuadira por mor dos pequenos. Era possível que aquela mulher tivesse ido para Massachusetts? Era concebível? O Felisberto queria ligar para os sogros, mas estava com medo, medo de saber a certeza. Ir-se embora aquela mulher e levar-lhe os filhos todos? Ele matava-a. Tão certo como estar o diabo nas profundas do inferno que a matava! Ligou e falou com o pai da Filomena. Sim, senhor. A sua filha e os seus netos estavam agora mesmo num avião a caminho da América de Baixo, com passagens que ele é que tinha mandado à filha, e ela é que tinha arranjado uma pessoa para a ir buscar ao rancho quando o Felisberto não estivesse em casa. Ele já há muito que sabia que o Felisberto era um estroina, um fardelo, um marido e um pai irresponsável; e não ia permitir que a sua filha fosse mal-tratada por um safado como o Felisberto que só queria andar atrás de rabos de saias sujas. Tinha sido tudo planeado. A Filomena nunca mais voltaria para junto dele. Que a esquecesse!

Pobre do Felisberto que ficou destroçado, demolido! Embora a Filomena houvesse tantas vezes ameaçado que fugiria com os filhos, ele nunca tinha acreditado nela. E ainda não acreditava, agora mesmo, que ela já não estava ali.

— Vou ao Isto buscá-la! Ela é a minha mulher! Os pequenos são os meus pequenos! — insistia o Felisberto.

O pai aconselhava prudência. Ela voltaria, ele ia ver. Ela voltaria, que mais não fosse por causa das crianças. Como é que ela, uma mulher que nunca tinha tido um emprego, que

não tinha habilitações nenhuma, seria capaz de se manter e mais a cinco filhos? Os pais dela, pobres emigrantes como todos nós, como é que poderiam dar casa, mesa e roupa a mais seis pessoas? Não, ela com certeza voltaria. Era esperar uns dias mais e ela ligava e pedia ao Felisberto para a ir buscar ou mandar dinheiro para ela pagar as passagens de volta. E a gente então ajudava-o. Não lhe fazíamos favor nenhum, que tanto tinha feito por nós. O Felisberto sentiu-se um bocadinho melhor. A mãe ofereceu-se para fazer o que fosse preciso. Lavaria a sua roupa e cozinaria a sua comida, que eu lhe iria levar a casa. Se quisesse, o Felisberto podia morar com a gente. A Filomena havia de voltar; ele que esperasse e veria. A Filomena voltaria. Quando o Felisberto se foi embora, o pai então disse:

– Se ela fosse minha mulher, eu ia ao Isto, dava-lhe uma carga de porrada, e trazia-os todos para casa.

A mãe mandou-o calar. Ele não tinha direito a abrir a boca.

– Pensas que podes resolver todos os teus problemas batendo nas pessoas, não é? Ainda não te apercebeste de que estás na América e não na Agualva, ahn?

O pai mudou de assunto.

A mãe tinha razão: o pai por vezes esquecia-se de que estava na América e que na América, pelo menos na América que nós ocupávamos, as coisas não funcionavam como na Terceira. O pai frequentemente se apoiara na violência como meio de resolver problemas. Embora não fosse homem de espancar os filhos – aliás, raríssimas vezes espancara algum de nós quando éramos miúdos – mesmo assim vangloriava-se de algumas das suas aventuras, como tinha esbofeteado este e aquele, que era muito maior do que o pai. Como se deliciava em contar-nos histórias acerca

do seu irmão mais velho, o José, com quem o pai estava de relações cortadas havia mais de vinte anos, mas que o pai admirava como homem que sabia, e podia, dar conta de si. O Tio José era um homem minúsculo, ainda mais pequeno do que o pai, mas sempre havia sido a personificação da ruindade. Embora o pai nunca o tivesse admitido, nós suspeitávamos que até o pai tinha medo do Tio José. Este, que como o seu pai, tinha problemas de alcoolismo, tinha quebrado garrafas e jarros de vinho na cara de pessoas, sobretudo nas touradas à corda, espetáculos durante os quais a violência entre as pessoas atingia níveis mais elevados do que a violência entre o touro e os capinhas. O Tio José também tinha esfaqueado um par de homens; tinha estado na cadeia; e quase que lhe haviam arrancado uma orelha numa briga. Ninguém se atrevia a desafiá-lo para uma briga, nem sequer pessoas duas ou três vezes do tamanho dele. Pois se o provocassem, ele fingia que não era nada com ele, que era um tipo ordeiro, ora essa. Mas, quando o provocador estivesse distraído, o Tio José atacava com uma fúria assassina com o quer que fosse que tivesse à mão. E quando o Tio José atacava era sempre com a intenção de aleijar ou matar.

O pai já várias vezes nos falara de um par de ordenhadores, um pai e um filho, que trabalhavam com ele. O mais velho, afirmava o pai, tinha muito medo das vacas. Por isso pedia ao pai, que era o lavador e tinha a responsabilidade de meter as vacas na casa de ordenha, que por favor nunca desse com o chicote nas vacas; pois, como todos os ordenhadores sabem muito bem, se o lavador bate numa vaca, a vaca fica raivosa e geralmente é no ordenhador que se vingava. O pai tinha o direito de encaminhar as vacas para o *bano* e para os respetivos lugares na manjedoura, mas, pelas alminhas, que não batesse nunca nas vacas. O homem já tinha

levado vários coices e atribuía a culpa ao pai. Aliás, o medo que o homem tinha das vacas, devido às suas varizes, era tal que, até mesmo quando as vacas mais agressivas entravam para as *cangas* do seu lado do *bano*, eram ordenhadas pelo filho dele, que normalmente só era responsável pelas vacas que ficavam do *seu* lado do barracão de ordenha. O filho era um rapaz atlético, nado na América. O pai era um emigrante de São Jorge. O pai às vezes troçava do sotaque dele — o tacho a rir-se da chaleira.

Um dia o pai deu uma pequena verdascada numa vaca — um pequeno toque, segundo ele — mas, como tantas vezes acontecia, a vaca deu um coice no velhote. Este ficou furioso e largou-se para as *ofas* (do inglês 'office'), gabinetezito localizado num compartimento do barracão adjacente ao tanque do leite, para acusar o pai ao capataz. O pai insistia que tinha pedido muito ao velhote que não o acusasse e que prometia que nunca mais tocaria nas vacas com chicote. Mas o velhote nem lhe prestou atenção — e ninguém o dissuadia de ir acusar o pai. Acusá-lo-ia! Para o impedir, o pai agarrou-se ao homem, tentando detê-lo, que por sua vez deu um forte empurrão no pai. Mas ninguém empurrava o pai! O pai voltou-se para o homem, e deu-lhe um empurrão ainda maior e uma briga irrompeu, com os dois homens aos empurrões e aos murros um no outro. A esta altura, o jovem larga-se a correr *bano* abaixo em defesa do seu pai. Agarrou o pai pelo peito da camisa e pregou-lhe um soco tão grande no rosto que o pai caiu estirado no meio da casa de ordenha. Acudiu o capataz e as fúrias acalmaram, mas o pai teve que vir para casa porque o inchaço num olho já estava do tamanho de um ovo.

Quando o pai chegou a casa, a inchação já tinha aumentado ainda mais. A mãe, que estava sozinha com o Jorge,

entrou em pânico e foi a correr para a nossa casa de ordenha, a gritar, para nos dar a notícia. O Anselm ficou a substituir-me e eu corri para casa. Céus, o que fora? O pai estava deitado na cama a chorar, jurando que mataria o rapaz, que tinha fugido, mas ele encontrava-o e matava-o. O olho já estava do tamanho de um punho. Todo o rosto lhe estava a inchar. Eu nunca vira nada semelhante em toda a minha vida. Como era possível um soco fazer aquilo à cara de uma pessoa? Que faríamos? Chamámos a esposa do Anselm, uma senhora de Oklahoma. Que aconselhava ela? Aconselhou pensos de água gelada e que levássemos o pai ao médico — sem mais um segundo de demora. Ele disse que não ia. Rogámos-lhe por tudo. A mãe não parava de chorar, pedindo-lhe pelas alminhas que ele fosse ao médico, que pensasse no Jorge que era um menino; que o pai podia morrer. E depois o que seria do bebé e dela? Não via e sentia ele o que lhe estava a acontecer à cara? Por fim, ele consentiu em deixar-me levá-lo a um médico. A mãe sentou-se no assento de trás do carro com a cabeça do pai no colo. Ao volante, eu fazia um esforço imenso para não romper aos soluços à medida que conduzia o mais rapidamente possível. Iríamos ao médico ou a um hospital? O pai decidiu que iríamos ao Dr. Ermshar, o nosso médico, porque ele sabia umas frases de português.

Quando estacionei o carro em frente ao consultório, o pai queria uma palavrinha comigo; uma palavrinha a sós comigo, disse ele a modos que a mãe entendesse bem, dando-lhe sinal para nos dar privacidade. O pai queria fazer-me um pedido. O doutor não tinha por que se meter na nossa vida, pois não? Eu era para lhe dizer que um preto enorme tinha entrado na nossa garagem para roubar gasolina, que o pai tinha tentado impedi-lo, e que de repente ele tinha dado um soco no pai e fugido. Não fazia mal nenhum

dizer isso ao médico, pois não? Eu respondi-lhe que não. Ele olhou para mim com as lágrimas a cair-lhe do único olho de que dispunha. Vi-o tão diminuto, tão precocemente envelhecido, tão frágil, tão vulnerável... e tão perdido. Tive uma imensa pena do meu pai. Nunca dantes tivera pena dele, mas agora tinha. E acho que ele leu os meus sentimentos. Abraçou-me e apertou-me ao peito, chorando:

– Chico, diz-me por amor de Deus, porque é que tudo isto nos está a acontecer?

Eu senti-me compelido a mentir-lhe:

– Vai ficar tudo bem, pai. Vai ficar tudo bem!

V A CAMINHO DA CIDADE DOS ESTÚDIOS

Restava saber se o pai seria ou não despedido do seu emprego. Afinal, fora ele que iniciara a briga embora tivesse sido ele a vítima mais prejudicada. Eu e Manuel visitaríamos o capataz, um homem da nossa ilha que já tinha muitos anos de América. Apelariamos para a sua camaradagem. O pai não estava habituado à vida da América. Tinha os seus velhos hábitos; mas era um bom trabalhador como ele, Mário, sabia bem. Eu e Manuel havíamos tido uma longa conversa com o pai, e ele prometera que doravante não se meteria em brigas com os seus colegas. Então, daria ele, Mário, outra oportunidade ao pai? Aliás, a vida estava a correr tão bem para a nossa família; o emprego do pai era tão conveniente. O pai, como era analfabeto e não podia facilmente conseguir uma carta de condução, se perdesse este emprego, ficaria muito limitado quanto às possibilidades de conseguir outro. (Como a vacaria onde o pai trabalhava era tão perto de casa, o pai guiava o carro sem carta.) O capataz gostaria de ajudar, de verdade. Mas o Senhor Fagundes teria de lhe prometer ser menos provocador e não se meter em sarilhos. Tinha que compreender que, na América, as coisas são da maneira que são, não como queríamos que elas fossem. Não, o proprietário da vacaria não sabia do que se passara. Ele, o capataz, era quem mandava e decidia. Se nós lhe prometêssemos ter uma conversa a sério com o

nosso pai, ele dar-lhe-ia outra oportunidade. Mas nem pensássemos que ele, Mário, lhe daria uma terceira chance. Se houvesse mais brigas, ele despediria o pai, deixá-lo-ia ir...

O Mário, que se considerava mais americano do que nós, criticou os *greenhorns*, que sempre se metiam em encrencas, que se recusavam a aprender. Com ele, Mário, havia sido diferente; tinha aprendido muito mais rapidamente. É verdade que era muito mais novo quando veio das Ilhas. Mas também tivera problemas na América com o seu pai, que tinha tido vacas na Terceira, e que também se pusera a dar conselhos aos patrões que eles não lhe tinham pedido; que também queria fazer as coisas à sua própria maneira. Mas todos nós tínhamos que nos aperceber de que, na América, as coisas são diferentes, muito diferentes. (E o Mário, vendo-se e querendo-se americano, falava dos Açores como se fosse uma pequena selva povoada de pais por domesticar e que só o eram, pelos próprios filhos, uma vez que estes viessem para a América e lhes ensinassem que, na América, *as coisas são muito diferentes, mas muito mesmo!*)

E o rapaz que dera o soco no pai — ia continuar a trabalhar na vacaria? Não, tinha-se ido embora. O pai dele, porém, continuaria a trabalhar com o nosso pai. E era um problema, um problema que o Mário não sabia como nós nos propúnhamos ajudar a resolver. E se ele desse o emprego do rapaz ao nosso irmão José? Talvez, se José tivesse experiência e se o Mário pudesse encontrar um segundo ordenhador, de que estava à procura.

José foi contratado e passaria a viver em casa. A briga do pai havia sido, apesar de tudo, *um daqueles males que vêm por bem*. O pai, porém, sentiu-se diminuído devido à nossa intervenção. Pois havia sido sempre ele quem intercedia para resolver os problemas da família; e aqui estávamos nós, seus

filhos, a tratar de coisas dele como se ele fosse um criança-la. Ficou amuado. Ia-se embora para os Açores com a mãe, as raparigas e o Jorge. Lá, na Terceira, ele sabia governar-se; ninguém se metia com ele. A mãe chamou-o à razão. Não ia ele agora arriscar o futuro da família devido ao seu estúpido orgulho, pois não? Não, não ia. Mas ninguém ia fazer pouco dele tão-pouco. Por enquanto não era nenhum velho. Na sua terra nada disto teria acontecido, pois lá sabia muito bem dar conta de si. O pai tinha razão, apesar do machismo da sua expressão: *em terra alheia o boi nem vaca é*.

Os meus problemas com dores nas costas pioravam. Alguns dias, eu levantava-me e sentia dores tão fortes que tinha dificuldade em andar. Tony, o nosso lavador de vacas, e Anselm, o capataz, aconselharam-me a dormir num colchão muito duro ou mesmo no chão. Aliás, o Tony tinha parado de ordenhar e começado a lavar vacas, um emprego que pagava consideravelmente menos, devido a dores nas costas. Durante anos, o Tony consultara um quiroprático quando tinha ataques particularmente severos. Ficava aliviado, mas era um alívio temporário. Uma vez que a gente começava a sofrer das costas devido a ordenhar vacas, nunca mais ficava melhor de todo. O mais que se podia esperar era um alívio temporário. As costas tornaram-se um foco de grande preocupação. Que faria eu se, de repente, não pudessem mais ordenhar vacas? Comecei novamente à procura de outro tipo de emprego, para me prevenir contra qualquer eventualidade. O Felisberto e eu fomos a uma fábrica de pneus em Hanford. Aceitariam o meu requerimento de trabalho? Pois não, claro que aceitariam. Mas o facto de eu não ter um diploma da escola secundária emergiu novamente. Podiam chamar-me, ou podiam não me chamar porque eu não concluíra a *high school*. Nunca me chamaram. Também

me negaram emprego nos Tallow Works a guiar um camião que ia pelas vacarias a apanhar gado morto, às vezes já putrefacto. Este emprego, que não exigia um diploma da *high school*, exigia, porém, uma carta de condução industrial, que eu não possuía. Continuei a ordenhar vacas — e o problema das costas ia ficando cada vez pior.

Assim que quando o meu acidente aconteceu, foi de facto, e quase literalmente, um caso da palha que partiu as costas ao camelo. O meu irmão e eu já tínhamos experiência suficiente como ordenhadores para saber que um desastre poderia ocorrer quando menos esperássemos. Cada vacaria tinha o seu número de vacas perigosas. Conhecíamos histórias de ordenhadores que tinham sido aleijados por vacas, haviam sofrido pernas partidas, haviam levado coices no baixo ventre. Também sabíamos que a única maneira de os ordenhadores evitarem um possível desastre era tratar os animais com muito carinho; nunca lhes bater; aprender o mais rapidamente possível que vacas é que precisavam do *clamp*, um instrumento de ferro que colocávamos entre o quadril e as costelas do animal e arrocávamos até a vaca ficar imobilizada sem poder escoicear, mas não podíamos apertar demasiado o ferro porque senão a vaca não apoiava o leite e por muito tempo que lhe deixássemos a máquina a sugar-lhe as tetas, não obteríamos um pingo de leite, e não obtendo um pingo, a vaca secava-se... e secando-se a vaca, o capataz e depois o patrão sabiam... Outras vacas, como já se fez notar antes, só podiam ser ordenhadas com peia. A peia, ou *hobble* (e havia-as de vários tipos) era sempre uma variação de uma liga forte com ganchos de metal que passávamos por diante das pernas da vaca e que ancorávamos em ambas as canelas do animal — ficando ela sem poder levantar nenhuma das pernas. Mas, mesmo assim, tínhamos

que nos acautelar, pois ela era ainda perfeitamente capaz de mandar um violentíssimo coice com ambas as pernas ao mesmo tempo, como os cavalos. E um coice com ambas as pernas de uma Holstein seria, é de supor-se, mais ou menos o equivalente a levar uma chapada com uma pá hidráulica.

Mas as piores vacas de todas eram aquelas que nunca tinham sido ordenhadas antes, as gueixas da primeira vez, *as noivinhas*, como eu lhes chamava por brincadeira (embora a chegada de uma delas à casa de ordenha não tivesse, por vezes, piada nenhuma). Se lhe púnhamos o *clamp* e ela não se dava com ele, antes de termos ocasião de o arrochar, ela começava a pular como os touros nos *rodeos* — e era fugir o mais rapidamente possível e *descangá-la* e deixá-la ir para o curral, antes que ela incendiasse todas as outras vacas que, vendo uma colega a escoicear, ficam nervosas e começam, elas também, a usar as pernas pois, amarradas pela cabeça como estavam, não lhes deixávamos opção. E, teoricamente, ver sessenta vacas — que é o número que cabe de cada vez numa pequena casa de ordenha — a escoicinhar ou a preparar-se para escoicinhar todas mais ou menos ao mesmo tempo, não é um espetáculo recomendável para quem depois tem de as ordenhar. Se ao pôr-lhes o *clamp* elas decidissem não escoicinhar, poderiam, no entanto, *tocar acordeão* connosco: apertar-nos uma contra a outra, arredar-se e tornar a apertar, o que fazia com que algumas vezes tivéssemos que gritar por socorro ao vermo-nos ensanduíchados entre dois vacões enormes que, não poucas vezes, eram mais altas do que as nossas cabeças. O *clamp* de ferro podia, então, converter-se em instrumento de tortura — para o ordenhador que o usara na vaca! Se, por outro lado, lhe metéssemos a peia e ela a rejeitasse, aí era coice certo — pois usar uma ou duas mãos humanas para segurar

uma ou duas pernas de vaca em ágil movimento é, sem a menor dúvida, uma luta desigual. Assim tínhamos que tentar vários instrumentos, não sabendo nunca qual deles a vaca aceitaria; ou, inclusive, se seria necessário usar algum instrumento, pois a maioria das vacas, conquanto ficassem nervosas da primeira vez vendo-se amarradas pela cabeça e sentindo uma máquina a sugar-lhes as tetas ainda doridas do parto recente, não necessitavam de qualquer restrição física. Mas nós, os ordenhadores, é que tínhamos que descobrir, como quem descobre aos poucos o temperamento de uma nova namorada, se ela era mansinha ou mazinha, ou nem bem uma coisa nem outra mas uma mescla de ambas, se contribuiria para os nossos pesadelos ou se nos deixaria existir em paz, sossego e alegria.

E havia duas maneiras de o ordenhador testar uma vaca *noivinha*: ou usando os próprios músculos e a sua experiência para ir experimentando e descobrindo, ou então, pedindo ajuda ao lavador, que era o método mais seguro, mas nem sempre o que o ordenhador jovem, que queria exibir a sua masculinidade, preferia. O lavador, se era chamado, pegava no rabo da vaca e levantava-o, empurrando-o com ambas as mãos, em direção às costas do animal — até que este ficava praticamente imobilizado com a dor. Mas, uma vez mais, era necessário muito cuidado, pois o objetivo principal era sempre tirar o leite à vaquinha. E causar dor à vaquinha é quase ter a certeza que ela vai reter o leite — e nada feito. Daí que ser ordenhador — digo-o não só por mim, mas pelos milhares e milhares de açorianos que ordenharam rios e rios, Amazonas de leite na Califórnia, não era tão-só o trabalho rude que alguns bem-pensantes senhores portugueses de unha comprida e polida que passavam pelo Vale de San Joaquin achavam que era. Era, pelo contrário, um trabalho

perigoso que exigia coragem, inteligência, tato, muita sensibilidade e até criatividade.

Os ordenhadores temiam o momento de entrar uma *noivinha* no *bano*. E quando isso acontecia, ficávamos à espera de ver para que lado do barracão é que ela ia. Geralmente, sendo a vaca um animal de hábitos estabelecidos, para onde fosse ela o primeiro dia, continuaria a ir para o resto da sua curta vida. Se ela ia para o lado do Manuel, este nunca a ordenhava sem a ajuda do Tony, o lavador; e se era uma *noiva* grande, só com três homens é que ele se atrevia a meter-lhe a máquina — ele a ordenhar, um ao rabo tentando imobilizá-la, e outro a segurar a vaca que estava ao lado, no caso de ela também ficar nervosa e começar a atuar quando nós, ocupados com a *noiva*, menos esperássemos. Eu, que estava fisicamente em forma, apesar das esporádicas dores de costas, às vezes gostava de testar as minhas capacidades físicas e ordenhei muitas *noivinhas* por minha conta. Era também uma maneira de, para além de exibir o machismo dos vinte anos, testar a inteligência e o tato *vis-à-vis* a inteligência e instinto de um animal cinco vezes mais forte do que nós.

Como naquele dia a *noivinha* estava ao lado de uma vaca velha e experiente que eu já ordenhava havia pelo menos um ano, e como a *noivinha* não era daquelas vacas-monte de raça Holstein, mas uma gueixa Jersey mais pequena, eu resolvi que não havia necessidade de alguém me ajudar. Quando os copos da máquina lhe tocaram as tetas e começaram a sugar-lhas, porém, a jovem besta ficou histérica e começou a escoicear com ambas as pernas, fazendo-me voar a máquina das mãos para fora e os copos sugantes desarticularem-se da máquina de ordenhar e sumirem-se pelos cantos do barracão.

Incapaz de reagir com rapidez suficiente, caí, de cara para o chão, entre ambas as vacas. Por sorte, as pernas da *noivinha* não me apanharam nunca, mas a velhota atrás de mim, nervosa, também começou aos coices — e um dos seus pés apanhou-me em cheio nas costas. Gritei de dor. Tentando desesperadamente, mas descobrindo que não estava em condições de me pôr de pé, arrastei-me até apanhar um dos postes de ferro da manjedoura e encolhi-me o mais possível contra a parede da manjedoura no sentido da cabeça das vacas para evitar que os dois animais me esmagassem debaixo dos pés. O Tony e o Manuel acorreram em meu socorro, libertaram ambas as vacas que fugiram do *bano* para fora, e tentaram ajudar-me a levantar. Mas eu sabia que tinha as costas irremediavelmente partidas e que nunca mais seria capaz de andar. A dor era indescritível. Tony e Manuel, cada um do seu lado, arrastaram-me como um soldado ferido no campo de batalha. Levaram-me para o gabinete do Anselm, à saída da casa de ordenha; quiseram que eu me sentasse numa cadeira, mas eu nem por sombras consentia aquela posição. Pedi-lhes que me deitassem no chão imundo, onde me senti um pouco melhor. Meu Deus, alguma vez voltaria a ser capaz de andar? Foi uma tortura chegar a casa — com a ajuda do Tony e do Manuel, onde me deitei no chão, com um aquecedor de borracha debaixo das costas, que já havia tempos vinha usando. Talvez amanhã me sentisse um pouco melhor. O Tony recomendava duchas o mais quentes possível, e que dormisse sempre no chão com o aquecedor elétrico. Eram as únicas coisas que faziam algum bem. Ele tinha montes de experiência com dores nas costas.

Na manhã seguinte, descobri que nem os braços podia mexer, muito menos levantar-me para ir ao médico. Como

era possível as dores nas costas interferirem com os braços, até com os movimentos das mãos? Não havia dúvida: estava paralisado. Nunca mais andaria. Foram necessários todos os membros da família para me meterem no carro, já que eu não podia sequer manter-me de pé, nem dobrar o corpo, nem mover um músculo que fosse. Parecia que até o respirar me causava dores. O Dr. Ermshar tirou-me uma radiografia. Não, não tinha partido nada; era uma vértebra deslocada, ou herniada, não estava ele bem seguro. Aconselhou-me a marcar uma consulta com um quiroprático para começar a fazer fisioterapia. Que aplicasse muito calor, que descansasse muito, e que não ordenhasse mais vacas na minha vida — eis o que ele recomendava. Se não ficasse melhor — e eu teria que estar preparado para ficar em casa muitas semanas — ele aconselhava que eu consultasse um neurocirurgião em Fresno porque com estes problemas de costas (e ele, Dr. Ermshar, tinha visto tantos nesta zona da Califórnia), nunca se sabia o que esperar.

Passaram-se umas quantas semanas; a dor amainou. Mas voltar a ordenhar parecia uma impossibilidade. Nas três semanas subsequentes, quase não podia levar a comida à boca, pois qualquer movimento que fizesse causava-me dores excruciantes. Nos piores momentos, era a mãe quem me metia a comida na boca. À medida que já me segurava de pé, notei que uma das minhas pernas era bastante mais curta do que a outra. Entrei em pânico. O quiroprático acalmou-me. Isto sempre acontecia a pessoas com lesões nas costas. E recomendou que eu consultasse um especialista em Fresno, um neurocirurgião. Esta consulta teria que ser adiada, no entanto, pois o dia aproximava-se em que eu teria que ir a Fresno às sortes. O Felisberto, como havia prometido, iria comigo. Com certeza que o serviço militar me

rejeitaria agora. Todos os meus planos de um futuro militar, todos os meus devaneios de a tropa vir a ser uma fonte de oportunidades, desvaneciam com o meu estado. Tinha razão: devido à minha lesão, fiquei livre de prestar serviço militar às Forças Armadas dos Estados Unidos. Já não corria perigo de ir para o Vietname.

Embora os meus pais nunca mo tivessem dito abertamente, eu suspeitava que o pai e a mãe estavam aliviados. Com certeza que pensaram que o Divino Espírito Santo tinha intervindo a meu favor. Eu é que não estava muito certo se gostava da forma que essa intervenção havia assumido. (A prometida função foi celebrada, muitos anos depois, mas não o foi nunca por mim: foi reprometida e realizada por o pai ter atingido os 70 anos!) Que faria eu, agora que o serviço militar era outra opção fora do meu alcance? Melhoraria ao ponto de poder voltar a ordenhar vacas? Veríamos o que o neurocirurgião recomendava.

As notícias não foram boas. O neurocirurgião havia visto muitos casos destes. Eu tinha duas opções: podia submeter-me a uma intervenção cirúrgica, que por vezes resultava, mas que também envolvia os seus perigos; ou poderia habituar-me a viver com a minha situação, conseguir um emprego que exigisse menos esforço físico. Não tivesse dúvida, porém, que havia uma possibilidade, por remota que parecesse, de eu acabar paralisado. Poderia acontecer se eu optasse pela intervenção cirúrgica, que podia ser desastrosa; ou se eu prosseguisse com o trabalho de ordenhador e continuasse a esforçar excessivamente os músculos das costas. Para já, ele aconselhava que eu continuasse a terapia com o quiroprático.

Alguém nos aconselhou a *fazer o su* (do inglês 'sue', processar ou levar a tribunal) ao nosso patrão. O que era isso?

Bem, contratávamos um advogado que iniciava um processo que, se fosse bem-sucedido, resultaria no pagamento de uma indemnização da parte do seguro do Mr. Lerda por eu ter ficado incapacitado e não poder mais ganhar a vida fazendo o que sabia fazer. Não, não havia sido culpa do Mr. Lerda, mas tão-pouco havia sido minha. Era uma lesão sofrida no desempenho das minhas funções de ordenhador, não era? Porque não íamos ver um advogado? O advogado lutaria por nós, que era uma maneira de lutar por ele mesmo. Se ganhássemos o processo, poderíamos receber uma grande indemnização, que partilharíamos com o advogado; se perdéssemos, não perderíamos nada, pois nesse caso o advogado também não esperaria receber nada. Mas como é que reagiria o Mr. Lerda? Que aconteceria se eu perdesse o processo? Poderia, nesse caso, manter o meu emprego? Não tinha nada que ver com o patrão, pessoalmente, informaram-nos. Era a companhia de seguro. Esta é que pagava a indemnização. Decidimos que esta era uma decisão que só o Mr. Morrison nos poderia ajudar a tomar. Fomos consultá-lo. Entretanto, a minha companhia de seguro ia pagando as minhas despesas médicas.

Apresentámos o caso ao Mr. Morrison. Que aconselhava ele? Devíamos procurar um advogado? Conhecia ele algum advogado que nos pudesse recomendar? Não, não tinha e não recomendava advogado nenhum. Como era do conhecimento geral, os ordenhadores sofriam lesões nas costas. Eram ossos do ofício. Se eu processasse e ganhasse, que aconteceria ao emprego do meu irmão? E poderiam o meu pai e o meu irmão José, que também viviam connosco, continuar a morar numa casa do Mr. Lerda e a manter os seus empregos que estavam dependentes, em parte, do lugar onde viviam? E ainda que eu ganhasse o processo, valeria

a pena eu beneficiar pessoalmente, mas arruinar os bons empregos e a paz e sossego da minha família? Era comigo, claro, mas ele não recomendava que eu processasse ninguém. Sim, se eu ganhasse, a companhia de seguro é que pagava, não o meu patrão pessoalmente. Mas o patrão não veria com bons olhos que eu o processasse, pois não? Ele, o Mr. Morrison, estava farto de ver emigrantes que pouco tempo depois de chegarem à América aprendiam logo este hábito estúpido dos americanos de processar uns e outros. Quase nunca resultava. Eram os advogados que arranjavam maneira de lucrar sempre. E quando se soubesse que eu tinha processado o meu patrão, quem é que voltaria a dar-me um emprego? Além de tudo mais, quem é que podia garantir que o advogado estaria a advogar a meu favor? E se ele estivesse em conivência com a companhia de seguro — e soubesse de antemão que eu ia perder o processo? Que seria de mim então? Não, ele não aconselhava processos.

O que eu devia fazer era arranjar outro tipo de trabalho. Era ainda jovem. Devia aprender um ofício, ir para a escola, fazer algo com a minha vida. Tinha tantos anos pela frente: podia fracassar muitas, muitas vezes, e depois descobrir uma coisa para que tivesse aptidão, que gostasse de fazer. Como ele, Senhor Morrison, gostaria de ser jovem como eu, estar no meu lugar. Pois não sabia que estava na América e que a América era a terra da oportunidade? O que eu precisava de fazer era usar a cabeça.

Decidimos usar a cabeça e não processar. E agora que eu também usava um colete de suporte muito apertado, comecei a sentir-me melhor. Resolvi voltar a ordenhar. Então o Tony e o Anselm, e com certeza centenas de outros ordenhadores, também não sofriam das costas e mesmo assim continuavam a trabalhar em vacarias? Que opções tinha

eu? O Mr. Lerda até teve a amabilidade de me oferecer o trabalho de lavador. Era tão-só o Tony querer. Mas o Tony não queria, embora a troca tivesse implicado um aumento salarial para ele e uma diminuição para mim. O Tony preferia ser lavador precisamente porque fora o trabalho de ordenhador que lhe causara a sua lesão. Continuaria, pois, a ordenhar, desculpasse lá eu.

Tornar-me lavador seria até uma despromoção, de qualquer maneira... tentei convencer-me. Desta vez, porém, evitaria excessos, não haveria mais exibicionismos machistas. O Manuel ofereceu-se, para já, a ordenhar todas as vacas perigosas que viessem para o meu lado do *bano*. Como o quiroprático recomendou, eu usaria as pernas em vez das costas, isto é, dobraria as pernas para me abaixar ao lado da vaca em que estivesse a meter o *mechinho*, o que seria por um lado mais perigoso, mas pelo outro representaria menos tensão para as costas. O quiroprático recomendara ainda que eu continuasse a tomar duches o mais quentes que pudesse aguentar, que usasse sempre o aquecedor elétrico e dormisse no chão. Deu-me uma lista de exercícios para fazer, coisa que eu cumpria religiosamente. Ao começo, quando me levantava de manhã, tinha a impressão de ser feito de betão armado, de tão rígidas que sentia as costas e aliás o corpo todo, mas depois fui-me habituando, inclusive à dor, e decidi que, com a ajuda de Manuel e do Tony, havia de continuar a ordenhar.

Tornei-me obcecado com a ideia de poupar dinheiro. Poupar dinheiro, quer para voltar à Terceira, agora que estava fora de perigo para o serviço militar, quer para montar um negócio, ou investir na aprendizagem de um ofício que me permitisse conseguir um emprego fisicamente menos exigente, tornou-se a minha primeira prioridade. Era um

eremita que não saía de casa exceto para ir ao banco no fim do mês. Conquanto tivesse sido sempre muito poupado, agora tornei-me mesmo um sovina. Quase todos os dias contava o meu dinheiro; quanto mais tempo me faltava para atingir a quantia mítica de vinte mil dólares, quinhentos e sessenta contos na Terceira? Com aquele dinheiro e com a casa que os meus padrinhos me deixariam, já não estaria mal. Casaria com uma rapariga que também tivesse alguma coisa de seu e poderia vir a ter uma vida razoável pela frente. O que importava, acima de tudo no mundo, era acumular os vinte mil dólares. Mas, por enquanto, ainda tinha apenas seis mil e quinhentos. Quantos anos mais é que ainda teria que ordenhar vacas? E as minhas costas – aguentariam?

Não, não aguentariam. Não levou muito tempo para me aperceber de que qualquer volta, qualquer coisa que eu levantasse, até o cruzar das pernas quando me sentava me davam de novo cabo das costas. Tinha então que usar o colete mais apertado durante dias para minimamente poder ordenhar. E dentro em breve, o colete, sem o qual eu nem em sonhos pensaria ordenhar, começou a magoar-me tanto quanto me ajudava. Pois quando tirava o colete, até mesmo no duche, quase que não suportava as dores. Os músculos das costas estavam tão enfraquecidos devido ao suporte do colete que quando o tirava começava a tremer das pernas como um bezerrinho recém-parido.

Tornei-me amargo, raivoso, intolerante, pondo a culpa em tudo e em todos pelos meus problemas. A paz e harmonia que reinava na nossa casa havia mais de um ano estava novamente ameaçada à medida que tudo me irritava, me metia em rixas com os meus irmãos e irmãs, até com o Jorge, o meu irmãozinho bebé. E que raiva aos portugueses!

Aquelas bestas que haviam contribuído para a minha invalidez por causa da maneira selvagem como me trataram. Esqueci quão amáveis alguns deles haviam sido para conosco, quão generoso o Mário tinha recentemente sido, até o Mr. Leal, que só me despedira por eu não ter cumprido o contrato que havíamos feito. Até pus culpas no Felisberto, apesar de tudo o que ele tinha feito por nós. Era ele que tinha culpa de quase todos os meus problemas, pensava eu agora. Se não fosse a sua ignorância, o ser analfabeto, o não ser nada senão um ordenhador de vacas, eu nunca teria tido que ordenhar uma vaca na minha vida. Não, não havia tido ninguém com inteligência a guiar os meus passos como emigrante. O que não teria eu alcançado se o tivesse tido! Viera para o meio de portugueses estúpidos que viviam, como as moscas, agarrados aos rabos das suas vacas. Até o Dave, que era proprietário de oitenta acres e cento e cinquenta vacas, não conseguia ir à Pismo Beach por mais de dois dias. Partindo de casa todos os anos com a intenção de passar uma semana de férias na praia do Pismo, tínhamo-lo de volta em dois dias, pois ele não aguentava mais estar separado das suas preciosas vacas, o único amor que ele, solteirão, jamais havia conhecido na vida! Aqueles vacas, aqueles moscas de vaca, aqueles ignorantões é que ainda se riam de nós, chamando-nos *greenhorns*, usando-nos como brinquedos, como o Don, aquele maluco, tinha feito comigo; que nos exploravam; que nos tratavam como se fôssemos primitivos acabados de sair das cavernas das Ilhas... Que ódio lhes tinha, meu Deus, que ódio cego lhes tinha a todos eles! A eles que nos tratavam como se fôssemos bichos! E, pior do que tudo, como nos faziam sentir que éramos bichos!

Nunca esquecerei a experiência que tivemos com o Vargas, o proprietário da estação de serviço! Deixáramos lá um

pneu furado para consertar. Quando o fomos buscar, notei que ele tinha escrito na parede do pneu “greenhorn”. Perdi as estribeiras! Mostrar-lhe-ia que nem todos os *greenhorns* eram analfabetos; que alguns até sabiam inglês, talvez até melhor do que alguns luso-americanos que acham que o simples acidente de terem nascido na América os tornava superiores, mais inteligentes e aptos.

– Sou o filho do *greenhorn* – disse-lhe no tom mais sarcástico que consegui. – Venho buscar o pneu – acrescentei, apontando para a roda.

Percebendo pelo meu tom de voz que eu estava pronto para brigar com ele, o Vargas pediu desculpa, tentou justificar-se. Não tinha querido insultar ninguém; era um termo inocente. Toda a gente o usava; os seus próprios pais eram *greenhorns* do Faial. Não era termo insultuoso. Ele tratava toda a gente com respeito. Não queria dizer nada...

Não, *queria* dizer muito, retorqui. E eu não o toleraria. Éramos gente. Sim, éramos pobres. Ordenhávamos vacas. Os meus pais eram analfabetos; eu tinha as costas partidas de ordenhar vacas. Mas éramos gente; tínhamos a nossa dignidade; *não éramos greenhorns*. E ele, um português que nem era português; ele, um americano que nem era americano, devia ter vergonha na cara de estar a insultar-nos daquela maneira tão vil, fazendo pouco de nós, sobretudo do pai que nem era capaz de ler o que ele, Vargas, tinha escrito na parede do pneu. Verbalmente assaltei o Vargas, como havia, com vassoura e graxa, assaltado o gato. E, tal como o gato, o Vargas miou quando já achava demais. Eu que me pusesse na rua e que não voltasse mais à sua estação de serviço. Ele não tinha cometido nenhum crime. Se eu tinha um problema, que fosse resolvê-lo para outra banda. Que me fosse já, se não queria que ele chamasse a polícia.

Um anúncio no jornal *Fresno Bee* chamou-me a atenção para a possibilidade de tirar um curso por correspondência para conseguir o equivalente da *high school*. Respondi ao anúncio. Um senhor veio à nossa casa, explicou-me o que era necessário fazer, que pagaria as lições à medida que fosse progredindo. Não, não sabia quanto tempo levaria, mas, dado que eu tinha apenas uma instrução primária dos Açores, podia levar mais tempo do que era costume. Mas do que eu precisava, de verdade, era do desejo de aprender. Citou casos de pessoas que, em circunstâncias semelhantes à minha, tinham obtido os seus diplomas da *high school*, depois haviam frequentado universidades, e tinham ido longe. Pensaria no caso, disse-lhe. Falei com o Anselm e com o Tony. Talvez fosse boa ideia, concordaram eles. Mas que faria eu com um diploma da *high school*? Mesmo assim, eu ainda não teria um ofício, pois não? Contei-lhes que já tentara conseguir emprego em fábricas de conserva e de pneus e que a reação fora sempre mesma: exigiam diploma da escola secundária para aceitarem o requerimento de trabalho.

— Sim — disse o Tony. — Mas que garantia tens tu que, ainda que tivesses o diploma, terias conseguido um desses empregos, ou gostado dele? Nos dias de hoje — acrescentou — o diploma da *high school* é apenas um meio de acesso à universidade. Se uma pessoa tem a inteligência e tem meios de frequentar uma universidade, então sim, um diploma da *high school* faz sentido, sobretudo se é grátis.

Mas eu teria que pagar por ele; eu já era quase três anos mais velho do que os alunos já formados na *high school*. Devia pensar bem naquilo em que me estava a meter, no que dizia respeito àquela escola de Fresno. Aliás, era preciso ter muito cuidado com escolas que põem anúncios nos jornais:

— Levam-te o dinheiro e é tudo. Não lucras nada.

O Tony e o Anselm, eles mesmos, tinham o diploma da *high school*.

— E olha do que nos valeu. É verdade que o Anselm é capataz de uma vacaria, mas anda ainda metido em merda de vaca. E eu ganho a vida a lavar vacas, tal como tu que nunca puseste os pés numa *high school*.

Desisti do curso por correspondência. A escola de Fresno continuou a enviar-me prospetos e formulários; até me ligaram umas quantas vezes, mas nunca mais lhes dei atenção. Jogaria a minha última cartada de desespero. O David, que vinha à nossa vacaria testar as vacas, ia demitir-se do emprego, informou-nos um dia. Propus-lhe um negócio. Eu sabia fazer o trabalho dele, que consistia em montar uns instrumentozinhos de plástico atarrachados à torneira que transportava o leite da vaca para os sistemas de canalização que o conduzia ao tanque, para verificar quanto leite produzia cada animal... e depois levar os resultados para a companhia que, estudando-os, mandava os resultados coletivos para os leiteiros, que então decidiam se esta ou aquela vaca ainda produzia quantia e qualidade que justificassem mantê-la, ou se já não valia o suficiente como vaca de ordenha. Nesse caso, era enviada para o matadouro. Qualquer pessoa, até mesmo com a primeira classe, poderia fazer aquele trabalho. O David guiava o seu próprio carro, cujas despesas a companhia lhe pagava.

Eu dar-lhe-ia mil dólares se ele fizesse com que a companhia me desse o emprego a mim, agora que ele já não o queria! Ele não acreditava no que eu lhe acabava de dizer. Deveras? Sim, deveras. Aceitou, delirante. Mas, claro, não podia prometer nada, pois a companhia é que ia decidir. Eu daria o dinheiro ao Tony ou ao Anselm para eles segurarem.

Se me dessem o emprego a mim, o dinheiro seria transferido para o David. Expliquei-lhe a razão da minha tentativa de compra de um emprego, embora o David já soubesse do que se havia passado comigo.

Mas esta tentativa também saiu gorada. O David fez um esforço, mas a companhia não fez caso da sua recomendação. Deram o emprego a outra pessoa, com certeza a alguém que tinha o diploma da *high school*. A minha última esperança, como todas as demais, de conseguir um emprego que não fosse a ordenhar vacas, desvanecera-se como uma pluma de fumo. Apesar de tudo, eu tinha que parar de ordenhar vacas, fossem quais fossem as consequências económicas. Uma consulta recente ao neurocirurgião tinha estabelecido claramente que, se eu persistisse a ordenhar vacas, era bem possível que ficasse paralisado para o resto da vida.

O Mr. Lerda tinha pena de me ver partir, disse-me. Eu sentia-me orgulhoso de ter sido um excelente ordenhador na sua vacaria, embora eu soubesse, lá no fundo, que nunca chegara a atingir o esmero e a perfeição que eram timbre do Manuel. Devido à reputação que tínhamos estabelecido, o Mr. Lerda daria à nossa família outra oportunidade, empregando o José com o mesmo vencimento que eu tivera. Eu ficaria em casa até que algo surgisse. Fui ver aquele senhor em Tulare que tinha a hora portuguesa na rádio e que o Felisberto mencionara quando eu cheguei dos Açores. Ele tentaria ajudar-me. Até podia pôr um anúncio no programa dele, sugeriu. Alguém, quem quer que fosse, haveria de ter algum tipo de trabalho para mim. Mas as semanas passaram-se e ninguém respondia ao meu pedido feito no anúncio. Estava à beira do desespero.

E se eu, simplesmente, fosse para Los Angeles? pensei. Conhecia um rapaz da Aqualva que, tal como eu, tinha

ordenhado e odiado vacas e decidira zarpar para Los Angeles. Ouvíramos dizer que ele tinha conseguido emprego num restaurante e estava feliz. Então, eu também podia trabalhar num restaurante. Que eu me lembrasse, ele nem tinha concluído a escola primária na Aguilva e só sabia umas quantas palavras em inglês. Liguei para a família do Fernando e pedi-lhes o número dele. Contei-lhe a minha situação. Seria ele capaz de me ajudar a encontrar um emprego em Los Angeles?

– Claro, pá!

Vinha por acaso a Tulare ver a família e passaria pela minha casa e falaríamos. Fiquei animado com a nova porta a abrir-se. O Fernando havia tempo que trabalhava como lavador de pratos e, quando era necessário, ajudante de mesa no Du Par's Restaurant, em Studio City. Tinha começado por ganhar o salário mínimo, um dólar e sessenta e cinco cêntimos à hora, mas havia possibilidades de aumento. Podias aprender a cozinhar e tornar-te um *fry cook*, um cozinheiro que trabalha na grelha elétrica, emprego que pagava bem, quase tanto como o emprego de ordenhador. Ou podias aprender a trabalhar com o forno – o restaurante tinha uma pequena padaria – e eventualmente conseguir emprego como padeiro, quer no Du Par's ou noutra dos vários restaurantes da zona. Aliás, nem era necessário andar à procura de emprego. Pagava-se cem dólares a uma agência, e eram eles que nos conseguiam um emprego. E onde é que eu moraria? Conseguir apartamento era canjinha! Havia-os por toda a parte.

O Fernando tinha um companheiro de quarto com quem, valha a verdade, não se dava lá grande coisa. Mas a renda, a dividir por dois, era quarenta dólares. E ele não teria dificuldade em arranjar outro companheiro para partilhar

o quarto. O companheiro atual era um mexicano, *fry cook* no restaurant Tiny Naylor's, ali mesmo ao lado do Du Par's. De facto, o Fernando estava à procura de outro emprego, um emprego mais bem remunerado no armazém Bullock's, em Sherman Oaks, a umas milhas a oeste de Studio City. Se ele conseguisse ficar com esse emprego, o Fernando daria uma palavrinha por mim à Louise, a capataz do turno da noite no Du Par's. Como as pessoas gostavam muito dele no Du Par's, ele tinha quase a certeza que a Louise me daria o emprego. O Fernando podia até dizer à Louise que nós éramos primos. Mas se o emprego no Bullock's não resultasse, eu não teria dificuldade em conseguir emprego num restaurante de Studio City. Até o Lio, o seu colega de quarto, me ajudaria a arranjar emprego como lavador de pratos, possivelmente no Tiny Naylor's. Pensando melhor, o Fernando até pensava que o Du Par's estava, neste momento, à procura de um ajudante de mesa ou lavador de panelas.

O Fernando pintava Los Angeles em cores róseas. O Du Par's ficava em frente aos estúdios da CBS. A umas quantas milhas naquela mesma rua havia outros estúdios, como Universal City. Burbank, cidade de outros estúdios, incluindo o de Walt Disney, também ficava ali perto. Ele, Fernando, já tinha visto muitas estrelas da televisão e do cinema: Don Knotts, Jim Nabors, James Drury, a estrela do nosso programa de televisão favorito, *The Virginian*. Uma vez tinha até visto o Steve McQueen. Já vira a Doris Day? Não, não a tinha visto, mas talvez calhasse um dia destes. Muitas das empregadas do restaurante eram divorciadas. Se tivesses um bocado de dinheiro e fosses solteiro, podias divertir-te à brava. Nos dias de folga, podias ir a Hollywood ali perto, à baixa de Los Angeles, à praia. Ele tinha ido à praia várias vezes com uma empregada de mesa que trabalhava

no seu turno. Eu veria que a vida em Los Angeles não era nada como em Tulare, onde os ordenhadores viviam como animais, incapazes de fazer fosse o que fosse, até nos dias de folga, pois estavam já tão cansados nessa altura que o que lhes apetecia era dormir. Claro que se poupava algum dinheiro a trabalhar numa vacaria, pois nem havia tempo ou energia para o gastar. Mas a vida era mais do que acumular dinheiro, não achava eu?

Eu queria desesperadamente acreditar no Fernando. Ele era a prova concreta do que me estava a dizer. Estava asseado, bem-vestido. Até cheirava bem. Eu sempre temera cheirar mal quando ia a qualquer lugar — ao mercado, ao banco, pois o cheiro a vaca permanecia sempre connosco, por muito que nos lavássemos, na roupa, na pele, no próprio nariz, na mente. O Fernando partiu. Dali a uns dias, era para eu lhe telefonar com a resposta.

Naquele mesmo dia anunciei à minha família que ia para Los Angeles, não importava que resposta me desse o Fernando quanto ao emprego em Du Par's. Embora soubesse que a mãe não ficaria delirante com a ideia de me ver partir, também suspeitava que ela não se oporia, dadas as minhas circunstâncias e a falta de opções de emprego em Tulare. O pai tinha vários conselhos a dar-me, mas tão-pouco oferecia qualquer objeção à minha partida.

Manuel e José encorajaram-me a zarpar; até tinham inveja de mim. Se eu me desse bem, até o José poderia juntar-se-me. Nesta altura, já o Manuel e o José tinham ouvido do Felisberto que em Los Angeles até os trabalhos de ordenhador eram mais bem pagos do que em Tulare, pois em Los Angeles — Chino, Artesia e Ontário — os trabalhadores de vacaria pertenciam a sindicatos, ao passo que em Tulare não havia sindicatos para trabalhadores de vacaria.

Era por isso, explicara o Felisberto, que os ordenhadores em Los Angeles ganhavam quase o dobro do que em Tulare e tinham quatro dias de folga por mês. Agora que ele sabia que a Filomena e os pequenos não voltavam do *Isto*, o Felisberto era livre de se mudar à vontade. E estava farto de trabalhar para receber soldadas baixas. E não tardava muito que fosse para Los Angeles.

A camioneta de Greyhound, que eu associava a problemas devido às minhas viagens a Escalon, agora pareceu-me um veículo de libertação quando eu entrei nela em Tulare e me orientei, desta vez rumo ao sul, para a nova vida que me esperava. A sorte estava comigo, pois as coisas tinham corrido melhor do que eu esperava: o Fernando tinha conseguido o emprego em Bullock's, e eu tinha não só conseguido o velho emprego do Fernando como lavador de pratos, mas o seu velho apartamento também, que ele despejaria dentro de uns dias. Eu que lhe telefonasse quando chegasse a North Hollywood. Ele viria buscar-me, levar-me-ia ao apartamento para eu conhecer o Rosalío, o meu futuro colega de quarto, e depois iríamos a Du Par's, onde o Fernando me apresentaria à Louise, a minha futura patroa. Eu começava a trabalhar no dia seguinte às 5:00 da tarde. A propósito, ele tinha dito à Louise que nós éramos primos. Estava bem, eu não via nenhum problema com isso.

As boas-vindas em North Hollywood não foram o que eu antecipara. Deixando a mala de roupa no passeio, encaminhei-me para a estação de serviço logo ali do outro lado da rua para ligar ao Fernando. Quando regressei, a mala já não estava. "Alguém deve tê-la posto dentro da estação de camionetas", pensei. Fui lá dentro procurar e perguntar. Poça, podia alguém ter roubado a minha mala com toda a roupa que eu tinha no mundo? O funcionário

do terminal disse que sim, alguém não só podia, mas com certeza que o tinha feito. Aconselhava ele a que eu chamasse a polícia? Claro que podia, mas a possibilidade de reaver a mala era quase nula. Porque raio é que eu fora deixar a mala no passeio? Não sabia que estava em Los Angeles, ahn? O Fernando chegou com um amigo. Que sugeriam eles? Tinha eu alguma coisa de muito valor na mala? Bem, toda a minha roupa, alguns enfeitezinhos para o apartamento que a minha mãe empacotara, nada de muito valor, mas era tudo o que tinha.

— Bem-vindo à grande cidade — disse o amigo do Fernando num tom irônico. — Precisais de ir às compras!

Embora tivesse ficado constrangido com a perda, poderia ter sido pior. Compraria roupa nova. Abriria uma conta num banco local com os sete mil dólares que trazia, que era todo o dinheiro que fora capaz de poupar em Tulare durante os três anos e picos que ordenhara vacas.

O Fernando levou-me ao seu apartamento, localizado mesmo ao lado do Boulevard Laurel Canyon, para conhecer o Lío, como este gostava que o chamassem. O Lío era uma figura imponente: mais de seis pés de altura, esbelto, com um cabelo lindo. Ao pé dele, eu, com os meus cinco pezi-nhos e sete polegadas e meia, aquela pobreza de cabelo, as minhas orelhas grandes, era uma triste figura. Lío, como eu viria a descobrir nos poucos meses que vivemos juntos, era um homem de poucas palavras — e de menos pensamentos ainda. Quando o Fernando e o amigo partiram, Lío leu-me, no seu inglês mascavado, as regras dos meus direitos e responsabilidades. Ele podia falar espanhol comigo, sugeri, porque embora nunca tivesse estudado espanhol tinha, já havia três anos, trabalhado com mexicanos ou perto deles e compreendia o espanhol perfeitamente bem. Não, ele

preferia falar inglês. Era óbvio, pelo tom da sua voz, que a minha sugestão, bem-intencionada embora, fora menos que diplomática. O apartamento estava, e ficaria, no seu nome. O meu quinhão da renda era quarenta dólares, não me havia dito o Fernando? Sim, havia. Embora partilhássemos o mesmo frigorífico, o Lío comprava a sua mercearia e eu comprava a minha. O mesmo se aplicava às coisas de *toilette*: cada um de nós manteria as suas nitidamente separadas das do outro. E agora o mais importante de tudo: eu não poria nunca as mãos (*hands*, que ele pronunciava *hans*) nas raparigas que ele trouxesse ao apartamento, porque, como ele insistia — e doravante repetiria vezes sem conta — “Com isso de mulheres, um homem pode perder a vida”. Eu interpretei as suas admoestações como querendo dizer que se eu me aproximasse das suas namoradas, ele dava-me uma carga de porrada. Estava bem, concordava, disse-lhe, suspeitando que eu e ele nos daríamos tão mal como ele e o Fernando aparentemente se haviam dado. O Fernando já me tinha avisado que a aptidão do Lío para “pegar mulher” só era excedida pelas suas ciúmeiras insanas — ciúmeiras que, no caso do Lío, eram estupidamente sem fundamento face àquela mesma aptidão e à sua atração física. Que tipo de concorrência poderia eu oferecer ao Lío em questão de mulheres? Mas estava avisado.

Du Par’s era um grande *family restaurant* ou restaurante de família, e o meu trabalho não era difícil. No turno da noite, haveria umas dez empregadas de mesa, três *fry cooks*, um padeiro, dois ajudantes de mesa e dois lavadores de pratos. Eu começaria como lavador de pratos, mas tinha a responsabilidade de ajudar ou substituir os ajudantes de mesa, consoante fosse necessário. Trabalhando comigo na secção de limpeza da cozinha estava o Nash, o lavador de

panelas, embora este serviço fosse também da responsabilidade do Ben, um rapaz chinês recém-contratado que raras vezes abria a boca para falar. Depois de umas horas à pia de lavar, as costas doíam-me bastante (entretanto, eu não dissera a ninguém que tinha uma lesão nas costas), mas apertava o colete um pouco mais e sentia-me um tanto mais confortável.

Geralmente chegava ao trabalho por volta das 4:15 para poder comer antes de começar. Tinha direito, por contrato, a duas refeições, uma ao começar o trabalho e outra que podia tomar quando quisesse, desde fosse depois da hora de ponta do jantar da clientela. Havia uma salinha de jantar no andar superior onde todos os empregados tomavam as suas refeições. Dentro em breve iria conhecer os meus colegas. Mas primeiro teria que ultrapassar a minha timidez patológica. Se bem que sempre tivesse sido uma pessoa tímida, os três anos que passei nas vacas, o primeiro inteiramente sozinho e os últimos dois com relativamente poucos contactos além dos membros da minha família imediata, tinham acabado por enferrujar bastante as minhas aptidões sociais. Assim, metia-me comigo, esperando, com pouca esperança, que alguém se sentasse à minha mesa. Mas era coisa rara isso acontecer, até mesmo quando havia um número considerável de pessoas na salinha de jantar. Passava dias e dias sem falar com ninguém. Tinha tentado meter conversa com o Ben, o chinês lavador de panelas, mas em vão. Parecia que ele era ainda mais tímido do que eu.

Um dia o Ben deixou acidentalmente cair um par de enormes panelões no meio da cozinha que fizeram um barulho dos diabos. Embaraçado e zangado, ele desatou numa litania de obscenidades – num português perfeito!

Boquiaberto, não sabia qual das surpresas era maior: a de o Ben ser, afinal, capaz de falar, ou a de o Ben não só falar mas saber fazê-lo em português das ruas e vielas, dos caminhos e canadadas da nossa terrinha. Os ouvidos não me estavam a trair, pois não? Como era possível que um rapazola chinês que lavava panelas num restaurante de Studio City praguejasse tão admiravelmente bem em português? “Ben, eu também sou português!” — disse-lhe como se fôssemos dois velhos amigos que só agora nos tivéssemos reconhecido. Mas fiquei ainda mais surpreendido ao aperceber-me de que a nossa língua comum e a possível comunalidade da nossa herança cultural o tinham deixado inteiramente indiferente. O Ben voltou aos seus velhos hábitos mudos. Um dia faço este gajo sair da casca, garanti-me a mim mesmo, pois aqui estava uma pessoa com quem eu poderia estabelecer uma boa amizade.

Decidira que um dia depois do trabalho lhe falaria.

— Sou dos Açores, Ben — tive ocasião de lhe dizer por fim. — E tu, pá, donde és?

Fora do restaurante, o Ben recuperou o dom do verbo. Era de Macau, mas a família emigrara para Moçambique, onde havia sido criado. Depois haviam emigrado para a Califórnia, onde ele, estudante de engenharia aeronáutica, andava numa escola em Inglewood. Tinha conseguido este emprego para o verão. E que tal — apressei-me eu — irmos dar uns passeios no dia de folga, talvez no seu dia de folga? Veria. Eu gostava de *bowling*? Já tinha visto na televisão, mas nunca tinha jogado ao bólingue. Mas ele podia ensinar-me, que lhe parecia?

Ben e eu tornámo-nos bons amigos. Ele ensinou-me o jogo do bólingue, até que eu fiquei sendo quase tão bom como ele. Uns dias depois de nos tornarmos quase

inseparáveis, ele admitiu-me que o seu nome não era exatamente Ben. Quando veio para a América, havia mudado o seu verdadeiro nome, que era Chen, por razões óbvias (semelhança com o termo inglês 'chin', queijo). Também lhe disse que o meu nome era Francisco, embora todos na minha família sempre usassem o hipocorístico Chico. Mas depois de vir para a América, haviam começado a chamar-me Frank. Assim era mais fácil, porque de contrário as pessoas podiam chamar-me *Francisco*, como em San Francisco (pronúncia espanholada), ou *Chico* (pronúncia espanhola), como na cidade do norte da Califórnia. Até pensara então que fosse *chic* americanizar o nome, deixar de ser Chico. Agora preferia que o meu nome ainda fosse Chico, à portuguesa, mas era demasiado tarde para retroceder. Falámos da vida na América, em Moçambique, nos Açores. Sim, tinham emigrado por causa da guerra, que começou em 1964, e uns anos antes em Angola. Mundo pequeno, ambos concordámos. Nos meus dias de folga, Ben e eu demos passeios na baixa de Los Angeles e em Hollywood. Ele conhecia muitos lugares na área, pois a família vivia ali perto, em Pasadena.

Um dia fomos ver um filme num cinema da velha baixa de Los Angeles. Ambos gostávamos de filmes de *cowboys*, e escolhemos um cinema que exibia dois *westerns*. Ficámos sentados no teatro até ao que pensávamos ser o fim do espetáculo. Mas quando nos levantávamos para sair, a voz de um locutor veio informar a plateia que o espetáculo *ao vivo* ia ter início dentro em breve! Que espetáculo ao vivo? O Ben sabia alguma coisa de espetáculos *ao vivo*? Não, e eu? Sabia lá nada de espetáculos *ao vivo*. Mas, como não tínhamos para onde ir e a curiosidade nos prendia, resolvemos ficar e ver aquilo no que dava.

Tanto o Ben como eu já ouvimos falar de *striptease shows*, mas nenhum de nós havia jamais visto um *ao vivo*, nem nos havia ocorrido que iríamos a um cinema ver dois filmes de *cowboys* e que a sobremesa seria — um *striptease ao vivo*. Quando a banda começou a tocar e uma voluptuosa mulher, com movimentos de cobra na vertical, foi-se arrastando para o meio do palco à medida que ia tirando e atirando fora peças de roupa, o Ben e eu olhámos um para o outro e desabotoámos uma gargalhada de nervos até então abotoados. Que raio é que se passava ali ao vivo diante dos nossos olhos? A mulher continuava a tirar mais e mais roupa, enquanto alguns homens na plateia — que neste momento enchia praticamente o teatro inteiro — lhe gritavam para ela tirar mais e mais e mais... e ela ia obedecendo. Eu agarrava-me ao assento, cruzando as pernas para me poder controlar, pois sentia desejos incontroláveis de me masturbar. Em que diabo de lugar nos havíamos metido, lugar que o Ben e eu nem sabíamos que existia? Depois da primeira bailarina, veio um gajo ao palco contar anedotas. Ficámos-lhe com raiva! Que chato! Que fosse tomar banho — e deixasse a próxima mulher vir. Ficámos até bem ao fim do espetáculo. Quando saímos do teatro, certifiquei-me bem da direção do cinema, pois estava absolutamente seguro que, com o Ben ou sem ele, voltaria ali no meu próximo dia de folga.

E voltei, com o Ben e sem ele, até que os filmes e as mulheres começaram a repetir-se e eu comecei a perder o interesse. Na verdade, os espetáculos de *striptease* tornaram-se uma fonte de dor, pois intensificavam a minha solidão. Como poderia eu conhecer uma rapariga? O Fernando havia-me dito que levava uma das empregadas de mesa à praia; mas, como eu quase não conseguia que uma

delas trocasse uma palavra comigo, comecei a duvidar da sua história. Além disso, suspeitava que o amigo do Fernando era na verdade o seu amante. Era do conhecimento de muitos que o Fernando era homossexual. A verdade parecia confirmar-se, pois o Fernando vivia a umas cinco milhas de mim, tinha carro, e nunca me tinha vindo visitar — talvez para esconder a verdade de mim. Um dia perguntei ao Lío se ele sabia alguma coisa. Não, não sabia, e não era nada com ele. Gostava de se meter só na sua própria vida.

— Com mulheres, ou homens, um homem pode meter-se em sarilhos, ou perder a vida.

(O Fernando era, na verdade, homossexual: morreria de SIDA anos depois!)

A Pauline era, quanto a mim, a empregada de mesa mais bonita do restaurante. Já havia semanas que eu andava louco para lhe pedir um *date*. Mas como é que o faria? Vezes sem conta ensaiei mentalmente como o faria, como manteria a minha compostura se ela dissesse que não, pois tinha quase a certeza que ela diria que não. Mas, se nada se tenta, nada se ganha. Decidi que pediria à Pauline que me levasse a casa no seu carro. Dependendo da reação dela, então declararia as minhas verdadeiras intenções. Como o restaurante ficava a uma distância de dois ou três quarteirões do meu apartamento, se ela concordasse em me dar boleia, seria um indício da sua recetividade; se dissesse que não, eu podia disfarçar as minhas verdadeiras intenções por trás do facto de lhe ter apenas pedido boleia. Sucesso ou fracasso, pensei eu, dependiam apenas da maneira como eu lhe apresentasse o pedido e da minha compostura. Mas a Pauline, mestra neste e noutros jogos, compreendeu-o imediatamente.

— Levar-te a casa? Ora que essa é boa! Tu moras só a dois quarteirões daqui. Doi-te o dedo grande do pé, ou quê?

E não só me mandou à fava, mas aparentemente contou o que se passara às colegas, pois uma delas, a Jeanette, que era tão falazona como o Ben fora mudo, uma vez deixou escapar na sala de jantar:

— Então aquele é o que tem a dor no dedo grande do pé, não é?

La morrendo de vergonha. A Pauline não só me rejeitara, mas tinha dito a toda a gente no Du Par's para se rir de mim.

Com o Lío não tive muito mais sorte. Ao que parece, eu tinha — inadvertidamente, pensei eu — quebrado a sua regra de estrita separação de propriedade. Pois um dia meti-me no chuveiro e notei, muito nitidamente espetado na barra de sabão, o que parecia ser uma bandeirinha, consistindo num palito de espreitar os dentes rachado até meio e segurando um bilhetezinho em que o Lío tinha escrito “Hans off!” (Não tocar!). Não pude deixar de me rir. Com certeza que é piada do Lío! Eu nunca tinha usado o sabão do Lío! Mas se era piada, o Lío deveria estar de muito bom humor, pois quando abri o frigorífico fui recebido por mais duas bandeirinhas — uma espetada no pacote de queijo suíço, outra na caixa dos ovos. Afinal, não era piada nenhuma. Quando o vi, perguntei-lhe porque havia andado a içar bandeirinhas:

— Nada em particular — foi a resposta. — Um lembrete, só um lembrete.

Embora nunca tivéssemos esclarecido quais eram os meus deveres e responsabilidades em relação às namoradas do Lío, salvo o consabido *Hans off*, um dia que eu estava em casa e o Lío entrou com uma namorada, eu delicadamente pedi licença e fui-me embora para lhes permitir privacidade. Fi-lo por deferência ao Lío, que me tinha, como era óbvio, deixado partilhar o seu apartamento. Mas o Lío

não viu o meu ato como um gesto de camaradagem estritamente voluntário: entendeu-o como um dever que eu contraíra para com ele. Pois todas as vezes que o Lío trazia uma rapariga ao apartamento — e não levou muito tempo para eu perder a conta de quantas já tinham visitado o nosso covil — ele dava-me uma olhada, e às vezes até um sinal que tinha chegado o momento de eu me sumir, não importava que fosse dia ou noite. Um dia eu fingi que não o tinha visto e à rapariga, uma empregada de mesa que eu vira muitas vezes no Tiny Naylor's, restaurante onde o Lío era *fry cook*. O Lío ficou furioso. E tornou-me a lembrar que, com uma mulher, um homem pode perder a vida. Disse-lhe que fosse à merda. Eu pagava um quinhão igual pelo apartamento; eu também tinha direitos. Não ia permitir que ele fizesse esfregão de mim. A nossa relação tornou-se ainda mais tensa do que fora até então.

A Margaret, filha de um antigo cineasta que vivia em Studio City, era uma das amigas do Lío. Ela já viera ao apartamento várias vezes. Sempre trazia consigo uma garrafa de vinho Ripple, que bebia em poucos minutos. Às vezes saía para ir comprar outra e voltava pouco depois e tornava a beber a garrafa inteira numas quantas goladas. O que era diferente no caso da Margaret, porém, era que, ao contrário das outras que raras vezes me dirigiam sequer a palavra, a Margaret sempre fora extremamente amigável e gostava de conversar comigo. Como ela frequentava o Du Par's, eu às vezes também tinha breves conversas com ela no restaurante. Ela tinha o seu namorado, o John, um *hippie* que bebia Ripple e fumava marijuana, mas que a Margaret amava muito e esperava um dia desposar. Com o Lío, a Margaret admitiu, era apenas uma coisa física. Ele era, sem dúvida, muito mais bonito do que o John, o verdadeiro namorado

dela. Não achava ela difícil reconciliar o seu amor pelo John com o seu *affair* com o Lío?

— Ora essa, claro que não! — replicou a Margaret.

Donde diabo é que eu vinha? Vivia na Idade Média, ou coisa parecida? Que tipo de *quadrado* era eu? Mas, okay, gostava bastante de mim. Admirava o meu inglês. Eu era obviamente uma pessoa inteligente. Até chegou a pensar — disse, dando uma gargalhadinha irónica — que ela poderia fazer no seu coração lugar para nós os três: o John seria o seu namorado a sério; o Lío o seu namorado para as necessidades físicas; e eu, bem, eu poderia ser o seu namorado espiritual. De certo modo, ela teria um só namorado no Lío e em mim: ele, o corpo; eu, a cabeça.

Não sabia se devia sentir-me lisonjeado ou insultado:

— Se o John é o teu namorado de verdade, Lío o corpo e eu a cabeça, então o que és tu, Margaret?

Nunca perdendo a oportunidade de ser humorística, a Margaret respondeu logo:

— Isso torna-me o *pot* (“panela”, mas também termo da gíria para “marijuana”) em que vou cozinhar vocês os três em molho de vinho Ripple, percebes?

Apesar de tudo, gostava da Margaret. Agora que o Ben estava prestes a voltar à escola, não tinha muitas opções de amigos, porque não tinha nenhuns; e a Margaret havia sido suficientemente amigável para notar a minha presença e falar comigo. E assim a minha amizade pela Margaret cresceu, apesar da minha impressão negativa inicial. Estranha, e talvez não estranhamente, comecei a gostar da Margaret por aquelas mesmas qualidades que ao começo me haviam parecido defeitos nela: a sua franqueza e abertura em assuntos e comportamentos sexuais, o seu cativante sentido de humor, o não levar-se a si mesma muito a sério;

e, achava eu, o seu riso visceral, que sempre me produzia arrepios na espinha — arrepios que eu não sabia se atribuir a camaradagem ou a outro sentimento qualquer. Não vendo nenhuma ameaça da minha parte, ou não se importando muito com a Margaret, o Lío parecia nem se dar por achado que a Margaret viesse ao apartamento e que, na presença dele, estabelecesse conversa comigo.

Vim a descobrir que a Margaret frequentava o Los Angeles Valley College, um *junior college* ou escola pós-secundária e pré-universitária, em Van Nuys. (Aliás, uma escola onde os estudantes mais pobres, ou menos academicamente aptos, podiam e costumavam fazer os primeiros dois anos dos quatro anos requeridos para concluir o B. A. ou bacharelato, o que se fazia num programa de quatro anos num *college* ou numa universidade.) A Margaret planeava transferir-se para uma grande faculdade onde estudaria Filosofia, a sua disciplina favorita. Sabia eu o que era a filosofia? Não exatamente, mas já tinha ouvido falar de filósofos. Até sabia o nome de alguns. Bem, a Filosofia era a ciência de saber o que as pessoas pensavam, porque pensavam da maneira que pensavam, o que eram os pensamentos eles-mesmos e como as pessoas tanto dominavam os pensamentos como eram dominadas por eles. Tomemos a amizade, como exemplo. Sabia eu o que era a amizade? Seria capaz de lhe proporcionar uma definição de amizade? Bem, a amizade era o que as pessoas sentiam uma pela outra quando gostavam uma da outra, arrisquei. Seria possível sentir amizade e amor pela mesma pessoa ao mesmo tempo? — a Margaret queria que eu lhe dissesse. Sim, suponha que sim, embora sentisse que entre um homem e uma mulher a amizade era sempre um bocadinho difícil, pois um homem era um homem e qualquer coisa nele... sempre interferia com a possibilidade

de eles desenvolverem a amizade que de outro modo poderiam ter, salvo em casos de homossexualidade, claro. No lugar onde eu tinha nascido e sido criado, por exemplo, os rapazes e as raparigas normalmente não desenvolviam amizades do mesmo modo que acontecia entre pessoas do mesmo sexo. Era tudo uma questão de autocontrolo, opinava a Margaret. Por exemplo, o nosso caso. Éramos amigos, e no entanto ela era uma mulher; eu, um homem...

E assim a Margaret envolvia-me em debates abstratos ou semiabstratos dos quais, inevitavelmente, ela emergia vitoriosa, pois havia sempre algo que eu não havia visto; eu não podia acompanhá-la a todos os sítios a que intelectualmente ela tinha acesso; eu não possuía os conceitos e o vocabulário que ela facilmente dominava. Muitas vezes lhe disse que ela não estava a ser justa. Afinal, eu só tivera quatro anos de instrução primária; ela, pelo contrário, estava a frequentar um *college*.

– E porque não frequentas tu um *college*? – perguntou-me ela um dia.

E julgando pelo tom da sua voz, sabia que a Margaret estava a ser sincera comigo.

– Como é que poderia frequentar um *college* se nunca andei sequer numa *high school*?

– E daí? – replicou a Margaret.

Não sabia que, segundo a lei da Califórnia – o Plano Marshall, chamava-lhe ela – eu podia, como era maior de dezoito anos, frequentar um *junior college*? Tudo o que era necessário era demonstrar ao *college* que eu era passível de beneficiar da instrução recebida. Não precisava de mais nada. E, quanto a ela, eu já demonstrara que era capaz de beneficiar... (Na verdade, a Margaret tinha-se por uma espécie de professora minha e, sem exagero, tinha-me

ensinado muitas coisas.) Tudo o que era necessário eu fazer — sublinhou ela — era demonstrá-lo a mim mesmo. Importava-me que ela falasse ao orientador Mr. Miller acerca do meu caso? Não, não me importava. Importava-me de ir com ela e sentar-me numa das suas aulas um dia destes para ver como era?

— Hei de pensar no caso, Margaret — prometi-lhe.

Um dia, quando estava sentado sozinho à mesa a jantar, a Jeanette, a empregada loira e falazona, pediu licença e sentou-se à mesa comigo. A surpresa, mais que bem-vinda, quase me fez engasgar. Então eu era o sujeito que tinha dores no dedo grande do pé, não era? A minha cara deve ter-lhe acusado a minha consternação, pois ela mudou logo de assunto e apresentou-se. O que não era necessário, pois eu sabia o nome dela e ela o meu. Tínhamo-nos apresentado um ao outro brevemente um dia em que um cliente a tinha insultado, e ela, nervosa e dorida, tinha derramado água em cima das calças dele e ele malcriadamente atirara com um copo cheio de água ao chão. Eu tinha sido chamado para ir limpar o chão com uma esfregona e depois apresentei-me, dizendo-lhe que sentia muito que o cliente tivesse sido tão malcriado com ela.

Ela sabia que o meu nome era Frank — pronunciado com um forte sotaque alemão. Qual era o meu apelido?

— Fagundes — respondi.

— O meu nome de solteira é Christ — não é estranho? Mas pronuncia-se *Criste*, em alemão, porque eu sou suíça. O meu nome agora é Jeanette Gage.

Com que então, ela era estrangeira como eu? Quando é que viera para a América? No fim da década de 50. Tinha trabalhado como governanta; depois um cineasta tinha-a *descoberto* e ela começara a trabalhar como atriz no cinema.

Tornou-se uma estrelinha, uma *starlet*. Tinha feito três filmes... com Earl Lyon. Já tinha eu ouvido falar de Earl Lyon? Não, não tinha. (Nem acreditava na história que ela me estava a contar; mesmo assim, escutava-a.) Mas depois conhecera o marido, Alex, que, sendo muito ciumento, tinha-a convencido a abandonar a sua carreira no cinema. Ela não se tinha importado muito, pois, sendo as coisas o que são, ela com certeza que não teria ido muito longe como atriz. Por exemplo, só num dos filmes que fez, *Dieppe Raid* — um filme-B acerca da Segunda Guerra Mundial — haviam-lhe dado duas linhas de diálogo. Mas até mesmo naquele filme, o papel dela tinha-se reduzido a ser beijada apaixonadamente pelo herói quando este entra numa cabana em que ela está, nem se lembrava bem a fazer o quê, depois de qualquer tipo de batalha. Já tinha visto aquele filme? Às vezes ela via-o na televisão a altas horas da noite. Mas o nome dela quando era atriz não era Jeanette Gage, mas sim Jeanette LeFleur. Mas esse, claro, era um nome de palco. O nome verdadeiro, verdadeiro dela nem sequer era Jeanette, era Katrina. As duas linhas que ela tinha proferido no filme tinham sido ditas em inglês, mas com um forte sotaque francês. Ela falava várias línguas, não sabia eu? Falava suíço, a sua língua materna; tinha aprendido Alto Alemão na escola que frequentara em Berna, onde a mãe e o irmão ainda viviam; também tinha aprendido francês em Genebra onde trabalhara nas Nações Unidas; até sabia um bocado de italiano que aprendera em Lausanne, uma parte da Suíça próxima da Itália; e, naturalmente, o inglês que estava agora aqui a falar comigo...

Não acreditava no que acabava de ouvir! Estava esta gaja a brincar comigo? A gozar-me? Porque raios é que me estava a contar tudo isto? Seria como compensação para toda a

falta de companhia e de conversa com os outros colegas do restaurante durante aqueles quase dois meses que já trabalhava lá? Ela nem se havia jamais sentado à minha mesa antes. A Jeanette era um bocado mais velha do que eu, pensei. Pelo menos oito ou nove anos. Mas, talvez aqui estivesse a minha oportunidade da amizade por que eu ansiava, agora mais do que nunca já que a Margaret, embora continuasse a engodar-me com amizade e discussões filosóficas, estava para além das minhas possibilidades como namorada, sobretudo devido ao Lío. E a Jeanette, olhando bem, era ainda mais linda do que a Pauline. Quando pude meter uma palavra, fiz-lhe à queima-roupa uma pergunta:

– Importas-te de me levar a casa? Gostava tanto de continuar a falar contigo.

– Claro que te levo, Frank. Claro que te levo a casa. Dói-te muito o dedo grande do pé, ahn?

– Dói-me sim, Jeanette. Nem imaginas quanto!

VI JEANETTE E MARGARET

Aquela noite foi a mais vagarosa de todas as noites que eu passara a trabalhar no Du Par's. Continuei a pensar que, de um momento para o outro, a Jeanette entraria pela porta da cozinha dentro para me dizer que havia sido brincadeira e que não podia dar-me boleia até ao meu apartamento. Talvez até já tivesse dito à Pauline. Quem sabe se fora essa a intenção dela: acrescentar combustível ao incêndio que a Pauline iniciara acerca da minha metafórica dor no dedo grande do pé. Entretanto, eu havia perguntado ao Bud, o gerente do restaurante, se ele sabia alguma coisa acerca da Jeanette Gage. Ela tinha-me dito que fora atriz: era verdade? Sabia lá ele! O que sabia era que a Jeanette se ia tornando um cabo dos trabalhos: sempre a meter-se em sarilhos com os clientes, sempre a choramingar devido ao Alex estar no Vietname, e acerca da bolsa de valores. Mas se eu queria saber alguma coisa acerca da Jeanette, que perguntasse ao Walter, o *fry cook*, disse ele com um sorriso irónico.

O Walter, como eu já sabia, era o bem-querido das empregadas de mesa. Um negro alto e arrogante, irradiava autoimportância e autoconfiança. Era o chefe dos cozinheiros à grelha. Nunca abria ou empurrava as portas com as mãos — mas à patada. Ocasionalmente, ao passar por mim, fingia que me ia demolir com um murro, e depois o seu rosto abria-se todo num sorriso imenso e florido de homem

satisfeitíssimo com a vida, homem que sabe que, até como simples chefe de uma grelha, tem todo o poder do mundo nas mãos e que, se quisesse, podia esmichar outro homem com um murro. Todas as vezes que ele estava a tomar as refeições na salinha de jantar, havia sempre alguém sentado à mesa com ele, o que — chegara eu à conclusão — separava os que socialmente “possuíam” dos que “não possuíam nada”. Muitas vezes ouvira a Billie, a empregada de mesa mais velha do restaurante, que às vezes se sentava e conversava comigo, dizer aos colegas que quando havia algum problema que deveriam ir ver o Walter, consultar o Walter, perguntar ao Walter. O Walter dava conselhos, o Walter tomava decisões, todos se vergavam perante o Walter — parecia que ainda mais do que perante o gerente. Depois da conversa com o Bud, comecei a suspeitar de que havia qualquer coisa entre a Jeanette e o Walter. Lá estava a história a repetir-se, pensei. No caso da Margaret, havia o Lío, namorado físico, e o John, namorado de verdade; agora, com a Jeanette, havia o Walter. Em conclusão, não havia possibilidades para mim.

Quando tive ocasião de falar com ela, sugeri-lhe que quando chegasse a altura de partirmos que eu a esperasse no parque de estacionamento e que ela se encontrasse comigo lá. Afinal, ninguém tinha por que saber da nossa vida. Não via a necessidade, por exemplo, de a Pauline nos ver sair juntos.

— Porquê, Frank? O que eu faço é comigo, não da conta de ninguém! — replicou ela com um sorriso franco. E fez-me uma festinha no nariz com um dedo.

Saí do restaurante com a Jeanette, metemo-nos no seu Volkswagen e prosseguimos os dois quarteirões, em silêncio, em direção ao meu apartamento. Quando estacionou o

carro em frente ao meu apartamento, a Jeanette prosseguiu com a sua história de vida, como se a tivesse momentaneamente interrompido. Já me tinha dito onde vivia? Não, não tinha. Pois bem, vivia em Sherman Oaks.

Vivia lá desde que se casara. Era uma casa linda, lá em cima na colina de Crisp Canyon Road. Um dia convidava-me a lá ir.

— E o teu marido? — perguntei eu, fingindo não saber onde ele andava.

— O Alex está no Vietname. Já está lá quase há um ano.

Era militar? Não, trabalhava lá. O Alex era a ovelha ranhosa da sua família rica. Os seus irmãos — meios-irmãos, na verdade — eram corretores na Dean Witter em Beverly Hills. O pai do Alex, que já se aposentara, havia sido o vice-presidente de um banco muito conhecido em Los Angeles. Tinha desposado a esposa atual depois da morte da mãe do Alex. A sua atual mulher, a Helen, era muito rica. Ela e o primeiro marido tinham feito fortuna no Texas, na indústria do petróleo. Depois da morte do marido, viera para a Califórnia, e tinha sido cá que conhecera e casara com o pai do Alex. Os sogros da Jeanette moravam agora em Bel Air, um bairro muito rico que ficava do outro lado das montanhas de Santa Mónica. Já tinha eu ouvido falar de Bel Air e de Beverly Hills? De Bel Air não, de Beverly Hills sim. Até já vira um programa na televisão chamado *The Beverly Hillbillies*. Conhecia? Às vezes via, mas preferia telenovelas, de que era uma fanática.

Que fazia o Alex? Porque fora para o Vietname? Era electricista. Resolvera ir para o Vietname porque lá ganhava mais duas vezes o que ganhava cá nos States. Depois de o Alex ter partido, ela havia decidido conseguir um emprego para não ficar em casa sozinha o tempo todo, pois não

tinham filhos. Ela tinha querido filhos, mas não podia tê-los. E isto, durante todo o tempo que já era casada, criara problemas entre ela e o Alex. Talvez fosse por isso que ele abalara. Talvez esperassem que a separação os aproximasse mais. O emprego no Du Par's tinha-a ajudado imenso. Havia mais convívio. Mas não gostava dos colegas do turno do dia. Fora por isso que pedira para ser transferida para o turno da noite. Havia apenas umas quantas semanas que trabalhava neste turno. Ela conhecia o meu primo, Fernando? Sim, tinha falado com ele uma vez ou duas, mas já há tempos que não o via.

– Trabalha agora no Bullock's – disse-lhe.

E então eu? Não lhe ia contar nada de mim? Habitado como agora estava a mentir, instintivamente senti a necessidade de inventar uma história. A Jeanette fora uma atriz, estrelinha embora (pois agora não me restavam dúvidas que ela me dissera a verdade); a Jeanette era a nora de um ex-vice presidente de um grande banco de Los Angeles que vivia em Bel Air; a Jeanette era uma loira linda, de facto, a mulher mais linda com quem eu jamais havia estado a sós num carro; e acabava ela de me contar grande parte da sua vida privada como se fôssemos amigos há muitos anos – que pensaria ela ou sentiria ela acerca de mim se eu lhe contasse a minha estúpida e mal-cheirosa história de vacas e lhe dissesse que era quase analfabeto? Como reagiria – ela que com certeza estava metida com o Walter, o indisputável Casanova do restaurante – se eu lhe dissesse que tinha que usar um colete bem apertado para poder lavar pratos? E, finalmente, que não tinha nenhum futuro senão o de um lavador de pratos à minha frente? Não pesei as consequências de mentir à Jeanette. Queria, precisava desesperadamente de ser amigo dela, amigo de alguém.

E aqui estava uma oportunidade que eu não podia deixar escapar. Se as minhas mentiras acabassem por se revelar e me enredassem, lidaria então com esse problema. Naquele preciso momento, o mais importante para mim era que a Jeanette tivesse uma imagem positiva a meu respeito. Como a minha imagem de verdade, decidi, estava longe de ser impressiva, criaria eu uma imagem que achava que pudesse ser mais atraente.

O caso do Ben (ele já tinha regressado à escola) veio-me à cabeça:

– Sou aluno de engenharia aeronáutica em Inglewood. Consegui este emprego no restaurante para ganhar uns trocos durante o verão.

Os meus pais, irmãos e irmãs viviam no Vale de San Joaquin. Trabalhavam na agricultura. Mas eu fora mais afortunado do que os meus irmãos. Tinha sido criado pelos meus padrinhos. Eles tinham-me pago a instrução. Os meus irmãos e irmãs não tinham escolaridade quase nenhuma. Podia fazer-lhe um pedido: que ela fosse minha amiga, talvez dar-me boleia uma vez por outra para podermos conversar de vez em quando? Afinal, nós os dois éramos quase os únicos estrangeiros que trabalhávamos no restaurante. Tínhamos algo em comum. Claro que queria ser minha amiga! Pensava que eu era um rapaz muito simpático. A propósito, eu não devia deixar que a questão com a Pauline me afetasse. Ela, Jeanette, tinha-se apercebido logo de que eu era muito sensível. Ela gostava de pessoas sensíveis, pois ela também o era. Na verdade, a Pauline não me tinha dado boleia porque já tinha um namorado, dissera ela à Jeanette, e porque a Pauline achava que eu era ainda muito jovem, ainda de fraldas molhadas. O namorado da Pauline trabalhava ali mesmo ao lado do nosso restaurante, o Tahitian.

Estava inquieto para perguntar à Jeanette o que se passava entre ela e o Walter, mas decidi que seria impróprio e que havia tempo para lidar com essa questão. E tinha tantas outras perguntas para lhe fazer, pois os comentários do Bud haviam-me espicaçado a curiosidade. Mas essas perguntas também podiam esperar. Teria que ser muito cuidadoso e medir cada passo que desse, tudo o que diria e calaria. Faria tudo o que fosse humanamente possível, ou até humanamente impossível, para que a Jeanette gostasse de mim, gostasse de mim de verdade, da maneira que eu estava já certo que viria a gostar dela. Quando a Jeanette se foi embora e eu entrei no apartamento, pensei que os meus pés haviam adquirido asas e que as portas de um estranho e maravilhoso paraíso se me abriam, como se as vacas e toda a miséria e todas as privações de Tulare tivessem, de repente, começado a esvanecer-se da minha mente...

O Lío estava de partida para o México durante uns dias para ver a família. Ficaria inteiramente só no apartamento. Foi-se sem sequer se despedir de mim, o safado. Mas agora teria uns dias em que podia estar à vontade no apartamento com a Margaret. Voltei eu à questão de ir para a escola, pois agora havia uma boa razão para eu o tentar a sério. Talvez eu até pudesse, pensei, converter a minha mentira à Jeanette numa verdade, realizar, por assim dizer, a minha própria profecia e vir a ser um estudante universitário. Já falara a Margaret com o Mr. Miller? Não, ainda não, pois a escola estava ainda na sessão de verão. O semestre de outono no Valley College não começaria senão dali a um mês. Queria eu ir com ela falar com o Mr. Miller? Sim, queria. Margaret pediria o carro ao pai e nós iríamos ao *college*, que ficava a cerca de cinco milhas de Studio City. Como o curso de verão no *college*

ainda estava a funcionar, o Mr. Miller com certeza que se encontraria pelo seu gabinete. Mas a Margaret ligaria para se certificar.

Muito cedo no dia a seguir, estava eu ainda deitado, a Margaret bateu à porta do meu apartamento; vinha-me buscar. Tínhamos um encontro marcado com o Mr. Miller às 10:00. Importava-se de esperar lá fora até eu tomar um duche, ou preferia entrar e esperar cá dentro? Claro que não se importava de esperar cá dentro! Então pensava eu que ela nunca tinha visto um homem? Lá está a Margaret a brincar comigo, pensei. Quem sabe, talvez agora tivesse eu uma boa oportunidade, pois às vezes vinha-me um desejo brutal de fazer amor com ela. Mas não me aproveitaria dela, arriscando-me levar uma carga de porrada do Lío, ou pior, se ele viesse a descobrir. Além disso, já pensava na Jeanette, a quem achava incomparavelmente mais atraente do que a Margaret que, afinal, era ainda a namorada do John. E não queria arruinar a minha amizade com a Margaret que, apesar dos seus modos insólitos, estava a ensinar-me coisas que até havia pouco eu não achava que fossem possíveis, por exemplo, que um homem pode ser amigo de uma mulher, e nada mais que seu amigo, apesar de a achar fisicamente desejável.

— Para te mostrar que um homem e uma mulher podem ser só amigos, vou tomar um duche contigo — a Margaret anunciou, imprimindo à voz tal convicção e sinceridade que eu soube logo que ela não estava a brincar.

Não, não lhe permitiria. Não seria justo para o Lío, para o John, nem para ela, Margaret. Que aconteceria à nossa amizade se nos envolvêssemos um com o outro romanticamente? Não se importava ela com o que me poderia acontecer se eu começasse a gostar demasiado dela e o Lío viesse a

descobrir? Não sabia que o Lío me podia até matar? Que raio de importância é que tinha o Lío para ela! — disse Margaret à medida que começava a despir-se. Eu tremia como varas verdes, não sabendo se de ansiedade, pura e simplesmente, ou se de desejo de me ver no chuveiro com a Margaret, tocar-lhe, beijá-la, talvez fazer amor com ela. Metemo-nos os dois no chuveiro. A Margaret procedia como se estivesse a fazer a coisa mais natural do mundo, lembrando-me enquanto procedia que não estivesse envergonhado, porra, porque é que alguém havia de sentir-se envergonhado do corpo humano, a coisa mais bela e sã que havia no mundo? Pois não sabia que os Gregos inteligentes veneravam o corpo humano, humanizando os seus deuses, e não Deus, como nós os estúpidos modernos fazemos? Não sabia que os Gregos prezavam, acima de tudo, a amizade, não o amor, mas a amizade como sendo o mais precioso de todos os sentimentos humanos?

— Raios partam os Gregos, Margaret. Pelas alminhas, deixa-me abraçar-te, beijar-te! — implorei-lhe.

Mas a Margaret nem permitia que minimamente lhe tocasse. Que eu olhasse para ela, não a perturbava de todo, à medida que nos íamos lavando, com o sabão do Lío, o esfregão do Lío! Mas que eu não lhe tocasse. Tinha que controlar a besta em mim. Tinha que aprender a controlar-me. Tinha que pensar nela como sendo apenas uma pessoa. Afinal, qualquer indivíduo pode praticar o coito; até os cães e os gatos o fazem. Veio-me a Linda à mente: havia-lhe dito quase exatamente a mesma coisa ao pé da meda de fardos de luzerna!

— Margaret, a verdade é que nunca fiz amor com uma mulher na minha vida inteira! Deixa ao menos que te toque, que te abrace! Só hoje!

Mas a Margaret já tinha saído do chuveiro e estava a enxugar-se com a toalha do Lío. Ainda no chuveiro, rompi num choro de humilhação.

– Raios te partam, Margaret, que raio de crueldade a tua! – gritei-lhe, odiando-me por haver permitido que ela tivesse posto os pés no chuveiro comigo.

– Não sou eu que sou cruel contigo, Frank. Tu é que estás a ser cruel contigo. E comigo! Eu sou uma pessoa, Frank. Esforça-te por pensares em mim como sendo apenas uma pessoa!

Quando saímos do apartamento, eu ia ainda a tremer de super-humilhação. Porque é que isto me estava a acontecer? Que fizera eu a esta mulher para ela me tratar assim? A Margaret mudou de assunto, como se nada de anormal tivesse acontecido no apartamento. Iríamos tomar o pequeno-almoço e depois ver o Mr. Miller.

Que pensava eu do Lío, mas pensava mesmo de verdade acerca do Lío? Pensava que ele era um homem bonito mas burro. Que outra coisa poderia eu pensar? E ela? Pensando bem, concordava comigo. O Lío não tinha ideias: *paria* ideias, com grande sofrimento. “E”, acrescentou com uma risadinha escarrenta, “eram sempre bebezinhos mortos”. Às vezes o Lío também participava nos nossos debates filosóficos. Como se ela e eu tivéssemos planeado de propósito gozar com ele, conduziamo-lo por sendeiros abstratos do pensamento e abandonavamo-lo, perdido, sem a mínima possibilidade de reencontrar o caminho de volta. Mas, sinceramente, às vezes pensava que o Lío era muito mais inteligente do que aparentava. O problema do Lío era o seu inglês. Mas ele insistia sempre em falar inglês, com certeza devido ao seu complexo de inferioridade como mexicano. E como eu estava farto de saber, não há nada que mental e

intelectualmente diminua mais uma pessoa do que ter que se exprimir numa língua que não conhece, ou conhece mal. Já me tinha acontecido a mim tantas vezes, e eu sabia que o meu inglês era incomparavelmente superior ao do Líó. Tinha-me acontecido, por exemplo, uma vez que fora comprar um seguro em Tulare. Sem saber o termo do inglês e sem me aperceber do que estava a fazer, traduzi literalmente do português *seguro* e disse à velhota funcionária que queria comprar *security* (segurança). Ela olhou para mim com um olhar de superioridade no rosto e disse:

– Pois não queríamos todos, meu caro? Não queríamos todos? Querias dizer *insurance*, não era?

Que ódio àquela rata! Ter-lhe-ia torcido o pescoço enrugado! Até suspeitava que o considerar o Líó estúpido era a minha maneira de estabelecer algum tipo de superioridade sobre ele, pois lá no fundo de mim, como eu lhe invejava a aparência! O que eu não haveria dado para ter aquela facilidade com as mulheres! Em momentos como aquele por que havia passado no apartamento com a Margaret, eu teria dado metade do meu corpo se a outra metade ficasse a parecer-se, por minimamente que fosse, ao Líó! Eu também havia sido considerado um rapaz bonito na Agualva. Mas na América, tinha que concorrer com milhares, milhões, de estrelas mais brilhantes. E ao pé daquelas estrelas brilhantes, eu quase nem era visível a olho nu, quase nem com telescópio!

Que gostaria eu de estudar? A Margaret falava como se eu estivesse já a frequentar o Valley College e já tivesse frequentado muitas aulas e tudo o que faltasse fazer fosse decidir a minha especialização.

– Sei que não vou estudar Filosofia – respondi por brincadeira.

— Pois devias — retorquiu ela com entusiasmo. — E devias ter aulas com o Mr. Roy Beaumont, o professor mais maravilhoso que alguma vez terás. É o meu professor predileto.

E a Margaret prosseguiu, falando dos professores que eu devia ter e os que devia evitar. Falou das aulas que ela pensava que eu deveria frequentar primeiro, pois era evidente que eu tinha que começar pelo princípio. Não recomendava, por exemplo, Inglês 1, a aula da Mrs. Shields, pois seria demasiado difícil para mim, por enquanto. Devia estudar línguas estrangeiras porque, como era evidente, tinha aptidão para línguas, considerando como já falava o inglês. Ela mesma ia inscrever-se na aula de Alemão com a Mrs. Soper, que tinha uma excelente reputação como professora. Que aconselhava a Margaret que eu dissesse ao Mr. Miller? Isso era comigo, claro. A verdade, naturalmente. Ela já me tinha dito que não havia qualquer problema com a inscrição, embora tivesse que consultar um orientador e fazer um exame de admissão. Entrei em pânico.

— Um exame de admissão? Que tipo de exame de admissão?

Pois então eu não sabia que teria de fazer um exame de admissão? Claro que não sabia, ora essa! Como é que ia saber? E como é que ia passar num exame de admissão se nunca tinha feito um exame na minha vida inteira, salvo o exame de quarta classe que fiz na Praia da Vitória? E que fariam os professores quando vissem os resultados do meu exame? A propósito, que perguntas fazem no exame? Não me devia preocupar com nada disso, opinava a Margaret. O exame era para estabelecer o que eu já sabia e o que precisava ainda de estudar. Era tudo. Com base nos resultados,

os orientadores ajudar-me-iam a escolher as cadeiras apropriadas para começar.

– E se eu fizer porcaria no exame, como sei de certeza que vou fazer, Margaret?

– Pois nesse caso começa por tirar cadeiras muito básicas.

O Mr. Miller não respondeu melhor e mais pormenorizadamente às minhas perguntas do que a Margaret já havia respondido. Para minha surpresa, ele confirmou tudo o que ela me dissera: sim, qualquer pessoa com mais de dezoto anos podia inscrever-se no Valley College e continuar a estudar lá, desde que fosse capaz de demonstrar que “beneficiaria da instrução pós-secundária”. Chamava-se o Master Plan – o Plano Mestre, uma lei do Estado da Califórnia de 1960. Pensava eu que poderia beneficiar da instrução? Onde é que tinha frequentado a escola secundária? Olhei para a Margaret, que estava farta de saber que eu nunca tinha andado no liceu ou em qualquer escola secundária. As tentativas de emprego a não ser na ordenha de vacas – em Modesto, em Hanford, em Tulare – acudiram pressurosas e agarraram-me pelas goelas: “ou mentes ou matam-te!” Senti-me perdido, mas recuperei rapidamente o sangue-frio:

– Frequentei a *high school* nos Açores, onde nasci e me criei. A escola era nas Lajes, perto da Base Aérea Americana. O nome da escola era Liceu do Infante Dom Henrique, que significa Henry the Navigator High School.

– Bem – disse o Mr. Miller –, se queres que consideremos a possibilidade de te admitir no semestre da primavera, que começa em fevereiro, deverias inscrever-te para fazer o SAT (Scholastic Assessment Test). Entretanto, pede à tua escola nos Açores que envie o teu registo escolar para o Valley College.

E o Mr. Miller desejou-me muita sorte. Ofereceu os seus serviços como orientador no caso de eu resolver frequentar o Valley College. Uma pessoa, naquele gabinete do outro lado do corredor, a Margaret sabia onde era, dar-me-ia a informação sobre o SAT. Agradei muito ao Mr. Miller e a Margaret e eu partimos.

— Porque raio é que foste mentir ao Mr. Miller? — exigiu a Margaret que eu lhe explicasse quando chegámos à rua. — Porque é que lhe disseste que tinhas frequentado uma *high school*? — insistiu ela.

E exigiu que eu regressasse, naquele mesmo momento, ao gabinete do Mr. Miller e lhe dissesse a verdade toda. Poça, por que razão lhe tinha mentido e continuava a mentir a mim mesmo? Então ela não me tinha dito, e não me tinha o Mr. Miller confirmado, que para frequentar o Valley College tudo o que era necessário era demonstrar que era capaz de beneficiar da instrução? Implorei-lhe que ela não insistisse ou dissesse nada ao Mr. Miller, pois tinha a certeza que, apesar da cantiga acerca do “beneficiar da instrução”, ele rir-se-ia na minha cara se eu lhe dissesse que só tinha quatro anos de instrução primária dos Açores, completados havia onze anos. Mas a Margaret só consentiria em deixar a mentira por enquanto permanecer se eu lhe promettesse uma coisa: quando já estivesse a frequentar o Valley College, um dia fosse ao gabinete do Mr. Miller e lhe explicasse as razões por detrás da mentira, lhe pedisse perdão, e lhe pedisse ainda que apagasse a mentira do meu registo escolar. Fiquei profundamente emocionado com o pedido da Margaret.

— Margaret — perguntei-lhe —, porque é que estás a fazer tudo isto por mim?

Ela olhou para mim como se eu lhe tivesse feito a pergunta mais idiota do mundo:

– Porquê? Porque te amo!

Eu olhei para ela, lembrando-me ainda perfeitamente do que se tinha passado entre nós havia umas quantas horas. Ela corrigiu-se:

– Eu amo-te muito, Frank, como a um querido amigo. Não tenhas disso a menor dúvida!

Pois era possível que isto me estivesse a acontecer? Eram a Margaret, a Jeanette, o Mr. Miller, e o próprio Valley College coisas de verdade? Ou eram tão-só, tal como o curso de engenharia aeronáutica e o Liceu do Infante Dom Henrique, ficções da minha imaginação e da minha insegurança?

A Jeanette e eu víamo-nos regularmente, quer no restaurante, quer no carro e em frente do meu apartamento, pois agora ela dava-me boleia para casa quase todos os dias. No restaurante, porém, ela só se sentava comigo quando o Walter não estava na salinha de jantar. Quando ele estava lá, ela sentava-se com ele, às vezes olhando apologeticamente para mim. Uma vez em que eu estava sentado à mesa com a Jeanette, o Walter entrou com a bandeja da comida na mão. Sem sequer pedir licença, sentou-se ao lado da Jeanette e iniciou com ela uma conversa íntima, como se eu nem estivesse ali. Eu desculpei-me, levantei-me e fui-me embora. Prometi-me a mim mesmo que, naquela noite, perguntaria à Jeanette o que se passava entre ela e o Walter. Mas naquela noite a Jeanette avisou-me que não me ia dar boleia naquele dia, nem me daria mais boleia no futuro. Fiquei passado. Porquê? Que lhe havia feito eu? Ocorreu-me que ela tivesse visto o Fernando no Bullock's e tivesse descoberto que eu lhe havia mentido acerca de ser um estudante, e agora queria castigar-me rompendo com a nossa amizade.

– Então falaste com o Fernando?

– Fernando? Que pergunta é essa?

Não, não era isso. Eu já sabia: tinha que ser o Walter.

– É o Walter, não é?

Pensei que a Jeanette ficaria surpreendida, ou que fingiria surpresa, mas não. Reiterou a sua decisão de não me dar mais boleia e acrescentou:

– Não te metas com o Walter. Ele pode magoar-te. E eu não queria que isso acontecesse.

Pois aí estava! E ele já tinha ameaçado que me daria uma carga de porrada. Pois bem, veríamos. Eu falaria com o Walter. Falaria com o sacana, embora fosse a última coisa que fizesse. Ainda que ele me matasse, eu falaria com ele. A Jeanette pediu-me muito que não o fizesse. Ele podia-me bater. Podia ligar-lhe a ela para sua casa? Dava-me o seu número? Jeannete escreveu-o num pedacinho de guardanapo e entregou-mo. Depois saiu apressada do restaurante. O coração batia-me destravadamente no peito à medida que me apressava para casa para lhe ligar. Não sei quantas vezes marquei o número até ouvir a voz dela. Então, que se passava? Ela e o Walter viam-se um ao outro, não era? E agora que o Walter descobrira que éramos amigos e provavelmente que a Jeanette me dava boleia, ficara com medo de eu lhe desmanchar o arranjinho e queria que eu me sumisse. Não era essa a pura das verdades? Sim, era. A Jeanette tinha visto o Walter umas quantas vezes; sim, tinham sido “íntimos”.

Ela tentara romper com ele quando se apercebeu que estava a ficar emocionalmente envolvida com o Walter que – não sabia eu? – era casado. Ela tinha cometido um erro, mas agora ia corrigi-lo. Só não queria que eu, que ela considerava um amigo e uma testemunha inocente, ficasse magoado por causa dela. Aliás, às vezes, depois de me deixar no apartamento, ela tinha ido ver o Walter. Este tinha-se-lhe

queixado, conquanto ela lhe tivesse dito que quem ela escolhia como amigo não tinha nada que ver com ele.

Com que então, a Jeanette havia estado a usar-me para romper com o Walter!

— Então tens andado a usar-me todo este tempo, não é verdade, Jeanette?

Bem, de certo modo, não deixava de ser verdade. Mas não fora de propósito ou coisa premeditada. Ainda gostava de mim. Gostava mesmo muito de mim e pensava que nós poderíamos ser bons amigos.

— Mas eu não gosto de ti apenas como amiga, Jeanette — não hesitei mais em dizer-lhe. — Eu gosto de ti... como um homem gosta de uma mulher, não apenas como um amigo.

Então ela não se havia apercebido disso? Bem, para dizer a verdade, tinha suspeitado. E essa era mais uma razão para deixar de me ver. Já me tinha eu esquecido que ela era casada? Não via que ela era muito mais velha do que eu? Eu deveria concentrar-me nos meus livros e esquecer-me dela, encontrar uma rapariga da minha idade e sair com ela. E porque não a Margaret? Não havia falado de uma rapariga de nome Margaret que às vezes visitava o meu apartamento?

— A Margaret é a namorada do Lío — ripostei. — E eu gosto é de ti, Jeanette, não da Margaret.

Era óbvio que a Jeanette queria pôr termo à conversa telefónica. Tive a sensação que ela estava prestes a desligar-me o telefone. Para evitar que ela o fizesse, decidi mudar de assunto.

— A propósito — disse-lhe —, o Bud mencionou no outro dia que estás a ter problemas com a bolsa de valores. O que é isso? Precisas que eu te ajude financeiramente? Eu tenho algum dinheiro, sabes?

Sim, ela tinha dinheiro investido na bolsa. O Alex mandava-lhe dinheiro todos os meses, que ela continuava a investir — os irmãos dele, que eram corretores na Dean Witter, é que se encarregavam do portfólio. Ultimamente, ela tinha perdido bastante dinheiro. E tinha medo que o Alex descobrisse e ficasse furioso com ela. Ela tinha partilhado a informação com um par de supostas amigas no turno de dia; elas tinham pensado que ela estava a ser soberba ou prentensiosa por ter dinheiro na bolsa. Era a isso que o Bud devia estar a referir-se. Naquele restaurante, todo o mundo sabe tudo e fala de tudo acerca de todos!

— Eu ajudo-te, Jeanette. Ponho parte do meu dinheiro, ou todo o dinheiro que tenho, na bolsa. Se ganhar algum dinheiro, dou-to para te ajudar a resolver os teus problemas financeiros. Se perder, perco eu. Mas, diz-me lá, a propósito, que raio de coisa é a bolsa de valores?

Ela explicou-me, disse-me quantas vezes havia realizado grandes lucros, e que as perdas atuais eram apenas no papel — pois não incorreria uma perda definitiva até que vendesse as ações que tinha e não tinha quaisquer intenções de liquidar o seu portfólio sem autorização do Alex. Mas não. Não aceitaria — absolutamente — tal oferta da minha parte. Eu insisti:

— Por favor, pensa no caso. Promete-me que pensarás no caso.

Ela prometeu que sim. Então continuaríamos a vermos-nos? Não, isso não. Agora eu tinha mesmo que esquecer isso, agora mais do que nunca. Importava-se de eu lhe ligar ao menos? Não, isso eu poderia fazer, mas só de vez em quando.

Adormeci a chorar aquela noite. Senti-me esmagado, pois passara a depender da Jeanette para os poucos

momentos de felicidade que tinha na vida. Parecia que, exceto a Margaret, não havia ninguém no mundo na área onde vivia a quem mais quisesse do que à Jeanette; e à Jeannete, apesar de tudo o que eu devia à Margaret, eu tinha incomparavelmente mais carinho. Mas estava mais do que pronto para fazer tudo o que estivesse ao meu alcance, fosse o que fosse, para não perder a sua amizade. Tinha sido sincero ao dizer à Jeanette que lhe emprestaria o dinheiro? Meu Deus, os sete mil dólares que ainda tinha na conta no Lincoln Savings, em Studio City – pois desde que viera para Los Angeles não fora capaz de poupar nem mais um centavo – todo o dinheiro que eu ganhara naqueles três anos miseráveis de Tulare! Arriscaria atirar fora aquele dinheiro devido a uma mulher casada que estava envolvida com outro homem, também casado, uma mulher mais velha do que eu, uma mulher que com certeza não se importava um chavo comigo; o dinheiro pelo qual eu tinha – e só por uma pequena parcela dele! – posto em risco a minha relação com o meu pai? Fora mesmo sincero no que dissera à Jeanette, ou estava novamente a mentir-lhe, a ela e a mim? Por difícil que fosse acreditar nisso, concluí que, sim, tinha sido mais sincero do que nunca. E tive que admitir também que queria mais à Jeanette do que jamais imaginara querer-lhe, agora que estava a ponto de perder a sua amizade.

Pensei em abandonar a ideia de frequentar o Valley College, agora que a situação com a Jeanette parecia tão insólúvel. A Margaret, com quem eu nunca discutira a Jeanette, continuava a falar-me do Valley College. Iria comigo no dia do exame de admissão. Não, não podia entrar na sala onde eu fazia o exame, mas esperaria por mim cá fora. Resolvi ir. Porque não? Afinal, que tinha a perder?

Mas o exame seria no fim do outono. Entretanto, a Margaret insistia que eu fosse a uma aula com ela, que estava já a frequentar este semestre de outono, para ver como era. Afinal, eu nunca tinha assistido a uma aula numa escola americana. Como a Margaret já tinha concluído que eu tinha aptidão para línguas, eu iria com ela à aula de Alemão 1 que ela estava a fazer com a Mrs. Soper. Sentámo-nos, a insistência minha, na última fileira de carteiras. Deveria haver uns dez ou doze alunos ao todo.

A Mrs. Soper, uma simpática senhora já de idade, entrou e fez a chamada. Havia alguém cujo nome ela não tivesse chamado? Sim, informou a Margaret. Eu era um amigo dela que viera para observar a aula. A Mrs. Soper importava-se?

— Doutora Soper, eu sou Doutora Soper.

Eu sabia que a Margaret me queria sob o foco da luz. Bem, temos um visitante. E como me chamava?

— Frank Fagundes — respondi.

Bem, a Doutora Soper tratar-me-ia como qualquer outro aluno no final da aula de hoje. Porque não me inscrevia na sua aula? Antes de eu ter a oportunidade de dizer à Doutora Soper que não era aluno, ela deu início à aula. E de vez em quando pedia a minha contribuição. “Heute ist Montag”. Por favor, repitam depois de mim: “Heute ist Montag!” A turma inteira repetia. Depois, a Doutora Soper pedia a alunos que repetissem individualmente: “Heute ist Montag!” “Morgen ist Donnerstag!” — prosseguia ela. Desta vez, só uns quantos indivíduos foram chamados a repetir individualmente, sendo eu um deles. Quando chegou a vez de repetir sozinho “Ausgezeichnete Arbeit”, alguns dos alunos começaram a mastigar o alemão. Eu disse a palavra “Ausgezeichnete” sem qualquer dificuldade.

Aparentemente, eu tinha feito um trabalho aceitável, porque depois da aula a Doutora Soper veio perguntar-me porque era que eu não me tinha inscrito na sua aula. Antes de eu ter a oportunidade de responder, a Margaret respondeu por mim:

– Ele vai-se inscrever, mas não este semestre. Na primavera, ele vai estudar alemão.

Estava satisfeito comigo mesmo. Se todos os cursos no Valley College fossem tão fáceis como o Alemão 1 prometia ser, o *college* seria uma brincadeira. E como a Jeanette ficaria impressionada, ocorreu-me, se eu aprendesse alemão para falar com ela. No fim do outono, compareci para fazer o SAT. A Margaret, como havia prometido, tinha ido comigo e esperaria cá fora. O exame era num auditório imenso. Haveria uns duzentos alunos a fazer o exame. Acho que nunca sentira tanto medo na minha vida. Meu Deus, que fazia eu aqui? Que brincadeira era esta eu deixar-me persuadir a entrar neste auditório para fazer este exame? Entregaram-me um livrete com um número enorme de perguntas; depois deram-me uma folha daquelas com bolhinhas para marcar as respostas. Era um daqueles exames com respostas múltiplas. Devíamos ler a pergunta cuidadosamente, depois assinalávamos com um lápis que nos haviam dado uma das cinco bolhinhas que correspondia à resposta certa.

– Não escrevam no texto do exame – uma voz avisou.

Olhei para a rapariga sentada ao meu lado para ver o que ela fazia. Seguiria o seu exemplo. Ela começou a folhear as páginas do exame. Eu fiz o mesmo.

Havia perguntas para testar os conhecimentos e aptidões matemáticas do aluno (eu só estudara aritmética elementar na escola primária da Aguálva, não entendia pata-vina de álgebra, geometria, cálculo, e bichos semelhantes!),

perguntas para testar a compreensão de passagens que teríamos que ler, perguntas para testar os conhecimentos de gramática (tinha quase a certeza que acertaria nalgumas daquelas), conhecimento geral das ciências biológicas, físicas... Mas eu nunca havia estudado nada disto! Ia-me embora. Mas o que pensariam aquelas centenas de pessoas quando me vissem levantar e sair uns quantos minutos depois de o exame começar? Pois bem, eu viraria as folhas do livrete do exame e marcaria as bolhinhas todas, e no final entregaria o exame como os demais alunos. E depois fugia dali para fora e nunca mais mostraria a cara em nenhuma escola por muitos anos que vivesse! A Margaret que fosse para o inferno com todas as suas ideias! O Mr. Miller que fosse para o inferno com as suas! Beneficiar da instrução? Se o exame de admissão era isto, que probabilidade é que eu tinha de alguma vez passar num único exame, com a possível exceção de Alemão 1? Eu sabia que era capaz de aprender. Eu sempre fora o melhor aluno de todas as aulas que já frequentara — mas isso fora na Aqualva. Fora o melhor aluno da turma de inglês do Senhor Santos — mas isso era no Juncal e depois na Canada da Saúde, na Praia! Isto agora era um *college* na América! O que a Margaret havia chamado o SAT, um exame que até os estudantes americanos, incluindo os que tinham concluído a *high school*, temiam! Porque diabo é que eu tinha consentido em deixar-me submeter a uma prova destas?

A sensação de derrota, de humilhação e vexame quando saí do auditório foi do pior que jamais senti e sentiria! Raios partissem o governo do país onde tinha nascido! De que crime eu e outros milhares de jovens portugueses, de gerações de portugueses, havíamos sido vítimas! Agora é que eu o percebia! Como preparar dez milhões de seres humanos

para a vida do século XX e XXI com quatro anos de instrução primária, por vezes, como no meu caso, ministrada por algumas pessoas que nem habilitações educacionais possuíam?

Tão-pouco perdoaria à Margaret o que ela me tinha forçado a fazer, nunca!

– Então, como é que foi a coisa?

Era a voz da Margaret atrás de mim.

– Como foi a coisa? Não sabes que eu ia morrendo ali dentro? Não sabes que eu não fui capaz de responder corretamente a nenhuma daquelas perguntas, que não havia maneira de eu poder responder corretamente a nenhuma delas? Porque é que me meteste nesta, Margaret? Responde-me lá: porquê?

A Margaret rompeu às gargalhadas.

– Sabes – disse ela quando o riso lhe permitiu falar –, eles dão-te uns quantos pontos só por escreveres o teu nome corretamente. Com um nome como o teu, eu tenho a certeza que eles não só te vão passar, mas vão dar-te um bónus. O teu nome soa a *fungus* (fungo), sabias? Já pensaste em especializar-te em Botânica, em Patologia de Plantas?

Cerca de um mês depois, recebi uma notinha do Mr. Miller, que ele enviara pela Margaret para me entregar. Como eu me tinha esquecido de escrever a minha direção na folha de respostas do exame, os resultados do exame haviam sido enviados para o Valley College e tinham ido parar, não sei bem como, às mãos do Mr. Miller. Ele queria que eu fosse ao gabinete dele para discutirmos os resultados do exame. Eu disse à Margaret que não iria, pois sabia perfeitamente bem o que o exame revelara a meu respeito; que não precisava que mo lembrassem; que não ia sujeitar-me a novas humilhações e descobrir outra vez, da boca do

Mr. Miller, que o meu exame indicara que eu era analfabeto.

– Porra, Margaret, eu já sabia que o era quando fiz a merda do exame!

Mas a Margaret não aceitava a desculpa. Afinal, ela também merecia alguma consideração depois de tudo o que fizera por mim, não achava eu?

– Está bem, irei, mas só por ti.

A verdade é que eu também estava ansioso por saber o que o Mr. Miller achava; e que, como a Margaret me tinha dito tantas vezes, o exame só mostrava o que a gente sabia e não o que éramos capazes de aprender, eu no fundo agarrava-me a um pouco de esperança, por desesperado que fosse o meu caso. Desta vez, porém, pedi à Margaret que não insistisse em ir comigo: eu queria ir sozinho. Não queria a Margaret comigo, no caso de ter de mentir ao Mr. Miller, pois estava decidido a não passar por mais humilhações na praça pública da honestidade.

– O teu exame foi um autêntico desastre – disse-me o Mr. Miller logo que entrei no seu gabinete. – Segundo os resultados – acrescentou ele – tu não sabes nada, mas nada mesmo. Nem te vou dizer que nota é que conseguiste tirar. O que é que te ensinaram naquela escola secundária dos Açores?

O meu orgulho, incutido pela madrinha e a que eu recorria de vez em quando para escudo das marteladas da vida, subiu-me à garganta e agarrou-me pelos gorgomilhos:

– O exame mostra o que eu sei hoje, Mr. Miller, que na verdade não é muito. Mas o senhor disse que eu podia matricular-me nesta escola, não foi? E que tudo o que eu precisava de fazer era demonstrar que seria capaz de beneficiar da instrução. Ainda mantém o senhor essas promessas? Pois, se as mantém, eu hei de mostrar-lhe que não só

serei capaz de beneficiar da instrução, mas serei um dos melhores alunos que a Los Angeles Valley College alguma vez teve. Isso posso prometer-lhe, Mr. Miller!

Acho que o Mr. Miller deve ter achado engraçada a minha explosão. Mas eu falava a sério e acreditava cem por cento no que lhe dizia! Sabia ainda que faria exatamente o que lhe prometia, por muito que tivesse que trabalhar, sacrificar-me, viver como um eremita. Mostraria ao Mr. Miller, à Margaret, à Jeanette, e a quem quer que fosse que jamais tivesse acreditado ou duvidado de mim aquilo de que era capaz. Pois o Mr. Miller não tinha objeções a que eu começasse a frequentar o Valley College em fevereiro. Insistia, porém, que eu fizesse a transferência do meu registo escolar da escola dos Açores para o Valley College. Sim, já tinha feito o pedido.

– Mas as coisas na minha terra levam muito tempo a fazer, Mr. Miller. Muitas vezes nunca se fazem, mas *nunca* mesmo! O meu é um país onde *nunca* é uma realidade!

O que valeu foi que o Mr. Miller disse que, bem, se não viesse o registo escolar, nem por isso deixaria eu de poder frequentar o Valley College. Mas, mesmo assim devia tentar. Dentro de umas semanas, se o quisesse ter como meu orientador, podia passar pelo gabinete dele para prepararmos o meu programa de estudos. Ou, talvez melhor, que eu fosse ver o Mr. Bernstein. O Mr. Bernstein era, para além de professor, o orientador dos estudantes estrangeiros. Era a pessoa mais habilitada para me orientar. E que não me esquecesse – indicou o Mr. Miller à medida que se levantava da cadeira para me despedir – eu podia, se as coisas não resultassem, desistir da escola depois do primeiro semestre. “Eu não me desistirei do Valley College, Mr. Miller. Só me afastarei se optar por isso. Mas não será porque eu não

fui capaz de cumprir ou porque fracassei. E não vou fracassar. Isso eu sei, Mr. Miller!”

Em fevereiro de 1967, começaria a frequentar o Los Angeles Valley College, em Van Nuys, no Vale de San Fernando. Ia fazer quatro anos que eu estava na América. Ia completar os 23 anos em abril. O Mr. Bernstein tinha-me aconselhado a matricular-me na sua aula de Inglês 44, Inglês para Alunos Estrangeiros; decidi que me inscreveria em Espanhol 1, que seria muito fácil; o Mr. Bernstein também recomendou que eu fizesse Psicologia 9, um curso para melhorar a compreensão da leitura (descobri mais tarde que o título do curso era um eufemismo para aquilo que os alunos chamavam “Inglês para Burros”); e pedi ao Mr. Bernstein que me deixasse tirar Alemão 1 com a Doutora Vera Soper. E achava eu que poderia fazer um total de cinco cadeiras. Que aconselhava ele como quinta disciplina? Bem, ele achava prudente eu fazer apenas quatro no primeiro semestre, doze créditos. Mas se insistia em fazer quinze créditos, então recomendava Speech 1 (Retórica). Porque Retórica? “Para aprenderes modos de comunicação”, respondeu ele. Durante os primeiros dois ou três semestres, aconselhou o Mr. Bernstein, eu deveria fazer o maior número possível de cadeiras de Inglês ou disciplinas relacionadas com o Inglês.

— Lembra-te — disse-me ele —, o teu êxito ou fracasso na faculdade vai depender, em última análise, de quanto inglês hajas aprendido, pois todas as outras cadeiras que fizeres partirão sempre dos teus conhecimentos de inglês. Tira o máximo de cadeiras em Inglês, até mesmo depois de haveres terminado as que te serão exigidas nessa matéria.

Segui o sábio conselho do Mr. Bernstein e nunca me arrependi.

Só havia ido visitar a minha família duas vezes depois de vir para Los Angeles. Iria visitá-los agora para lhe dar as boas notícias de que ia começar a estudar numa faculdade. Eles ficariam delirantes! Além de tudo mais, já havia falado com o Manuel por telefone acerca do seu carro em segunda mão que ele queria vender, agora que eu precisava de um carro, pois o carro que usara em Tulare havia sido o da família. Uma vez mais, apanhei a camioneta de Greyhound, a Greyhound em que tinha viajado tantas vezes para um lado e para o outro da Califórnia. A primeira surpresa que tive ao chegar a casa foi saber que, já havia meses, o Felisberto estava a viver em Chino, uma zona onde havia bastantes portugueses e que fica a sessenta milhas a leste de Los Angeles, e que a minha família estava também a pensar em mudar-se para lá. O Felisberto, que apesar dos seus problemas nunca desistira de atender às necessidades da nossa família, continuava a revelar-se connosco o grande ser humano que sempre fora. A propósito, estava a pensar em finalizar o divórcio. Já tinha consultado um advogado. Até tinha mencionado — segundo a mãe que me estava a contar isto — que quando chegasse o dia de ir ao tribunal, o Felisberto queria que eu fosse sua testemunha.

— Dizem que o que ele faz é andar atrás de saias de mulheres — disse a mãe, de semblante triste.

— Quem são *elas*? — perguntei-lhe.

— É o que tenho ouvido dizer.

Deuses, o que pensaria a mãe se soubesse o que *eu* andava a fazer: com a Margaret, com a Jeanette. E que pensaria o pai se soubesse que eu oferecera comprar ações na bolsa de valores para ajudar a Jeanette a resolver os seus problemas financeiros? Realizar-se-iam os vaticínios do pai — que eu nunca desfrutaria do dinheiro que havia ganhado nas vacas

porque, devido ao que fizera ao meu próprio pai, o meu era dinheiro amaldiçoado, dinheiro maldito? Não tugi nem mugi quanto à Margaret ou à Jeanette.

Outra surpresa — não assim tão grande, na verdade — foi descobrir que o pai tinha decidido, por fim, tirar as raparigas da escola.

— Porquê, pai? — perguntei-lhe por perguntar.

Era por causa dos rapazes nesta terra, claro. Não ia permitir que uma desgraça acontecesse às pequenas. Já havia resolvido que trabalharia mais um ano ou dois em Chino e depois voltava aos Açores. A decisão, que já tinha sido feita com o consentimento da mãe, desta vez era mesmo definitiva. O pai já havia mandado palavra a um amigo que lhe procurasse uma boa casa na Agualva para comprar. Ele tornaria a montar o seu negócio de serração. Lá estava na sua terra e não tinha dúvida de que seria bem sucedido.

— Mas a Elisa está prestes a concluir a *high school*. Por que não a deixa terminar?

Ele tinha pensado nisso, a verdade é que tinha. Mas o que é que a Elisa ia fazer com um diploma da *escola alta* na Agualva?

— Talvez conseguir um emprego na Base — sugeri eu.

Não, nenhuma filha do pai jamais trabalharia na Base. Era óbvio que o pai queria mudar de assunto.

E depois partilhei as boas-novas com toda a família: eu ia começar a frequentar a faculdade. Ia para uma faculdade! Sabiam eles o que isso era para mim? Não viam que ir eu para o *college* era quase um milagre, eu que nunca tinha frequentado uma *high school*? Ora essa, andar na escola? De que é que ia viver? E o meu dinheiro? E para que ia estudar? E quanto tempo ia levar? Já tinha pensado que ia fazer 23 daqui a pouco? Quem é que já tinha visto alguém começar a

ir para a escola com a minha idade? E o emprego no restaurante? Onde era a escola? Sabia eu, sabia mesmo bem, o que estava a fazer? Quanto é que custava a escola? Precisava de alguma ajuda?

Tive que admitir que não tinha respostas para muitas daquelas perguntas. Mas não precisava de auxílio deles. Ainda tinha todo o dinheiro que levava de Tulare. E não, nunca havia pensado para que queria estudar. O Manuel achou por bem intervir:

— Doutor, vai ser doutor. Veterinário, sim senhor, veterinário. Já tem muita experiência com isso.

Manuel aludia ao facto de eu muitas vezes ajudar o Anselm de parteiro quando uma vaca tinha dificuldades em ter a cria e o capataz me batia à porta fosse a que horas fosse da noite, e lá íamos os dois ajudar a vaca. Eu tinha desfrutado muito desse trabalho, conquanto houvesse momentos de tensão e de pânico. E como as vacas, até as vacas agressivas, se tornavam mansinhas, se tornavam quase humanas, achava eu às vezes, quando instintivamente se apercebiam de que estavam totalmente dependentes de nós, que estavam inteiramente à nossa mercê. Era o Anselm que, como capataz, devia fazer aquele serviço, mas muitas vezes me chamava para o ajudar — até que a responsabilidade e o serviço se tornaram meus também.

Levávamos um maquinismo que eu chamava o *torno*. Era ancorado nas coxas do animal parturiente. Amarrávamos uma correntezinha às mãozinhas do bezerro, ou aos pés no caso de partos anormais, e, usando uma alavanca amarrada a uma roda dentada do mecanismo, íamos acionando um manípulo, um dente de roda de cada vez, e o bezerrinho ia, centímetro a centímetro, emergindo de dentro da vaca. Enquanto um de nós acionava o manípulo,

o outro ia usando vaselina para lubrificar o animal, e lhe suavizar a dor e facilitar o parto; e íamos guiando as nossas ações pelos olhos da vaca, que perscrutantemente espiavam cada um dos nossos mais pequenos movimentos. É ver os olhos de ternura de uma vaca num momento destes, aliás um como que arripiante olhar de doçura humana quando ela se apercebe do bom sucesso do seu e do nosso esforço — e parece agradecida e comprazida connosco. Durante aqueles breves momentos — e era isso o que me motivava a participar naquelas sessões de parto, fosse a que horas fosse da noite — eu tinha a impressão que, a algum nível de emoção ou do instinto, a vaca e nós estávamos num mesmo plano do ser. E que uma experiência de parto e dor, de vida e possível morte, nos irmanava durante uns segundos ou uns minutos — o que não queria dizer que, dali a uma semana, quando ela regressasse ao *bano*, não fosse capaz de partir uma perna com um coice ao sujeito que a ajudara a libertar-se de um bezerro por vezes demasiado grande para o seu corpo, pois havíamos usado, ao inseminá-la, o esperma equivocado de um toiro demasiado grande. Quando nem eu nem o Anselm podíamos resolver a situação de um parto demasiado difícil, chamávamos o veterinário. Este vinha e, se achava que era ainda possível salvar a vaca, metia o braço dentro do animal de punho fechado, no qual levava um tipo especial de lâmina. E então, um pedacinho de cada vez, ia tirando o que houvera sido o bezerrinho para fora e atirando os bocados para um balde. O processo levava umas duas horas.

Não, a minha família não ficou impressionada com a minha iminente ida para a faculdade. Estavam mais interessados em saber como ia o emprego no Du Par's. Disse-lhes, o que era verdade, que continuava a trabalhar como

lavador de pratos, mas que também, já havia umas semanas, havia começado a trabalhar de aprendiz ao forno. Como o restaurante tinha uma padariazinha, o Benny Goodman, um simpático senhor que se tornou muito meu amigo, decidiu ensinar-me a fazer tartes de fruta, pastéis que por cá se chamam holandeses, *donuts* e queques de vários tipos que eram servidos ao pequeno-almoço. Depois de terminar o meu turno às 2:00 da madrugada, eu ficava com o Benny até por volta das seis. Também partilhei com a minha família o facto de o gerente às vezes nos mandar deitar fora baldes de *donuts* e queques e tartes que não eram consumidos dentro do limite de tempo apropriado para aqueles produtos. E quando lhe perguntei porque é que ele não deixava que os empregados levassem aquela comida para casa, ele tinha dito que se lhes dessem as sobras, dentro em breve eles levariam o produto fresco; e mais, dentro em breve eles levariam, do quartinho-congelador ou *walk-in*, os tabuleiros de coxas de galinha cozida, a carne moída para fazer almôndegas, as latas enormes de sumo de laranja que o Nash tinha espremido naquela noite.

– Eles atiram fora toda essa comida? – perguntava a mãe.

– Sim, mãe, comida que encheria um camião.

Exclamava ela então:

– Que país, meu Deus! Que país! Onde viemos parar, Manim!

Regressei a Studio City, ansioso por ver a Jeanette. Era incrível como regressar a Studio City já me fazia sentir que estava a voltar a casa. E que surpresa me esperava desta vez: a Jeanette um dia apareceu no meu apartamento cerca de uma hora antes de começarmos o nosso turno no

restaurante. Felizmente, o Lío não estava em casa, pois sempre temera que os dois se encontrassem. Quem sabe o que o sacana faria. Seria a Jeanette capaz de resistir ao poder de atração do Lío — o Lío acerca de quem até a senhoria, uma septuagenária, lambia as beiçanas? “Como vai o teu amigo Navarréz?” — perguntou-me uma vez quando lhe fui pagar o meu quinhão da renda. Sempre lhe chamava *Navarréz*, acentuando a última sílaba, incutindo ao “Navárrez” um tom mais masculino e mais canalha.

— Pois aí está um homem em quem uma mulher poderia cravar as unhas e regalar-se. Pois aí está um homem! Diz-lhe *hello* por mim, não te esqueças.

— Porra! — pensava eu. — Até esta ameixa seca anda a salivar pelo gajo!

A Jeanette vinha convidar-me para ir a Sherman Oaks visitá-la no seu próximo dia de folga, que coincidia como o meu. Tinha eu ouvido bem?

— Vens convidar-me? E o Walter?

— O Walter e eu já rompemos um com o outro.

Aliás, ela já tinha rompido com ele havia muito tempo. Ele é que a perseguia e chateava. Mas, finalmente, tinha aceite a resolução dela. Mas a Jeanette pedia-me sigilo acerca de tudo aquilo. Ele era muito arrogante e malcriado. E podia magoar-me, e ela nunca se perdoaria se isso acontecesse.

Estávamos a pouco mais de meados de janeiro de 1967. Eu ia começar a frequentar o Los Angeles Valley College dali a duas semanas. Deveria dizer à Jeannete a verdade sobre mim? Não se sentiria ela movida se eu lhe dissesse que a minha decisão de estudar tinha sido feita, em parte, para a impressionar? Que ia estudar alemão, também em parte, porque era a língua dela? Não ficaria a Jeanette — que era

uma pessoa impressionável e romântica – impressionada com a minha história? Não era a minha história, aliás, uma história insólita e maravilhosa em muitos sentidos?

Levei comigo alguns discos portugueses que tinha e a Jeanette tinha-me pedido que levasse, pois nunca tinha ouvido a língua portuguesa até ao dia em que me pediu que eu dissesse algo em português para ela ouvir. Tinha-lhe dito um intencional “Gosto de ti... Quero-te muito”. E também lhe perguntei como se dizia os mesmos mimos em alemão, algo que já aprendera da Margaret, mas que queria ouvir da boca da Jeanette: “Ich habe dich gern... Ich liebe dich”. Ela tocava velhos discos de música alemã e suíça, incluindo “Lili Marlene”, que eu achava que a Jeanette cantava quase tão bem como Marlene Dietrich. Possuía um giradiscos como os que as estações de rádio têm, coisa do Alex, que era um fanático por música e capaz de montar e consertar tudo o que fosse máquina – tão artista como eu era mecanicamente um desajeitado. A Jeanette mostrar-me-ia alguns dos objetos que o Alex tinha criado, por exemplo, uma lâmpada que uma vizinha insistia em comprar.

Que ocorreria na casa da Jeanette? – perguntava-me à medida que os dias se arrastavam e depois voavam. Ainda não estava bem seguro, pois nunca havíamos abordado a questão de que tipo de relação era a nossa – amigável, amorosa? Eu nem sabia bem se era lícito, ou necessário, estabelecer essas diferenças previamente. Já tivera experiências desagradáveis com a Margaret devido a que a natureza da nossa relação não havia sido, dentro da minha cabeça, esclarecida... Procederia como um potencial amante? Como um amigo? Esperar e ver? Deixar que as circunstâncias elas mesmas ditassem? A incerteza dava-me cabo dos nervos. Não queria, acima de tudo, estragar um sonho que estava

a tornar-se realidade. Mas eu arranjaria maneira de o destruir. Porra, eu daria com o jeito de destruir tudo, pois parece que havia adquirido uma propensão para dar cabo de tudo por que ansiava na vida. E dado o meu passado com mulheres, com certeza que tudo se repetiria. Santo Deus, eu nem sequer tivera ainda relações com uma mulher! Com a Graça, havia sido uma troca de carinhos e festinhas, tínhamo-nos masturbado, sim. Podíamos ter feito muito mais, mas queríamos proteger-nos, sobretudo a ela que, como mulher, era mais vulnerável. Como ela e eu tínhamos querido às vezes! Mas sempre encontrávamos as forças para parar a tempo... E como eu tinha pena agora, pois se tivesse tido mais experiências, estaria preparado para hoje. Depois de ter desejado tanto estar com a Jeanette, agora que o momento se aproximava, eu tinha a impressão de que os nervos se me desfaziam. Repetir-se-ia a minha experiência com a Fernanda (ou coisa parecida), ou a minha experiência com a Linda (ou coisa parecida), ou a minha experiência com a Margaret (ou algo parecido)? Voltaria tudo aquilo a ocorrer? E que faria eu então? Como algumas mulheres tímidas devem sofrer antes do primeiro encontro com um homem! Pergunto-me se elas já se perguntaram quanto pode um homem sofrer também. Que diria à Jeanette — eu que a perseguia havia semanas como um toirinho, agora que a oportunidade se me escancarava... revelar-me-ia apenas um toleirão sem jeito para nada? Devia admitir-lhe que nunca tinha tido relações com uma mulher? Que comparação haveria entre mim e o Alex? A Jeanette sempre se referia a ele como “um sonho de homem... alto, moreno e lindo”. Moreno, eu era. Mas onde é que estava o “alto” e o “sonho”? Onde iria eu buscar o “lindo”? E o Walter, deuses! E o Walter — que era alto, bonito... e preto? O Walter, com quem a Jeanette havia

sido “íntima”? Não lhe deveria dizer que tinha reconsiderado o nosso encontro — e que tinha mudado de ideias? Que, sim, ela tinha razão: eu era muito mais jovem do que ela; eu era, como a Pauline havia dito, um rapazito ainda de fraldas molhadas? Mas, se não colhesse esta oportunidade, onde ficaria eu? Quando é que viveria? Quando é que provaria a vida? Quando é que seria uma pessoa por inteiro? (A Margaret tinha-me falado de uma teoria platônica que envolvia duas metades — nós éramos uma, a pessoa que procurávamos era a outra, que nos completaria.) Ou deixar-me-ia permanecer, para sempre, apenas uma metade? Estava condenado a tão-só experimentar como desejo aquilo que todos os demais, ao que parecia, podiam conseguir, até mesmo um imbecil como o Lío? Não, eu não retrocederia agora. Iria visitar a Jeanette. Levar-lhe-ia flores (nunca tinha tido ocasião de dar flores a ninguém.) E decidiria a Jeanette, ela mesma, aquilo em que a nossa relação se transformaria.

A Jeanette tinha preparado um belíssimo jantar, pois era uma cozinheira espetacular. Bebemos vinho que eu levava — um bocadinho mais do que normalmente bebo. Depois do jantar, tocámos os nossos discos. Tornei-me tão loquaz que a Jeanette — que nunca esgotava o seu repertório de coisas e mais coisas para dizer, de cuja boca as palavras fluíam como água de um jorro artesiano — quase não teve a oportunidade de abrir a boca e contribuir com uma única palavra. A certa altura, quando já se me esgotara o que dizer (até lhe tinha falado, imagine-se, das aparições da Senhora de Fátima, à Jeanette que não era católica, nem religiosa, como eu também não sou!), arremessei-lhe: “Jeanette, eu menti-te. Eu não sou e nunca fui estudante universitário. Não me odeies por isso. Eu queria impressionar-te. Pensei que não gostarias de mim se eu te dissesse que era apenas

um lavador de pratos. Nem sequer sou primo do Fernando. Isso, também, foi uma mentira que nós os dois inventámos para que a Louise me desse o emprego a mim”. Mas, rapidamente, acrescentei:

– Mas agora vou começar a frequentar a faculdade. Já me matriculei no Valley College. Vou começar as aulas em fevereiro. A Margaret, a rapariga de quem te falei, ajudou-me com o exame de admissão e o processo de inscrição. Ela tem sido uma grande amiga para mim. Perdoa eu ter-te mentido... Mas não te menti acerca dos meus sentimentos por ti, nem acerca de querer emprestar-te o dinheiro. Ainda precisas dele?

– Eu já sabia, Frank – interrompeu-me a Jeanette com um sorriso.

– Como é que já sabias? Quem te disse?

Claro que não fora difícil descobrir que eu havia sido um impostorzinho. Desde que lhe dissera ser estudante, nunca mais falara da escola. Ainda trabalhava no restaurante, depois de as escolas iniciarem o semestre do outono. Não lhe havia dito que estava a trabalhar no Du Par’s só para o verão? Porque ainda estaria a trabalhar se fosse, na verdade, um estudante? Como, se fosse estudante, ficaria a trabalhar até às tantas da madrugada a aprender a fazer tartes de fruta com o Benny? Além de tudo o mais, ela tinha, depois de eu lhe contar a minha *história*, visto o Fernando no armazém Bullock’s que ficava perto da sua casa e onde às vezes fazia compras.

– Não havia necessidade nenhuma de mentir, Frank.

– Então porque optaste por nunca me dizeres que sabias que eu te estava a mentir?

– Porque pensei que tu tinhas alguma razão para esconderes de ti mesmo o que eras e a pessoa que eras e, portanto,

que ainda tinhas necessidade de (te) mentir. E porque gostei de ti, apesar de seres uma peste. Sabes que tens sido uma peste, não sabes?

Enlacei-a nos braços e desesperadamente, desajeitadamente, beijei-a nos olhos, no rosto, nos cabelos, na boca — que tinha um delicioso hálito a frescura. E ela retribuiu-me os carinhos.

— Jeanette — disse-lhe eu. — Eu também menti na escola.

E contei-lhe a história do que se passara entre mim e o Mr. Miller, e a escola secundária do Infante Dom Henrique nos Açores. Jeanette — a sentimental Jeanette, a romântica Jeanette — achou que era uma história maravilhosa. Vi-lhe lágrimas nos olhos, agora que me sentia livre para partilhar com ela todos os problemas que me haviam ocorrido nas vacas; acerca do meu acidente; acerca dos meus problemas com o pai; acerca do dinheiro que agora queria tanto emprestar-lhe; acerca da Fernanda; da Graça; da Lúcia.

Ela achou que era uma história incrível.

— Um dia tens que escrever a tua história, Frank. Falo a sério. Deves escrevê-la um dia. Quem sabe, talvez até se possa converter num bom filme. E quando concluíres a escola — pois hás de concluir a escola! — a tua história será mais maravilhosa ainda. Quero que um dia escrevas a tua história.

Passei aquela noite em casa da Jeanette, a noite mais feliz que jamais vivera nos meus 23 anos de vida. Eu havia tido razão, embora não o soubesse ainda, quando disse ao meu amigo Quitolas, depois da minha experiência com a Fernanda, que ser maravilhoso era uma mulher. Tive, porém, que esperar até esta noite, seis anos depois, para poder confirmar toda a verdade que encerravam as minhas palavras.

VII LOS ANGELES VALLEY COLLEGE

Pouco antes do dia que eu era para começar a escola, o Bud despediu a Jeanette. Eu estava na cozinha a lavar louça quando ela irrompeu pela porta dentro a chorar para me dar a notícia. Porquê, que acontecera? Havia meses que ele andava sempre a criticá-la, disse ela. Finalmente, não aguentando mais, ela tinha-lhe pedido que desistisse. E ele, sem mais água vai, simplesmente a tinha mandado embora do restaurante. A Jeanette tremia de zanga, de dor e de humilhação.

— Muito bem, Jeanette — disse-lhe eu. — Vamo-nos os dois embora daqui para fora. Eu também me demito!

Não, não devia fazer isso, sobretudo agora que ia frequentar a faculdade.

— Não, demito-me agora mesmo!

Desliguei a mangueira-chuveiro, que usava para pré-lavar a louça antes de a fazer passar pela máquina automática, e encaminhei-me para a sala de jantar à procura do Bud para lhe dizer que me ia já. Ele não estava na sala de jantar. Onde raios é que estava o Bud? — perguntei às empregadas de mesa que estavam na sala naquele momento. Onde é que estava o filho da puta? Estava no gabinete do gerente no andar superior. Eu voei escadas acima, entrei-lhe pela porta dentro e disparei, como se fosse eu a despedi-lo:

— Demito-me! Volto noutra dia para vir buscar o meu cheque.

E virei-lhe as costas. “Espera um momento!” — ouvi o Bud gritar.

— Como é que achas que eu vou poder gerir este restaurante sem ti e a Jeanette? — perguntou sarcasticamente, com um riso de escárnio.

Tinha a certeza que ele sabia que a Jeanette e eu nos andávamos a ver. Não havia dúvida que todos no restaurante já sabiam, pois a Jeanette tinha razão: naquela porra daquele lugar todos sabiam tudo de todos. Sabíamos, por exemplo, que a Adella — Católica Apostólica Siciliana! — já tinha falado várias vezes à Jeanette, tentando persuadi-la a mudar os seus costumes. Também sabíamos que a Adella trabalhava para manter um malandro de um marido que estava convencido de que era escritor, que ficava em casa a escrever e a reescrever um livro de viagens acerca da Itália que as editoras iam rejeitando e que ele, estupidamente, ia reescrevendo para elas rejeitarem de novo. E estava agora a escrever outro sobre a Grécia, enquanto o exemplar relativo à Itália estava na gaveta à traça. Sabíamos acerca da Mary Jo e dos seus casamentos múltiplos. A Mary Jo, que colecionava maridos como algumas pessoas colecionam bugigangas, como os cães colecionam pulgas! Sabíamos que a Pauline, que às vezes não conseguia esperar até chegar a casa para fornicar com o namorado que trabalhava no Tahitian, recebia-o de braços e pernas abertas no carro. Uma vez, a Billie tinha-os apanhado: a Pauline a berrar como uma cabrinha debaixo do gajo, de pernas abertas a sair pela porta de trás do Chevrolet fora, ainda de sapatos calçados — *for crying out loud!* (pois que coisa!) — a expressão que ela usava a cada passo, por tudo e por nada. Sabíamos da Billie, que era canadiana, que era a pessoa mais solitária do mundo, que aborrecia de morte toda

a gente com as suas histórias de solidão, as suas sórdidas e autodepreciativas histórias de solidão — algumas das quais já havia partilhado comigo repetidamente. Os que trabalhávamos no turno da noite estávamos familiarizados com a história da Marie, filha de uma velhota inglesa que vinha ao restaurante cozinhar os *especiais*. A filha estava loucamente apaixonada pelo Sandy Koufax, o jogador de basebol. Uma solteirona no cucuruto da casa dos quarenta colecionava memorabilia e efemeridades sobre o “Sandy”, como se fossem amigos íntimos ou namorados. Sonhava com tudo o que o Sandy tinha feito, no campo ou fora do campo, como uma adolescente sonha com estrelas de cinema. Como não saberia o Bud, como não saberiam todos os demais no Du Par’s, o que se passava entre mim e a Jeanette?

— Tens a certeza que queres tomar esta decisão? — perguntou o Bud, num tom mais sério. — Tens mesmo a certeza que queres demitir-te do teu emprego por causa daquela mulher? Sabes em que te estás a meter?

— Sim, sei, Bud!

E saí do gabinete dele e do restaurante Du Par’s para não mais voltar.

Fui com a Jeanette para casa dela. Porque tomara aquela decisão? Impulso estúpido. Viria a arrepender-me? Umhas horas depois, senti-me tão ridículo. O Bud tinha razão, claro. Que diabo de diferença é que fazia que eu me demitisse ou não? Um simples lavador de pratos, que diferença para o restaurante fazia que eu me fosse ou ficasse? Mas eu ficara genuinamente zangado e humilhado por ela; a minha decisão era a minha maneira, a única maneira, de me mostrar solidário com ela; que lhe queria mais do que a qualquer pessoa no mundo.

A Jeanette e eu quase não conciliámos o sono naquela noite. Falámos de como íamos tentar resolver os seus problemas financeiros; pois, como ela me havia dito tantas vezes, as suas ações na bolsa continuavam a diminuir de valor alarmantemente. Deuses, que aconteceria se ela perdesse todo o dinheiro do Alex, dinheiro que ele mesmo queria investido na bolsa de valores, mas dinheiro que a Jeanette, contra o conselho do John (o meio-irmão do Alex, corretor na Dean Witter) tinha muitas vezes investido em ações voláteis, perigosas?

— Deixa-me comprar ações, Jeanette, no meu ou no teu nome. Deixa-me ajudar-te! — pedia-lhe insistentemente.

Levei dias a persuadi-la, mas finalmente a Jeanette consentiu. Muito bem, ela ligaria ao John e perguntar-lhe-ia, agora que a bolsa estava deprimida e era um bom momento para investir, se ele tinha alguma companhia que pudesse recomendar. Num bom mercado, era possível fazer-se muito dinheiro. Mas a Jeanette rejeitava, absolutamente, a ideia de eu comprar ações no nome dela. As ações seriam compradas no meu nome. Se eu fizesse dinheiro, poderia, se ainda quisesse e a Jeanette ainda precisasse, partilhar os lucros com ela. Se ela já não precisasse, eu ficaria com os lucros para mim. E se eu perdesse e entretanto as ações dela tivessem recuperado valor, ela dar-me-ia a importância que eu tinha perdido tentando ajudá-la. A Jeanette ainda tinha um valor de cerca de 60 000 dólares, apesar da desvalorização recente do seu portfólio.

O John aconselhava firmemente contra a ideia de a Jeanette meter o seu “amigo português” no jogo da bolsa. Era dinheiro que eu precisaria para pagar a minha instrução? Dinheiro que eu, um imigrante, tinha ganhado a ordenhar vacas? Estávamos loucos! Não estava a Jeanette farta de saber

que só se investia na bolsa dinheiro que a gente soubesse que podia perder? Não lhe tinha dito tantas vezes que os pequenos investidores, ou porque não sabem o que estão a fazer, ou porque se tornam cobiçosos, eventualmente levam porrada na bolsa — e depois vêm chorar “no ombro” do corretor? Mas se eu insistia em comprar ações, então recomendava que eu comprasse 100 ações de Republic Corporation, uma companhia de processamento de filme, se bem me lembro. Mas só 100 ações, nem mais uma. “Está bem, comprarei 100 ações de Republic Corporation”, decidi. As ações eram a 25 dólares cada uma. Com a comissão do John, as 100 custavam um total de 2 600 dólares. Fui à Lincoln Savings e fiz um cheque naquele montante e enviei para a Dean Witter, escritório de Beverly Hills. A Jeanette e eu ficaríamos à espreita todos os dias, no *Los Angeles Herald Examiner*, que ela assinava, para ver o que ia acontecendo à Republic Corporation.

A Republic Corporation começou a aumentar de valor que até parecia loucura — dois pontos hoje, um ponto amanhã, três pontos e meio no dia seguinte. E cada ponto representava 100 dólares de lucro! Eu quase não acreditava!

— Queres tu dizer, Jeanette — perguntava-lhe eu —, que se eu vendesse as ações agora realizava um lucro de 1000 dólares?

— Sim, podias.

Era assim que a bolsa de valores funcionava. Céus, 1000 dólares era o que eu tinha ganhado no restaurante — mas durante três meses! Mil dólares era menos do que eu tinha poupado quando o pai chegou da Terceira — e já fazia quase um ano que estava na América e já trabalhara como um escravo a ordenhar vacas. Por menos de 1000 dólares, eu quase tinha destruído a minha relação com o meu próprio pai e contribuíra para causar uma indescritível infelicidade

na minha família! E aqui estava eu a “ganhar” centenas de dólares por dia sem fazer coisíssima nenhuma, sem mexer uma palha, vivendo a vida mais maravilhosa que jamais me fora dado viver na companhia de uma linda mulher que eu amava mais do que qualquer pessoa que jamais conheceria! Como era possível que isto me estivesse a acontecer? Que diabo tinha feito eu para merecer tudo isto? Que raio de país era este, onde uma pessoa podia sofrer incalculáveis misérrimas para conseguir o suficiente para apenas sobreviver, ou então não fazer porra nenhuma, não contribuir com coisa nenhuma, e viver um sonho mais sonho do que jamais ousara sonhar ou imaginar?

— Isto é a América, Frank! — a Jeanette ia-me dizendo.
— Isto é a América!

Embora tecnicamente ainda estivesse “a morar” no apartamento, passava a maioria dos dias e das noites em casa da Jeanette. Muitas vezes tinha pensado em mudar-me para a casa dela, mas nunca lho dei a saber com medo da sua reação. E a ideia de viver com uma mulher casada, de ser sustentado por uma mulher casada, era-me repugnante. Não que ter uma relação sexual moralmente me preocupasse. Mas o meu orgulho de macho rebelou-se contra a humilhação, a degradação de viver como um *gigolo*. Meu Deus, que pensariam de mim os meus irmãos se soubessem? Que pensariam os meus pais, os meus padrinhos? Apesar de tudo, o grande imperativo na minha vida era agora a minha felicidade; a alegria que estava a viver; o sonho do qual não queria acordar nunca.

A minha relação com o Lío foi piorando. Agora tinha uma namorada alemã — uma divorciada. Mas com esta, disse-me um dia, era diferente. Esta era “boa rapariga”. Ele ia casar com ela. A alemã, uma loira linda que me olhava

como se eu fosse uma coisa reles, um inseto, começou a assenhorar-se do apartamento. Agora que eu passava a maioria das noites na casa da Jeanette, ela começou a passar algumas noites no apartamento. Até a minha cama tinha mudado de lugar. Que atrevimento! Cozinhava sumptuosos pratos para si e para o Lío. Um dia, o Lío cozinhou-lhe um *picadillo* que, pensei eu, com certeza que tinha o sabor de um *pecadillo*, se o safado me tivesse convidado para partilhá-lo com eles. Como resultado do seu novo interesse amoroso, que pertencia à religião luterana, o Lío converteu-se ao Luteranismo – começou a interessar-se pela religião. Lío, uma pessoa religiosa!

Um dia ela disse-lhe, na minha frente, que ele tinha que alterar a sua dieta (já havia tempos que o Lío se queixava de dores no estômago, talvez úlceras, pois o pai dele sofrera desse mal). Segundo a Petra, ele tinha que começar a tomar refeições decentes. Aliás, eu muitas vezes pensei que o gajo daria cabo das entranhas quando o via despejar uma lata inteira de *chilies* numa *tortilla*, embrulhar as diabólicas melaguetazinhas no minúsculo lenço da mão que é a *tortilla* e mastigar aquilo e engolir – sem sequer ter de emborcar um gão de água depois.

– Queimas as entranhas, Lío! – dizia-lhe. – Como podes comer isso, homem?

– *It keep women on their toe!* (Faz as mulher manter-se alerta e na ponta do pé).

– Queres dizer de costas?

– Isso também, isso também.

Troquei impressões com a Jeanette, com segundas intenções, sobre o que se estava a passar com o Lío:

– Vens para a minha casa, Frank. Eu sei que é isso o que tu queres, não é?

Não tive que responder à pergunta, pois ela estava farta de saber a resposta.

– Quando quiseres, vou contigo e trazemos as tuas coisas.

Não, não queria que ela fosse comigo. Eu não precisava de ajuda. Nem tinha quase nada, tão-só a minha roupa.

– Lío, vou-me embora! – disse-lhe, triunfantemente.

Era óbvio que ele ficara contente com a notícia. Tinha andado à espera do momento propício para me pedir que despejasse o apartamento, pois a Petra queria viver com ele. Estava decidido a ter uma relação “a sério” com a Petra.

– Bem, não precisas de esperar mais.

– Para onde vais?

Pensando no endereço da Jeanette, que era Crisp Canyon Road, pensei em atirar ao Lío uma última rasteira verbal, que estava mais do que seguro que lhe passaria inteiramente por cima da cachimbola:

– Vou mudar-me para o Grande Canhão, Lío. Vou-me mudar para o Grande Canhão. Já ouviste falar no Grand Canyon, não?

Olhou-me tão perplexo quanto eu sabia que ele se sentia. Emalei o resto das minhas coisas e deixei o Lío à Petra e a Petra ao Lío. Eu também tinha a minha Petra, a minha linda Lorelei sobre a sua Pedra no Reno que cantava canções em suíço e Alto Alemão; eu também tinha a minha Pedra de delícias.

– Que tu te curtas nas tuas *chilies*, Lío – mentalmente lhe desejei, ao sair pela última vez daquele miserável buraco, esperando nunca mais ver o Lío por muitos anos que vivesse.

Nunca mais o vi.

No dia que comecei a frequentar o Los Angeles Valley College cheguei ao campus às seis da madrugada, apesar de a minha primeira aula, Alemão 1 com a Doutora Soper, não começar antes das 8:00. Queria dar um passeio pela cidade universitária sozinho e certificar-me de que sabia onde ficavam todos os edifícios onde tinha aulas, pois aquele em que teria a aula de Alemão, esse, já conhecia. Fui à biblioteca e à cantina, que abria às 7:00. Tomei lá o pequeno-almoço. Depois encaminhei-me para a livraria, aonde fora uns dias antes para comprar os meus manuais, tendo-os trazido todos comigo hoje na minha pasta nova que a Jeanette me tinha oferecido. Folheei outros manuais e todo o tipo de livros que a livraria tinha à venda para o aluno interessado. Pensei em comprar um livro especial para comemorar este dia singular na minha vida: o meu primeiro dia de faculdade. Já tinha decidido que, para além dos meus manuais, eu leria o máximo que pudesse por minha conta. Não tinha emprego agora e não trabalharia enquanto estivesse a ganhar tanto dinheiro na bolsa (a Republic Corporation, entretanto, continuava a aumentar de valor quase todos os dias!), e podia assim concentrar-me exclusivamente nos meus estudos, concentrar-me na aprendizagem de tudo o que ainda não sabia... Que escalada, meu Deus! Que escalada! Por fim, decidi comprar um livrinho que tinha um título chamativo: *The Universe and Dr. Einstein*, de Lincoln Kinneer Barnett, pois achava o título impressionante pela sua espetacular abrangência temática. Claro que já tinha ouvido falar do célebre nome de Einstein. Aqui estava uma oportunidade para aprender algo acerca de um cientista que, com certeza, eu teria que eventualmente estudar. Quando saí da livraria, dei uma vista de olhos ao livrinho, lendo rapidamente a primeira página, depois folheando-o e

lendo parágrafo aqui e parágrafo ali. Nossa Senhora! Alguma vez seria capaz de entender tudo isto? Saberá jamais o significado daqueles palavrecos impressionantes mas feios e incompreensíveis? De uma coisa estava absolutamente seguro: optar pela compra daquele livrinho para assinalar o início da minha carreira acadêmica tinha sido uma ideia terrível. Não havia a menor dúvida de que aquele livrinho, por pequeno que fosse, tinha mais do que poder suficiente para esmagar um aluno, inclusive um tão decidido como eu estava!

Na aula da Doutora Soper senti-me inteiramente à vontade.

– Reconhecer-me-á? – conjecturei.

Claro que me reconheceu logo, pois como viria a descobrir repetidamente, ela tinha uma prodigiosa memória.

– Herr Fagundes, não é?

– Sim, sou, Doutora Soper. Como se lembra de mim?

Bem, é que o meu nome estava na lista. Lembrara-se porque o meu apelido era tão invulgar. Fiquei contente. Até o meu nome – que eu comecei a detestar desde que viera para a América e descobrira que ninguém era capaz de pronunciar corretamente – agora havia-me tornado mais facilmente reconhecível. Contaria o episódio à Margaret, ela que, desde o dia em que eu fizera o exame de SAT, me chamava por brincadeira “Fungo, o futuro patologista de plantas”. Repetimos alguns dos mesmos exercícios rotineiros com que eu já estava familiarizado. Quando saí da aula de Alemão, levava uma sensação muito positiva. Tinha sido tão bem-sucedido como da primeira vez que assistira com a Margaret no semestre anterior. Os demais alunos não tinham, no que dizia respeito ao Alemão, qualquer vantagem sobre mim, pelo que eu era capaz

de perceber. Quando me encaminhei para a próxima aula, sabia que em Alemão seria um dos melhores alunos. Não tinha qualquer dúvida de que aprenderia alemão, por muito que me custasse.

A minha segunda aula era com o Mr. Bernstein: Inglês 44. Tal como eu, os outros alunos eram estrangeiros, a maioria da América Latina. Todos nos apresentámos, proporcionámos mini-autobiografias orais, explicámos porque estávamos a frequentar o Los Angeles Valley College, a razão pela qual nos havíamos inscrito naquela aula. Se bem que, sem exceção, todos tivessem concluído a escola secundária, era óbvio que nenhum deles tinha uma melhor preparação em inglês oral do que eu. Na verdade, eu concluí, ao escutar o seu inglês hesitante e fragmentário (nalguns casos, quase incompreensível) que — pelo menos em inglês — eu estava tão bem ou melhor preparado do que eles. Enchi-me de confiança. Usaríamos uma antologia de obras literárias sobre as quais escreveríamos ensaios e apresentaríamos, de vez em quando, relatórios orais. O Mr. Bernstein anunciou que o Clube dos Rotários (não fazia a mínima ideia quem eles eram) dentro em breve anunciaria o seu concurso de ensaio para alunos estrangeiros. No momento oportuno, o Mr. Bernstein dar-nos-ia a informação apropriada. Cada um de nós escreveria um ensaio subordinado ao tema “O que é que o Clube dos Rotários poderia fazer para auxiliar o meu País?” O Mr. Bernstein proporcionar-nos-ia uma bibliografia (Uma “bibliografia”? O que era isso?) acerca dos Rotários. Hoje, porém, teríamos que escrever extemporaneamente uma breve autobiografia para que o Mr. Bernstein pudesse ajuizar dos nossos conhecimentos de gramática, sintaxe, léxico e, a partir daí, pudesse orientar a sua aula no sentido de nos oferecer a instrução mais útil. Levantei a mão:

– Quer o senhor dizer que quer que nós escrevamos aqui e não em casa?

– Sim, é isso o que *extemporâneo* quer dizer.

Ao que parecia, eu não tinha alternativa. Mas eu nunca tinha escrito nada em inglês, exceto cartinhas de amor à Betty – e isso já fora há muitos, muitos anos. Como é que começaria? Os meus conhecimentos de gramática, de soletração, o meu vocabulário – estariam ao nível? E se eu nem pudesse escrever uma única palavra?

– Mantenham o registo e estilo o mais simples possível – ia dizendo o Mr. Bernstein. – Escrevam como falam. Não escrevam *letradamente*; escrevam *oralmente* – aconselhava ele.

Tinha mais ou menos uma ideia do que ele queria dizer. Comecei: “Emigrei para a América por várias razões”. Pensei que fosse um começo razoável. Enumeraria essas razões uma por uma e depois desenvolvê-las-ia. Usaria a minha história – e porque não? – e apresentá-la-ia da maneira mais realista possível, tal como ela tinha acontecido. Afinal, não tinha eu uma história invulgar? Não dissera a Jeanette – exagerando um tiquinho, claro – que se tratava de uma história maravilhosa, uma história digna de um dia ser escrita, uma história passível de adaptação ao cinema? “Os portugueses e as suas vacas usaram-me”, pensei divertido. “Agora é a minha vez de os usar a eles e a elas”. Quando pudesse escrever autobiograficamente, não precisaria de passar muito tempo à procura ou a inventar. Tinha histórias – tristes, engraçadas, patéticas, humanas, sobretudo humanas, muito humanas – ao meu dispor. Alimentar-me-ia academicamente do meu passado, das minhas misérias, das minhas poucas alegrias, das minhas perdas, dos meus poucos lucros. Sim, um dia traria à tona, e trasladaria para

os meus ensaios, o meu gato, o Don, o Dave, o Felisberto e a Faye na *estaca* (sim, devia ao Felisberto esse tanto!). Acerca disso não havia dúvida: estava cheio a abarrotar de ensaios, de histórias, de vida. Aqueles alunos ali comigo, talvez a maioria dos alunos do Valley College, poderiam ter tido mais instrução formal do que eu e com certeza que possuíam conhecimentos a que eu ainda não chegara. Mas tinha eu a certeza que na escola da vida, pelo menos na escola onde viviam vacas e ordenhadores açorianos, eu tinha vivido mais histórias e por isso tinha mais histórias para contar do que a maioria deles — que eram três ou quatro anos mais novos do que eu, mas dez ou quinze anos mais jovens em experiências de vida e em sofrimento!

Entreguei o meu ensaio ao Mr. Bernstein, com a certeza de que, por muito que lhe faltasse em correção gramatical e estilística, mais que compensaria essas falhas em conteúdo humano e em paixão. Pois eu havia-lhe insuflado a alma. Tinha espremido todo o pingo de emoção que continha em mim no conteúdo daquelas sete ou oito páginas que entreguei ao Mr. Bernstein. Era um bocadinho mais longo o ensaio do que ele pedira, disse-me, quando lho entreguei. Mas lê-lo-ia; claro que o leria.

— Mas lembrem-se — tornou-nos a dizer à medida que nos encaminhávamos para a porta, mas talvez dirigindo-se a mim em particular —, não é a *quantidade* ou *how much* que se escreve que conta no fim, mas *como* ou *how well* se escreve!

Psicologia 9, o curso remedial conhecido por “Inglês para Burros”, era a minha próxima aula. O instrutor era um senhor alto, ainda jovem, de cujo nome não me lembro. (Como aconteceria muitas vezes, com raras exceções, eu só me lembraria dos nomes completos dos professores a quem verdadeiramente queria, lembrava-me do primeiro

nome ou apelido dos professores que me impressionavam muito pouco, e esquecer-me-ia por completo dos nomes e apelidos dos professores que detestava!) Os alunos que faziam esta cadeira sentiam-se estigmatizados, marcados — pois esta aula não era, estritamente falando, para alunos estrangeiros, mas sim para alunos em geral cujo inglês era por vezes mais deficiente do que o inglês dos imigrantes. Leríamos textos — projetados num ecrã por uma máquina cuja velocidade podia ser controlada, primeiro devagar e depois progressivamente mais rapidamente — para, supostamente, ajudar o aluno ou a aluna a melhorar a sua concentração e também a sua compreensão. (Sempre pensei que esse processo fosse baseado na estúpida ideia quantitativa que mais é melhor, e que não tinha em conta o facto, mais do que consabido, que há textos que são para ler devagar e saborear, como quem saboreia uma iguaria rara!) Entretanto, estudaríamos a etimologia das palavras e os prefixos e sufixos para aprender como as palavras eram construídas aos bocados. Também aprenderíamos como as palavras não tinham um significado fixo, mas sim significados que iam mudando através da história da língua. Até aprenderíamos como a língua estava, neste momento, a sofrer profundas transformações, com novas palavras a entrar na língua a cada passo e outras a cair no desvão do desuso. Aprenderíamos ainda a usar um dicionário, pois há uma maneira apropriada e uma maneira não apropriada de usar um dicionário (pensei no Senhor Santos e no seu livro mágico!). Mas se estivéssemos verdadeiramente interessados em aprender a nossa língua, o melhor que podíamos fazer era ler, ler, ler, e ler mais ainda, pois essa, segundo o nosso docente, era a melhor maneira e mais segura de todas de aprender inglês e não só.

– Que sugere o senhor que façamos? – perguntei-lhe.
– Leiam jornais, apontem os termos cujos significados não conheçam, procurem-nos no dicionário, voltem ao artigo de jornal e vejam como os termos estão a ser empregues, prestando atenção ao contexto, certificando-se de que não estão a decorar termos descontextualizados, pois isso é quase sempre uma total perda de tempo.

Saí da aula com o sentimento de que ia adorar a disciplina – mas que não ia morrer de amores pelo professor, que achei arrogante, não carinhoso e simpático como a Doutora Soper e o Mr. Bernstein me pareciam ser.

Retórica 1 e Espanhol 1 eram as minhas últimas aulas do dia. Espanhol 1, com o Mr. Zentz, seria – soube-o logo que a aula começou – a mais fácil das cinco aulas deste semestre. Já tinha dado uma olhadela ao manual e tinha-me apercebido de que, com relativamente poucas exceções, sobretudo construções gramaticais e sintáticas, elementos lexicais e a morfologia dos verbos, não havia grandes diferenças entre o espanhol e o português. (Claro que o estudo posterior da literatura de língua espanhola tinha-me muitas lições reservadas a esse respeito!) Aliás, eu já tinha prática com a pronúncia do espanhol quando trabalhei em Tulare, pois muitos dos trabalhadores nas fazendas e granjas do Vale de San Joaquin eram mexicanos. Na verdade, naquela altura e durante muito tempo, o espanhol dava-me a impressão de ser português de bebé, como se eu estivesse a falar o português e intencionalmente, e por razões humorísticas, o deturpasse, como se estivesse a imitar bebés. (Que me perdoem os meus colegas e irmãos de língua espanhola esta ingénuia impressão – que os anos, a experiência e o amor que desenvolvi ao idioma e culturas da língua de Cervantes corrigiriam.)

Retórica seria a mais temerosa das minhas aulas. Não que eu pensasse que o manual ou a professora — de cujo nome não me lembro! — eram temerosos em si, mas sim porque eventualmente eu teria que apresentar uma comunicação formal na aula, em frente da turma! Uma intervenção formal — um discurso? À turma? Eu tinha falado na aula do Mr. Bernstein, mas fizera-o sentado na minha carteira. Aqui teria que falar do pódio que usava a professora! Como conseguiria persuadir-me a mim mesmo a fazer isso? Veríamos o que aconteceria no caso de Speech 1. Mas o sentimento geral que levei para casa naquele primeiro dia e partilhei com a Jeanette era indescritível. Eu sabia que seria bem sucedido no Valley College. Quanto a isso, não tinha a menor dúvida.

No meu segundo dia de aulas tornei a desfrutar da aula de Alemão, mas estava ansioso por chegar à aula do Mr. Bernstein. Fora lá que escrevera a primeira composição da minha carreira, o meu primeiro trabalho. Quais seriam os resultados? Que opinaria ele? Repetir-se-ia o fiasco do SAT? Era um molho de nervos quando o Mr. Bernstein começou a distribuir as redações. Que acontecera? A minha estava toda coberta de tinta vermelha! Que fizera eu? “Explicarei o que as notas significam”, ouvi o Mr. Bernstein dizer à medida que distribuía o resto dos trabalhos.

— A primeira nota é para o conteúdo, como vocês apresentaram e desenvolveram as vossas ideias. A segunda nota é para a língua, o inglês.

Reparei que a minha redação me tinha merecido um B/D. Era mau? Uma rápida olhadela ao trabalho da colega ao meu lado indicou-me que, ela também, tinha recebido um B/D. Bem, havia ao menos mais uma pessoa que estava ao mesmo nível que eu. O Mr. Bernstein então começou

a elaborar sobre o que queria comunicar-nos com as duas notas. Depois da aula, nós deveríamos ler cuidadosamente todos os comentários que ele tinha escrito nas margens. Notei que, no meu caso, ele havia acrescentado, numa letra muito nítida, duas páginas apontando para aquilo que estava bem e aquilo que não estava. Em forma de esquema, ele havia também incluído uma lista de tópicos para eu aplicar na segunda versão, pois o Mr. Bernstein queria que todos nós reescrevêssemos os nossos trabalhos seguindo as indicações que nos tinha dado.

Para já, ele faria comentários sobre a estrutura dos trabalhos: como havíamos proposto o nosso tema ou temas; como os tínhamos desenvolvido; como havíamos substanciado as nossas asserções. Dei mais uma rápida olhadela ao meu trabalho e notei que ele tinha reiteradamente escrito nas margens “precisa de substanciar”, “precisa de desenvolvimento”, “demasiado emocional”, “não segue o expresso anteriormente”. Pelo que tocava ao inglês, ele já tinha uma ideia bastante geral do nível em que todos nós estávamos. Trabalharíamos naqueles pontos que precisassem de ser fortalecidos. Passámos a aula inteira a falar das composições.

Depois da aula, pedi uma palavra ao Mr. Bernstein. Ia estudar cuidadosamente todos os comentários que ele havia escrito, mas gostaria que ele me dissesse o que queria dizer com “demasiado emocional”. Bem, eu tinha que fazer um esforço para ser mais objetivo. A minha composição tinha-lhe revelado que eu era uma pessoa cheia de hostilidade; que eu, como ele colocava a questão, *disparava a boca* a tudo e todos. Sim, havia espaço para a subjetividade na escrita, mas era preferível expressá-la indiretamente, subtilmente, não mediante explosões emocionais que soavam insinceras e não convincentes e minavam os meus próprios

argumentos, enfraqueciam o meu ponto de vista. Por exemplo, porque eram os leiteiros portugueses “todos um bando de crápulas”?

— Porque o são, Mr. Bernstein. Pelo menos, foram comigo — defendi-me.

Mas eu não tinha que o dizer assim tão rudemente, pois não? Porque não mostrá-lo? Ou deixar que fosse o leitor a inferi-lo? Por outras palavras, porque não usar da razão para expor as minhas razões racionalmente, desapassionadamente, em vez de destruir os meus próprios argumentos mediante o exagero, a hipérbole. Mas a minha composição era muito boa. E ele tinha desfrutado da leitura.

— E o meu inglês? Que achava ele do meu inglês? — queria eu saber.

Havia muito de bom no meu inglês, não o negava. Mas tinha muito trabalho a fazer. “Mas o senhor acha mesmo que eu tenho fundamentos suficientemente sólidos para começar a estudar numa faculdade?” Não havia dúvida, opinava ele. Não havia a menor dúvida. Agradei-lhe muito. Sentia-me feliz.

À medida que o semestre progredia, eu ia conseguindo as notas mais altas em Alemão e Espanhol, e tinha notas boas nas outras três disciplinas. A Doutora Soper tinha sugerido que decorássemos umas quantas estrofes da célebre balada de Goethe, “Erlkönig”. Ao longo do semestre, haviam-se desenvolvido duas fações na nossa turma de Alemão 1: uma delas era liderada por mim, que me sentava mais ou menos a meio da sala de aula; a outra, por um bonito rapaz húngaro que se sentava na fileira da frente e de cujo nome não me lembro porque a Doutora Soper humoristicamente sempre se lhe referia, com a tácita aprovação dele, ao que parecia, como “Der Philosoph”. Ele estudava

Filosofia. O prêmio implícito nesta contenda era “Fräulein Howe”, uma bonequinha das mais lindas que jamais estudou Alemão 1, que se sentava ao lado do Philosoph. Todas as vezes que havia um aluno que não sabia a resposta para isto ou para aquilo, ou sempre que alguém não se lembrava disto ou daquilo, não sabia bem se levava um dativo, acusativo, ou genitivo, a Doutora Soper sabia que podia contar comigo ou com o Philosoph. Um poucas vezes, porém, até o Philosoph não estava seguro. Então a Doutora Soper perguntava-me a mim: “Herr Fagundes?” E o Herr Fagundes que, com a Jeanette, praticava o alemão horas e horas, sempre sabia a sua lição de cor e salteado, e estava pronto para explodir com a resposta:

– Ich sehe den Mann, Doutora Soper. Não *Ich sehe der Mann*. *Den* é acusativo; *o homem* é o objeto direto; *der* é o nominativo, não é?

– Sehr gut, sehr gut, Herr Fagundes!

Olhava eu então para o Philosoph, que tinha virado a cara para olhar para mim. Fräulein Howe — que sabia que era linda e que aqueles nominativos, acusativos e genitivos estavam ali a ser jogados entre mim e o Philosoph por amor dela — virava a cara para mim com um sorrisinho aprovativo. Entretanto, Der Philosoph, pelo contrário, parecia maltratado, derrotado, como se eu lhe tivesse cravado uma lança germânica num flanco.

Mas o grande duelo ainda estava por acontecer! Eu sabia que o Philosoph ficaria até às tantas para aprender o maior número possível das oito estrofes do poema de Goethe. Mas eu decorá-las-ia todas! Eu saberia o poema inteiro de cor, de dentro para fora e de fora para dentro, de diante para trás e de trás para diante, se a Doutora Soper assim quisesse que eu o recitasse. A tensão aumentava, como se

os dois cavaleiros se aprantassem para se baterem por amor de Howena. Até mesmo o nome do prémio, Howe, se assemelha ao da heroína loira de *Ivanhoe*, de Walter Scott (que, valha a verdade, eu não lera ainda). Der Philosoph levantou a mão, pois eu propositadamente deixara-o ser o primeiro. Até fingi, quando a Doutora Soper perguntou à turma se tinha decorado o poema, que eu não o tinha feito.

Wer reitet so spät durch Nacht und Wind?

Es ist der Vater mit seinem Kind;

Er hat den Knaben wohl in dem Arm,

Er fasst ihn sicher, er hält ihn warm. —

Eu agarrava-me ao assento da carteira. Der Philosoph tinha feito um excelente trabalho com a primeira estrofe. Seria tão bem sucedido na segunda?

Mein Sohn, was birgst du so bang dein Gesicht? —

Siehst, Vater, du, den Erlkönig nicht?

Der... den... der Erlenkönig mit Kron' und Schweif? —

Eu suspeitava — e desejava — que aqueles nominativos e acusativos eventualmente dessem cabo dele. A Doutora Soper — que, de justiça, não o havia de ter feito — interrompeu-o:

— Siehst Vater du *den, den* not *der*, Erlenkönig... Erlenkönig é ainda governado pelo acusativo.

A esta altura, o pobre do Philosoph começou a soçobrar, tornou-se um pouco perdido e medroso, como se ele mesmo tivesse visto o *Rei dos Álamos*. A meio da terceira estrofe, eu sabia que o tinha derrotado, e o meu coração dançava-me de comoção dentro do peito:

— C'um raio, Philosoph — pensei eu. — Tenho-te inteiramente à minha mercê.

No final da quarta estrofe, Der Philosoph, que não foi capaz de sustentar a respiração ao atravessar o pequeno bosque

de sons de *umlaut* no verso “In dürren Blättern säuselt der Wind”, estava exausto... sem fôlego... *kaput*.

Havia mais alguém que queria recitar “Erlkönig”? Uma mãozinha subiu aos ares: sim, havia uma rapariga que queria tentar. Durou três estrofes até que, ela também, se rendeu a meio de uma salva de palmas que eu — oportunista que estava a ser, pois o Philosoph não tivera aplauso — tinha iniciado.

— Mais alguém quer recitar o poema?

A Doutora Soper deu uma última olhadela pela turma. Não havia mais ninguém. E depois olhou para mim:

— Herr Fagundes? Gostaria de tentar recitar o poema de Goethe?

Fingi modéstia, falta de preparação, resignação.

— Está bem, Doutora Soper, se a senhora quer.

E comecei. Eu não ia apenas fazer uma recitação qualquer de “Erlkönig”: ia dramatizá-lo, pois sabia o significado de cada uma das suas palavras. A Jeanette, com quem tinha ensaiado durante horas na noite anterior, até me havia contado como ela tinha recitado o rimance numa atuação na sua escola em Berna; como as crianças dramatizavam o poema numa peçazinha de escola; como alguma da poesia musicada de Goethe era parte do currículo, por exemplo, “Heindenröslein” e “Erlkönig”, ambas musicadas por Franz Schubert, que a Jeanette me cantava na sua voz sensual de Lorelei. Recitei “Erlkönig” de alma e coração, filtrando-o pelas experiências que tivera no cemitério da Agualva, da lembrança do meu discurso ao bispo, só que agora era o meu *discurso*, um discurso voluntário que não precisava que me empurrassem ou forçassem a proferir. Der Philosoph, o guapo Philosoph, tornou-se o Líó; Fräulein Howe, o prémio, tornou-se a Margaret — e o “Erlkönig” fluiu sem mácula da

minha boca, bem enunciado, perfeitamente cadenciado até ao seu final glorioso:

In seinen Armen das Kind war tot.

Mas o que estava morto, ele que morria desta vez — era o Philosoph.

— Ausgezeichnet, Herr Fagundes. Ausgezeichnet! — ouvi a Doutora Soper entusiasmadamente a gritar por entre uma salva de palmas que espontaneamente irrompeu da turma inteira.

Eu tinha triunfado: a Fräulein Howe ERA MINHA!

Depois da aula, a Fräulein Howe veio felicitar-me:

— Foste uma estrela. Sabes que foste uma estrela?

E depois virou-me as costas. Claro que fora uma estrela. Mas, c'um raio, era tudo o que ela ia dizer e fazer por uma atuação daquelas?

Só duas experiências vieram adversamente marcar este semestre que, de contrário, tinha sido uma maravilha para mim. A primeira teve que ver com Psicologia 9, o Inglês para Burros. Em preparação para um exame sobre prefixos e sufixos, tivemos que memorizar o maior número possível de palavras de uma lista de cerca de cem termos e depois tentar selecionar, num exame de múltiplas respostas, o significado correto, no contexto dado, daqueles cem itens lexicais. Eu tive um exame perfeito, o que o professor decidiu que era impossível — pois eu, sendo o único estrangeiro da Turma de Burros, era também o único que conseguira realizar aquele feito. Veio falar comigo e insinuou que eu tinha, de alguma maneira, feito batota. Eu fiquei furioso e disse-lhe que, se ele me tivesse dado um lista de duzentas, ou até quinhentas palavras em vez de cem, eu tê-las-ia aprendido todas! Ele não me acreditou. No fim do semestre, deu-me uma nota de “B” no curso,

embora eu soubesse que era dos poucos alunos que merecia um “A”.

A outra experiência negativa ocorrera, a meados do semestre, na aula de Retórica: a minha vez havia chegado para apresentar uma comunicação oral. E, como a professora havia decidido que a comunicação deveria ser acerca de uma coisa da qual não gostássemos – para que nos esforçássemos por ser informativos, objetivos e convincentes acerca de uma coisa que nem nos interessava – eu tinha escolhido, instado por ela, falar acerca de “moscas”.

Só que, de toda a bicharada desta boa Terra em que vivemos, há duas que eu inquestionavelmente detestava: gatos e moscas. Como ainda me lembro de ter transportado do *bano* para a montanha de esterco a um canto do curral das vacas, carrinhos e carrinhos de cantoneiro cheios a abarrotar de moscas mortas, depois de o Don ou o Dave terem espalhado um pesticida vermelho em pó no chão da casa de ordenha e nos arredores do barracão! E eu, que ainda na Terceira chegara a pensar que não havia moscas na América, havia ajudado a matar e transportar e a sepultar milhões e milhões de moscas! E agora teria de apresentar uma comunicação – um discurso convincente! – acerca de moscas. Fui à biblioteca, descobri tudo o que pude acerca das moscas – aprendi, por exemplo, que as moscas se multiplicam como moscas –, mas não aprendera mais nada que achasse digno de partilhar com ninguém. Tendo em conta o sucesso que estava a ter este semestre em todas as minhas outras aulas e, além disso, o facto de eu ser o aluno mais velho da aula (e lembro-me de considerar a maioria dos alunos uns criancolas, pois eram-no em termos de experiências de vida em relação a mim), ter de falar de moscas como coisa séria parecia-me uma indignidade. (Hoje como adoraria fazer

um discurso sobre esse discurso *manqué* acerca das moscas!) Era uma estupidez pensar assim. Mas era assim que eu pensava e sentia naquela altura. Recusei-me a falar de moscas! Uma hora antes de apresentar a comunicação que já tinha preparado, fui à secretaria e emborquei as moscas no monturo: isto é, retirei-me do curso, o primeiro de só três cursos de que me retiraria em toda a minha carreira acadêmica!

Tive uma outra desilusão durante o semestre, mas que me ensinou uma lição importante, uma lição que eu estava com uma enorme precisão de aprender e aprender quanto antes. O Mr. Bernstein anunciou um dia que já era tempo de escrevermos o nosso ensaio para concorrer para o concurso promovido pelos Rotários. Fiz, cuidadosamente, a minha investigação sobre o Clube dos Rotários; anotei toda a minha informação nos cartõezinhos que comprávamos para aquele efeito, como aconselhava o Mr. Bernstein; e preparei-me para começar a redigir o meu ensaio. Escrevi e reescrevi o meu trabalho, poli-o e tornei a poli-lo, e entreguei-o ao Mr. Bernstein para ele lhe fazer as correções e comentários finais. Depois, como todos os outros alunos, escrevi a versão final e entreguei-a ao Mr. Bernstein que a encaminharia ao seu destino. Nesta altura, com todos os sucessos que estava a ter, não me restavam dúvidas que eu era, se não o melhor aluno de Inglês 44, pelo menos um dos melhores. Ele tinha dito quando lhe entregámos os ensaios que, na sua opinião, pelo menos dois dos trabalhos da nossa aula seriam premiados. No fundo, eu achava que o meu seria um deles.

Tinha limitado o meu tópico à necessidade de conseguirmos uma biblioteca na Agualva, pois não havia nenhuma na época em que eu me criei. Ajudar com a fundação de

bibliotecas em lugares pobres e atrasados do mundo, como os Açores da minha infância e adolescência, era uma das coisas que os Rotários podiam fazer, como já tinham feito, por exemplo, em vários sítios da América do Sul. Tinha substanciado a minha argumentação com a minha própria experiência: como eu tinha lido livros pedidos de empréstimo a distintas pessoas; quanto havia aprendido daqueles livros e como tinha partilhado, inclusive com adultos e idosos, alguma daquela informação que ia adquirindo; como aquela experiência de leitura havia sido a semente que, esperava eu, dentro em breve floresceria, agora que eu frequentava a faculdade; como essa hipotética biblioteca da Aqualva poderia ajudar a salvar, educacionalmente, vários jovens que com certeza não se salvariam por falta de livros, de alimentação para o espírito. Havia pintado um retrato da instrução em Portugal — o Portugal fascista, onde deliberadamente se discutia, na Assembleia Nacional, a sem-razão de dar instrução às massas para além de quatro anos de escola primária e do catecismo. Depois, tinha-me concentrado nos Açores, uma espécie de “colónia” de Portugal, onde a vida era mais difícil do que nas pequenas vilas e lugarejos do continente. Mas eu não tinha *hard facts*, estatísticas, números. Porra, eu nem me dei ao trabalho de procurar num dicionário — ah, Senhor Santos, o teu dicionário! — qual era a verdadeira ou aproximada população dos Açores! Pensei — ou imaginei — que pudesse ser um milhão. E pesguei no meu trabalho, esta mentira horrorosa: “um arquipélago, localizado a cerca de 800 milhas a oeste de Portugal, com uma população de cerca de um milhão de habitantes!” Mas não era verdade: a população dos Açores à época era de pouco mais de 300 000! E eu tenho a certeza que o Mr. Bernstein sabia. Não corrigiu o erro ou não me

chamou a atenção para me dar uma lição? Ainda que o não saiba ao certo, tenho para mim que foi essa a razão. O Mr. Bernstein era suficientemente professor, suficientemente ser humano, para querer ensinar-me algo muito importante acerca do cuidado e da sinceridade na escrita. Eu, que sempre fora criativo com a verdade, estava prestes a aprender algo muito importante acerca da verdade!

Os resultados do concurso chegaram. O Mr. Bernstein tinha tido razão. Havia dois ensaios premiados na nossa aula, primeiro e segundo prêmio. Eu quase não suportava o suspense: “Por favor, di-lo, Mr. Bernstein”, pensava eu, pois estava seguro que eu seria um dos alunos premiados. Ele leu os nomes:

— Mr. Santa María e Miss Gutiérrez!

Meu Deus, *eu* não era um deles! Fiquei esmagado, trucidado — eu que tinha dito à Jeanette que, com certeza, seria um dos vencedores! Tive de fazer um esforço sobre-humano para que as lágrimas não me rebentassem dos olhos! Foi aquela a minha primeira lição sobre a investigação académica, acerca das minhas limitações, da minha arrogância, da minha esperteza! E servir-me-ia de muito durante nove anos seguintes! (Mas foi também uma lição positiva noutra sentença: nunca mais, na vida, me candidatei a prémios ou bolsas — livre-me de concorrências desse tipo para todo o sempre!), eu que tenho visto tantos mediócras a levarem com prémios de todo o tipo à minha volta!

Concluí o semestre com quatro cadeiras, as quatro que o Mr. Bernstein tinha sugerido de início: recebi notas excelentes em Alemão e em Espanhol, e notas boas em Inglês para estrangeiros e em Inglês para Burros. Tinha sido um bom semestre. Mas prometi-me, agora que tinha aprendido muito academicamente e uma importante lição geral muito

importante também, que este seria o meu pior semestre de todos! Faria um esforço muito maior no próximo semestre.

No dia do exame final, a Doutora Soper pediu-me que passasse pelo seu gabinete antes de me ir embora da escola. Eu sabia que deveria ser por alguma boa razão, mas não fazia ideia do que pudesse ser.

— Herr Fagundes — disse-me ela —, o Consulado Geral da República Federal Alemã proporciona um prêmio todos os semestres ao melhor aluno de Alemão 1. Este semestre Herr Fagundes ganhou o prêmio. Ei-lo!

E a Doutora Soper entregou-me um bonito volume, recheado de lindas fotos a preto e branco, intitulado *Tore, Türme und Brunen*. Colado ao frontispício vinha um cartão que dizia: “Com os cumprimentos do Consulado Geral da República Federal Alemã”. No fundo do cartão, o endereço do Consulado: “3450 Wilshire Boulevard, Los Angeles 5, California”. Não via o momento de chegar a casa e mostrá-lo à Jeanette!

Em abril, pouco antes do meu aniversário a doze, vendi as 100 ações de Republic Corporation: a setenta e cinco dólares a ação! Tinha convertido o meu investimento original de 2 500 dólares em 7 500! Tinha realizado um lucro de 200%! Entretanto, o portfólio da Jeanette também tinha aumentado tremendamente. Ela tinha, como me disse uma vez, “perdido a conta de quanto dinheiro fizera nos últimos meses”. Uma das suas companhias em particular, Flying Tyger — uma companhia aérea que transportava carga para o Vietname, se bem me lembro — tinha registado lucros sobretudo espantosos. (Que transportaria a Flying Tyger para o Vietname?) Com os meus sucessos académicos, os meus sucessos financeiros, a minha relação com a Jeanette

que, pensava eu, era o cúmulo de glória de todos os outros sucessos, eu temia que isto não podia durar, não podia de modo nenhum durar, pois os sonhos só duram enquanto dormimos. Quando é que eu ia acordar, pois era evidente que tinha de acordar; onde é que tudo isto ia parar, pois não pararia com toda a certeza?

Só tinha visto a Margaret uma vez durante o semestre. Tinha-lhe falado da Jeanette, uma mulher com quem estava agora a viver, mas omitira-lhe os pormenores de como nos tínhamos conhecido. Conteí à Margaret os meus sucessos académicos. Falámos do Lío, com quem a Margaret já havia cortado relações porque, indicou ela, “Ele agora é Martin Lío”, a maneira sarcástica de a Margaret se referir à alegada conversão do Lío ao Luteranismo. “Converteu-se mesmo”? — queria eu saber.

— Se se converteu? — disse a Margaret. — Ele não sai da igreja. E até tentou converter-me a mim. És capaz de imaginar uma coisa destas, eu cristã?

Bem, bem, aqui tínhamos a Margaret de sempre. E o John? Ainda via o John? Claro que via! O John era para sempre! Não, não vivia ainda com ele. Mas estava a pensar nisso, agora que se ia transferir para a UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles) e ia mudar-se da casa dos pais.

Encontrar-me-ia com a Margaret novamente no final do curso de verão, durante o qual fiz a cadeira de Alemão 2, pois queria surpreender a Doutora Soper no outono aparecendo na sua aula de Alemão 3. Vi a Margaret na cantina.

— Margaret, és tu? — perguntei-lhe, pois tive dificuldade em a reconhecer logo à primeira vista.

Não era a Margaret! Não podia ser a Margaret! Com um rosto pálido e cadavérico, cumprimentou-me sem nenhum do seu habitual entusiasmo. Parecia que tinha acabado de

sair do consultório do dentista e estivesse ainda sob o efeito da novacaína. À medida que falava, os seus lábios ensaiavam uma espécie de dança errática. A Margaret estava totalmente incoerente e sem sentido de humor. Deuses, a Margaret estava totalmente drogada! Embora eu soubesse que ela bebia – sobretudo aquele vinho rasca chamado Ripple – nunca me tinha apercebido de que a Margaret se drogava assim. Seria falta de delicadeza eu perguntar-lhe o que se passava? Tinha eu o direito de lhe fazer perguntas íntimas: eu, que devia tanto à Margaret; eu que nunca poderia retribuir-lhe o que ela havia feito por mim?

– Margaret, eu queria...

Mas antes que eu pudesse dizer mais uma palavra, a Margaret começou a andar na direção oposta à que eu ia, tentando manter uma postura muito ereta, como alguém que está a “andar na linha” para um polícia de trânsito verificar se está ou não embriagado. Que acontecera à Margaret? Como ela se ia transferir para a UCLA no próximo semestre, perderíamos contacto um com o outro, e eu não veria a Margaret outra vez senão dali a três anos.

Quando a sessão escolar de verão terminou, a Jeanette e eu fomos gozar as nossas primeiras férias juntos: visitámos o Jardim Zoológico de San Diego e a cidade de Tijuana, no México. Apesar de há muito eu saber que a Jeanette era louca por animais, nunca tivera a oportunidade de constatar o extremo dessa loucura. Tinha-me dito muitas vezes que os animais – até mesmo os animais selvagens que normalmente tinham medo de humanos – não a temiam; na verdade, aproximavam-se dela e comiam-lhe da mão como se fossem animais domésticos. A lista incluía a mão-pelada, a doninha fedorenta, a raposa. Mãos-peladas e doninhas fedorentas às vezes desciam da montanha detrás da casa da

Jeanette e apareciam no quintal. No zoo, a Jeanette insistiu em saltar uma vedação que separava os visitantes de outra vedação por trás da qual vagueavam chitas. Um guarda começou aos berros com ela, enquanto ela tentava usar o seu charme para o persuadir a deixá-la pôr as mãos pelo entrançado da cerca. Tinha a certeza, apostaria com o guarda, que as chitas não lhe fariam mal nenhum; que, aliás, lhe viriam lambe os dedos.

Em Tijuana, foi quase impossível persuadi-la a sairmos daquela loja de animais: ela queria comprar um papagaio! Estava eu farto de saber que era ilegal trazer animais selvagens de outros países para os Estados Unidos. Mas ela não conseguia separar-se daquele adorável papagaiozinho *half-moon* (um papagaio chamado “meia-lua”, do tamanho de um piquito).

– Como é que vais passar a fronteira com um papagaio, Jeanette, diz-me lá?

Não via problema nenhum. Encontraria maneira. Também trouxemos três garrafas de kalua para dar de presente, muito contra a minha vontade porque (e disso não me lembro muito bem) era proibido, ou então só podíamos trazer *uma* garrafa por pessoa. A Jeanette tinha um plano: embrulharia adesivo no bico do papagaio mesmo antes de atravessarmos a fronteira. Quando parássemos no posto de fronteira, a Jeanette meteria o papagaiozinho debaixo do braço e meteria conversa com o guarda. Estava convencida de que o seu charme lhe conseguiria tudo o que queria.

Não sei se o guarda foi capaz de inferir, ou não, do meu rosto que trazíamos contrabando. O certo é que quando chegou a nossa vez, ele mandou-me sair do carro, levantar o assento de trás do Volkswagen e tirar as garrafas de bebida lá escondidas.

– Garrafas de bebida? Que garrafas de bebida?

– Eh, *buddy*, tira já as garrafas de bebida como eu te estou a mandar!

Como diabos é que aquele gajo sabia que nós trazíamos garrafas de contrabando e que as tínhamos escondido debaixo do assento de trás do Volkswagen? (Mais tarde, descobri que isto acontecia muitas vezes aos turistas: compravam garrafas de bebida; o dono da garrafeira que as vendera tirava a matrícula do carro, ligava para o posto de fronteira e quando o carro chegava lá, já a polícia estava à espera. O turista levava uma multa e o proprietário da garrafeira recebia as garrafas de volta. Uma bela máfia México-americana!) Foi exatamente o que nos aconteceu: eu paguei, ali mesmo, uma multa de vinte dólares e tive que deixar as garrafas de kalua! Entretanto, a Jeanette – com o papagaiozinho acaçapado, pois estava de bico cozido, debaixo do braço – continuava, charmosamente, a conversar com o jovem polícia. Aparentemente, a velhota da lojinha de animais não fazia parte da máfia antiturista, ou então tinha-se esquecido ou equivocado no número da nossa chapa de matrícula: passámos a fronteira sem as garrafas de kalua, mas trazendo um papagaio! Quando parei para a Jeanette tirar o adesivo do bico do papagaiozinho, porém, verificámos que o pobre bicho estava quase morto. Ainda respirava, bem se via, mas não conseguíamos fazer com que ele se mantivesse de pé no dedo da Jeanette, como acontecera na loja, ou até mesmo na palma da mão dela. A Jeanette entrou num pânico:

– Sai já da autoestrada. Vamos a um veterinário, Frank; encontra-me um veterinário.

Mas onde raios é que eu ia encontrar um veterinário, nem conhecendo sequer a cidade de San Diego! Onde?

– C'um mil diabos, Frank! Encontra-me um veterinário!
Neste instante!

Sabia, pelo tom da voz da Jeanette, que não havia mais necessidade de discussão: eu teria que encontrar um veterinário se queria que ela me poupasse a vida. Tomei a primeira saída da autoestrada, parei numa estação de serviço, disse ao caixeiro qual era o problema, perguntei-lhe se sabia onde havia um veterinário. Ele não sabia onde havia um veterinário. Mas, afinal de contas, não precisávamos de veterinário nenhum. “Dá álcool a cheirar ao papagaio e ele vem a si”. Pois, mais do que evidentemente, o que tinha acontecido era que o papagaio não podia respirar: a Jeanette tinha quase inteiramente tapado os orifícios de respiração do bicho, e depois, ainda por cima, metera-o debaixo do braço e pusera-se a conversar com o polícia, e o bichinho ali sem oxigénio. Mas onde encontraríamos uma botica para comprar álcool? O caixeiro não sabia. E uma bebida alcoólica qualquer – tínhamos alguma? Não, não tínhamos. O guarda da fronteira tinha ficado com as nossas três garrafas de kalua.

– Porra, quem tivesse aqui um garrafa de litro de álcool verde! – pensei eu.

Mas estávamos com sorte – havia uma garrafeira ali mais abaixo. Conduzi como um louco em direção à garrafeira. E que alívio! Quando pusemos um guardanapo enso-
pado numa bebida alcoólica debaixo do bico do papagaio-
zinho, ele começou a respirar um pouco melhor. A Jeanette chorava lágrimas de alegria à medida que o papagaio vinha a si, primeiro com pios fracos e depois com enormes berros e muito bater de asas acompanhado de esguichos de fezes por cima das mãos e dos braços da Jeanette! Eu também podia respirar mais aliviado.

Ensinaríamos o papagaio a falar? Sugerir que lhe ensinássemos palavras em português. A Jeanette aderiu à ideia. Seria o nosso papagaio. Ela também lhe ensinaria palavras em alemão. A nossa pequena aventura no México e na fronteira ficaria célebre entre nós. Quando chegámos a casa, ainda falávamos do papagaio e de como a Jeanette sempre tinha sido uma louca por animais. E eu, gostava de animais? Sim, claro, embora tivesse que admitir que nos Açores, as crianças eram muitas vezes cruéis com os animais, sem qualquer razão aparente. Por exemplo, quando eu era criança — e nisto eu era como todas as demais crianças — quando via um cão, sentia um desejo incontrolável de pegar numa pedra, um pau, fosse o que fosse, e atirar ao cão.

— Como é possível que tivesses feito uma coisa dessas, Frank?

Bem, é que eu tinha sido criado num ambiente cultural diferente do da Jeanette — um ambiente de estúpida violência gratuita contra os animais. Porque eles partilhavam a nossa miséria? Agora, eu também, ficava chocado por ter participado em sociedades de ovinhos de pássaro: roubávamos dúzias e dúzias de ovinhos dos ninhos, guardávamos-os em farelo ou serradura e, no fim da estação, fazíamos uma “guerra de ovos”, que consistia em atirmos com os ovos uns aos outros. A Jeanette não podia acreditar que eu tivesse participado numa coisa tão cruel.

— Mas, Jeanette, tudo depende do que os adultos nos ensinam, com o seu exemplo. Até a crueldade ou a bondade são coisas que nos ensinam. Se ninguém no-las ensina, não as aprendemos.

Não, a Jeanette estava convencida de que essas coisas eram inatas: uma pessoa era cruel, ou era bondosa. Que tomássemos os gatos dela como exemplo. Ela tinha dois

gatos. A Midnight era todavia jovem, mas a Funny Face já era muito velhinha. Mas a Jeanette jamais permitiria que ela fosse “posta a dormir”. Nunca, a Funny Face viveria quanto vivesse e nunca seria eutanisada. Apesar do seu carinho por todo o tipo de animal, a Jeanette tinha uma especial predileção por gatos. A Funny Face, um bicho repelente com chagas por todo o corpo, às vezes vinha aninhar-se no meu colo, passava-me a cauda pelo rosto e ronronava felicíssima. Nunca lhe tinha dado um sopapo por medo à Jeanette, embora já lhe tivesse dito que não era particularmente afeiçoado a gatos.

E insistia eu que o carinho pelos animais, por qualquer bicho, até por seres humanos, dependia, em última análise, nas nossas experiências. Gatos, por exemplo...

– O meu desgosto por gatos... – e parei a tempo.

Tinha partilhado com a Jeanette todas as minhas experiências dos Açores, todas as minhas experiências com as vacas. Mas, por precaução, nunca contara à Jeanette a minha experiência com o gato.

– E então porque não gostas de gatos, Frank? – a Jeanette insistiu.

Bem, uma vez tivera uma experiência com um gato e essa experiência não contribuíra nada para melhorar um certo ódio que já tinha aos felinos, coisa aliás que já vinha dos Açores. Então, contava-lhe ou não que tipo de experiência tinha sido essa? Sim, contaria, se a Jeanette promettesse ser compreensiva e não ficar zangada. Afinal, fora uma das experiências mais difíceis da minha vida.

E descrevi, num crescendo bem orquestrado e dramático, o meu episódio do gato, culminando com a cena da vassoura e – santos deuses, deveria eu dizer-lhe ou omitir essa parte? – o episódio final com a graxa. A Jeanette ficou

com um olhar de estupefação no rosto. Antes de eu chegar ao ponto de abrir a porta para o gato fugir, a minha amada Jeanette deu-me um soco tão violento que eu senti o sangue a respingar e a misturar-se com as lágrimas de dor que me fluíam dos olhos para a boca e para o queixo. Em choque, ia dizer algo, mas a Jeanette tinha-se levantado e estava a preparar um novo ataque. Tive que lhe segurar as mãos para prevenir que ela me agredisse novamente.

— Sai já da minha casa, grande animal! Sai já da minha casa, já! Um homem que é capaz de fazer uma coisa dessas a um gatinho indefeso nunca mais dorme na minha casa. Rua!

— Jeanette... — implorei-lhe. — E então eu? Não tens pena de mim, da minha situação?

— Já para fora da minha casa e nunca mais me ponhas os pés aqui!

Achei prudente ir-me embora. Desta vez era eu que ia para a rua. Tinha levado uns anos, mas o gato do Mr. Leal — que descanse em paz! — conseguira por fim a sua mais que justa justiça!

VIII HABITUANDO-ME A UMA NOVA FAMÍLIA

Passei o resto daquele verão pensando no regresso às aulas no outono. Apesar da nossa primeira briga, a minha relação com a Jeanette continuava a melhorar. Como amiga, a Jeanette era inestimável. Fazia-me lembrar de coisas que fizera na infância, como roubar fruta com meu irmão José nos pomares. Na vizinhança da Jeanette havia muita gente que tinha árvores de fruto no quintal. Como ambos gostávamos de maçãs verdes, íamos roubá-las de noite – e depois sentávamo-nos no pátio da casa a comê-las até ficarmos com a barriga a doer.

Como amante, a Jeanette era uma professora compassiva e paciente. Ainda era um pobre amante, mas melhorável, inteiramente melhorável, dizia-me, com um sorriso de ternura. E adorava ensinar-me, protegendo sempre a minha dignidade, o meu ego, o meu orgulhinho de macho. Subíamos a montanha por trás da casa dela, ficávamos o olhar para o Vale de San Fernando, tentando descobrir onde ficava o Los Angeles Valley College. Tinha coragem de fazer amor no cimo da montanha, sob as estrelas? Bem, se ela tinha, também eu. E quando fazíamos amor sob as estrelas, eu sentia que nós éramos estrelas também, refletindo a nossa luz um no outro.

Mas uma nuvem de repente apareceu no horizonte: o Alex, que nunca mencionara que ia regressar a casa, um

dia escreveu que com certeza regressaria dali a seis ou oito meses e depois voltaria para o Vietname. O Alex tinha-se referido, repetidamente, a uma rapariga de nome Phong, mas não havia elaborado mais. Mas a Jeanette começou a suspeitar que o Alex estava a ter uma relação amorosa com uma vietnamita. E, para grande espanto meu, às vezes apanhava a Jeanette a chorar. Fiquei perplexo e ciumento. Porquê, Jeanette? Então que estamos nós os dois a fazer? Não estamos a ter uma relação amorosa? Connosco era diferente: éramos bons amigos. Aquela resposta ofendeu-me.

— O que queres tu dizer com isso de sermos ‘bons amigos’?

Então, estava ansiosa por que o Alex voltasse, não estava? E o que é que nos aconteceria a nós quando ele regressasse? Já tinha pensado nisso?

Às vezes tinha, sim. Mesmo assim, ela sempre tinha pensado e esperado que o Alex um dia voltasse a casa; que o seu casamento pudesse ser salvo, até fortificado pela ausência dele. Pois não me havia ela dito isso, antes mesmo de eu me mudar para a casa dela? E a Jeanette, que só muito raramente bebia uma cerveja, começou a beber muito mais. E não só começou a beber muito mais, mas começou a misturar a cerveja com Doriden, comprimidos que a mãe lhe mandava, aos pacotes, da Suíça. De vez em quando, eu levantava-me de manhã e encontrava a Jeanette (pois ela era um ser notívago), bastante tocadinha, sentada ainda ao balcão da cozinha nas costas de uma cadeira com os pés no assento, a ler *Redbook*, a sua revista favorita. Tinha os olhos inchados, ou de chorar ou da bebida misturada com os comprimidos. Mas depois, durante semanas e semanas, nem sequer provava cerveja, pelo que eu sabia, nem tomava um único comprimido.

Entretanto, a Jeanette havia-me levado à casa de uma das pessoas que mais estimava: Miss Ruth Gage, tia do Alex, a quem todos na família se referiam pela alcunha carinhosa de “Goodie”. Há muito que me vinha falando da Goodie. Não tinha interesse em conhecê-la? A Jeanette já lhe tinha falado a meu respeito, tinha-lhe contado a história das vacas, como eu estava a ser bem sucedido na faculdade. Goodie, que lecionava em regime de *part-time* na Mount St. Mary’s College, tinha ficado muito impressionada com a minha história e tinha mostrado interesse em conhecer-me.

– Mas, Jeanette, o que é que a Miss Gage vai pensar?

Na verdade, a Jeanette não se importava nada com o que ela pensasse. Mas, quando lhe dissera que eu vivia na casa dela, a Goodie tinha-lhe dito que achava que era uma boa ideia; que agora a Jeanette não ficava tão só; que ambos, a Jeanette e eu, seríamos bons companheiros e amigos um para o outro. Quando é que ela, a Jeanette, me ia levar à casa dela para nos podermos finalmente conhecer?

Eu tinha grandes dúvidas acerca deste encontro. Por um lado, não tinha grande interesse em conhecer a Goodie. Ela era – como a Jeanette já me informara – uma velhota muito católica; vivia num apartamento luxuoso nos La Brea Apartments; até tinha uma amiga – que eu também viria a conhecer – que era a contabilista do Rock Hudson.

– Sabes que a senhora se refere ao Rock Hudson como ‘Roy’? – perguntava-me, admirada, a Jeanette.

O que era mais importante de tudo era que eu não tinha interesse nenhum em ver-me na posição de ter de explicar o que estava a fazer na casa da Jeanette. Além de tudo mais, se a Miss Gage tinha achado que era boa ideia nós estarmos a viver juntos, isso só poderia significar uma de duas coisas

— nenhuma delas sendo-me particularmente lisonjeira. Ou eu estava apenas a viver na casa da Jeanette (o que poderia implicar que eu era mais um animalzinho de estimação que ela tinha adquirido), ou então que eu era qualquer tipo de amantezinho que a Jeanette tinha arranjado para se entreter até o Alex regressar — um amantezinho que, quando já não servisse, seria deitado fora como um objeto que prestou serviço, mas depois se dispensa.

— Tens a certeza que queres mesmo que eu conheça a Goodie? — insistia eu.

Mais do que isso: a Jeanette já tinha marcado com ela para nós irmos lá jantar. Quando finalmente a conheci, descobri que a Miss Gage era, afinal, uma pessoa adorável, uma senhora de um charme clássico, uma pessoa por quem me senti imediatamente atraído. Falámos da faculdade; ela deu-me conselhos sobre que cadeiras tomar (ela mesma lecionava Ética na Mount St. Mary's); e até me instava a que eu encorajasse a Jeanette a ler e partilhasse com ela o que ia aprendendo. Pois a Miss Gage, descobri logo, tinha uma atitude condescendente para com a Jeanette, em parte porque, pensava a Jeanette, e descobri eu, esta não tinha frequentado uma universidade. A Miss Gage nunca disse nada — pois eu mantinha todas as minhas faculdades em alerta para detetar o mais ínfimo sinal que fosse — que indicasse que ela suspeitava que nós, a Jeanette e eu, estávamos a ter uma relação ilícita. Porra — pensei eu — então eu pareço assim tão inofensivo como homem para esta velhota pensar que eu...? Mas, por outro lado, estava contente que ela não suspeitasse nada. Aqui estava outro valor que eu poderia acrescentar à minha relação com a Jeanette: uma amizade com um membro da sua família, uma senhora distinta e refinada que não só me poderia ensinar muito, mas que

parecia genuinamente gostar de mim. Era possível que isto tudo me estivesse a acontecer? O meu mundo havia-se virado ao contrário? Conteí a minha vida quase toda à Miss Gage, poupando-lhe apenas o que achava impróprio partilhar com uma senhora como ela. Ela falou-me da sua família, que era oriunda do Nebraska; acerca do irmão, o antigo vice-presidente do banco que vivia em Bel Air; acerca das suas amigas. Então ela tinha uma amiga que preparava os impostos do Rock Hudson? Sim, uma senhora notável a quem ela me apresentaria da próxima vez que eu viesse a casa dela. Quando a Jeanette e eu nos fomos embora, eu ainda não acreditava na realidade daquele jantar, daquela conversa, daquela senhora com um charme de avozinha delicada e instruída! Mas eram reais! E a Jeanette disparou outro salvo: eu ia conhecer os sogros. Levar-me-ia a Bel Air para eu ver como as pessoas ricas viviam. Tinha a certeza que eu gostaria sobretudo de conhecer a Helen, que supostamente odiava a Jeanette, considerando-a numa escala muito inferior à do Alex. De facto, pensava a Jeanette, a família só autorizara o casamento quando o Alex ameaçara nunca mais fazer caso dos pais.

— Era só por eu ser bonita, Frank. Era por eu ser bonita. Se não, o Alex nunca teria casado comigo.

Logo depois de haver começado as aulas no outono, fui ao gabinete do Mr. Bernstein pedir-lhe um favor: poderia ele fazer com que uma afirmação falsa que constava do meu registo escolar fosse retirada? Claro, se fosse coisa legítima. Depois contei-lhe a história acerca da escola do Infante Dom Henrique, na Terceira.

— Então, essa escola existia ou não? — perguntou ele.

— Não sei, Mr. Bernstein. Mas se existiu, eu nunca a frequentei.

O Mr. Bernstein fez-me o favor. Desde então, no meu registo escolar do Valley College, lê-se “High School – unavailable” (Liceu – não disponível).

As aulas correram melhor no segundo semestre. Agora eu sentia que era um profissional. Seguindo a sugestão do Mr. Bernstein, fiz mais cadeiras de inglês; também comecei a tirar cadeiras em ciências e em História Americana. E inscrevi-me numa aula que acabaria por ser uma das minhas prediletas no Valley College: Music Appreciation (Apreciação da Música). A professora, a quem contei parte da minha história, tomou um interesse especial por mim. O marido, um estrangeiro, tinha tido uma experiência semelhante à minha. Ela sempre escrevia notinhas especiais nos meus relatórios de audição de música. A partir dessa modesta iniciação, tornei-me um amante de música clássica para o resto da vida!

Tive alguns problemas com Biologia, pois o professor, um Senhor Paolino, era do pior que eu teria (paradoxalmente, por isso me lembro do apelido dele!). Parecia que o seu grande interesse na vida era ser comediante. Vivia para contar anedotas. E Biologia 1 não se prestava ao humor. Fui uma vez à secretaria com intenção de me retirar do curso dele, pois tinha medo que, se continuasse naquela aula, arruinaria a minha média. O orientador com quem falei (pois o Mr. Bernstein, o meu orientador oficial, estava ausente) desencorajou-me de me retirar do curso; aliás, tentou persuadir-me que, como eu era estrangeiro e o Mr. Paolino era estrangeiro, nós até tínhamos algo em comum, começando com os nossos sotaques estrangeiros. Asinadamente, dei por mim a concordar com o gajo. Que estúpido ele deve ter pensado que eu era quando saí do gabinete dele já decidido a não me retirar de Biologia 1! Quando o

semestre terminou, contudo, eu tinha notas perfeitas em quatro dos meus cursos, incluindo o do Mr. Paolino, e um “B” numa aula de inglês, nota esta última que eu atribuí à minha relação com o professor, não a questões acadêmicas.

O professor — Mr. Tenenbaum era o seu nome — era um dos melhores que eu já tivera e teria. Era um senhor charmoso, um tiquinho soberbo. Um dia ele até nos desafiou que lhe perguntássemos o significado de qualquer termo literário: ele sabê-lo-ia. Ninguém ousou. Mas o seu trabalho para casa parecia-me injusto. Por qualquer razão, eu sempre tinha mais trabalho para fazer para a aula do Mr. Tenenbaum do que para todas as outras aulas que estava a fazer este semestre. Um dia, quando ele acabava de nos dar *ainda mais* trabalho para casa, eu instintivamente disse qualquer coisa em português, nada de particularmente mau, mas que pelo tom indicava o meu desprazer. O Mr. Tenenbaum parou de lecionar, olhou intensamente para mim, e disse:

— Mr. Fagundes, se tem alguma coisa para me dizer, pelo menos tenha a delicadeza de o dizer numa língua que eu entenda.

Tive vontade de me enterrar pelo chão abaixo. Ele tinha razão. Eu fora indiscutivelmente grosseiro com o homem! Foi isso o que me mereceu o “B” naquela aula? Sempre pensei que fosse, mas não poderia prová-lo.

Mas a pior *gaffe* que cometi naquele semestre foi na aula de espanhol do Señor Ávila. Marie Shields, uma rapariga judia que me vinha pedir ajuda com o espanhol, acabou por se tornar uma boa amiga. Muitas vezes comíamos juntos, íamos tomar um café, e preparávamos juntos o nosso trabalho para casa. O trabalho para a aula de espanhol, eu sempre o preparava na escola com ela, depois ficava livre para me

concentrar no trabalho mais exigente nos próximos dois dias. Um dia, o Señor Ávila, que muitas vezes falava acerca de tudo menos do espanhol, perguntou-nos — a que respeito já nem me lembro — o que é que queríamos da vida. Alguns queriam amor; outros, uma educação formal; ainda outros, o que quer que fosse que os fizesse felizes. De todos que exprimiram os seus desejos e sonhos, a Marie era a única que aspirava, como o grande sonho da sua vida, a “casar com um homem rico”.

— Porquê? — o Señor Ávila queria saber.

— Porque ela é judia! — deixei eu escapar.

Foi como se uma bomba tivesse explodido no seio da aula! E o silêncio — um silêncio audível e de morte — foi tudo o que ficou. Meu Deus, a minha boca tinha-me feito pôr a porra da pata na poça da pior maneira imaginável! Embora eu tivesse ouvido falar dos judeus e do Holocausto, acho que naquela altura ainda não tinha adquirido uma plena consciência das terríveis implicações da minha tirada. E senti uma dor profunda, senti-me esmagado eu mesmo, pois eu gostava muito, mas muito mesmo da Marie. Quando a aula terminou, eu tinha decidido que faria todo o possível para ter uma conversa com a Marie.

— Marie, gostaria de ter uma palavrinha contigo.

Ela não parava.

— Marie, por favor, dá-me uma chance de explicar.

O que eu dissera tinha que ver com a minha ignorância acerca da história dos judeus, o que em parte era verdade; eu não tinha, o que era totalmente verdade, pensado no que estava a dizer antes de o dizer; que até achava que estava a ser engraçado; que ela por favor me perdoasse; que eu sentia muito; que, caramba, o apelido da minha mãe é judeu, o que é verdade, como havia recentemente

descoberto. Mas a Marie nem me ouvia; nada fazia com que a Marie parasse; a Marie, daquele dia em diante, nunca mais falaria comigo.

Mas também fizera alguns amigos durante o meu segundo semestre no Valley College. A minha amizade mais memorável foi com o Mark Matthews, um aluno de Canoga Park. Bastante gordo e tímido, o Mark era uma pessoa extremamente estudiosa. Raparigas? Não, não se importava com raparigas. Mas adorava a política; adorava a mitologia; adorava a história antiga. Fez-me tornar-me membro de um clube de livros. Comprámos muitos livros através do clube, sobre os quais falávamos nos nossos encontros. Deu-me, da primeira vez que o visitei na sua casa, um exemplar de *Bulfinch's Mythology*.

— Faz-me uma pergunta, Frank, sobre o que quiseres — desafiava-me ele.

Eu fiz-lhe várias:

— Cupido e Psique? Apolo e Dafne? Ulisses e Calipso?

O Mark não só resumia o conteúdo da versão abreviada no *Bulfinch's*, mas ia mais além, comparando e contrastando as várias versões que conhecia daquele mito. Tinha lido *Metamorfoses* de Ovídio, uma tradução em prosa da *Ilíada* e da *Odisseia*, e de *Sobre a Natureza das Coisas*, de Lucrecio. E tinha lido muito sobre os antigos historiadores; tinha uma visão geral das principais correntes da Filosofia Ocidental (ele também tinha tirado a aula de Filosofia 1 com o Mr. Beaumont, aula essa que ele muito me recomendava).

A segunda paixão do Mark era a política. Era um fanático de Robert Kennedy (quando Kennedy foi assassinado, a umas vinte milhas da nossa faculdade, o Mark chorou como uma criança durante dias e guiava com os faróis acesos!). E o seu terceiro interesse, embora menor relativamente aos

outros dois, era o cinema. Tinha visto, ao que parecia, todos os filmes que jamais haviam sido feitos. Eu já tinha visto aquele? E aquele outro? Não, Mark. Onde me criei, só muito de vez em quando é que se via um filme. Um dos primeiros filmes que eu tinha visto fora um filme com Doris Day. E contei-lhe a história, pois não tinha segredos com o Mark. Por muito tempo, porém, não lhe falei da Jeanette. Mas, eventualmente, achei que tinha de lhe dizer. Ele tinha escutado a minha narrativa em silêncio, obviamente não muito impressionado e talvez até triste. Mas manteve absoluta discrição: não fez qualquer comentário. E eu nunca mais lhe falei acerca da Jeanette.

Eu raras vezes tinha ido jogar bólingue desde que o Ben partira. Um dia, propus ao Mark que fôssemos jogar — no mesmo sítio em Studio City onde eu havia aprendido o jogar bólingue com o Ben. O Mark não tinha grande jeito para o bólingue, mas tão-pouco tinha objeções. Depois do jogo, o Mark e eu fomos a um restaurante ali perto, de cujo nome não me consigo lembrar. Era, porém, um restaurante de luxo. Decidimos ficar só quando o Mark propôs que comêssemos um bocado de tarte de fruta e tomássemos um café, pois era evidente que o restaurante era muito mais caro do que nós havíamos pensado. Havia pouco que chegáramos ao restaurante — era por volta da hora do almoço — quando o Mark olhou para mim, abrindo o rosto num grande sorriso, e disse:

— Frank, promete-me que vais fazer exatamente o que eu te vou pedir.

— Que diabo é que estás para aí a dizer? — perguntei-lhe.

— Quero que vires a cabeça muito devagarinho, mas só quando eu te disser para o fazeres. E depois quero que olhes para aquela mesa atrás de ti à direita. Mas não dês sinais de

surpresa. Vais ver uma pessoa que já conheces; uma pessoa que nunca viste, mas que queres ver.

Não conseguia imaginar sequer a quem o Mark poderia estar a referir-se. Quem poderia ser? Quem é que eu e o Mark conhecíamos que estava ali e que eu queria ver? Talvez algum professor do Valley College? O Mark nem sequer conhecia a Jeanette; nunca tinha visto a Margaret. Quem poderia ser?

Fiz o que o Mark me mandou. Virei a cabeça muito devagarinho para olhar na direção que ele tinha indicado. Não conseguia entender bem ao começo, pois estava a olhar para duas mulheres: uma muito mais velha e a outra ainda relativamente jovem e que, estranhamente, se parecia um pouco com a Jeanette. Conquanto as feições não fossem as mesmas, era a mesma compleição, a mesma cor de cabelo, até alguns dos gestos que fazia. Pois a mulher mais jovem gesticulava muito e até parecia estar um pouco chateada com a mulher mais velha.

— Então, Mark — ouvi-me perguntar. — Para quem é que estou a olhar, ahn?

— Concentra-te um pouco mais intensamente, Frank. Concentra-te um pouco mais. E pensa. E depois tornas a olhar.

Fiz o que o Mark me mandava:

— Meu Deus, ó Meu Deus! Era a Doris Day! Era ela! Um pouco, ou até bastante, mais velha do que quando eu a vira pela primeira vez no filme do cemitério, mas a mesma Doris Day! Sardenta, e tão real, e tão linda, e ali detrás de mim, e parecendo-se um bocadinho com a Jeanette... Eu estava a olhar para a Doris Day! Implorei ao Mark que fôssemos embora dali para fora. Temia que ela notasse que estávamos a mirá-la e eu ficaria embaraçado se isso acontecesse.

– Não, porque não esperas por ela lá fora e quando ela sair do restaurante, pedes-lhe um autógrafo?

Eu não quis. Não tinha coragem de fazer aquilo. E se ela me diz que não? E supõe que ela me manda à merda, se ri de mim, chama a polícia?

– Não, Mark. Alguns sonhos só pedem para ser sonhos. É melhor que eu apenas olhe e olhe por apenas uns minutos. Porque não quero que este sonho desapareça de todo. Deste eu preciso, Mark... e vou-me agarrar a ele por quanto tempo seja possível.

Concluí este semestre com excelentes notas e uma boa nota. Tinha conseguido alcançar a Dean's List. O que era a Dean's List? – perguntei ao Mark. Ele explicou-me. “Muito bem, estou na Dean's List”, no Quadro de Honra. No semestre seguinte, já havia decidido, depois de consultar com o Mr. Bernstein, que finalmente conheceria dois professores acerca dos quais tinha ouvido tanto: Mr. Beaumont e Mrs. Shields, ele professor de Filosofia 1, ela de Inglês 1, supostamente uma das cadeiras mais difíceis na faculdade.

Entretanto, a maioria do meu dinheiro estava investido na bolsa. Se bem que todas as companhias de que comprara ações estavam a registar bons lucros, a que de longe estava a ter mais êxito era Kentucky Fried Chicken, embora nada comparável ao sucesso espetacular que tivera com a Republic Corporation. E decidi que era tempo de procurar um emprego em regime de *part-time*, que me traria dinheiro para despesas eventuais e, mais importante ainda, me permitiria ajudar a Jeanette. Com a exceção do dinheiro que ela recebia de dividendos, não tínhamos nenhuma renda constante. Tínhamos estado a viver dos dividendos e de algum dinheiro que não reinvestíamos quando eu ou ela vendíamos um bloco de ações.

Um dia cheguei ao parque de estacionamento na faculdade e vi, no para-brisas do meu carro, um prospeto anunciando empregos. Prometia emprego para alunos, um emprego que não interferia com os estudos, mas era ao mesmo tempo muito bem remunerado. Bem, eis o que eu procurava. Respondi ao anúncio ligando para o número indicado. Era em Inglewood: era um emprego para vendedores ambulantes. Comecei a esfriar, pois sempre havia pensado que não seria capaz de vender fosse o que fosse a ninguém. Mas iria verificar. Acontece que era um emprego de vendedor de tachos e painéis. Tínhamos um *workshop* de dois ou três dias que nos prepararia para preencher uma encomenda, passar um recibo, aprender a fazer *marketing* direto do produto, aprender a identificar as potenciais clientes dos ditos tachos e painéis. Havíamos de nos concentrar, descobrimos, em raparigas que estavam prestes a casar-se, pois era mais do que óbvio que seriam elas as mais interessadas no nosso produto.

– Mas como é que sabemos onde encontrar essas raparigas que estão prestes a casar-se?

Bem, começaríamos com os nossos próprios vizinhos; perguntaríamos a amigos que tinham amigos, que por sua vez conheciam outras pessoas que com certeza saberiam de raparigas que se iam casar. E, como toda a gente sabe, raparigas que se vão casar precisam de tachos e painéis; e, como nós já sabíamos, estes tachos e painéis eram capazes de fazer tudo o que quaisquer outros tachos e painéis no mercado eram capazes, para além de muitas outras coisas fora do alcance de quaisquer outros tachos e painéis. Preparado com esta informação e estratégia de *marketing* bem decoradinho, um bloquinho de formulários de encomendas e outro de recibos e o porta-bagagem do carro cheio de

tachos e painéis, parti do parque de estacionamento em demanda de vendas e comissões fáceis, soubesse eu onde encontrar aquelas raparigas que se iam casar. Mas, com os diabos, onde é que ia começar? Até pensei em vender uns tachos à Jeanette! Mas depois abandonei a ideia. Ora bolas, não ia realizar grandes ganhos se começasse por me vender a mim mesmo os tachos e as painéis! Mas onde iria? Não conhecia ninguém que tivesse amigos que se iam casar. As únicas pessoas que conhecia, amigos e conhecidos da faculdade, eram homens! Iria pedir ao Mark Matthews que me comprasse tachos? Ia simplesmente guiar para um bairro residencial e bater a uma porta qualquer e perguntar:

– O senhor ou a senhora tem uma filha prestes a casar-se?

Suponhamos que a pessoa dizia que não? Bateria depois a outras portas e faria a mesma estúpida pergunta até descobrir alguém que tivesse um filha que se ia casar? E que diria eu depois?

– Minha senhora, eu ando a vender tachos. Garanto-lhe que são os melhores tachos do mundo. Acho que deveria dar uma olhadela a estes tachos e painéis...

E quando me dissessem que não estavam interessadas? E quando me dissessem que já tinham tachos e painéis? E quando simplesmente me dessem com a porta na cara sem dizer palavra, pois com toda a certeza era isso o que ia acontecer?

Decidi parar numa estação de serviço e ligar à Jeanette.

– Jeanette – disse-lhe –, tenho o porta-bagagem cheio de tachos e painéis. Mas juro-te que não tenho mais coragem de bater à porta de alguém e tentar vender-lhe estes tachos e painéis do que tive em pedir um autógrafa à Doris Day. Que me aconselhas?

A Jeanette não parava de rir às gargalhadas.

— Devolve os tachos e as panelas, Frank. Devolve-os. E diz àqueles tachistas e paneleiros para fazerem cocó nos seus próprios tachos e panelas. E vem para casa.

Voltei a Inglewood para descarregar os tachos e as panelas. E foi essa a última vez que tentei ser caixeiro-ambulante. Procuraria um emprego num restaurante ou numa estação de serviço.

Não foi difícil conseguir emprego num posto de gasolina. O trabalho não era muito bem pago — salário mínimo com a possibilidade de ter comissão na venda de pneus e se conseguisse que os clientes trouxessem os seus carros para afinação ou mudança de óleo. Acima de tudo, o emprego permitia-me algum tempo livre para estudar. Eu trabalhava no turno da noite, das 4:00 às 10:00, e geralmente não tinha muito mais a fazer do que encher os depósitos dos carros e de vez em quando mudar o óleo de um carro ou consertar um pneu furado. Depois de limpar e arrumar o posto, o resto da noite passava-o a preparar as minhas aulas. Foi um trabalho que aprendi rapidamente e até achava agradável — até uma bela noite.

Um rapaz veio ao posto perguntar se havia trabalho. Sabia se o posto estava à procura de mais um empregado? Não, não sabia, mas podia dar-lhe um impresso para ele preencher. Claro que já tinha ouvido falar de pessoas que assaltavam postos de gasolina; até tinha havido uns quantos casos de empregados mortos a tiro ou aleijados por causa de um punhado de dólares. E às vezes ficava com medo quando algum tipo de ar suspeito entrava no posto à noite e eu estava sozinho. O rapaz — obviamente ainda mais jovem do que eu — não tinha um ar muito ameaçador, mas a verdade é que tinha uns olhos de drogado. Fiquei com a

suspeita que ele estivesse ou bêbado ou sob a influência de drogas. Levava uma jaqueta dobrada num braço, que me parecia suspeitosa — o suficiente para eu não tirar os olhos da jaqueta enquanto entrava no escritório para conseguir um impresso de requerimento de emprego. Tive o cuidado de deixar a porta de correr do lado semiaberta, para o caso de ser necessário escapar. As minhas suspeitas e os meus cuidados especiais com certeza que me salvaram a vida. Quando eu abria a gaveta para tirar um impresso, o rapaz puxou uma faca enorme de debaixo da jaqueta e exigiu que eu lhe entregasse o dinheiro todo na caixa registadora. Mas talvez mais do que o meu cuidado e o estar preparado, o que me salvou foi a inépcia e inexperiência do rapaz, pois ele puxou a faca mas não fez nada com ela, como se estivesse à espera que eu é que jogasse a próxima cartada. E eu joguei-a: abri a porta de correr e fugi o mais depressa que pude, atravessando a rua e correndo tão rapidamente pela rua abaixo pensando, mais tarde, que até um corredor profissional teria tido dificuldade em me apanhar. Embora a sua vítima lhe tivesse deixado o posto totalmente ao seu dispor, o ladrão, ele também, largou-se a correr rua abaixo — mas no sentido contrário. Quando eu olhei para trás e o vi a correr com tanta rapidez como eu, mas para o outro lado da rua, desatei às gargalhadas de nervosismo. Raios o partissem! Quase me apanhava!

Mais tarde fui ao tribunal identificar o rapaz que descera a rua e entrara noutra posto de gasolina — com resultados desastrosos para ele. Pobre diabo, era tão apto a roubar postos de gasolina como eu era a vender tachos e panelas! Mas foi isso, por sorte, o que nos salvou a mim e ao outro empregado que ele tentara assaltar. A juíza, uma senhora ainda bastante jovem, ao saber que eu frequentava

a faculdade, trabalhava à noite num posto de gasolina, era obviamente um imigrante que falava um bom inglês, pregou um sermão maternal ao jovem rapaz. Porque não andava ele na escola? Porque não arranjava um emprego? Porque se drogava? Os pais dele — pois aquele casal sentado ali na sala do tribunal eram com certeza os pais — choravam inconsolavelmente. Tive tanta pena deles, e acabei por ter pena do rapaz também que, durante todo o processo jurídico, nunca proferiu palavra. Tinha cumprido a minha responsabilidade como testemunha, porém, e deram-me autorização para me ir embora. Nunca soube o que aconteceu ao meu assaltante, mas dali a pouco demiti-me do emprego naquele posto, na esperança de arranjar outro numa estação de serviço numa avenida mais frequentada e iluminada do que aquela. Tinha mais uma experiência em que podia inspirar-me para escrever composições. Era um colecionador de histórias. Caramba! A minha vida era uma aventura!

O meu quarto semestre no Valley College havia começado. A aula da Mrs. Nancy Shields era o que se dizia dela. Que aula! E que professora! Logo que a vi e ouvi, fez-me imediatamente pensar na minha professora de escola primária, Maria João Furtado Resendes, só que um bocadinho mais velha do que esta. A Mrs. Shields era igualmente exigente, mas também igualmente amável, inspiradora e eficaz. Possuía aquele atributo raro de certas pessoas — de certos professores e professoras — que nos fazem querer trabalhar por amor delas, esforçarmo-nos por elas, exigir de nós o que sabíamos que não possuíamos, mas que, de algum modo, descobriríamos em nós, tudo por elas. Escrevemos e escrevemos; lemos e tornámos a ler. Li cinco romances na aula dela e escrevi sobre dois deles: as minhas primeiras tentativas de análise literária. Um dos trabalhos foi sobre *The*

Sun Also Rises, de Hemingway. A impotência de Jake Barnes, concluí eu, era uma metáfora para os efeitos da guerra em geral; a errância da personagem por toda a Europa era o erro sem objetivo de um povo sem pátria – outro resultado da guerra. Não uma leitura muito original, valha a verdade, mas eu tinha-a desenvolvido por mim mesmo. Tinha-a exprimido com muita convicção e paixão. O meu inglês, que já melhorara muito, estava a tornar-se um instrumento cada vez mais fácil de manejar. O problema, como me dizia tantas vezes a Mrs. Shields, continuava a ser as minhas explosões emocionais; o meu uso da caneta como arma.

– Controla as tuas emoções; usa mais a cabeça – dizia-me ela.

Havia mais espaço para a subjetividade na escrita criativa. Recomendava que eu fizesse Inglês 2 no semestre seguinte. Era um curso de escrita criativa. Aí eu teria mais ampla oportunidade de ventilar emoções. Pelo que tocava à escrita crítica, eu tinha que dominar as emoções, tornar-me mais objetivo, racional. Aquela maldita objetividade, aquela racionalidade, aquela impossibilidade de abafar aquelas emoções a que eu queria desesperadamente dar rédea livre havia de perseguir-me durante anos.

E depois deu-se a enorme revelação da minha vida académica: a aula de Filosofia 1 com o Mr. Roy Beaumont! O Mr. Beaumont era um homem enorme, talvez cem libras acima do peso normal para ele. Mas não seria capaz de o imaginar senão enorme. Pois tudo nele era enorme: a sua voz, as suas convicções, até os seus preconceitos, os seus gestos, as suas lições, a sua humanidade. E depois era aquela característica única que eu, anos depois, consciente e inconscientemente, tentava imitar: o Mr. Beaumont usava a sua própria vida e a vida como o manual para a aula.

Não que o Mr. Beaumont vazasse as entranhas na aula — se bem que, por vezes, partilhasse connosco histórias bem íntimas. O que o Mr. Beaumont fazia era relacionar com a vida, tratar como inerente à vida ou parte integrante dela, os sistemas filosóficos mais abstratos e mais abstrusos jamais criados. Ele percebia que para a maioria de nós, a filosofia — os Leibnizes, os Berkeleys, os Kants, os Hegels, os Sartres — não eram exatamente o pão nosso de cada dia. Mas o Mr. Beaumont transformá-los-ia em pão quotidiano; o Mr. Beaumont era capaz de tornar tudo acessível e relevante. E tornar a informação *relevante* — um termo muito em voga na América nos anos 60 — era, quanto a mim, o teste último de um grande professor. Por esse padrão, o Mr. Beaumont era enorme.

O Mr. Beaumont era o primeiro autodeclarado humanista que eu jamais conhecera. O pai dele fora um ministro de uma seita protestante qualquer; o seu avô, outro ministro; o Mr. Beaumont, porém, era ateu. E era não só um ateu, mas um inveterado anticristão. Com a exceção de grandes obras de arte, o que é que a Cristandade legou à humanidade, exceto miséria e sofrimento? Alguns alunos discordavam... pois a Cristandade tinha feito tanto de bom através das centúrias. Talvez, talvez. Como filosofia social, por impraticável que fosse, a Cristandade poderia merecer o seu lugar, isso ele estava disposto a conceder. Mas, se a Cristandade merece ser salva, exagerava ele, seria necessário que o Papa um dia admitisse que Deus estava morto, morto para todo o sempre, como Nietzsche o declarara; que a ideia de Deus tinha sido uma das piores partidas jamais impingidas à humanidade. E então, e só então, poderia a Cristandade ser salva, o que, como filosofia social, na Cristandade valesse a pena salvar-se.

Esta mundividência — embora expressa superdramaticamente, com aparente intenção de chocar — enquadrava-se perfeitamente na minha. E um dia eu disse-o ao Mr. Beaumont. Recomendar-me-ia uns livros para eu ler? Eu queria aprender acerca do humanismo; acerca de pessoas que tinham pensado naqueles termos; acerca dos racionalistas, como o Mr. Beaumont lhes chamava. Sim, recomendar-me-ia alguns livros. E, meu dito, meu feito: um dia o Mr. Beaumont trouxe-me uma bibliografia informal, assinalando com asterisco aqueles livros dos quais ele achava que eu beneficiaria mais. Os outros, avisou ele, eu poderia ler quando me sentisse um bocadinho mais preparado, mais familiarizado com o pensamento filosófico. Recomendava, para começar, *The Philosophy of Humanism*, de Corliss Lamont. Também deveria ler livros de Erich Fromm — conhecia Erich Fromm? Sim, já ouvira falar dele, mas nunca o tinha lido. Também recomendava Julian Huxley. Estes três, para começar. Depois, quando tivesse confiança suficiente, poderia começar a ler John Dewey (o filósofo moderno que o Mr. Beaumont mais admirava). Eu deveria, no que respeitava ao tópico da religião comparada e à Cristandade, ler Renan e David Strauss. Mas estes, avisou ele, só quando eu me sentisse preparado, uma preparação que os outros autores, mais fáceis, me teriam dado. Quando eu terminasse aquela lista, dar-me-ia outras sugestões.

E comecei a ler, verdadeiramente a ler, por minha conta. E estava fascinado, pois aqui estavam pessoas exprimindo pensamentos que eu já meio-formulara por minha conta; pessoas com fundações já construídas, sobre as quais eu agora poderia erigir a minha visão do mundo, a filosofia de vida que eu iria aos poucos construindo.

O Mr. Beaumont também me aconselhou a nunca começar pelos filósofos eles mesmos.

— Começa por ler acerca deles, para ficares com uma ideia geral do seu pensamento. Quando a tiveres, então vai lê-los. Se não fizeres assim, podes acabar frustrado e desistir.

Este foi um simples, mas utilíssimo conselho. O primeiro filósofo que li, depois de cuidadosamente ler introduções aos seus trabalhos, foi Nietzsche. E como admirei, como exultei com a leitura de Nietzsche: as suas pancadas a martelo, a sua coragem, a sua inumanidade por amor da humanidade. Nietzsche é ainda um dos meus filósofos preferidos, capaz de me irritar e fazer aderir, capaz de me fazer rir e de me fazer chorar.

Na aula da Mrs. Shields eu também queria ir para além dos livros exigidos. Podia ela dar-me uma lista de romances que se esperaria que uma pessoa instruída devesse conhecer? Bem, ela tinha uma lista, aliás conhecida, dos cem melhores romances. A lista, descobri eu não sem alguma consternação, não incluía um único título português; aliás, nem sequer um título espanhol. Eram, na maioria, romances ingleses e americanos; um número bastante grande também de romances franceses; e depois uns quantos alemães, italianos e russos. Começava a suspeitar — um sentimento que se ia acentuando cada vez mais à medida que o tempo passava — que a cultura lusófona, e até certo ponto a de língua espanhola, não tinha grande relevo no mundo em que vivíamos (ou, pelo menos, viviam os americanos). Porquê? — perguntava-me. Não havíamos contribuído com nada? Ou eram eles que estavam a ser injustos connosco — eliminando-nos, silenciando-nos?

Mas eu andava ocupadíssimo na perseguição do que mais desejava nesta altura da minha vida: aprender,

informar-me. Até podia ler, se me desse na gana, todos estes romances. E uma vez que tivesse lido aqueles cem romances, poderia considerar-me, literariamente falando, uma pessoa bastante bem informada. E comecei, vorazmente, conscienciosamente, decidadamente, a ler. Dickens estava, sem surpresa, na lista da Mrs. Shields, mas não fiquei muito entusiasmado com ele. Depois tentei *The Way of All Flesh*, de Samuel Butler – outra desilusão. Encontraria um escritor de quem pudesse derivar prazer e instrução? Thomas Hardy, sim senhor; Thomas Hardy foi o primeiro da lista dos britânicos. Não só li *Jude the Obscure*, mas também *Tess of the D'Urbervilles*. O mesmo aconteceria com Camus. A lista continha apenas um dos seus romances: *La Peste*. Gostei tanto desse livro, porém, que também li *L'Étranger*. E o mesmo aconteceu com John Steinbeck. *The Grapes of Wrath* foi para mim uma revelação, pois ali pululavam personagens como eu, quase como eu. Aquelas personagens até tinham passado pelo Vale de San Joaquin, por lugares que eu conhecia tão bem como as palmas das minhas mãos. Até conhecera duas raparigas de Oklahoma: Faye e Linda. Com que então, elas também eram Oakies? Senti profunda pena delas e fiquei contente que eu e a Linda tivéssemos tido a conversa que tivemos, a experiência que tivemos. Será que a Linda já ouvira falar d'*As Vinhas da Ira*? Como agora desejava poder ter eu conhecido o livro, para sobre ele poder falar com a Linda, para ter um tema de conversa com que nos entretermos enquanto o Felisberto e a Faye se possuíam na *estaca*.

Como havia gostado tanto de Steinbeck e como para o nosso segundo ensaio na aula da Mrs. Shields teríamos que escrever sobre uma obra de ficção, decidi escolher outro romance de John Steinbeck. A Mrs. Shields sugeriu *Tortilla*

Flat. Era um livro pequeno, uma coletânea de histórias mais do que propriamente um romance — e essa fora a principal razão por que a Mrs. Shields o havia recomendado — *Tortilla Flat* tinha uma personagem que eu, um imigrante português, poderia estar interessado em estudar: Big Joe Portagee. Big Joe era, informou-me a Mrs. Shields, uma caricatura dos imigrantes portugueses que Steinbeck conhecera em Salinas. Sim, já ouvira falar da comunidade portuguesa do Vale de Salinas. Leria *Tortilla Flat*. Estudaria a concepção e caracterização de Big Joe Portagee e decidiria se a visão que Steinbeck tinha dos imigrantes portugueses se aproximava da minha, se o grande escritor tinha sido capaz de captar o que eu conhecia dos imigrantes portugueses e dos lusos-americanos, se havia alguma semelhança entre o português de Steinbeck e os portugueses do Vale de San Joaquin.

À medida que avançava na leitura do livro de Steinbeck, ia-me sentindo possuído por um sentimento de fúria — apesar de eu uma vez ter esposado, e em alguns pormenores ainda esposasse, opiniões semelhantes àquelas que exprimia Steinbeck no seu livro! Contudo, não só descobri que Big Joe Portagee era o oposto do estereótipo do português do Vale de San Joaquin, como também o contrário do que eu experimentara. Os portugueses que eu conhecera eram, na maior parte, indivíduos cobiçosos — uma cobiça feita de fomes açorianas e de medos já americanos de as repetir — que deixavam os filhos passar mal, se necessário fosse, para acumularem dinheiro; comedores de flocos de cereais com leite que estofavam os colchões com maços de notas para comprarem *leitarias* o mais rapidamente possível ou para regressarem às Ilhas. Os portugueses para quem eu tinha trabalhado eram leiteiros que exploravam os seus conterrâneos e companheiros de imigração, que os faziam trabalhar

até quase adoecer para satisfazer a sua cobiça, que exploravam a ingenuidade e inexperiência dos compatriotas para seu próprio benefício. Apesar de tudo isso, porém, eu tinha acabado por acreditar que os leiteiros portugueses também podiam ser compreensivos; correspondiam aos apelos para ajudar os Açores em momentos de catástrofe. Até ouvira, num programa de rádio de um senhor Joaquim Esteves, de uma estação de Fresno, um pedido de dinheiro para a ajuda de famílias necessitadas de imigrantes portugueses. E aqui vinha Steinbeck com um retrato de um preguiçoso, de um beerrão, de um barrigudo que, deixem-me que o diga de uma vez por todas, é o estereótipo do mexicano. Sim senhor, era o estereótipo do mexicano da Califórnia, o bebedor de vinho rasca, o que se senta à sombra de um cato, o que está sempre à espera de *mañana*. Estava longe de ser o imigrante português típico, ou até remotamente típico. A que raio de lugar fora Steinbeck buscar a ideia ou imagem de Big Joe Portagee? Sabia ele a diferença entre os portugueses e os mexicanos? Pensava ele que nós, porque partilhávamos uma língua e uma cultura semelhantes, éramos por isso *idênticos*? Não sabia Steinbeck — o brilhante autor de *The Grapes of Wrath* — a diferença entre ser-se mexicano e ser-se português? E os seus leitores — também não sabiam a diferença?

A minha fúria converteu-se em dor, uma dor profunda. E eu, que até há pouco odiava os portugueses, agora achava que tinha boas razões para os defender. Sim, defenderia o meu povo. Tinham vindo para América analfabetos, totalmente analfabetos alguns deles, não como eu que pelo menos tinha feito a instrução primária. Muitos tinham viajado a bordo de navios baleeiros da Costa Leste para a Califórnia por volta de 1850, atraídos pela Corrida ao Ouro.

A eles vieram juntar-se outros grupos de conterrâneos das Ilhas. Os açorianos começaram a cultivar hortaliças e a criar galinhas no Condado de Alameda; fizeram-se agricultores de alcachofras em Half Moon Bay; trabalharam na indústria vinícola em Santa Clara; foram agricultores na área de Sacramento. No fim do século XIX, uns quantos açorianos dedicaram-se às *leitarias* no Vale de San Joaquin e à criação de ovelhas na Serra Nevada. Mas as *leitarias* seriam economicamente o seu destino. À medida que a irrigação, mecânica e milagrosamente conduzida da Serra Nevada, transformava o desértico Vale num dos vales mais ricos do mundo, a indústria da produção de leite prosperou — e com ela prosperaram os açorianos do Pico, do Faial, de São Jorge, das Flores, da Terceira. No fim da década de 60 e princípios da década de 70, mais de metade das 2 400 vacarias no Vale de San Joaquin eram propriedade de açorianos ou seus descendentes. Era por isso que os açorianos recém-vindos ao Vale eram rebatizados em leite. Alguns açorianos haviam construído autênticos impérios económicos, como aquele homem de nome Spike Mancebo, jorgense, que era proprietário de uma frota de camiões de transporte a longa distância. Mas as grandes histórias de sucesso eram as dos leiteiros. Como a história do célebre John Bettencourt, um imigrante terceirense, sem escolaridade, que agora era proprietário de um fabuloso império de vacas e terras. E o Tio José Cota, um ignorante alingue, que apesar disso se demonstrara um génio para os negócios e havia vendido parte da sua fazenda ao governo americano por milhões? E aqueles portugueses que, sem terem realizado fortunas, se recusavam a tornar-se dependentes da assistência social? Que se apoiavam, pelo contrário, na assistência providenciada pelos seus conterrâneos para poderem sobreviver? Ou

aqueles imigrantes que, tal como a minha família, tinham passado por enormes dificuldades, mas que, apesar de tudo, haviam conseguido sobreviver? E *eu*, quase analfabeto e com uma debilitante lesão nas costas, que agora frequentava a faculdade e estava aqui a ler Steinbeck — e as suas infames mentiras contra o meu povo? O que é que tinham todos estes portugueses que ver com Big Joe Portagee? E, mais importante todavia, o que é que Big Joe Portagee tinha que ver connosco?

Havia encontrado um tópico apaixonante, pois a paixão continuava a ser uma das minhas armas, apesar dos conselhos que os meus professores me davam para a dominar, para a reduzir e submeter à razão, para me exprimir com objetividade. Ataquei o Big Joe Portagee e Steinbeck com espírito de vingança. Joe Portagee era não só uma caricatura injusta dos portugueses da Califórnia, mas uma caricatura injusta do meu povo que, apesar dos seus senões, constituíam um grupo de imigrantes nobres, heroicos, ordeiros que haviam contribuído muitíssimo para a economia da Califórnia e que não mereciam este tipo de abuso às mãos de um grande escritor. Haveria a sua representação dos Oakies patenteado tanto descuido para com a verdade como eu sabia enformar a sua conceção de Big Joe Portagee?

Entreguei o meu trabalho. A Mrs. Shields, apesar de ficar comovida com a minha apaixonada defesa dos portugueses, ficou menos impressionada com o meu ensaio do que eu esperava que ela ficasse. Aliás, queria que eu repensasse o seu conteúdo e reescrevesse o ensaio. Afinal, eu substanciara as minhas reservas apenas com as minhas opiniões e experiências pessoais. Claro que estas tinham validade. Mas poderia eu citar autoridades que houvessem escrito sobre os portugueses? Que houvessem escrito sobre

o estereótipo dos mexicanos? Pensava mesmo que um escritor, até mesmo um escritor realista como Steinbeck, tinha a obrigação de aderir à realidade empírica? Não distinguia eu então entre a sociologia e a literatura? Não percebia que uma obra de arte não trabalha com os factos da maneira que a história e a sociologia o fazem? Que importava, ao fim e ao cabo, que Steinbeck tivesse criado uma personagem literária aderindo cem por cento aos factos históricos? E, além de tudo mais, tinha eu a certeza que os portugueses de Salinas — aqueles que, era de supor-se, haviam servido de modelo de Big Joe Portagee — eram do mesmo modo que os portugueses do Vale de San Joaquin? Não estava, eu também, a fazer generalizações com base nas minhas próprias — e por isso mesmo, limitadas — experiências? Recomendava que eu fizesse mais leituras e substanciasse melhor os meus argumentos.

Fui à biblioteca, mas não encontrei o que procurava. É verdade que encontrei alguns estudos sobre o estereótipo dos mexicanos. Mas — e os portugueses? Nada. Até fui ler *The Uprooted* (Os Desenraizados), de Oscar Handlin, um dos mais impressionantes livros de história da imigração para a América que eu jamais leria. Quanto do que Handlin escrevia acerca dos imigrantes irlandeses, polacos, alemães se aplicava aos portugueses! Mas o termo “português” não aparecia nunca no seu livro. Desisti. Ninguém falava dos portugueses. Ninguém sabia nem queria saber nada de nós. “Quem é que jamais escreveria a nossa história?” — perguntei-me. Entreguei o meu trabalho à Mrs. Shields — com uma sensação de derrota. Com novo material extraído de *The Uprooted* e de um par de ensaios sobre os mexicanos, a Mrs. Shields achou que o meu trabalho valia um “A”. Apesar disso, porém, eu via bem que ela não tinha ficado

totalmente satisfeita com o meu esforço. Nem eu tão-pouco ficara. Mas havia aprendido algo acerca da injustiça e acerca do que era ser-se um imigrante português, para além dos pequenos círculos ou áreas onde vivem os portugueses. Descobrira algo mais acerca de mim mesmo: que podia dizer, e até exagerar, fosse o que fosse acerca da minha gente. Não toleraria, porém, que ninguém nos tratasse senão com justiça, verdade e dignidade. E vi-me forçado a concluir que Steinbeck falhara completamente naquelas três coisas no seu retrato literário de Big Joe Portagee.

Astronomia 1, Espanhol 4 e Alemão 4 eram as minhas outras três aulas naquele semestre. O Señor Ávila, o meu professor de Espanhol, mostrou-se toleravelmente à altura. Desfrutei sobretudo de uma antologia, *Relatos humorísticos*, incluindo, por exemplo, *Tradiciones* de Ricardo Palma. O espanhol havia sido, até hoje, pouco estimulante. Não me lembro de nenhum curso verdadeiramente com interesse no Valley College, com a exceção de Espanhol 9 com o Mr. Villa. Era um curso de civilização, que eu faria no semestre seguinte, e que consistia numa introdução geral à História e à História da Arte da Espanha. Mas este semestre, para além das aulas do Mr. Beaumont e da Mrs. Shields, as aulas de que estava a desfrutar mais eram Alemão 4, com a Doutora Soper, e Astronomia 1, com o Mr. Stuart (acho que era esse o seu nome).

O Mr. Stuart lecionou uma cadeira simultaneamente de introdução àquela ciência, mas também uma aula prática. Um apaixonado pela astronomia, ele queria incutir-nos a sua paixão de uma maneira muito pragmática. Fazíamos viagens de campo ao deserto, afastados das luzes de Los Angels — para vermos as constelações, aprendermos os nomes das estrelas mais proeminentes, examinarmos um

planeta. Até comprei um grande par de binóculos com o qual podia ver — com pasmo — alguns dos satélites de Júpiter e os anéis de Saturno! Até comprei um mapa das estrelas — e em noites propícias, subia a montanha por trás da casa da Jeanette e indicava-lhe as diferentes constelações, os nomes das estrelas, o planeta Vénus a pôr-se a Oeste, Júpiter a erguer-se a Este. Tornei-me tão bom na aula de Astro-nomia que o Mr. Stuart aconselhava alguns dos alunos da aula a prepararem os exames comigo. Eu sabia que era, de longe, o melhor aluno da turma.

E estava a ter muito êxito no Alemão 4, mas por muito esforço que fizesse, nunca tinha conseguido um “A” naquele semestre em nenhum dos meus exames — eu que sempre fora, desde o Alemão 1 ao Alemão 3, um aluno que nunca recebera senão “A’s”. Atribuí isso ao facto de Fräulein Heinrich, uma alemã que concluíra a escola secundária na Alemanha, se haver inscrito em Alemão 4 para receber um “A” fácil na aula, ser a pessoa com quem eu tinha de competir. Estava a ser justo? Então a Doutora Soper dava-me “B’s” porque havia uma pessoa na aula com quem eu não poderia, de forma alguma, concorrer? Ou eu estava a perder a minha aptidão para o Alemão, agora que ainda estávamos a rever gramática, mas estávamos também a ler literatura alemã, por exemplo, *Siddhartha*, de Hermann Hesse, que eu lia em voz alta e discutia, em alemão, com a Jeanette?

Um dia não me contive e disse à Doutora Soper que achava injusto que “aquela rapariga” estivesse sequer na aula; que nós, que havíamos sobrevido à aula de Alemão 1 (até o Philosoph tinha desistido!), e depois tínhamos passado por Alemão 2 e 3, agora nos víamos forçados a competir com uma nativa alemã, uma mulher instruída ainda por cima! A Doutora Soper ficou ofendida e magoada comigo — ela

que sempre me tratara com um carinho e respeito especiais depois de eu lhe contar a minha história, pois todos os meus professores favoritos a sabiam, uma história que eu usava como uma insígnia de honra. E uma vez discuti o assunto com a própria Fräulein Heinrich. Disse-lhe, sem rodeios, que teria vergonha, se estivesse no lugar dela, de estar numa aula de quarto semestre de língua estrangeira, a estudar a minha própria língua. Se fosse Português, acrescentei, nem por sombras me apanhariam numa aula daquele nível. Não era coisa do outro mundo que ela fosse melhor do que todos nós. A Fräulein Heinrich ficou furiosa. Uma das mulheres mais arrogantes que eu jamais conheci, não ia aturar o meu desaforo. E foi dizer à Doutora Soper que eu me tinha queixado a ela da aula de Alemão 4. A Doutora Soper veio avisar-me que desistisse de apresentar queixas à Fräulein Heinrich. Eu também estava profundamente magoado — e não era capaz de suportar ver-me reduzido a ser o segundo aluno de uma aula de Alemão com a Doutora Soper, eu que sempre fora o seu aluno-estrela. Retirei-me da aula — uma das coisas mais dolorosas que jamais fiz na faculdade. Mais tarde, a Frau Kafka, outra aluna que começara a estudar alemão comigo, veio-me dizer quão desiludidas tinham ela e a Doutora Soper ficado com a minha ação precipitada e injusta. Tive uma pena enorme de ter abandonado aquela aula de que sentiria saudade, e mais saudade sentia da Doutora Soper, uma das minhas mais bem-amadas professoras de sempre. Mas o meu ego tinha-se apoderado de mim: não consentia acabar o semestre com um “B” em Alemão 4. (Anos depois, vi a Fräulein Heinrich que cruelmente me admitiu que eu não deixava de ter razão: o alemão da Doutora Soper, que era latviana, não era grande coisa e que, para a agradar, a ela Fräulein Heinrich, a apaziguar e congregar-se

com ela, na verdade cometera várias injustiças contra os seus outros alunos! Fiquei triste pela minha bem-amada professora. Mas, por outro lado, fiquei contente com a revelação, pois ela veio comprovar-me que o ódio que eu votava à Karin Heinrich era justificado!)

Concluí o semestre com notas excelentes em quatro disciplinas. Quando fui ver o Mr. Bernstein acerca de disciplinas para o verão e para o outono a seguir, ele chamou-me a atenção para a necessidade de eu começar a pensar numa área de especialização ou *major*. O que é que eu queria estudar? Para que universidade é que queria transferir-me? Não, nunca tinha pensado em nenhuma daquelas coisas. Estava satisfeito no Valley College; gostava praticamente de todas as matérias que tinha estudado até agora e nunca me tinha ocorrido concentrar-me apenas numa delas. E, claro, nunca tinha pensado em transferir-me para outro *college* ou universidade. Mas, pensando bem, havia duas disciplinas de que eu não só desfrutara mais, mas achava que seria feliz a estudar: Inglês e Filosofia. A não ser que eu estivesse a pensar em fazer trabalho a nível de pós-graduação em Filosofia, que pensava eu fazer com uma especialização naquela matéria? — perguntou o Mr. Bernstein. Quanto ao Inglês, o Mr. Bernstein opinava que talvez eu estivesse a ser um bocadinho otimista demais. Sim, eu estava a fazer um bom trabalho em Inglês; sim, tinha recebido o Prémio do Departamento de Inglês (recomendação da Mrs. Shields, sempre pensei), mas mesmo assim teria que competir com falantes nativos de inglês. E, uma vez mais, pensava eu em fazer trabalho de pós-graduação em Inglês? E suponhamos que eu me candidatava para um mestrado em Inglês, sabia o nível de competição que teria de enfrentar àquele nível? Já havia pensado, porém, em fazer um mestrado em Inglês como

Segunda Língua? Não, não tinha. Mas a ideia parecia-me bem. Eu, um estrangeiro que sabia o que era aprender inglês do ponto de vista de um estrangeiro, poderia aproveitar as minhas próprias experiências. Iria pensar no caso, prometi ao Mr. Bernstein e prometi-me a mim mesmo.

A outra possibilidade para uma área de especialização era Filosofia. Fui falar com o Mr. Beaumont acerca do assunto. Ele disse-me que se eu fizesse mais duas cadeiras em Filosofia — Estética com ele e Filosofia 2, com outro professor — e fizesse um trabalho tão bom como estava a fazer na sua aula este semestre, ele me recomendaria para um Prémio do Departamento de Filosofia. Quanto a Filosofia como área de especialização, ele não podia ser-me de muito auxílio; recomendava que eu fosse falar com um jovem professor que acabara o seu doutoramento em Filosofia na UCLA. O Mr. Beaumont admitiu que ele tinha era um mestrado em Inglês, não em Filosofia, da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Fui consultar o PhD da UCLA. Especializar-me em Filosofia? Tinha-me apaixonado pela Filosofia na aula do Mr. Beaumont? Sim, tinha. Bem, não me queria desencorajar de uma especialização no seu próprio campo; de facto, até se sentia lisonjeado que eu o tivesse escolhido. Mas, na sua experiência, a Filosofia não era bem aquilo que o Mr. Beaumont lecionava. A Filosofia — não o sabia eu? — tinha mudado consideravelmente da abordagem humanística ainda utilizada por professores como o Mr. Beaumont. A Filosofia, fez ele notar, tinha-se tornado bastante como a Matemática ou, por outras palavras, a Lógica — que fora a sua área de especialização na UCLA — tinha vindo a aproximar-se muito da Matemática. Tinha eu uma forte base em Matemática? Não, não tinha. Achava eu que desejaria fazer um PhD em

Filosofia? Não sabia bem, mas duvidava. Então ele sugeria que eu pensasse noutra disciplina que fosse mais prática. A propósito, para que faculdade desejava eu transferir-me?

Não sabia, pois nunca tinha pensado muito no caso. Já tinha ouvido falar da California State College, em Northridge, também localizada no Vale de San Fernando. Já pensara em transferir-me para a UCLA? Não, não pensara nisso porque era uma escola bastante cara e eu sabia que os requerimentos acadêmicos também eram altíssimos; eu com certeza não estava à altura da UCLA. Não, a minha média indicava-lhe que eu poderia transferir-me para a UCLA, pois a minha média era altíssima. Deveria falar novamente com o Mr. Bernstein e, com a ajuda dele, decidir se as cadeiras que estava a fazer eram as mais apropriadas para completar os requerimentos necessários para uma transferência para a UCLA, uma grande faculdade, uma faculdade de verdade. Era o que ele recomendava. Não sabia que aqui no Valley College o único diploma que eu podia conseguir era um grau de Associate of Arts — e que faria com tal diploma?

Ele tinha razão. Já tinha investido muito tempo simplesmente a tirar disciplinas de que desfrutava muito, mas que não eram necessariamente as que me permitiriam prosseguir um diploma num *college* com programas de quatro anos ou numa universidade. Quando terminasse o meu curso no Valley College, em que situação estaria eu em termos de conseguir um emprego? Haveria conseguido o tipo de instrução que me permitisse conseguir trabalho que não fosse a lavar pratos ou a trabalhar num posto de gasolina? Haviam os meus esforços sido baldados no que dizia respeito a um trabalho melhor, mais limpo? Claro que reconhecia o valor da instrução independentemente de quaisquer considerações práticas, mas também precisava de ganhar a vida.

Muitas vezes falei deste assunto com a Jeanette. Passávamos horas a discutir a profissão que me convinha. E esse era precisamente um dos assuntos que eu discutiria com o sogro da Jeanette quando fosse à casa dele. Havia meses que vinha adiando o encontro com o célebre casal. Na verdade, eu estava com um medo dos diabos de conhecer o pai do homem com cuja mulher dormia. Não seria ele capaz de ver através de mim? Com a Goodie, a coisa fora diferente. Uma senhora idosa que nunca fora casada, com certeza que era demasiado ingênua para se aperceber do que na realidade se estava a passar entre mim e a Jeanette. Mas dar-se-ia o mesmo com este homem que havia sido um vice-presidente de um banco, um homem que, precisamente porque o era, seria capaz de ver e com certeza condenar aquilo que a Jeanette e eu estávamos a fazer à pessoa do seu próprio filho?

Dirigimos para Bel Air. Os meus olhos esbugalhavam-se com os tipos de casas por onde passávamos.

— Mas ainda não viste nada, Frank — insistia a Jeanette.

Ela tinha razão. A casa não era uma casa — era uma mansão. E as pessoas que a habitavam — começando com a Helen, a sogra da Jeanette — eram as mais refinadas e elegantes que eu jamais conhecera. Com que então, eu era o amigo da Jeanette? — perguntou-me o Mr. Gage. Devo ter parecido miserável. Amedrontado e envergonhado como estava em conhecer aquele homem, quase que nem conseguia articular um pensamento. Instintivamente esforcei-me por parecer menos do que era na realidade; precisava de me esconder detrás de um ser mais débil, menos seguro de si do que era de verdade com medo de que aqueles olhos perscrutadores do Mr. Gage me lessem como um livro aberto. Para minha surpresa, porém, ele não me inspecionou de maneira óbvia. Foi extremamente educado, fez conversa

comigo, evitou o tema da “Jeanette e eu”; a nossa amizade, acerca da qual ele já há muito sabia, era uma coisa boa para nós, como a Goodie ela mesma tinha dito. A Helen falou de si. Até falou em espanhol comigo, pois era de ascendência mexicana, para testar o meu espanhol. Sim senhor, o meu espanhol era muito bom, concluiu. Ambos me aconselharam a continuar na faculdade. Não abordei o assunto da escolha de carreira. Estava só contente de que o Mr. Gage não me tinha gritado que eu era um oportunista, um malandro, que estava a viver na casa do seu filho, parcialmente a viver à custa do seu filho, a dormir com a mulher do seu filho. Até ao momento em que a Jeanette e eu entrámos no carro e partimos, eu temia que, de um momento para o outro, o Mr. e a Mrs. Gage tirariam as suas máscaras de fingimento — pois eram com certeza máscaras que tinham posto para aquela comédia — e chamar-me-iam todas as coisas que a minha consciência me estava gritando que eu era. Mas isso não aconteceu. Era aquela, perguntava-me eu, a sua maneira de me *dizerem*, de me fazerem sentir exatamente aquilo que eu era sem terem que descer até mim — ao meu nível de abjeção sem palavras que eu sentia, ali, na frente deles?

IX ALEX

Havia quase um ano que os meus pais viviam em Ontário, Califórnia, cerca de sessenta milhas a este de Los Angeles. Seguindo o conselho do Felisberto (ele viera para Ontário uns meses antes), eles haviam resolvido tentar a sua sorte numa área onde as vacarias eram sindicalizadas e por isso pagavam melhor aos empregados e davam-lhes mais dias de folga por mês. O Manuel e o José tinham encontrado emprego facilmente, pois eram ordenhadores experientes. Pelo contrário, o pai continuou a ter dificuldade em encontrar trabalho. Nunca tendo aprendido a ordenhar e, devido à idade, sendo muito menos empregável do que os meus irmãos, só conseguia encontrar emprego a dar erva às vacas nos currais. Mas, devido às suas crónicas dores de cabeça, intensificadas pela longa exposição ao sol escaldante do sul da Califórnia, achou prudente procurar emprego numa fábrica de empacotar carne de galinha, não só para ele mas para as nossas duas pequenas.

Os empregos não eram lá muito bem remunerados, mas sempre eram três salários. O pai, que já decidira que no fim de 1969 regressaria aos Açores com a mãe, as duas raparigas e o Jorge, queria ganhar um pouco mais de dinheiro para levar consigo. Entretanto, já havia comprado a sua casa na Agualva. O emprego na fábrica de empacotamento, porém, não seria duradouro. Conquanto não fosse um trabalho

fisicamente exigente, nenhum deles se ajustava ao regime de linha de montagem ou mecanização no empacotamento dos pedaços de galinha. Primeiro, o pai começou, de vez em quando, a deixar passar umas quantas embalagens na faixa rolante que, segundo ele, lhe passavam em frente dos olhos com tal rapidez que ele nem tempo tinha de esfregar o nariz, muito menos respirar fundo. E as raparigas, que nunca tinham tido empregos antes, também experimentavam uma grande dificuldade com o trabalho mecanizado. Um dia, uma das raparigas foi despedida por não manter o ritmo do trabalho. Na nossa família, porém, o que se fazia a um, fazia-se a todos: os outros dois despediram-se na hora. O pai então decidiu voltar aos Açores mais cedo do que planeava.

O dinheiro que o pai, o Manuel e o José tinham poupado até então atingia 28 000 dólares. O pai levou consigo 13 000 — dinheiro que, em poucos anos, ele convertiria numa autêntica fortuna, por padrões da Agualva (dali a seis anos o seu negócio tinha um valor estimado em 500 000 dólares). Quando o pai partiu da América com a família, o Manuel, que tinha contribuído com o máximo, ficou com 10 000, José com 5 000 dólares.

Todos nós nos fomos despedir da família ao aeroporto de Ontário. A cena, na Agualva, quando Manuel e eu havíamos partido para a América a primeira vez, repetiu-se. A separação foi particularmente dura para a mãe. As raparigas, porém, sentiam-se felizes de voltar, a Idalina mais do que a Elisa. Pois a Idalina já havia recebido uma carta de um rapaz da Agualva propondo-lhe namoro (quase o mesmo que pedindo-lhe casamento). E ela tinha, com a aprovação dos nossos pais, hesitantemente aceitado: o seu futuro estava selado. A Elisa — agora uma “americana” — também

tinha a certeza que dentro em breve encontraria um condigno marido, o que aconteceu.

O Felisberto havia-me convidado a servir de testemunha no seu processo de divórcio. Perguntaram-me há quanto tempo conhecia eu o Felisberto. Que sabia eu acerca da vida dele e da Filomena e das crianças? Achava eu que um divórcio se justificava? Há muito que eu conhecia o Felisberto. Ele tinha-nos ajudado muito a mim e à minha família. Sim, eu achava que um divórcio se justificava. A Filomena tinha-o abandonado, levando os meninos consigo. Não, não sabia as razões da sua decisão em partir, mas suspeitava que tivesse que ver com incompatibilidades matrimoniais. Eu sabia mais do que isso, claro. Mas não queria, de modo algum, criar impedimentos às possibilidades de o Felisberto conseguir o divórcio, pois devia-lhe tanto e sabia que a Filomena e ele nunca mais voltariam a juntar-se. O Felisberto havia feito uma viagem a Taunton, Massachusetts, onde a Filomena estava agora a viver com os meninos, e ele tinha regressado convencido de que uma reconciliação era de todo impossível.

E como estava o Felisberto? Bem, admitiu-me. O seu otimismo, apesar de todas as dificuldades, apesar da perda da esposa e dos filhos, não diminuía notavelmente. Ele encontraria outra mulher; tinha a certeza que, mais cedo ou mais tarde, encontraria outra esposa. A vida nunca havia sido muito generosa para com ele, era verdade. E também era verdade que ele tinha muita culpa do que acontecera. Mas um homem tinha que viver, não tinha? Tentaria conseguir outro tipo de emprego, pois há tantos anos que estava na América e de verdade já andava aborrecido de ordenhar vacas. Mas não sabia ler, não sabia fazer outros trabalhos, nunca tinha feito outra coisa senão ordenhar vacas na

América. Era verdade, sim senhor. Mesmo assim, tinha esperança de encontrar outra coisa que fazer; e não tinha dúvida que ia encontrar uma mulher com quem partilhar a vida. Ele tinha mudado muito; agora não andava atrás de rabos de saia — não senhor.

Eu sabia que não era verdade. A mãe já me havia dito que o Felisberto não tinha mudado de todo, que já se envolvera com várias mulheres, que o Felisberto — pobre Felisberto! — nunca mudaria. As mulheres neste país tinham dado cabo da vida de muitos homens. Eu devia ter muito cuidado, pois a mãe ouvira dizer que, naquele lugar onde eu morava, era mesmo muito perigoso por causa do tipo de mulheres que lá vivia.

Eu nunca dissera aos meus pais que estava a viver com a Jeanette. Mas os meus irmãos sabiam. Havia-lhes poupado os pormenores — sobretudo aqueles que achava que não me eram muito favoráveis. Na verdade, uma vez tinha-os convidado a visitar-me em Sherman Oaks. E eles vieram, Manuel e José; e trouxeram o Felisberto consigo. Esperava que eles chegassem de manhã. Mas, como se demoraram, eu decidira que ou eles tinham mudado de ideias e já não vinham ou que chegariam muito mais tarde. Em vista disso, saímos, a Jeanette e eu, para fazer umas compras. Quando voltámos a casa, o José e o Felisberto estavam em frente à casa da Jeanette tentando, em vão, fazer-se entender com uma das nossas vizinhas. Que acontecera? Porque haviam chegado tão tarde? O Manuel não tinha vindo com eles? É que se tinham perdido. E depois de estarem aqui à nossa espera havia menos de meia hora, um carro da polícia tinha chegado; e o polícia tinha verificado a carta de condução do Manuel, e ele tinha sido levado preso. Preso? Sim, deve ter sido preso, porque o polícia o tinha levado no seu carro.

E como nenhum deles falava o inglês suficientemente bem para se entenderem com o polícia, estavam ali à minha espera para eu descobrir por que razão o Manuel tinha sido preso. Sabia para onde o tinham levado?

Perguntei à vizinha. Sim, o polícia tinha prendido um dos homens.

— Ele é meu irmão. Que fez ele?

Bem, ela sentia muito mesmo em saber isso. Fora ela que chamara a polícia. Quando eles chegaram, tinham batido muito à porta da Jeanette; tinham falzado muito; tinham-se rido muito. Ela não fazia ideia quem eles pudessem ser. Agora que sabia que eram meus irmãos, tinha muita pena. Mas, para dizer a verdade, ela tinha pensado que eles eram um bocadinho suspeitos. Nunca os tinha visto antes. Mas porque haviam prendido o meu irmão? Ela não sabia ao certo, mas achava que tinha qualquer coisa que ver com uma multa de estacionamento por pagar.

A Jeanette e eu apressámo-nos para o Posto da Polícia de Van Nuys. O pobre do Manuel estava a ser registado, sem saber porquê. Quando me viu, rompeu a chorar.

— Por favor diz a esta gente que eu não fiz mal a ninguém. Diz-lhes. Eu só bati à porta. Porque me trouxeram para aqui? Eu não sou um criminoso.

Eu tentei rir-me para o acalmar. Tinha sido devido a uma multa de estacionamento que ele se esquecera de pagar. Sabia que tinha uma multa por pagar? Não, não sabia. Devia ter sido quando emprestou a um amigo o seu carro. Mas o que é que ele tinha de fazer agora? Porque é que a polícia lhe estava a tirar fotografias? Porque é que lhe tinham tirado as impressões digitais? Que não se preocupasse, disse-lhe. O que restava era pagar a multa e podia ir-se embora. “Diz-lhe que eu pago o que for preciso. Diz-lhe que eu sou

ordenhador de vacas. Nunca fiz mal a ninguém. Por favor diz-lhes, para eles não pensarem que eu sou algum criminoso. Diz a esta gente que eu não sou nenhum criminoso, diz-lhes!”

E foi assim que os meus irmãos e o Felisberto chegaram a conhecer a Jeanette e a ver onde eu vivia. Não estava certo de qual seria a sua reação. Eu, por mim, sentia-me extremamente desconfortável com toda aquela experiência, e vexado pelos meus irmãos e primo. A Jeanette, sempre tentando pôr os demais à vontade, procurou meios de fazer-se entender e entender toda a gente, da melhor maneira possível. Não iam ficar para o almoço? Não, o Manuel não queria ficar. Queria ir-se embora o mais depressa possível. Da próxima vez que viessem, eu tinha que os ir buscar a algum lugar que combinássemos. Nunca mais vinha a este lugar por sua conta. Porque é que aquela mulher tinha chamado a polícia? Bem, é que nesta vizinhança, tentei explicar-lhe, as pessoas têm medo de pessoas que não conhecem, nunca viram (o que não disse foi: e de pessoas que não são iguais a elas na cor da pele e nas roupas que vestem e na língua, e até na pronúncia com que falam!). O Manuel tinha dificuldade em entender. Eu também sentia uma grande dificuldade em lhe explicar. Mas eu sabia que o Manuel, sobretudo ele, tinha sentido e sofrido a diferença entre os dois mundos, radicalmente diferentes, em que nós vivíamos.

Os meus investimentos na bolsa de valores estavam a registar bons lucros, embora três das companhias em que tinha ações estivessem a acusar perdas. Mesmo assim, devido a Kentucky Fried Chicken ter aumentado muito de valor, eu não achava que corria grande risco de perder dinheiro.

— Porque não persuades os teus irmãos a investir na bolsa? — a Jeanette propôs um dia.

Não, nunca me permitiria tal coisa. Suponhamos que eu perdia o dinheiro deles, o dinheiro que eles tinham ganhado à custa de imensos sacrifícios. Mas supõe, por outro lado, que eles ganham tanto como tu ganhaste na Republic Corporation? Poderiam então comprar um negociozinho. Podiam, inclusive, usar o dinheiro para irem para a escola como tu, talvez aprender um ofício qualquer, fazer algo diferente com a sua vida. A Jeanette acabou por me convencer. Propus-me falar com os meus irmãos acerca de investir na bolsa de valores, acerca da qual eles já sabiam um bocadinho, pois eu havia partilhado com eles os meus sucessos financeiros.

O José aderiu imediatamente à ideia. O Manuel, muito mais cauteloso, sentia grande relutância ao começo. Mas finalmente, depois de eu lhes ter explicado os prós e os contras de investir, o Manuel deu-me 5 000 e o José 3 000 dólares para comprar, em meu nome, ações nas companhias que eu achasse recomendáveis.

À medida que o tempo se aproximava para o Alex chegar a casa — estava agora previsto que ele chegaria no começo do verão, ficaria duas ou três semanas, e depois regressaria ao Vietname — a Jeanette começou a beber mais e a tomar mais comprimidos. Agora já não era só uma cerveja ou duas com Doriden. Era uma grande quantidade de cerveja ou vinho com um punhado de comprimidos. Alguns dias ela ficava tão embriagada/drogada que eu dificilmente podia comunicar com ela. Tinha de dormir doze ou catorze horas até ficar novamente lúcida e coerente. Conquanto nunca tivesse sido uma grande dona de casa, agora a casa era um indescritível desarrumo. Eu lavava a louça toda, o

chão da cozinha, aspirava a alcatifa, limpava as caixas dos porquinhos-da-índia lá fora no pátio. Naquele mesmo dia, um prato sujo era deixado no balcão da cozinha, umas quantas folhas de jornal eram abandonadas por vários cantos da sala de estar, mais uns quantos pratos ou tigelas eram postos em cima da outra louça suja já na pia da cozinha desde o dia anterior, e passados três ou quatro dias a casa era um desastre total outra vez. No pátio, os porquinhos-da-índia já tinham comido as folhas de alface todas e estavam prestes a terminar de devorar as paredes dos caixotes de papelão em que a Jeanette os guardava.

— Jeanette, por favor, acabemos com estes porquinhos-da-índia — rogava-lhe.

Mas por nada do mundo ela consentiria em dar ou vender os porquinhos. Aliás, com medo que eu desse cabo de algum dos bicharocos porcalhões (na condição em que ela os deixava), algo que, devo admitir, cheguei muito seriamente a pensar fazer, ela contava-os muitas vezes, chamando-os pelo seu nome, pois todos eles tinham nome. A Jeanette ela mesma, embora sempre tivesse tido um máximo cuidado com a sua aparência, agora passava dias sem se arranjar, arrastando-se pela casa ainda de pijama, despenteada, com grandes olheiras negras. Meu Deus, que estava a acontecer à Jeanette? Era por causa da vinda do Alex? Não sabia; mas, sim, talvez fosse. Tinha medo — sim, era isso: tinha medo. E a cerveja e as pilulas faziam-na esquecer, permitiam-lhe escapar.

Eu sabia que teria que sair da casa da Jeanette antes de o Alex regressar. Mas não fazia ideia para onde iria viver. Embora estivesse a ganhar o suficiente no posto de gasolina para me manter vivendo com a Jeanette, não ganhava, porém, o suficiente para todas as minhas despesas e

a renda de um apartamento. De certo modo, nunca havia prestado muita atenção ao regresso do Alex; e agora que ele estava prestes a entrar pela porta dentro, não sabia eu para onde iria. Comecei freneticamente à procura de sítio para morar. Até pensei em ir viver com os meus irmãos — que partilhavam um enorme apartamento em Ontário. Mas como conduziria de Ontário para Van Nuys para frequentar a faculdade — uma distância de 100 milhas para cada lado — 320 km ida e volta? E independentemente do que acontecesse na minha vida, há muito que tinha decidido que nada, mas nada mesmo, faria com que eu abandonasse a escola. Este pensamento metia-me medo, pelo seu egoísmo — mas eu tinha que admitir que ele era verdadeiro. Que aconteceria? Havia perdido o interesse pela Jeanette? Ou seria que a faculdade se havia tornado tão importante que eu estava pronto a abandonar o que quer, ou quem quer, que fosse, incluindo a Jeanette, a quem eu ainda amava profundamente, para não ter de desistir da escola?

Lembrei-me que o Les, um indivíduo que estudara alemão comigo, já havia muitos anos que vivia no edifício de escritórios médicos, em Van Nuys, pela limpeza dos quais ele era responsável. Uma vez tinha-me oferecido um quarto no edifício em troca de eu assumir a responsabilidade da limpeza do prédio. Para ele, seria um bom negócio, pois ficaria com o seu quarto livre. Iria falar com o Les. A oferta mantinha-se: podia mudar-me para o edifício quando quisesse, segundo o velho contrato. A limpeza levava apenas umas duas horas por noite, para mim ainda menos, pois o Les era meio-aleijado. Uma vez por semana, competia-me lavar o chão com uma esfregona, o que só levaria mais umas duas ou três horas. Aceitei. A Jeanette ajudou-me a mudar as minhas coisas — sobretudo os meus livros — e instalei-me

num quarto do outro lado do edifício àquele em que o Les tinha o seu quarto, por razões de privacidade. Sabia que o Alex ia chegar dali a duas semanas.

Ao contrário das minhas expectativas, eu desfrutei da paz e tranquilidade do meu quarto no edifício médico. Ainda tinha o meu emprego no posto de gasolina até às 10:00. Quando chegava a casa, passava menos de duas horas a limpar os consultórios dos médicos, as salas de espera, as casas de banho, os corredores. Todo o tempo livre, quando não havia aulas e nos fins de semana, passava-o na leitura, pela maior parte, dos livros que eu sabia que seriam necessários para as cadeiras do semestre seguinte. Faria a disciplina de Inglês 2 com a Mrs. Shields e a de Estética com o Mr. Beaumont. Entre os livros necessários para a cadeira do Mr. Beaumont estavam *Perspectives in Aesthetics* (Perspetivas na Estética) e uma série de trabalhos literários, alguns dos quais eu já lera por minha conta: *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, e uma antologia de poetas românticos ingleses. Já lera alguns dos romances de D. H. Lawrence, incluindo *Lady Chatterley's Lover*, mas ia reler esse romance para me sentir mais preparado. De Dostoiévski, lera também *Os Irmãos Karamazov*. Da poesia romântica inglesa, eu também conhecia já um pouco, pois tinha-me inscrito uma vez num curso de Literatura Inglesa. E embora me retirasse do curso por causa da professora, tinha no entanto desfrutado muito das leituras, feitas por minha conta, na *The Norton Anthology of English Literature*.

Literatura Romântica Inglesa foi o terceiro e último curso do qual eu me retiraria em toda a minha carreira académica. A professora, uma mulher extremamente alta e de compleição alva como leite, era a contrapartida feminina de John Bull. Uma senhora arrogante e autoritária, ela

existia para cantar as glórias da Mãe Inglaterra – o país com o maior império que o mundo conheceria; o país que produzira a maior literatura que o mundo vira; o país que tinha parido Milton e Shakespeare – os maiores poetas que o mundo jamais possuía; o país que tinha conquistado e produzido e dado à luz isto ou aquilo, ou aquele ou aquela que o mundo jamais contemplara. E eu suspeitava que se o aluno não pertencesse ou descendesse do povo do país que era o mais e melhor que o mundo jamais tinha visto... ela tratava-o como uma coisa irritante e desprezível. Estava eu a ser justo com a senhora? Não posso ter a certeza. Mas era assim que ela me fazia sentir – e eu não queria que ninguém me fizesse sentir senão como a pessoa que eu era e sentia ser. À medida que o tempo passava, eu tinha-me tornado cômico e sensível acerca do meu estatuto étnico e reagia com impaciência e suspeição àqueles que se vangloriavam da sua suposta superioridade e que cantavam as suas glórias alegadamente superiores.

Para esta senhora – cujo nome eu não escreveria, embora me lembrasse dele – a Literatura, a Literatura Romântica Inglesa, pelo menos, era a história das paixões dos poetas românticos e especialmente dos incestos, e pouco mais. Tínhamos de ler um pouco da poesia de Lord Byron, de Wordsworth, de Shelley e de Keats. Mas quando chegava o momento de falar da sua obra, a professora enveredava pelos amores lícitos e ilícitos. A beleza de Byron, ao que parece, merecia-lhe mais admiração do que a sua poesia. “Uma pena, uma verdadeira pena, que aquele homem tivesse tido um pé boto!”

Apesar da professora, no entanto, ou talvez devido a ela, eu desfrutei da minha leitura dos poetas românticos, especialmente Wordsworth, que permaneceu, até ao dia de hoje,

o meu favorito. Como eu gostei, quando anos depois li “Ela canta, pobre ceifeira” de Fernando Pessoa e descobri, mesmo antes de Jonathan Griffin e Jorge de Sena mo confirmarem, que era baseado na “The Solitary Reaper” de Wordsworth, um dos poemas incluídos na *The Norton Anthology of English Literature* que, com “Tam O’Shanter” de Robert Burns, “The Tyger” de Blake e “Ode on a Grecian Urn” de Keats eu já aprendera de memória.

O Alex já chegara a casa há uns dias. Entretanto, a Jeanette, que viera frequentemente ao meu apartamento antes da vinda dele, ligava-me agora todos os dias para saber como eu ia passando. Nunca sugeriu, porém, que eu me encontrasse com o Alex. Ela sempre lhe falara de mim nas cartas que lhe escrevia; mas, a instâncias minhas, tinha-me prometido que, a menos que o Alex lhe pedisse, ela não forçaria um encontro que, com certeza, seria doloroso para mim e talvez mais ainda para o Alex.

– Tu não sabes quem é o Alex – dizia-me ela quando falávamos destas coisas.

– O que queres dizer com isso, Jeanette? Então o Alex não é um homem muito ciumento? Não me disseste uma vez quando nos conhecemos?

– Mas isso foi no começo, Frank. Foi no começo.

Mesmo assim, eu ficava com uma sensação de horror quando pensava na possibilidade de um dia vir a conhecer o Alex pessoalmente. O embaraço e a dor haviam sido suficientes ao conhecer a Miss Gage e os sogros da Jeanette. Acontecera que estes encontros (e eu depois fora ao apartamento da Miss Gage muitas vezes) tinham corrido bem. Mas, apesar disso, não esquecera os meus sentimentos e medos à saída. E não tinha a menor dúvida de que com o Alex seria mil vezes pior. Como me atreveria sequer a olhar

de frente para o homem? Por pouco que ele se interessasse agora pela Jeanette, ela era ainda a sua mulher. E como não ficaria ele furioso e humilhado ao descobrir que eu não só tinha estado a viver na sua casa durante dois anos, mas também na verdade a dormir com a esposa? Por muito ingénua que a Miss Gage e os seus próprios pais tivessem sido ou fingido ser, o Alex não deixaria de notar, ou pelo menos de suspeitar, que tinha havido mais do que amizade entre mim e a Jeanette. Devo admitir que até temia pela minha vida.

Um sábado à noite alguém me bateu à porta. Quando a abri, soube logo: era o Alex, tão alto, moreno e bonito-homem como a Jeanette mo descrevera; perguntou-me se eu era Frank Fagundes, apresentou-se e ficou ali à espera de eu o convidar a entrar, o que eu não tive outro remédio senão fazer. O Alex entrou, fechou a porta atrás de si. Não me lembro se dissemos alguma coisa, pois eu fora tomado de um indescritível sentimento de vergonha e de pânico. Quase nem podia falar de tão seca que me ficara a boca. Sabia, tinha a certeza, que de repente o Alex começaria a gritar-me; que depois me mataria à porrada; pois era para isso que aqui tinha vindo sozinho, caso contrário a Jeanette tê-lo-ia acompanhado. E eu, que não era fisicamente homem para o Alex em quaisquer circunstâncias, agora era-o ainda menos, porque o sentimento de terror me tinha num estado de quase parálise. Que podia eu dizer? Tinha uma necessidade enorme de dizer alguma coisa, pois se eu atirasse com palavras para aquele vazio, talvez pudesse evitar uma desgraça que sabia inevitável. E o Alex não ia dizer nada tão-pouco?

— Então tu és o homem de quem tenho ouvido falar tanto? — ouvi a minha voz, estupidamente, a perguntar.

— E tu és o homem de quem eu tenho ouvido falar tanto!
— respondeu o Alex.

Com certeza que ele estava a burlar-se de mim. Que diria ele em seguida? Que faria ele em seguida?

— Frank, eu vim aqui para ter uma conversa de homem para homem contigo — começou o Alex enquanto se sentava na única cadeira que eu tinha, com um à-vontade tão grande como se fôssemos velhos amigos e ele tivesse vindo cá para me propor um negócio qualquer. Eu aguardei, o coração disparado dentro do peito. — Eu sei que tu e a Jeanette são bons amigos, que vocês têm sido muito bons um para o outro — procedeu ele. — Daqui a uns dias, eu vou-me embora para o Vietname. Quando me for embora, gostaria que tu voltasses para junto da Jeanette. Ela precisa de ti, e eu tenho a certeza que tu precisas dela. E é isso o que eu vinha cá dizer-te.

Quando acabou de me dizer isto, o Alex levantou-se e fez sinal que se ia embora.

Eu comecei a dizer algo; acho que comecei a dizer algo. Mas o Alex não me deixou acabar. Nós ver-nos-íamos antes de ele partir para o Vietname. Até poderia vir cá um dia com a Jeanette. Mas neste momento, tinha mesmo que ir a Bel Air ver os pais, que ainda não tinha visto. E com estas palavras, o Alex desejou-me boas-noites, fechou a porta atrás de si, e uns segundos depois eu ouvi o carro dele a recuar na entrada do edifício.

Quando deixei de ouvir o som do carro do Alex, sentei-me na borda da cama. Alívio, pena, vergonha, humildade, inutilidade e confusão, sobretudo confusão, tudo isto perpassou por mim naquele momento. Como era possível que aquele homem tivesse dito o que me acabava de dizer? E com a calma com que mo disse? Tinha-o ouvido bem? Como era

possível, a menos que o mundo estivesse virado do avesso, um homem, um marido, vir pedir a outro homem que ele com certeza sabia que durante dois anos havia dormido com a sua mulher... que ele voltasse para casa dela? Odiava-a assim tanto? Então porque estava ainda casado com ela? Ou achava-me tão inofensivo que não me via como ameaça para ele, ainda que eu continuasse a viver com a esposa? Ou seria por outra razão qualquer, razão que eu nem era capaz de conceber?

A resposta às minhas perguntas veio um par de dias depois — da Jeanette. Vinha visitar-me, pois tinha tido muitas saudades minhas. Não, o Alex e ela quase nem se haviam tocado. Tudo morrera entre eles. Não me havia dito que suspeitara que o Alex estava a ter uma relação amorosa com uma vietnamita a quem se tinha referido várias vezes, Phong? Pois era muito mais do que isso: o Alex já há muito que vivia com ela; e, o que era mais, tinham uma criança juntos! “Então aquela era a razão!” — pensei eu. E agora, que nos restava aos três fazer? O Alex, indicou a Jeanette, ia regressar ao Vietname o mais depressa que pudesse, à Phong e ao bebé. Pelo que à Jeanette tocava, ela não oferecia qualquer objeção. Daqui a mais uns meses ou um ano, o Alex voltaria aos Estados Unidos definitivamente e então tratariam, como os dois já haviam decidido, do divórcio. E enquanto me dizia isto, a Jeanette rompeu a chorar convulsivamente.

— Mas porquê, Jeanette?

Bem, é que nunca havia pensado que viria a dar nisto. Ela sempre havia tido esperanças, como me tinha dito tantas vezes, que ela e o Alex se reconciliariam e que voltariam a ser um para o outro o que haviam sido no início do seu casamento.

— Foi aquela maldita guerra, Frank. Foi aquela maldita guerra que destruiu o nosso casamento.

E queria a Jeanette que eu voltasse a casa? Sim, mais do que nunca. Talvez, acrescentou ela, nós até pudéssemos pensar em nos casarmos um com o outro, algum dia. Fiquei gelado, porque a ideia nunca me havia entrado no pensamento. Não só nunca havia pensado em casar com ela, mas agora que estava na faculdade e ainda me faltavam tantos anos para acabar os estudos, achava a ideia totalmente absurda. Meus Deus, ela era muito mais velha do que eu. E éramos, pensando bem, tão diferentes um do outro. Acho que a Jeanette leu os meus pensamentos:

— Há algo de errado comigo, Frank? Então sirvo para amante, mas não sirvo para esposa?

— Jeanette — implorei-lhe —, nenhum de nós jamais abordou essa possibilidade. E agora que tu a levantas, eu nem sei o que te dizer.

A Jeanette levantou-se, zangada, e foi-se embora, batendo com a porta. Eu fiquei, cobardemente, a curtir a vergonha.

Tornei a mudar-me para a casa da Jeanette logo que o Alex partiu para o Vietname. Tinha-o visto mais um par de vezes, e ambas as vezes ele reiterou o seu desejo de que eu voltasse a viver com a Jeanette. Tocou muito ao de leve no plano de um dia se divorciarem, algo que ele e a Jeanette tinham abordado. Também confirmou que, sim senhor, estava a viver com uma rapariga vietnamita de nome Phong e que tinham uma criancinha juntos. Falou das vietnamitas, pintou um largo panorama de experiências que tivera com raparigas vietnamitas — como eram obedientes, como faziam tudo o que um homem quisesse, como até era possível comprar uma rapariga, sim, literalmente comprar uma rapariga por uns quantos dólares, como o Vietname estava

a ficar cheio de crianças eurásianas. Não, não fazia ideia do que seria daquelas crianças, incluindo a sua, mas sabia que amava muito a Phong e que a sua criança era agora o ser mais importante do mundo para ele. Não via o momento de voltar ao Vietname para estar com eles. Atrevi-me a fazer-lhe uma pergunta: e a Jeanette? Com a Jeanette, havia sido uma experiência incrível. Até se lembrava de quando, depois de uma série de dificuldades e incompatibilidades matrimoniais no início, a Jeanette tinha partido para a Suíça para ir ver a mãe. Fora a segunda vez que a Jeanette regressava à Europa. A primeira, anos antes, foi uma viagem que ambos haviam feito juntos. Quando a Jeanette regressou da sua segunda viagem, ele até conduzira até à Costa Leste para a ir buscar. E tinham guiado da Costa Leste até à Califórnia juntos; foi como uma segunda lua de mel. Mas depois, tudo voltara ao mesmo, e o Alex sabia que o casamento deles estava irremediavelmente desfeito. A ideia de ir para o Vietname tinha sido, em parte, uma última tentativa desesperada para salvar o casamento; ou talvez, o Alex não tinha a certeza, uma tentativa desesperada de fugir ao casamento. Mas ele já então tinha visto as coisas com clareza. Tudo fora em vão. Queria, porém, uma separação pacífica. Queria que a Jeanette ficasse com um quinhão justo da propriedade que ambos possuíam em comum. Mas, acima de tudo, ele queria voltar para a mulher que amava e para a sua criança.

Depois da partida do Alex, a minha relação com a Jeanette mudou consideravelmente. Era agora uma relação mais estável. A Jeanette tinha muita consideração pelos meus sentimentos, falando do Alex raras vezes. Eu também achava que o assunto era demasiado doloroso para o trazermos à baila. E íamos os dois fingindo que tudo corria bem; que

o tempo haveria, de alguma maneira, de resolver todos os nossos problemas.

Pouco antes de regressar à faculdade, as ações que eu comprara em nome dos meus irmãos tinham aumentado suficientemente de valor para eu as vender e realizar um lucro de 500 dólares, excluindo a comissão do corretor. Queriam eles investir novamente? Claro que sim. Ficaram com o lucro e entregaram-me novamente os 8 000 dólares originais para eu reinvestir na bolsa de valores.

Ia começar o meu sexto semestre no Valley College. Sempre atingira a Lista do Decano, o Quadro de Honra, com exceção do primeiro semestre. A minha maior expectativa era a aula de Inglês 2 da Mrs. Shields. Tratava-se de uma cadeira de leituras e composição, uma extensão, na verdade, de Inglês 1, a primeira disciplina que fizera com ela. Mas além de tudo mais, tínhamos que completar dois projetos criativos, sendo algumas das sugestões a escrita de uma peça de teatro, um conto, um ensaio formal, ou um ensaio de análise literária. Os alunos que tivessem menos aptidões literárias tinham a opção de contribuir com uma escultura ou uma pintura, desde que o assunto se enquadrasse no âmbito da temática literária que era o foco da disciplina. A nota basear-se-ia na qualidade do projeto final, mas também no escopo do esforço expendido. Eu decidi apostar no esforço. Tentaria escrever uma peça de teatro, cujo assunto já vinha elaborando mentalmente, e para o segundo trabalho criativo escreveria um conto.

Para a peça, escolhi a história do Filho Pródigo, ou mais especificamente, uma paródia da história bíblica. Deixaria as personagens sem nome, tal como na Bíblia, pois queria também emoldurá-las num quadro alegórico. Até queria que parecesse vaga a minha inspiração bíblica, embora não

demasiado vaga. Acima de tudo, queria realizar uma recriação humanística da história da Bíblia. O rapaz parte da casa paterna; dá cabo da sua fortuna, tal como na Bíblia. Mas, em vez de esbanjar a fortuna e depois cuidar de porcos, ele surge-nos na companhia de mulheres, desfrutando da vida, perseguindo interesses artísticos. Quando a sua fortuna se dissipa, ele regressa à casa paterna, é perdoado pelo pai e logo persuade os irmãos a seguirem-lhe o exemplo. Esta era a minha maneira ingénua de humanisticamente inverter a história do filho pródigo, de afirmar as alegrias da vida, de satirizar a mensagem conservadoramente piedosa da parábola bíblica. A Mrs. Shields felicitou o meu esforço — a peça inteira tinha mais de trinta páginas! —, embora me tivesse chamado a atenção para o desenvolvimento deficiente das personagens; para a mensagem inteiramente pré-concebida; para o facto de eu estar, ao fim e ao cabo, a bater no burro morto ao atacar princípios religiosos.

— Que quer dizer com ‘burro morto’, Mrs. Shields?

Ora, estes ataques à religião já foram feitos milhentas vezes; não havia nada de novo neles.

— Mas o burro está ainda bem vivo onde eu me criei, Mrs. Shields! Lá ele está bem vivo — e escoicinha! E que mal havia em matar várias vezes um burro que se recusava a morrer?

Ela sorriu-se. Estava bem, como esforço, o trabalho era muito aceitável.

Como segundo projeto, escreveria um conto: a história do Felisberto. Decidi abrir com a cena no bar, com o Felisberto tentando desesperadamente, e de algum modo conseguindo, fazer-se entender numa língua que não sabe. O Felisberto a dançar com a Faye e com a Linda. Nós os quatro a caminho da meda de fardos. A minha conversa com a

Linda. O que eu mudei foi que emprestei ao Felisberto uma nova razão por detrás da sua perseguição das mulheres e a levá-las para a *estaca*: era a sua vingança contra a mulher americana pelo que a América e os homens americanos lhe haviam feito sofrer; a meda de fardos, as vacas a mugir lá em baixo enquanto ele usava da Faye eram compensações para a sua incapacidade de realizar o seu sonho de conseguir a sua própria vacaria. Mas a mudança mais dramática é que, quando a Filomena o abandona com as crianças, o Felisberto — que sempre contara com o perdão da esposa, e que não se tinha apercebido que a América fizera dela uma mulher decidida e independente — acabara por cometer suicídio. Não era, por certo, uma obra-prima. Mas, uma vez mais, havia sido um meritório e commendável esforço. Receberia uma excelente nota em Inglês 2.

Notável na aula de Estética do Mr. Beaumont foi a sua discussão de *La Peste* de Albert Camus, um romance que ele decidiu incluir à última da hora e que eu já havia lido por minha conta, e *Crime e Castigo* de Dostoiévski. O existencialismo de Camus, o Mr. Beaumont ensinou-nos, possibilitava-nos um raio de luz, ao contrário do existencialismo pessimista de um Sartre, que nós também havíamos discutido no âmbito da nossa leitura de *Les Mouches* e *Huis Clos*. E quem era o herói de *La Peste*? A maioria dos alunos da turma decidiram que teria de ser o médico, Bernard Rieux, o homem que arrisca a própria vida para salvar a vida de outros; que vive no meio dos afligidos da peste, reconciliado com o seu destino, enobrecendo-se pela sua luta, tal como Sísifo continuamente a rolar a sua rocha montanha acima contra um destino que ele sabia inelutável. Não, não era o Dr. Rieux o herói. Ele só aparentava sê-lo. O Dr. Rieux, apontava o Mr. Beaumont, era médico, não era? Sim, era.

Então, ele estava a desempenhar as suas funções profissionais, por muito nobres que fossem essas funções. Os verdadeiros heróis eram Tarrou e Grand, as personagens que se haviam comprometido não por razões profissionais, não respondendo a nenhuma obrigação social, mas tão-só por puro e incondicional empenho. Eles é que eram os heróis. Nós havíamos de refletir sobre qual daquelas personagens, Rieux, Tarrou ou Grand, era o verdadeiro exemplo do empenho humanístico existencialista à *la Camus*.

O Mr. Beaumont, que tinha um mestrado em Inglês da Universidade da Califórnia, em Berkeley tinha indubitavelmente sofrido a influência do New Criticism. Era um *close reader*, e isolava um parágrafo ou frase e explicava-no-lo: “Ao deixar a cirurgia na manhã de 16 de abril, o Dr. Bernard Rieux sentiu uma coisa mole debaixo de um pé. Era um rato morto que estava no meio do patamar”. Estas duas frases tornaram-se o objeto de um longo comentário, em que a nossa atenção era dirigida para a beleza e simplicidade do estilo e para a função, para o início do romance, e no desenvolvimento dramático da intriga, daquele simples ato de pôr um pé em cima de um rato morto.

Mas *La Peste* não foi o livro que suscitou a mais apaixonada resposta do Mr. Beaumont e da turma: esse livro foi *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. A argumentação do Mr. Beaumont era muito simples: como fora possível que o romance de Dostoiévski tivesse conquistado as simpatias e os elogios do Oeste se a sua mensagem, a sua piedosa mensagem, bem vistas as coisas, não era outra coisa senão uma mensagem cristã? Que fizera a consciência de Raskolnikov doer senão o bichinho do Cristianismo a roê-lo lá por dentro, trazido ao de cima por Sonya Marmeladova, a prostituta Madalena? Uns quantos alunos eram da opinião que

era aquilo mesmo que tornava o romance tão grandioso; e talvez nem era sequer isso, porque depois de cuidadosa análise, nem era necessário recorrer à influência cristã de Sonya sobre o futuro Napoleão. Sonya era, nem mais nem menos, do que a consciência de Raskalnikov, independentemente de quaisquer implicações cristãs. O Mr. Beaumont felicitava o autor desta interpretação, mas continuava a acrescentar argumentos à sua. Era evidente que às vezes o seu anti-Cristianismo o traía.

O que a mim me impressionou terrivelmente no romance de Dostoiévski, no entanto, foi o paralelo com a minha própria história. Então não estava eu a viver uma história semelhante com a Jeanette? Era verdade que eu não assassina- rava uma velhota para lhe roubar dinheiro. Mas não estava eu também a usar a Jeanette para poder frequentar a facul- dade? Não tinha eu também, não estava eu também, neste momento, a sofrer remorsos como Raskalnikov? Não che- gara eu a pensar que era uma espécie de super-homem amo- ral, procedendo segundo o princípio que conseguir uma instrução justificava tudo o que estava fazendo, incluindo o facto de eu ter, com certeza, contribuído para o desmorona- mento da felicidade da Jeanette e do Alex, e para o colapso do seu casamento?

Em comparação com Inglês 2 e Estética, as minhas outras aulas deste semestre eram eventos de pouca mon- ta, embora tivesse tirado um prazer imenso da minha descoberta, nas aulas de Antropologia e Geologia, de com- plementares leis da evolução animal, incluindo a huma- na, e de leis que tinham presidido ao desenvolvimento da nossa antiquíssima Terra. Como todos os ramos do saber humano se intersetavam, pensava eu, e quão bela — mais do que todos os belos mitos jamais criados sobre a criação

da humanidade — era a teoria da evolução. E como podiam alguns alunos estarem, ao que parecia, aborrecidos ao ouvir a exposição dessa teoria? Para mim, as teorias científicas tinham uma beleza que rivalizava com as mais maravilhosas histórias mitológicas alguma vez narradas. Talvez fosse, concluí, porque aqueles alunos já haviam ouvido a explicação daquelas teorias muitas vezes. Como agora, com muita frequência me considerava afortunado por não haver frequentado uma escola dos onze aos vinte e três anos. Ao contrário dos alunos americanos que começam aos cinco ou seis anos e que, quando chegavam aos dezanove ou vinte, já haviam gramado quinze anos de escola — e por isso estavam, compreensivelmente, saturados de aprender pelos livros — eu possuía uma mente virgem que já havia experimentado a vida em muitos dos seus aspetos, uma mente que permanecera por cultivar durante muitos anos, mas que agora estava pronta para receber e germinar qualquer semente. Rousseau viria a confirmar algumas destas ideias que eu tivera antes de ter lido *Émile*.

Antes do fim do que viria a ser um dos meus semestres mais agradáveis, a Jeanette recebeu um telefonema que iniciou outro capítulo na nossa já acidentada relação: o Alex fora vítima de um terrível acidente e estava a caminho de casa. Chegaria dali a dois dias. Meu Deus, que acontecera ao Alex? Durante um tufão, parte de um teto havia desabado em cima dele, esmagando-lhe uma perna. Ele pensava que a perna com certeza teria de ser amputada. Vinha para o Hospital de São João, em Santa Mónica.

E agora que faríamos? Deveria, uma vez mais, sair de casa? Não, decidi a Jeanette. Ambos faríamos tudo o que pudéssemos pelo Alex. Já que o mesmo Alex é que me tinha pedido para eu voltar a casa, não havia razão nenhuma para

eu me mudar, sobretudo agora que ele e ela precisavam de mim. Ajudá-los-ia eu nesta tragédia? Claro que os ajudaria, decidi.

A Jeanette e eu fomos ver o Alex ao Hospital de São João logo que ele chegou. O Alex estava, compreensivelmente, amargado e infeliz com a sua sorte, mais ainda por ter tido que deixar a Phong e a sua criança no Vietname do que por causa do ferimento. O primeiro assunto que abordou foi o da criança. O que aconteceria ao seu bebé, agora que as probabilidades de voltar ao Vietname pareciam nulas? Voltaria a ver o seu bebé? Tentámos consolá-lo. Ele melhoraria. Dentro de umas semanas, no máximo uns meses, ele estaria como se nada tivesse ocorrido. Que havia dito o médico? O Alex estava sob o cuidado de um dos melhores especialistas, o Dr. Watanabe. E, infelizmente, o Dr. Watanabe mostrara-se muito pessimista acerca dos prognósticos em relação à perna. Achava que a perna teria de ser amputada logo abaixo do joelho. O Alex teria que usar uma prótese o resto da vida. E rompeu a chorar ao dizer isto. Eu senti uma profunda dor por ele e senti-me tão culpado, que me prometi e lhe prometi que faria o que estivesse ao meu alcance para o ajudar e que seria seu amigo. Deixava ele que eu o ajudasse? Claro que deixava. E reiterou o seu desejo de que eu permanecesse em sua casa, incluindo quando ele regressasse do hospital. Sem sequer me dar conta do que estava a prometer, disse que sim. Faria tudo o que estivesse no meu poder por ele e pela Jeanette.

A Jeanette e eu saímos do quarto do Alex para irmos limpar as lágrimas lá fora. Perguntava-me a mim mesmo se tivera algo que ver com a tragédia do Alex. Haveria ele regressado ao Vietname se eu não estivesse a viver com a Jeanette? A Jeanette, ela também, começou a deitar-se as culpas a si

mesma pelo acidente do Alex, e às vezes repreendia-me. Não havia sido culpa minha, claro, mas achava que eu tinha que partilhar a responsabilidade. Lá no fundo, ambos tínhamos contribuído, de alguma maneira, para a tragédia do Alex.

– Mas ele voltou por causa do bebé e da Phong – lembrei-lhe.

Era certo, era certo. E que fariamos nós agora? Por um lado, eu queria cumprir, para com a Jeanette e o Alex, a promessa que lhes havia feito de os ajudar neste evento trágico. Por outro lado, senti que o destino me tinha colocado na posição grotesca de ser o amigo, e talvez até o enfermeiro, do homem com cuja mulher dormia já há mais de dois anos. E como procederíamos os três quando o Alex estivesse em casa? E que sentiria eu, agora que o Alex viria para casa e retomaria o lugar que era legitimamente seu, o de marido da Jeanette? Que sentiria eu quando soubesse que a Jeanette e o Alex partilhavam a mesma cama? Meu Deus, como é que eu me havia metido neste imbróglio? Teria ainda a paz de espírito de que precisava para me concentrar nos meus estudos? Sofreriam os meus estudos como resultado de tudo isto? – perguntava-me eu, egoistamente.

O Dr. Watanabe havia acertado: a perna do Alex teria que ser amputada um pouco abaixo do joelho. A gangrena já começara a grassar-lhe a perna e não havia tempo a perder, senão o Alex perderia a perna toda. Ele implorava ao médico que lhe desse mais uns dias, a ver se a gangrena abatia, se começava a esvair-se. Mas não, não havia mais tempo a perder. A perna tinha que ser amputada. A única coisa que o médico podia prometer era amputar o menos possível, mas não havia maneira de a salvar. O pé e a perna quase toda abaixo do joelho tinham sido esmagados no acidente. E o Alex foi aprontado para a intervenção cirúrgica levada a

cabo enquanto eu, a Jeanette e membros da família do Alex ansiosamente aguardávamos na sala de espera.

Durante semanas, a Jeanette e eu visitámos o Alex no Hospital de São João. Eu entrava no quarto com ela e ficava lá uma meia hora. Depois, saía para lhes permitir privacidade. Quando ela saía, a Jeanette vinha quase sempre a chorar. Haviam discutido a condição dele, e sobretudo do bebé. Compreensivelmente, o que mais preocupava o Alex era o seu bebé (que não me lembro, por muito que me esforce, se era menino ou menina). E também falavam do seu casamento. A Jeanette – para meu pasmo – agora reacendera a esperança que o casamento deles pudesse ainda ser salvo. Agora que não havia possibilidade de o Alex voltar ao Vietname, ela esforçar-se-ia por salvar o casamento deles. Talvez algum bem acabasse por emergir desta tragédia. Dei por mim a dar-lhes conselhos sobre como eles talvez pudessem salvar o seu matrimónio. Estava a ser sincero? Acredito que estava, pois esta tragédia também me abalara profundamente. Para mim, o que agora importava acima de tudo era a minha instrução. Pelo que tocava à Jeanette e ao Alex, também queria que fossem felizes. Eu estava mais do que disposto a sacrificar os meus próprios interesses e sentimentos para ajudar duas pessoas que me tinham ajudado tanto a mim: ela diretamente, ele indiretamente. Mas o Alex nem queria ouvir falar de uma reconciliação. Agora, mais do que nunca, ele insistia no divórcio. Não sabia como o faria, mas sabia que voltaria para junto da Phong e do seu filho. Que a Jeanette tirasse da cabeça, de uma vez por todas, a ideia de que o casamento deles teria conserto.

A reação da Jeanette foi regressar à cerveja e ao Doriden, uma droga irmã, nos seus efeitos, dos barbitúricos e que

cria o mesmo tipo de dependência, como eu e a Jeanette descobriríamos. Várias vezes tive que ir a sós ao hospital ver o Alex, pois a Jeanette não estava em condições de sair de casa. Parecia que a sua dependência do álcool e do Doriden aumentava de dia para dia e que os seus efeitos — uma espécie de prolongada bebedeira, com ressaca e tudo — duravam cada vez mais tempo.

Finalmente, chegou o dia de o Alex vir para casa. Entretanto, ele tivera que sofrer mais uma ou duas intervenções cirúrgicas para excisar mais tecido da perna. Mas puderam poupar-lhe o joelho. Precisaria agora de muita fisioterapia; mas eventualmente conseguiria uma prótese que lhe permitiria ambulação, de início com o suporte de uma bengala e depois sem ela. Como depois se viu, o Alex sofreu tremendamente a perda da perna. Como será de compreender, queixava-se da sua deformidade, tanto mais que ele era bastante vaidoso e tinha orgulho no seu bonito aspeto. Mais do que tudo, vivia na ansiedade de voltar para o filho ou filha e para a namorada. Quando se tratava deles, ele não fazia esforço nenhum para esconder os seus sentimentos. Devido às suas queixas constantes acerca da sua condição e às saudades do Vietname, havia brigas entre ele e a Jeanette. Eu, que não sabia de que lado é que me havia de pôr, ou se havia de tomar partido por um deles, não me intrometia, a menos que ele ou ela pedisse a minha opinião. Cobardemente, muitas vezes dava a razão ao Alex, até mesmo quando achava que o argumento da Jeanette também tinha validade. E então ela, quando eu concordava com ele, atacava-me com fúria vingativa. Às vezes, temia que ela divulgasse tudo o que se tinha passado connosco para me vexar ou magoar (embora tivesse dúvidas que essa revelação importunasse muito o Alex).

Como é que eu me tinha deixado meter naquela complicação? — perguntava-me, incapaz no entanto de me safar dela. Como é que eu podia deixar os dois em paz? Abandonar um a quem ainda tanto queria; ou o outro que tinha traído e que agora precisava de mim e me pedia ajuda? Onde tudo isto iria parar? E a minha dignidade? Ainda teria alguma que sobrasse? Tinha eu sequer coisa que se chamasse princípios? No fundo, no fundo, não estava eu ainda ali porque estava a viver de graça na casa? Porque pensava que o Alex e a Jeanette se divorciariam mais cedo ou mais tarde e nessa altura voltaria ao meu lugar confortável, conveniente e certo?

Os meses seguintes — até o processo de divórcio do Alex e da Jeanette terminar — foram difíceis para nós os três. Levei muitas vezes o Alex à fisioterapia. Falávamos do Vietname, sobretudo quando a Jeanette não estava presente. Vim a descobrir que o Alex era um mulherengo de primeira, tendendo a julgar as mulheres com base na sua perceção do seu grau de atração sexual. Meu Deus, mas a Jeanette era tão linda!

— Devias tê-la conhecido quando eu a conheci, Frank!

Eu escutava-o, humilhado perante a ideia de aquele homem me ter deixado a mulher, não porque já não a amasse, não devido a quaisquer incompatibilidades, mas porque ela tinha, segundo ele, diminuído em atração sexual. Por muito que eu simpatizasse com o Alex e tivesse pena dele, odiava-o então por ele reduzir a Jeanette a um objeto de prazer. Ela tinha razão. Eu ainda não sabia quem era o Alex! Até vim a descobrir que quando eles foram à Europa logo depois do casamento, na Alemanha o Alex havia pedido à Jeanette que lhe servisse de intérprete quando ele precisava de encontrar prostitutas. A Jeanette

já me havia dito que o Alex ia ao México e pagava pequenas fortunas por dúzias e dúzias de fotos pornográficas (que a Jeanette ainda tinha escondidas numa caixa no quarto de cama).

Quando o Alex veio para casa, eu e ele estávamos nos melhores termos. De facto, tínhamo-nos aproximado emocionalmente bastante um do outro. Nunca havíamos falado do que a Jeanette e eu significávamos um para o outro. Neste assunto, a discrição do Alex era total, e eu estava-lhe grato. Eu ajudava em tudo o que podia, no arranjo da casa e também levando o Alex à fisioterapia ou a uma consulta médica, quando a Jeanette não podia. Ajudava-o sobretudo escutando-o quando ele, durante horas, falava da Phong e do seu filho com lágrimas de esperança e desesperança nos olhos. Um dia, disse-me que eventualmente se tornaria a casar; sabia que, com a ajuda dos pais, ele encontraria uma mulher com quem partilhar a vida. Agora que sabia que nunca mais voltaria ao Vietname. Mas como é que se ia esquecer daquela criança? Sabia eu o que era sentir o que ele estava a sentir? Tive que admitir que não sabia; mas que podia imaginar.

– Aquela puta de tempestade, Frank! Aquela puta de tempestade destruiu-me a vida!

Não fora apenas o tufão, arrisquei eu. Também tinha sido a guerra. Pois, se não tivesse sido a guerra, nada disto teria acontecido. O Alex teria ficado nos States; ele e a Jeanette com certeza que teriam arranjado maneira de conservar o seu casamento. Podiam até ser felizes agora. Não, o Alex estava convencido de que não tinha nada que ver com a guerra. Aliás, a guerra trouxera-lhe a única felicidade de que ele desfrutara desde havia muitos anos: conhecer a Phong e ser pai da sua criança.

— Foi aquela puta daquela tempestade, Frank! Foi aquela puta daquela tempestade e aquele sacana daquele teto que me esmagou a perna!

O Alex voltaria a casar — mas nunca mais poria os olhos em cima do seu bem-amado filho ou filha e da Phong.

Para bem ou para mal, as grandes voltas da vida pareciam depender de muito pouco. Para mim, fora um coice de vaca; para o Alex, um teto que tinha caído, derrubado por um tufão.

X JIMMY

O divórcio foi uma experiência extremamente dolorosa para a Jeanette. E como eu sofria por ela, não podia deixar de ser dolorosa para mim. Também me estava reservada esta experiência — sofrer as consequências, a dor, de um divórcio que não era meu? Como é que eu podia compreender o que me estava a acontecer nesta tragédia *cum* farsa em que estava metido? A Jeanette, como eu já esperava, começou a apoiar-se cada vez mais na cerveja e no Doriden. Agora eram períodos de duas e três semanas. Pensava, quando a via envelhecer e decair ante os meus olhos, que ela tinha decidido suicidar-se. E um dia perguntei-lhe: sim, já tinha pensado nisso. Afinal, que razões tinha ela para viver? Queria que eu me fosse embora? Não, não queria. Mas já lhe tinha ocorrido que eu um dia destes também abalasse. Agora que as coisas tinham chegado ao ponto que chegaram, até eu me poria a andar. O marido tinha-a usado, e agora fora-se embora. Tinha a certeza que eu, que também a usara, em breve faria as malas e zarparia.

— Jeanette — protestei. — Já te disse alguma vez que me ia embora?

Não, não dissera, mas ela tinha a certeza que eu a abandonaria. E, para ser franca, ela não se importava. Queria que a deixassem em paz. Eu devia, acima de tudo, deixá-la em

paz. Pois só sentia paz quando estava drogada e não podia pensar em nada.

O facto de as nossas ações também estarem a registar uma perda de valor contribuía para a nossa preocupação. Embora tivesse conseguido um bom acordo aquando do divórcio — tendo ficado com a casa, que estava quase paga, e mais de metade do montante que ambos tinham na bolsa — agora estava a perder dinheiro a um ritmo alarmante. Era verdade que a perda era *apenas no papel*, mas a verdade é que mais de metade do seu dinheiro tinha-se evaporado numa questão de meses. O meu dinheiro também parecia ter-se esvaído. Meu Deus, até o dinheiro dos meus irmãos, se eu fosse vender as ações neste momento, seria tão-só um terço do que eles me haviam dado para investir. Um dia ligámos para o John, o corretor. O que é que ele aconselhava? Pois não nos tinha avisado a ambos acerca do que a bolsa era capaz de fazer a pequenos investidores, ahn? Perguntei-lhe: devia eu consolidar todas as ações que tinha e comprar ações unicamente em Republic Corporation, em que uma vez fizera tanto dinheiro? Tenho um pressentimento — disse ao John — que, naquela companhia, recuperaria todo o dinheiro que tinha perdido. Que achava ele? Pois achava isto: que era estúpido! Não se compravam ações numa companhia porque se tinha “um pressentimento”. Compravam-se ações porque se sabia, ou se suspeitava com base em informação sólida a respeito de uma companhia, que as ações tinham boa probabilidade de aumentar de valor. A bolsa de valores não era um jogo de perde ou ganha. Fiquei insultado. Mesmo assim, se eu decidisse vender todas as ações que tinha e transferir o montante para a Republic Corporation, ele não se opunha, até beneficiaria com isso. A decisão era minha. Eu pensaria no caso, prometi-lhe.

Um dia dei por mim a assistir a uma das cenas mais patéticas que já testemunhara: a Jeanette estava totalmente drogada e tinha trazido os caixotes com os porquinhos-da-índia para a cozinha. Os horríveis bicharocos tinham fugido dos caixotes e andavam às corridinhas pela casa, com a Jeanette, quase incapaz de se manter de pé, a correr atrás deles. Dava dó vê-la de pijama sujo, o seu lindo cabelo todo desgrenhado e porquíssimo. Como de costume, estava completamente incoerente. Abaixando-se para apanhar um dos porquinhos, caiu de borco, depois foi gatinhando como se apanhar e pôr aqueles bichos nos caixotes fosse a coisa mais importante do mundo. Pus os porquinhos nos caixotes, depois sentei-me no sofá e rompi a chorar.

— Jeanette — gritei-lhe —, vou-me embora desta casa. Se não me prometes que não te tornas a drogar, eu mudo-me daqui para fora, ainda que tenha que dormir na valeta.

Ela quase nem me ouvia. Ela é que se iria embora, disse depois. Ela é que se ia vestir e abalar, pois nem sequer na sua própria casa tinha paz e sossego. E pegou nas chaves do carro para sair tal como estava. Tive que fisicamente a impedir de sair para a rua praticamente nua. Dali a uns minutos ficou mais calma. Eu ia tomar um duche e depois faria o nosso pequeno-almoço, pois hoje não havia escola. (Entretanto, eu nunca tinha faltado à escola um único dia e eventualmente concluiria a minha carreira académica sem jamais ter perdido uma única aula!)

Quando ia a sair do chuveiro, ouvi uma pancada forte lá fora. Corri à janela e vi a Jeanette a tentar meter o seu Volkswagen na garagem — com a porta da garagem fechada! Ela já tinha batido com o carro na porta da garagem uma ou duas vezes, pois a parte de baixo da porta estava toda rachada. Meu Deus, ela matar-se-ia. Enxuguei-me

rapidamente; vestiria algo, fosse o que fosse que encontrasse, e iria buscá-la para casa antes dos vizinhos se alarmarem e chamarem a polícia, ou antes dos adolescentes que brincavam em frente da casa viessem espiar ou implicar com a Jeanette na condição em que ela estava. C'os diabos, onde é que tinha posto as calças?

Não cheguei a sair porque o Al e a Louise, os vizinhos em frente, já traziam a Jeanette para dentro de casa. Embaraçado e pensando que eles a deixariam ali e se iriam, esperei no quarto de cama, para eles pensarem que ela estava sozinha em casa. Sabia que ela mesma não diria nada, pois estava incapaz de falar coerentemente. Mas eles detiveram-se dentro de casa mais tempo do que eu antecipara. Que estavam a fazer? À medida que os minutos pareciam converter-se em horas, eu não queria aparecer para eles ficarem a saber que eu estava aquele tempo todo dentro de casa e que tinha permitido que a Jeanette fosse vítima daquele drama. Raios os partissem, os filhos da mãe iam-se embora ou não? E depois ouvi a sirene da ambulância. Meu Deus, é possível que eles tivessem chamado a ambulância? Era uma ambulância para a Jeanette? Que devia fazer? Como explicaria àquela gente que não havia aparecido e que só à chegada da ambulância decidira aparecer, como um cobardolas? Como era possível eu fazer uma coisa destas à Jeanette? Que tipo de animal era eu? Mas por muito que quisesse e tentasse, não consegui encaminhar-me para a sala de visitas. Aliás, escondi-me no roupeiro até a ambulância levar a Jeanette e ouvir o Al e a Louise fecharem a porta atrás de si.

Como era possível que eu tivesse feito tal coisa? Que orgulho estúpido e abjeto – se na verdade fora orgulho – me tinha forçado a fazer uma coisa tão inconfessável como aquela à mulher que eu uma vez amara mais do que

a ninguém? À mulher que tudo tinha sacrificado por mim? Em que ser repulsivo me havia convertido eu? A única coisa que podia fazer era chorar — lágrimas de total impotência e desespero; um choro de indescritível vergonha; um choro de traidor que traía pela mais vergonhosa e mesquinha razão: o orgulho de ser encontrado na casa por vizinhos que mal conhecia com uma mulher drogada. Alguma vez a Jeanette me perdoaria? Era perdoável um ato tão cobarde?

E então tomei uma resolução: iria perguntar ao Al e à Louise aonde a ambulância havia levado a Jeanette; confessaria a minha cobardia para me castigar a mim mesmo pelo meu ato. Merecia mais do que isso! Tinha sido a minha culpa o terem-na levado para as Urgências, pois eu sabia, com base na experiência, que o que a Jeanette precisava para recuperar eram dez ou doze horas de sono. Mas mesmo agora, não era capaz de fazer fisicamente aquilo que mentalmente já tinha decidido levar a cabo. A única coisa que pude fazer foi ligar para todos os hospitais da área. Tentei um, depois o outro, depois um terceiro. Por fim, encontrei-a: a Jeanette tinha sido levada para o hospital de Encino. Iria lá vê-la.

Saí de casa, esperando ainda que ninguém me visse, preocupado todavia com o que os vizinhos pensariam. Corri ao hospital. Quem era eu, um parente? Não, não era. Mas era o único amigo que a Jeanette tinha. Vivia com ela. Seria eu que tomaria conta dela quando ela recebesse alta. Que se passava com ela? Bem, era um caso vulgar de tentativa de suicídio por excesso de pílulas. “Era cerveja e Doriden”, informei a enfermeira. Ela apontou a informação. A Jeanette ficaria no hospital uns dias para observação. Ficaria uma enfermeira com ela o tempo todo que ela estivesse lá, para ela não fazer outra tentativa, até mesmo no hospital.

— A Jeanette já se drogou assim muitas vezes — disse-lhe.

Ela não se suicidaria. Podia ir para casa comigo. A enfermeira não ligou nenhuma à minha informação. A Jeanette está sob cuidado médico. Só receberia alta quando o médico achasse prudente. Entretanto, eu podia voltar mais tarde para a ver quando ela acordasse, porque agora ela estava num sono profundo. Eu sabia por experiência que “mais tarde” seria dali a dez ou doze horas, pois sempre que a Jeanette se drogava tanto, levava todas aquelas horas até acordar; e depois levava mais um ou dois dias antes de ficar totalmente lúcida. Chorava então muito e prometia-se, e a mim também, que nunca mais faria semelhante coisa; ou então até ficava zangada com as minhas “acusações”. Não e não, ela nunca tinha “ficado drogada até perder o tino”. Tinha só tomado uns quantos comprimidos de Doriden com uma cerveja — eu era um mentiroso por estar a chamá-la “drogada até perder o tino”. Que diria a Jeanette desta vez quando descobrisse o que tinha acontecido e que eu nada fizera para o prevenir? Respeitar-me-ia depois de eu a atrair? Merecia eu o seu respeito, agora que a havia abandonado naquela vergonhosa situação?

Andei de carro durante horas pelo Vale de San Fernando. Dei por mim, não sei exatamente porquê e para quê, no campus do Los Angeles Valley College. Andei de um lado para o outro do recinto, como se um paliativo para a dor e agonia que sentia existisse algures naqueles agora escuros e vazios edifícios. O meu grande problema, contudo, e o mais difícil de enfrentar era: que pensaria a Jeanette de mim quando descobrisse o que eu lhe tinha feito? Teria eu sequer a coragem de a enfrentar, voltar ao hospital e admitir, diante dela, que a tinha traído?

Quando finalmente tive ocasião de falar com a Jeanette na manhã seguinte, ela quase não se lembrava de nada

do que havia acontecido. E quando eu lhe disse o que tinha feito, ela ficou, de início, muito irritada que o Al e a Louise a tivessem visto praticamente nua no carro, mas perdoava-me. O mais importante de tudo, agora que ela estava “sozinha no mundo”, era que eu não a abandonasse. Sim, ela percebia que também me tinha feito sofrer bastante. Nunca mais tomaria aqueles comprimidos com cerveja; e eu, se ela um dia faltasse à sua promessa, devia impedi-la. Até me entregaria o resto dos comprimidos que tinha. Até podia escrever à mãe, Frau Christ, e dizer-lhe que nunca mais mandasse pílulas à Jeanette. Esta experiência, confessava ela, tinha-lhe servido de lição.

Desta vez, parecia que a Jeanette ia cumprir o que prometera. Durante meses ela não tomou um comprimido. Até parou de comprar cerveja, pois a verdade é que admitia nem gostar de qualquer tipo de bebida alcoólica e só tomava comprimidos quando se queria drogar. E a Jeanette começou a sair e a fazer novos amigos. Eu comecei a trabalhar mais umas horas, pois agora estávamos a viver do que eu ganhava no posto de gasolina e dos dividendos da Jeanette. Quanto às ações na bolsa, nem lhes podíamos tocar, pois elas continuavam a diminuir de valor quase todos os dias.

A capacidade que a Jeanette tinha de fazer amigos sempre me impressionara. Até no supermercado ela fazia amigos. Que acanhamento eu sentia quando íamos fazer compras e a Jeanette perguntava ao talhante — com os olhos de toda a gente que ali estava, imaginava eu, a olhar para nós:

— Como se cozinha este figado? Ah, sim? Pois eu pensava que sabia fazê-lo, mas aqui o Frank não gosta da maneira que eu preparo. Ele é português, sabe?

A Jeanette falava assim a estranhos como se fosse a coisa mais natural do mundo, pois para ela, dirigir-se fosse a quem fosse, fosse onde fosse, para perguntar fosse o que fosse era tão natural como respirar. E quantas vezes me fez sentir incomodado, eu que sempre fora tão envergonhado, tão medroso de parecer idiota em público, tão estupidamente acanhado — ou tão orgulhoso? Como eu desejava poder ser tão natural como a Jeanette, tão inocente como a Jeanette! Como lhe invejava a incrível habilidade de começar conversa com toda a gente, sobre as coisas mais triviais. Algumas destas pessoas até acabaram amigos ou pelo menos conhecidos nossos.

E em vista disto não fiquei surpreendido quando a Jeanette um dia me disse que tinha feito um amigo maravilhoso. A sério? Quem era? Era o Jimmy, o sapateiro que tinha uma oficina no Ventura Boulevard. Nunca tinha visto a lojinha de sapateiro perto daquela sapataria de luxo? O Jimmy — o nome dele era James Maffuccio — estava na casa dos setenta. Tinha vindo para a América havia muitos, muitos anos do sul da Itália. Tinha tido uma vida trágica, indicou a Jeanette. E nunca se tinha casado. Todos os seus amigos já tinham morrido, ou então ele tinha perdido o contacto com eles. O Jimmy era uma pessoa muito solitária. Tinha partilhado a sua história com a Jeanette que, por sua vez, lhe tinha contado a dela: falara do divórcio, da Phong e do bebé e do Alex, e de mim. Eu já há muito que conhecia a facilidade com que a Jeanette contava a sua vida a toda a gente. Tinha-a avisado muitas vezes que o não fizesse, sobretudo com estranhos que às vezes nem merecem a nossa confiança. Mas não o fizera a Jeanette comigo a primeira vez que falámos?

— Não faz mal nenhum, Frank. É por isso que tu não fazes amigos — dizia-me ela tantas vezes.

Foi assim que o Jimmy se tornou um bom amigo da Jeanette. Nas semanas seguintes, a Jeanette quase não falava doutra coisa que não fosse o Jimmy. O Jimmy tinha-lhe oferecido ajuda quando ela lhe falou das suas perdas na bolsa, pois o Jimmy tinha algum dinheiro no banco; e não tinha a quem deixar o seu dinheiro e já lhe tinha dito que, se ela continuasse a ser sua amiga, lhe deixaria o dinheiro. E daí em diante, quando chegava a casa e a Jeanette não estava, eu sabia que ela estava na oficina com o Jimmy ou no apartamento do Jimmy a cozinhar para ele, a conversar com ele, a fazer-lhe companhia.

O meu penúltimo semestre no Valley College estava a correr bem. Havia consultado o Mr. Bernstein quanto à seleção dos últimos cursos que me faltavam para me transferir para um *college* de quatro anos ou para uma universidade. Aliás, já tinha muitos mais créditos do que necessitava; pois, para além de ter frequentado as sessões de verão, eu também me tinha inscrito em cursos noturnos. Mas, como me havia concentrado em muitas disciplinas que não contavam para a transferência, agora faltavam-me umas quantas que eram necessárias, entre elas Química. Como odiava a ideia de estudar Química! Se bem que tivesse desfrutado do estudo das ciências, sobretudo das ciências sociais, sendo Antropologia a minha predileta, eu já havia decidido dedicar-me ao estudo das humanidades. Depois de o Mr. Bernstein me ter desencorajado do Inglês e de o PhD da UCLA me ter feito o mesmo relativamente à Filosofia devido à perda desta, segundo ele, do seu foco humanístico, eu tinha concluído que a minha terceira área de interesse eram línguas e literaturas.

Um dia falei com o Mr. Zentz, o meu antigo professor de Espanhol, acerca da transferência. O Mr. Zentz sabia

bastante a meu respeito, pois ele tinha um grande carinho por Portugal, tendo passado muitos verões de férias no Alentejo. Até conhecia escritores portugueses de quem eu nunca ouvira falar, como Fernando Pessoa. Perguntou-me um dia:

– Já pensaste em especializar-te em Português?

Não, claro que não. Além disso, eu achava que era uma indignidade escolher algo tão fácil como a nossa própria língua. Não fora isso mesmo o que eu tinha dito à Fräulein Heinrich?

– Mas eu estou a referir-me a um curso de pós-graduação, um doutoramento, em Português?

Não, nunca tinha pensado nisso. E quanto tempo é que levava para fazer um doutoramento? Pois poderia levar cinco ou seis anos para além do bacherelato. Ou, se eu realmente quisesse trabalhar muito rapidamente, talvez se pudesse fazer em quatro ou cinco anos depois do B.A. Eu devia pensar no caso. Entretanto, o Mr. Zentz recomendava que eu comesse a planear a transferência para a UCLA, a única universidade na área que oferecia um doutoramento em Português. A sério? Não fazia ideia. Nunca me tinha ocorrido que o português fosse uma língua estudada em qualquer universidade na América, muito menos numa universidade aqui tão perto. “Porque não ligas ao Doutor Alberto Machado da Rosa?” E quem era ele? O Mr. Zentz até achava que ele era dos Açores; tinha-o ouvido apresentar uma comunicação uma vez. Ele era um dos professores de Português da UCLA. Um açoriano, um professor de Português na UCLA? Ligava-lhe já.

Liguei para o Doutor Machado da Rosa.

– Dos Açores, dizes, onde nos Açores? — o Doutor Machado perguntou-me quando eu lhe disse que era um

rapaz dos Açores, que tinha ordenhado vacas no Vale de San Joaquin, que estava a frequentar o Los Angeles Valley College, em Van Nuys, e que me tinham aconselhado a ligar-lhe acerca da possibilidade de estudar Português na UCLA.

— Sou da Terceira, Doutor Machado. Sou da Agualva.

Estava a brincar! Ele também era da Terceira. Quando é que eu podia ir à casa dele? Podia ir à casa dele aquela noite? Tinha carro? Queria que ele viesse ao Vale de San Fernando buscar-me? Tinha que lhe prometer que não deixaria de ir à sua casa. Deu-me o seu endereço. Da Agualva, então era da Agualva? E como é que tinha vindo parar aqui? Onde é que tinha frequentado a *high school* no Vale?

— Eu nunca frequentei a *high school*, Doutor Machado.

— Tu nunca frequentaste a *high school* e estás na faculdade?

Sim, era verdade — e uma vez mais me senti tão orgulhoso, porque acabara por acreditar que fazer o que eu estava a fazer era o equivalente a ganhar a grande corrida de cavalos, o Derby, sem nem sequer ter alguma vez montado num cavalo.

Conheci o Doutor Machado e a sua esposa, D. Aldegice. Conheci o Jorge, o mais novo dos seus filhos, que me pareceu um dos jovens mais inteligentes que já conhecera. Também conheci a Patrícia, a filha do casal Rosa. D. Aldegice tinha preparado um grande jantar à portuguesa, bacalhau à Gomes de Sá. O Doutor Machado, que falava o português mais belo que eu jamais tinha ouvido, bombardeava-me com perguntas. Tive que repetir muitas das coisas que já lhe havia dito ao telefone. Recordámos a ilha Terceira. E quem eram os meus? Eram conhecidos como os Melrinhos por o meu avô ter sido muito pequenino e escurinho. Conhecia-o? Vendera lenha em Angra, como também o fizera o meu

pai e os meus irmãos. Não, não conhecera nem o meu avô nem o meu pai. E a família dele, Doutor Machado? Bem, o seu avô fora um célebre cantador ao desafio. Já tinha ouvido falar dele, o Pêssego? Sim, já tinha, ao meu avô materno que falava de um famoso cantador chamado Pêssego. Com que então, o Pêssego era avô do Doutor Machado! Alegrámo-nos e celebrámo a nossa comum origem. Há quanto tempo lecionava ele na UCLA? Já havia uns anos. Antes de vir para cá, tinha lecionado na Universidade do Wisconsin, onde tinha feito o doutoramento. Antes disso, fora aluno em Coimbra. Caramba, então havia gente portuguesa na América, até gente dos Açores, que fazia coisas que não fosse ordenhar vacas!

O que é que o Doutor Machado aconselhava que eu fizesse? Bem, eu *havia* de me transferir para a UCLA. *Inscrever-me-ia* em aulas de Espanhol e Português. *Tiraria* uma especialização em Espanhol e Português. E depois *faria* um doutoramento ou PhD em Línguas e Literaturas Hispânicas. Eu sorria. “Mas, Doutor Machado, como é que eu posso fazer tudo isso? E o que é que, se o fizer, depois vou fazer com um PhD em Línguas e Literaturas Hispânicas?”

– O que é que vais fazer? Vais ser professor universitário, ora essa! Que outra coisa quererias tu fazer?

Pela primeira vez a ideia de ser professor universitário foi-me *metida* na cabeça. E o Doutor Machado achava que eu, dados os meus antecedentes, tinha a necessária preparação ou habilitações para tal? Claro que sim. Não estava eu na faculdade? Não havia já feito a parte mais difícil?

Quando saí da casa do Doutor Machado estava como que em levitação. Aqui estava outra pessoa – um português, um açoriano ainda por cima – que acreditava em mim, tal como a Margaret, a Jeanette, a Doutora Soper, a

Mrs. Shields e o Mr. Beaumont. Acho que o meu encontro com o Doutor Machado até tornou as minhas aulas de Química mais toleráveis. Originalmente, era para ser um curso de química para alunos das humanidades e era desse ângulo que eu o esperava. Quando comprei o manual, coisa que sempre fazia, para ficar mais preparado, comecei a sentir calafrios. Desfrutava das ciências até certo ponto — mas este ponto não ia além das pequenas coisas que eu achava serem os belos conceitos das ciências: a teoria da evolução, a teoria da origem do universo, Mendel e as suas ervilhas, os continentes flutuantes. Para lá disto sentia-me mergulhado numa galáxia de equações impossíveis, nos buracos negros da abstração matemática de que ninguém me ensinara a gostar. Acontece que o professor que ia lecionar a disciplina adoeceu e foi substituído por um senhor que trabalhara para uma companhia de petróleo. E para este cavalheiro, ao que parece, a única coisa que existia no universo era o mole, o mole, o mole... o mole. E tudo o mais que consegui extrair das minhas aulas de Química — por exemplo, o facto espectacular de, quimicamente, o carvão e o diamante serem a mesma coisa, tive de o descobrir por conta própria. Apanhei com um “C” naquela maldita disciplina, a coisa mais vergonhosa da minha carreira de estudante!

Mas tive notas excelentes em tudo o mais, incluindo Antropologia Física e Filosofia 2. No meu último semestre no Valley College (primavera de 1970), fui aceite na UCLA, recebi um Prémio do Departamento de Filosofia, e fiz uma das cadeiras de que mais desfrutei no Valley College: Biologia 2, uma aula que coincidiu com as celebrações do primeiro Dia da Terra, para o qual eu escrevera um ensaio. O professor de Biologia 2 pediu-me autorização para ficar com uma cópia do ensaio e leu-o à turma inteira! Isso e o

facto de eu me formar do Valley College *magna cum laude*, constituíam a minha coroa de glória para aquele semestre e para os três anos de trabalho árduo. Que pensariam a Margaret e o Mr. Miller agora? E se eu fosse ver o Mr. Miller? Por onde andaria a Margaret? Decidi que não iria visitar o Mr. Miller. Afinal, eu só cumprira parte da promessa que lhe fizera. Não, não fora um dos melhores alunos que já havia frequentado o Valley College. Apesar disso, considerando donde havia começado, achava que tinha direito a sentir algum orgulho. E sabia que, com o encorajamento do Doutor Machado, seria ainda melhor aluno na UCLA. E um dia — agora não me restavam quaisquer dúvidas — receberia um doutoramento, tornar-me-ia professor universitário e passaria a minha vida profissional a lecionar a minha língua e a minha cultura.

Umhas semanas antes de começar as aulas na UCLA, cheguei a casa do posto de gasolina um bocadinho mais tarde do que o costume. Não vendo a Jeanette em casa, pensei que ela tivesse ido ao supermercado e logo regressaria. Mas, como as 10:30 se converteram em 11:00, e as 11:00 em meia-noite, comecei a ficar preocupado. Iria ao parque de estacionamento do Supermercado Hughes, no Van Nuys Boulevard. Com certeza que a Jeanette estaria lá a falar com alguém que acabava de conhecer na loja. Ou estaria junto dos contentores do lixo à procura de restos de alface para os porquinhos-da-índia. Mas em nenhum dos sítios onde imaginei que ela pudesse estar, encontrei a Jeanette. Regressaria a casa. Talvez ela já lá estivesse. Sim, a Jeanette já estava em casa, mas não estava sozinha. Tinha trazido o Jimmy consigo.

Eu já tinha conhecido o Jimmy, um velhote de falas mansas, simpático, cujo inglês mesclado de italiano era

difícil de entender. Jimmy tinha partilhado comigo muitas das suas experiências, experiências essas com as quais eu já estava familiarizado, pois a Jeanette, havia já meses, andava obcecada com o Jimmy, a cozinhar para o Jimmy, a passar tempo com o Jimmy. Este tinha-me lido a sua aparentemente infundável lista de doenças. Alguns dias nem podia trabalhar na oficina. Era por isso que contratara o Señor Jesús Muñoz, um vizinho sapateiro como o Jimmy, que o ajudava no serviço. Mas a Jeanette nunca trouxera o Jimmy para casa. Quando olhei para ela com um ar de interrogação, a Jeanette anunciou, no seu charmoso sotaque, os seus olhos verdes-azuis-cinzentos brilhando com uma alegria infantil, como se acabasse de ver o Pai Natal:

– Frank, eu já não sou Jeanette Gage. Agora sou Jeanette Maffuccio. Acabo de regressar de Las Vegas. O Jimmy e eu casámo-nos! Ele vai viver connosco de hoje em diante.

Por chocante para mim que fosse o anúncio, não era inteiramente novidade. Uma ou outra vez, a Jeanette tinha insinuado a possibilidade de vir a casar com o Jimmy. Ele tinha-lhe dito várias vezes que, como não tinha nem parentes próximos nem amigos, queria deixar os 40 000 dólares que tinha no banco e a oficina de sapateiro à Jeanette. A única maneira de o fazer legalmente e sem criar dificuldades à Jeanette depois da morte, era casarem-se. Assim o Jimmy também teria alguém que fosse legal e moralmente responsável por ele, alguém que pudesse cuidar dele, pois ele sabia que não lhe restava muito tempo de vida. Não estava ela a fazer isso pelo dinheiro? Não, não estava. E a quem é que o Jimmy, como ele próprio indicara, ia deixar o seu dinheiro? Mas, para além do dinheiro, ela gostava mesmo do Jimmy. Ele era uma das poucas pessoas que tinha sido carinhoso com ela, que lhe tinha oferecido algo sem esperar nada dela.

— Tens a certeza, Jeanette, que o Jimmy não espera nada senão estar legalmente casado contigo para que te possa deixar o dinheiro e a oficina?

Sim, ela estava absolutamente segura disso. Depois passavam-se semanas sem que a Jeanette voltasse a falar em casar com o Jimmy, embora a sua amizade se tivesse tornado cada vez mais importante para ela. Até passava tempo na oficina a ajudar o Jimmy a colocar e a polir tacões, a preencher faturas, a trabalhar de caixeiro.

Nunca tínhamos discutido se o Jimmy viria viver conosco; se eu sairia de casa, se a Jeanette casasse com o Jimmy; o que o Jimmy diria acerca de tudo isso e que exigências faria; se o Jimmy iria, como marido legítimo da Jeanette, dormir com ela; se eu continuaria a ser o amante da Jeanette enquanto o Jimmy, seu marido, dormia no quarto adjacente. Claro que nunca pensara em como o Jimmy e eu — se chegasse o dia em que vivêssemos na mesma casa como marido e amante da mesma mulher — deveríamos tratar-nos mutuamente. Agora era tempo de discutir e decidir tudo isto que, convenientemente, havíamos varrido para debaixo do capacho.

— Jimmy e eu temos estado a falar muito de ti, Frank. Ele gosta muito de ti, sabes? — ouvi a voz da Jeanette dizer.

O Jimmy, entretanto, sentara-se no sofá, esgotado da viagem de ida e volta a Las Vegas. Tinham guiado para o aeroporto, onde a Jeanette deixara o carro. Tinham ido de avião a Las Vegas, tinham-se casado e regressado a casa — tudo durante o tempo que eu tinha saído para ir à faculdade e trabalhar o meu turno de sete horas na estação de serviço. A Jeanette prosseguiu — pois eu não atinava com o que dizer, confundido com tudo o que se passava ali diante de mim:

— O Jimmy sabe acerca de nós. Eu contei-lhe tudo. Ele até prometeu emprestar-te dinheiro para tu comprares aquele carro de que me falaste.

O carro era um T-Bird em segunda mão que um cliente do posto de gasolina andava há tempos para me vender. O carro que comprara ao meu irmão quando comecei a frequentar a escola já tinha mais de cem mil milhas e um dia destes nem pegaria mais. Mas o T-Bird custava mil e duzentos dólares. Eu só tinha cerca de um terço daquele montante, agora que ia precisar de mais dinheiro para pagar as propinas na universidade e comprar os meus livros. Jimmy, como se tivesse ensaiado tudo isto com a Jeanette, ia confirmando as coisas que ela lhe atribuía. E saiu da casca; tornou-se falação. Sim, ele dormiria no quarto da frente. Respeitava-me muito por eu andar na escola. Eu podia, se quisesse, levá-lo à oficina de manhã quando a Jeanette não pudesse. Até podia ir ter com eles à oficina — já tinha visto consertar sapatos? Seríamos os três como uma família. Jimmy queria mesmo ajudar a Jeanette. Sim, essa era a sua grande preocupação agora, desde que ela lhe contara a história do Alex, da Phong e do bebé. Jimmy até tinha dificuldade em falar do caso da Phong. Como é que o Alex podia fazer uma coisa daquelas! E o Jimmy continuou a falar da Jeanette e de mim como se nós fôssemos os seus filhos recém-adotados. O casamento tinha sido, na verdade, uma coisa de conveniência. Doutro modo, como poderia deixar-lhe o seu dinheiro? E que eu não tivesse quaisquer escrúpulos acerca do dinheiro: ele estava perfeitamente lúcido; ela não o tinha obrigado a nada. Não, ele tinha feito aquilo porque queria. Agora que sabia que a sua vida estava a aproximar-se do fim, pelo menos saberia que alguém a quem ele queria podia desfrutar do que ele trabalhara tanto para adquirir e não podia levar consigo.

O Jimmy convenceu-me que estava a ser sincero. E a Jeanette convenceu-me de que, embora tudo pudesse ter sido ensaiado, era, contudo, genuíno. Ainda sem acreditar bem no que nos estava a acontecer, concordei com tudo, exceto o empréstimo. Não, não consentiria que o Jimmy, a quem eu quase nem conhecia, me emprestasse aquela quantia. C'os diabos, eu tinha a minha dignidade! Era bastante eu ser o amante da mulher com quem ele acabava de casar. Mas, afinal, porque sentir-me tão mal? Pois já não tinha a minha relação com a Jeanette mais de três anos de existência? Não havíamos sofrido muito juntos? Não sabia o Jimmy que nós vivíamos juntos e apesar de tudo consentira em casar com a Jeanette? Aliás, não fora ele a propor que se casassem? Devia eu, pois, ter sentimentos de culpa? Mesmo assim, pensei que à medida que o tempo fosse passando eu teria mais e mais dificuldade em olhar de frente para a cara do Jimmy. Ele, apesar de envelhecido e muito doente, era um homem. E um homem, até mesmo quando está à beira-morte, não deixa por isso mesmo de ser um homem. Estava eu a ser um homem? Que homem permitiria que tudo isto lhe acontecesse — e não zarpasse imediatamente desta casa para fora?

O Jimmy e eu tornámo-nos muito bons amigos. Como ele tinha sugerido, eu de vez em quando levava-o à oficina pela manhã. Às vezes, os três trabalhávamos lá, particularmente quando o Jimmy tinha muito serviço para fazer e a sua saúde não lhe permitia cumprir com as suas responsabilidades. Muitas vezes, preparei eu o pequeno-almoço ao Jimmy antes de o levar à oficina e de lá seguia para a faculdade. A Jeanette, se bem que muito de vez em quando regressasse à cerveja e ao Doriden, nunca mais se drogou como dantes. E agora havia outra pessoa a persuadi-la a não

arruinar o corpo e a mente. A minha amizade com o Jimmy atingiu outro nível ainda quando ele insistiu em emprestar-me o dinheiro para comprar o carro, empréstimo que lhe devolvi logo que pude. Também insistia que, se eu precisasse de ajuda financeira com as propinas ou os livros, que não hesitasse em lhe dizer. Nunca foi necessário. O ano e meio que o Jimmy viveu connosco foi o mais tranquilo que eu e a Jeanette experimentámos. É verdade que a nossa relação íntima sofreu muito. Não só nos faltava a privacidade devido à presença do Jimmy, mas também a nossa responsabilidade para com ele e o nosso carinho por ele pesavam mais do que o interesse sexual. Sinceramente, talvez devido a todos os dramas que tinham ocorrido desde que nos conhecíamos, o meu amor por ela já não se baseava tanto na atração sexual. É verdade que sentia muito amor físico por ela, mas também havia momentos em que achava que a minha mocidade me havia sido expropriada. Eu nunca sequer havia tido um *date* com uma jovem da minha idade! E já estava na América há quase sete anos! Ia fazer vinte e oito anos em abril! Um dia perguntei à Jeanette se ela se importava que eu sáisse com raparigas.

— Claro que não, Frank. És jovem. Agora é que é tempo!

Assim, com o consentimento e encorajamento da Jeanette, tentei a minha sorte com o namoro à americana. Já há tempos que vinha fazendo serviços de tradução, em regime de *part-time*, para uma firma de Los Angeles chamada International Translation Bureau. O meu trabalho incluía interpretar em deposições em escritórios de advogados, traduzir certidões de nascimento e outros documentos legais para futuros imigrantes de língua portuguesa ou espanhola. Uma vez ou outra servia de intérprete em processos no tribunal, por exemplo, uma vez num processo de um pescador

empregado num navio atuneiro, cujo ombro havia sido esmagado pela queda de uma peça de um guindaste a bordo, na costa da América do Sul, e ele agora estava a processar o proprietário do atuneiro. (Não me saía da mente o meu acidente com a vaca e os conselhos do Mr. Morrison que eu não processasse o patrão, e perguntava-me se a vítima neste caso teria mais sorte do que o Mr. Morrison vaticinara para mim! Não teve. Perdeu o processo!)

Um dia recebi um telefonema de uma rapariga havaiana de ascendência portuguesa (o seu bisavô era da Madeira) que tinha ligado para o Bureau pedindo um explicador de Português. O seu nome era Lili, e só há uns meses é que estava cá no Continente. Estava eu interessado em ensinar-lhe um bocadinho de Português? Pagar-me-ia, claro. Disse-lhe que estava interessado, mas que para já tinha muito trabalho na faculdade. Falámos dos seus antecedentes, da influência portuguesa no Havai, que é sobretudo madeirense e açoriana — e ambos começámos a ligar-nos regularmente. Dentro em breve esquecemo-nos das possíveis explicações de Português e passávamos horas ao telefone a falar de nós, dos nossos interesses, das nossas compatibilidades, da Madeira e dos Açores. Mas onde a imaginação dela voava para a terra de um dos seus antepassados, a minha batia asas em direção às ilhas do Pacífico. Decidimos encontrar-nos e passar uma tarde juntos. Em antecipação do nosso encontro, reli o *Typee*, de Melville e não levou muito para me convencer de que a Lili deveria ser a reincarnação da Fayaway, a adorável heroína polinésia que serve de enfermeira ao herói melvilleano e lhe arrebatou o coração. Quando chegou o dia do nosso encontro, dirigi-me para Glendale, localizei o seu apartamento e corri escadas acima como se escalasse uma montanha da qual

se avistasse um vale onde vivia uma beldade, da cor do chocolate, acabada de sair das páginas do *Typee*. Lili acabou por ser uma pessoa tão meiga e agradável como havia sido todas as vezes que faláramos ao telefone. Mas esmagou-me os sentidos com as suas duzentas e cinquenta libras! Que faria eu, pois não queria de modo algum magoá-la? Passámos a tarde juntos, fomos às compras, jantámos e depois, como o herói de Melville que decide renunciar ao seu amor e regressar ao lar, embora com um coração mais leve do que o dele, e talvez tão pesado — eu decidi bater em retirada para Sherman Oaks.

Partilhei a história com a Jeanette, que me deu conselhos sobre como engatar mulheres.

— C'os diabos, Frank! Tu és um homem bem-parecido. O que precisas é de descontraír, ser natural e não tentares tanto dominar o outro, quando te dão brecha. Não me importo que conheças uma boa rapariga e sejas amigo dela. Há de conhecer uma que queira ser muito tua amiga, verás. Talvez alguém que já conheças na faculdade.

Eu já conhecia a Linda, uma colega que também se ia transferir para a UCLA. A Linda estava a namorar com um charmoso estudante casado oriundo de Israel cujo nome — Ave — parecia reter para ela o fascínio de um pássaro médio-oriental até então desconhecido para um aplicado ornitólogo. Mas, como me tinha dito várias vezes, estava sempre disposta a dar uma chance a outro homem. Daí que, um dia, cobrei a coragem de lhe pedir um encontro. Ela aceitou. Seria o meu primeiro *date* ao estilo americano — jantar, filme, o da praxe! E ia preparar-me bem. Comprei umas calças pretas de qualidade e um casaco *sport* às riscas — que, segundo a Jeanette, me ficava que era uma beleza, se bem que eu pensasse que era pelo menos dois números acima

do meu. Fui buscar a Linda à sua casa, que ficava a uns quantos quarteirões do meu velho apartamento, ali mesmo pertinho do Laurel Canyon Boulevard, em Studio City. Já havia decidido que a levaria a um dos melhores restaurantes que eu conhecia em Los Angeles, o Fish Shanty. Depois, poderíamos ir ver um filme no célebre Grauman's Chinese Theater, no Hollywood Boulevard.

A caminho do restaurante, e depois no restaurante, tentei vários temas de conversa: falámos da faculdade, das nossas famílias, as perspetivas de emprego. Mas, independentemente do tema que eu propusesse, a Linda batia as asas para o poleiro do Ave. Enquanto esperávamos que o empregado de mesa nos trouxesse o menu, contou-me como conhecia o Ave: na biblioteca, acidentalmente, aliás. Ele tinha-lhe sorrido. E ela sentira-se tão atraída para ele como um pedaço de metal para um íman. Era engraçado como algumas pessoas nos puxavam para si e como nós, quando isso acontecia, não tínhamos a força de lhes resistir. Pedimos os nossos pratos. Mas depois de o empregado se afastar, a Linda tornou-se tão imersa na lembrança do Ave, tão indiscreta, aliás, que trouxe à tona os atributos físicos do Ave (exceto a sua gordura!): os seus fortes músculos, os seus olhos azuis, a sua voz tão suave e calmante como um banho morno. Depois de o empregado nos trazer a salada, a Linda, pondo de lado a subtileza e a amabilidade, começou a aludir – tinha eu ouvido bem? – às “generosas dimensões” do Ave. Eu soube, imediatamente, que eram horas de salvar o que ainda restava da minha dignidade. Desculpei-me para ir à casa de banho e decidi que, dadas as circunstâncias em que estava integrado, só tinha um recurso: *just slip out the back, Jack!* – da célebre canção de Simon & Garfunkel (“Fifty Ways to Leave Your Lover”). Em troca da insensibilidade

americana da Linda (que era de ascendência grega), achei justo dar-lhe um pouco da minha incivilidade açoriana! Não sei se a Linda jantou no Fishy Shanty, se o empregado chamou a polícia por eu ter abalado sem pagar, como é que a Linda chegou a casa, ou se ela pensou que eu tinha adoecido na “casa de banho”. Mais tarde, quando a vi na aula, ela procedeu como se nada tivesse acontecido entre nós — e eu tentei fazer o mesmo.

A minha terceira tentativa de um *date* à americana foi com uma rapariga, Sarah Alpern, que se sentava em frente de mim numa das minhas aulas e cuja curiosa mãozinha, lá na ponta do seu bracinho, ela esticava para a colocar em cima de um dos meus joelhos — e ficava suavemente, em movimentos circulares, a massajar-me a rótula. Não se virava para me olhar de frente, mas eu bem via que, à medida que entusiasticamente me fazia uma massagem ao joelho, as suas adoráveis orelhinhas ficavam de um intenso cor-de-rosa. Os seus pais deveriam ser gente de posses, pois ela vivia lá em cima nas colinas de Encino. Acabámos por marcar um *date*. Fui buscá-la. Nenhum de nós tinha abordado a questão se a nossa saída seria ou não do agrado dos pais. Dei como facto adquirido que ela se tinha encarregado daquele pormenor. Mas fora um pormenor que a Sarah se esqueceu de tomar em conta. Para imediata surpresa minha, o meu nervoso bater à sua porta não atraiu, como eu esperava, a insólita massagista, mas sim a mãe, uma senhora com um olhar severo que me revistou de cima a baixo, virou a cabeça como se fosse chamar alguém lá dentro em casa, mas depois resolveu não o fazer. Quando o seu olhar severo se converteu numa careta e depois num esgar, eu tive a sensação que ia ser esmagado por um grande calhau. E fui:

— A minha filha — disse-me — não sai com mexicanos. Não é nada pessoal contra ti. É que o meu marido e eu lemos os jornais e estamos com muito medo pela Sarah.

Como eu ficara com a boca seca, nem pude dar-lhe a resposta que, uns segundos depois, após as minhas pernas de algum modo me permitirem descer os balcões de pedra da mansãozinha da Sarah, eu teria sido capaz de lhe gritar, a ela que ficara um instante à porta antes de rapidamente a fechar de pancada. Porque não defendera os mexicanos? Porque não a chamara logo de racista, preconceituosa? Porque não lhe dissera que ela deveria ter discutido aqueles assuntos com a filha — que sabia perfeitamente bem que eu era dos Açores? Ou não lhe dissera a Sarah que eu era português? E se lhe houvesse dito, o ser eu português em vez de mexicano teria feito alguma diferença? Teria ela acreditado que eu era português?

Provavelmente não, pois até os mexicanos muitas vezes me tomavam por um deles, como aquela cliente no posto de gasolina recentemente tinha feito. Sendo tão fluente em espanhol como era em português ou inglês, eu tinha-lhe respondido em espanhol quando ela se dirigiu a mim na sua língua materna. Mas depois, por pura curiosidade, perguntei-lhe:

— Porque falou comigo em espanhol? Eu não sou mexicano, sabe. Sou português, dos Açores. Já ouviu falar dos Açores?

Ela deu-me um olhar de fria reprovação e disparou:

— A quem é que julgas que estás a enganar, meu? A quem julgas que estás a enganar?

Quanto à Sarah, ela mudou de assento na aula. E quando os nossos olhos se encontravam, ela desviava o olhar imediatamente e as suas adoráveis orelhinhas adquiriam um tom escarlate.

A Jeanette rompia às gargalhadas quando eu partilhava com ela as minhas sortidas amorosas:

– Não tens outro remédio senão eu, Frank! Não tens outro remédio senão eu, e eu não tenho outro senão tu! Espero que tenhas aprendido uma lição com os teus *dates*.

A Jeanette tinha razão: tinha aprendido uma lição. Embora nunca tivesse tido a oportunidade de descobrir até agora, finalmente aprendera que, pelo menos num caso, as barreiras de classe e étnicas americanas (a Sarah vivia num palacete nas montanhas de Encino e era judia) podiam ser tão intransponíveis como as barreiras açorianas baseadas nos alqueires de terra e na prosápia.

Pouco antes de começar as aulas na UCLA, fui ver o meu orientador, o Professor Eduardo Mayone Dias. Ele seria não só um dos melhores amigos que tive, mas também um mentor. Eventualmente, eu faria mais cadeiras com o Dr. Dias do que com qualquer outro professor. Era um homem de uma exemplar amabilidade, muito atencioso. Contei-lhe a minha história. Ele escutava-me. Falávamos em inglês, pois eu sentia-me muito acanhado com o português. Com o Doutor Machado da Rosa eu não sentira hesitações em falar português. Mas o Professor Dias era de Lisboa. E na Agualva, lembrava-me bem, referíamos-nos a pessoas instruídas como “pessoas que falavam como um lisboeta”. Escondia-me, portanto, detrás do meu inglês, onde me sentia muito à vontade. Quando virasse para o português, acreditava que pareceria logo diminuído; revelaria imediatamente o pequenino e insignificante ser que linguística e culturalmente era.

O Professor Dias recomendou-me as disciplinas em que deveria inscrever-me. Para já, a minha área oficial de

especialização ou *major* era Espanhol, não Português. Só mais tarde é que declararia o Português como segunda área de especialização — no meu duplo *major*. Antes de ir embora, falei ao Professor Dias em português. Só então é que ele também virou para o português. Quando já saía pela porta fora, o Professor Dias disse-me algo que mais tarde repetiria muitas vezes — e que eu, pelos anos fora, fazendo-me eco das suas palavras, repetiria aos meus alunos:

— Francisco, nunca abandone o Português.

Suponho que ele se tinha apercebido logo que eu não me sentia muito à vontade na minha língua materna. Com base no que eu partilhei com ele, também com certeza suspeitava que eu tinha um grande osso para roer com os portugueses e com os leiteiros portugueses. Eu soube logo, porém, que com o Doutor Machado e o Professor Dias eu estaria em boas mãos. Havia conhecido dois grandes amigos, dois maravilhosos seres humanos que academicamente guiariam os meus passos.

Durante os meus quatro trimestres (a UCLA funcionava no sistema de trimestre, não semestre) mais a sessão de verão de 1971, completei dezoito cadeiras, tendo recebido notas excelentes em todas elas, exceto duas. Tinha recebido o primeiro dos dois “B’s” que receberia na UCLA, numa cadeira de Introdução Geral à Literatura Espanhola, o que normalmente chamávamos um “Mickey Mouse course”. O docente, um professor visitante da Inglaterra, e eu chocámos, uma vez mais por causas das minhas reações subjetivas à literatura. O meu interesse na Literatura baseava-se no seu conteúdo, na sua capacidade de refletir a experiência humana, ideias, ideais que eu poderia relacionar com o que conhecia e era capaz de imaginar relativamente à vida humana. Fora isso o que o Mr. Beaumont, e até certo ponto

a Mrs. Shields, me haviam ensinado. Era isso que, com base na pessoa que eu era e na personalidade que tenho, me interessava. Para o meu ilustre mestre britânico, o que importava acima de tudo, ao que parecia, eram os hemistíquios e cesuras; as diferenças entre a *jarcha* e o *zéjel*; a maneira correta de dizer e escrever *ubi sunt* e *carpe diem*. E onde estava a “vida”? — era o que eu queria que ele me dissesse. Poderia eu definir a “vida”? — era o que ele queria saber de *mim*. Muito bem, poderia ele dizer-me que vantagem havia em aprender esses termos — que, eu concedia, poderiam ser de muita utilidade — se não considerássemos “o conteúdo humano” do texto? Ele sorriu com condescendência. Quando mais tarde tirei a segunda parte da Introdução Geral à Literatura Espanhola e escrevi um trabalho sobre *Pepita Jiménez*, de Juan Valera, tive o cuidado de minuciosamente investigar, definir e explicar o conceito de “novela espistolar” antes de me concentrar no meu “conteúdo humano”. Gostou. Deu-me um “A”. Eu tinha aprendido muito com ele.

A minha primeira aula em Português foi com o Professor Paulo de Carvalho Neto. O primeiro trabalho que eu escrevi em português foi sobre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. As ideias estavam bem, mas havia muitas deficiências estilísticas. Mesmo assim, ele escreveu no topo da página:

— Cota, você poderia vir a ser um ensaísta.

Estava ele a falar a sério, ou era mera lisonja? Eu aceitei como sendo a sério, e fiquei delirante com ele. Não, não me enaideceu: trouxe-me satisfação por ver o meu esforço recompensado; deu-me confiança; fez-me querer esforçar-me ainda mais para poder alcançar ainda mais.

No segundo trimestre, fiz a primeira cadeira com o Professor Dias: a segunda parte da Introdução à Literatura Portuguesa. Li e escrevi um ensaio sobre *O Crime do*

Padre Amaro. As minhas emoções irromperam; a paixão dominou-me. Ali estava um tema onde eu podia cravar os meus dentes: um padre que seduzia uma rapariga. Que me importava que o padre fosse um malandro? Que importância tinha que Eça estivesse a atacar uma sociedade apodrecida de superstições e atrasos? Eu queria defender o padre, o homem a quem fora negada a expressão da sua sexualidade, e atacava da única maneira que podia. Meti-me na personagem de Amaro: justifiquei-lhe as ações... e as minhas; defendi a “causa” dele... e a minha. O Professor Dias chamou-me a atenção de que eu me identificara excessivamente com Amaro. Quando fiz o último exame da classe, entrei em pânico. Eu não era capaz de expressar tudo o que queria em português. Permitir-me-ia o Dr. Dias escrever metade do exame em inglês? Claro que permitia. Mais tarde li o exame: a metade em português era melhor! Vi logo que o Professor Dias me ia ensinar imenso, mas que não me ia encurralar, prender-me: iria ensinar-me obrigando-me a ser professor de mim mesmo.

Recebi o meu segundo “B” no trimestre de outono de 1971, em Fonética e Fonémica Espanhola. O professor (cujo nome não escreverei, por ele e por mim) era um conhecido linguísta, mas não era um professor de todo. Ele e eu muitas vezes havíamos de chocar no futuro. Nada me tinha ensinado, embora eu tenha que admitir que alguns alunos, mesmo bons alunos, tinham muito boa opinião dele como docente. No seu desejo de parecer democrático, perguntou-nos, no fim do trimestre, que classificação nós achávamos que merecíamos. Disse-lhe, em termos claros, que não tinha aprendido nada nas aulas dele, mas que, por iniciativa própria, tinha lido bastantes coisas sobre a matéria. Mas com base no que eu tinha aprendido, se bem que eu fosse um

aluno de “A’s”, não merecia um “A”. Deu-me um “B”. Uma das coisas que mais lamento durante os anos de estudo na UCLA foi o não ter insistido, ou na verdade exigido, que ele me reprovasse (ou seja, me desse um “F”). Hoje consideraria essa reprovação uma honra.

Havia aprendido muito sobre mim e sobre os meus professores na UCLA. Algumas das coisas que aprendera eram, na verdade, confirmações do que já sabia do Valley College. Para começar, tinha saudades do Valley College. Segundo, eu sabia que se alguma vez quisesse aprender, realmente aprender a dominar um assunto, fosse ele qual fosse, tinha de fazê-lo por minha conta. Os professores que eu buscaria no futuro seriam aqueles que ensinavam, antes de mais, com a sua humanidade, o seu exemplo, o seu cuidado, a sua afeição e o seu respeito pela minha dignidade. No futuro eu tomaria, a todo o custo, as cadeiras daqueles que apaixonadamente se entregavam ao que ensinavam: aqueles que me podiam inspirar mais do que me ensinavam; aqueles que me permitissem seguir o meu caminho para o desenvolvimento espiritual e intelectual, em vez de me imporem os seus pontos de vista. Ia evitar aqueles balões que falavam do que o gato ou o cão do vizinho tinha feito ao seu caixote do lixo na noite anterior, porque não tinham preparado a aula. Além disso, ia tomar os técnicos da literatura com um grão de sal, aqueles cuja paixão pela dimensão humana do texto literário se tinha diluído ou nunca tinha existido. Se errasse, erraria do lado da paixão ou mesmo da ingenuidade, mas nunca do lado da poderosa cesura ou do altíssimo hemistíquio. E haveria sempre de dizer o que pensava, fossem quais fossem as consequências.

Estava há pouco na UCLA quando conheci o Heraldo da Silva, um colega que se tornaria o meu melhor amigo.

Uns anos mais velho do que eu, o Heraldo foi uma madura influência na minha vida. Muitas vezes me persuadiu que, exceto em momentos oportunos de, por absoluta razão certa, dizer o que pensava (ou como se diz, “ter o coração na boca”), podia ter efeitos muito prejudiciais. Deve ter-me evitado alguns momentos desagradáveis com professores por quem eu tinha pouco ou nenhum respeito, mas cujas disciplinas eu tinha mesmo que fazer.

Entretanto, o meu irmão Manuel já estava na Terceira há uns meses. Tinha ido ao aeroporto do Ontário despedir-me dele. Depois de quase sete anos na América, ele ia ver a Agualva outra vez. Disse-lhe que o nosso investimento na bolsa tinha baixado de valor outra vez. Recentemente, tinha vendido todo o meu portfólio, incluindo o que adquirira com dinheiro deles. Com todo o dinheiro que ainda nos sobrava e com um empréstimo da Jeanette comprara mil ações de Republic Corporation, companhia na qual uma vez fizera uma pequena fortuna. Tinha pago sete dólares por ação. Tinha a certeza, disse ao Manuel, que nós não só recuperaríamos o nosso dinheiro, mas íamos rebentar com a banca. O corretor desaconselhara, mas também me havia aconselhado a comprar as ações em que tínhamos registado perdas enormes. Portanto, quem é que estava certo? Manuel, entretanto, tinha feito muitas poupanças. Voltava aos Açores com 12 000 dólares. Pretendia passar lá cerca de um ano. Estava muito cansado e precisava de recuperar.

O José, por sua vez, só pensava em raparigas. Tinha comprado um espada de um carro. E tinha aperfeiçoado a técnica de “engatar” mulheres. Havia montes de raparigas por todo o Ontário à espera de serem “engatadas”. Era jovem, e ia tirar tempo para se divertir. Não queria ir para uma escola? Talvez aprender um ofício? Não, não queria. Sim, tinha

pensado nisso. Mas depois, quando é que ia ganhar tanto dinheiro como estava a ganhar a ordenhar vacas? Quando é que eu ia acabar a escola, ahn? Não sabia. Ainda me faltavam muitos anos. Para que raio é que estava a estudar? Bem, um dia ia ensinar Português.

– E para ensinar Português precisas de andar estes anos todos na escola? Já não sabes Português que chegue? E quem é que quer aprender Português nesta terra?

Sim, eu também me havia perguntado isso. Mas eu ia conseguir um doutoramento em Português, não ia ensinar crianças. O que era isso de um “doutoramento” em Português? Bom, estudava-se muito; fazia-se muitas disciplinas ou cadeiras; depois escrevia-se uma tese, uma espécie de livro. Depois recebia-se um diploma que dizia que eras doutor. Depois arranjava-se uma colocação numa universidade. Ensinava-se Língua Portuguesa, Civilização, Literatura. Escrevia-se ensaios, talvez livros. Depois recebia-se agregação, o que queria dizer um contrato permanente de trabalho para o resto da vida. Depois, se fosses mesmo bom e publicasses muito, podias vir a ser professor catedrático. Os professores catedráticos – e eu conhecia um senhor da Terceira que era professor catedrático, o Doutor Alberto Machado da Rosa – ganhavam um bom salário; os catedráticos eram pessoas respeitadas; era uma profissão de prestígio; dispunha-se de tempo livre. O José achava que havia muitos “se’s”. Mais problemático do que tudo, ele achava que levava um tempão desgraçado. E eu já estava à porrada com os vinte e oito!

O Jimmy ia-se tornando cada vez mais débil. Tinha imensa dificuldade em respirar, pois o Jimmy fora um fumador assíduo e uma das suas doenças era enfisema pulmonar. Já não fumava há tempos, mas desistira demasiado

tarde. Eu nunca deveria fumar, aconselhava-me ele. Tínhamos longas conversas um com o outro sobre as nossas experiências imigrantes. Falámos do que a vida era para os imigrantes no tempo dele e nos tempos de agora. Concluímos que, apesar de ter sido muito difícil para mim, para ele – que tal como eu não tinha quase nenhuma instrução formal – fora ainda pior. O que o tinha salvado fora o seu ofício de sapateiro. Mas nos últimos dez ou quinze anos, o negócio começara a perder vigência. A maioria das pessoas já não consertava os sapatos – deitava-os fora e comprava uns novos. Mesmo assim, tinha conseguido poupar alguma coisa. A oficina era sua. Havia pensado em regressar a Itália, mas quando a sua família toda morreu, não havia nenhuma razão para ele voltar. E tinha sido traído por amigos. Que acontecera? Não, que o perdoasse, mas não queria falar desse assunto. Era demasiado doloroso. O pior tinha sido a solidão. Sim, a América era um país maravilhoso, um país riquíssimo. Era possível fazer-se uma fortuna na América. Mas era um país solitário. Nem queria falar algumas experiências que tivera. Eu nem acreditaria nelas! Depois de um certo tempo, porém, a gente até se habitua à solidão.

– Chega-se ao ponto de a gente até pensar em comprar amigos, se queres que te diga. E a gente nem se importa quanto é que eles custam. Às vezes, eu penso que a vida é só comprar e vender: eu vendo sapatos; eu compro amigos; tu compras-me a mim; eu vendo-te a ti.

Olhando para mim com um olhar de zanga e convicção dançando-lhe nos olhos, Jimmy acrescentou:

– Às vezes eu penso que a vida é um puteiro e que todos nós somos ou putas ou clientes. E quando a gente conhece alguém, até temos medo de travar conhecimento com ela.

Perder um amigo, e ele tinha muita experiência disso, era pior do que nunca ter tido um amigo. Mas com a Jeanette havia sido muito diferente. Ele queria-lhe tanto, muito mesmo. Pedia-me que eu tomasse bem conta dela. Era possível imaginar que a Jeanette, uma mulher jovem e linda, se tinha tornado amiga dele, tinha sido tão amável com ele, sem ter a menor ideia que ele lhe ia deixar dinheiro? E que cozinheira maravilhosa que ela era! Ele, que até se tinha esquecido do sabor da boa comida, tinha aprendido a gostar de comer novamente. Estava muito feliz vivendo connosco.

A Jeanette tinha-se conservado sempre em estreito contacto com a mãe, Frau Christ, e com o irmão, que estava casado com uma espanhola e trabalhava para a Westinghouse, em Berna. A mãe e ela falavam muito ao telefone. A Jeanette tinha-lhe falado de mim, e agora do Jimmy também. Eu mesmo tinha escrito à Frau Christ, adicionando uns parágrafos nas cartas da Jeanette. E a Jeanette sempre me dava as cartas da mãe a ler. E como eu ficava orgulhoso ao constatar que era capaz, sem qualquer dificuldade, de entender tudo o que ela escrevia à filha em alemão. Sempre me mandava recomendações, referia-se a mim como “Der Franz”. Eu gostava muito de receber cartas dela.

A Jeanette também me tinha falado do pai, que tinha falecido há muitos anos. Até me lembro de ter tomado notas de muita da informação que ela partilhava comigo, pois naquela altura eu achava a história digna de um romance, um romance que eu, romanticamente, imaginava que seria capaz de um dia escrever. Ele nascera na Áustria. Uma besta sem nome tinha abusado da filha sexualmente. A Jeanette chegou a partilhar comigo alguns dos sórdidos pormenores. Ela tinha-lhe perdoado? “Claro que sim, Frank. Ele era meu pai”.

Eu não podia crer no que ouvia! Eu não perdoara ainda ao meu pai e o que ele fizera, para além de me “dar a um vizinho” — algo que eu nunca lhe perdoaria que ele tivesse feito — foi emprestar dinheiro que eu lhe tinha emprestado. Mas, segundo o que a Jeanette pensava, a vida era demasiado breve para guardar ressentimentos. A vida havia sido demasiado cruel e demasiado amável com ela para ela andar a preocupar-se com o que acontecera há tantos anos. Mas é verdade que ela sempre fora mais amiga da mãe. E sempre adorara Hansjörg, o seu irmão. Quantas vezes lhe mandava presentes, agora para os filhinhos.

Uns dias antes do Natal, Frau Christ sofreu uma trombose. A Jeanette queria apanhar o próximo avião para a Suíça para ir vê-la. Ligou para o Rudy, um suíço que tinha uma agência de viagens. O Rudy aprontaria a sua passagem. Mas, e o Jimmy? Ele tinha piorado. Havia já algum tempo que nem para a oficina ia. O Señor Muñoz agora era quem trabalhava a tempo inteiro na oficina, a Jeanette e eu ajudando-o quando podíamos, pois o Señor Muñoz era ainda mais velho do que o Jimmy. Importava-me de cuidar do Jimmy enquanto ela fosse à Suíça? Não me importava, claro, mas tinha medo, pois ele podia piorar e a Jeanette sem estar ali. Eu tinha o número de telefone do médico do Jimmy; certificar-me-ia de que ele tomaria todos os seus medicamentos a tempo e horas; estaria com ele, pois agora, época do Natal, estava de férias da faculdade. A Jeanette regressaria o mais rápido que pudesse. Mas queria ver a sua mãe antes de ela morrer. Levei a Jeanette ao aeroporto.

Passaria o Natal e o Ano Novo com o Jimmy. Pouco depois das férias, a Jeanette voltaria a casa. Como ia fazer uma disciplina sobre *Dom Quixote*, aproveitaria para ler o mais que pudesse. Até partilharia as aventuras de D. Quixote com o

Jimmy, pois muitas vezes partilhava o que lia com a Jeanette e o Jimmy. Como o *Dom Quixote* iria ficar ligado, no meu espírito, a um dos acontecimentos mais aflitivos e tristes da minha vida: a morte de James Maffuccio nos meus braços, na casa de banho da Jeanette. James Maffuccio foi um dos mais queridos e afetuosos *gentlemen* de que já tive o privilégio de conhecer.

Jimmy tinha-se deitado cedo, queixando-se de dificuldades em respirar. Tinha-me certificado de que ele havia tomado os seus comprimidos antes de ir para a cama. Havia decidido que ficaria a ler até tarde; e que deixaria, como já era nosso costume há semanas, a porta do meu quarto e da Jeanette entreaberta para o caso de o Jimmy precisar de alguma coisa, pois já duas ou três vezes nas últimas semanas o Jimmy tinha-se levantado durante a noite para ir à casa de banho e tinha desmaiado. Uma vez encontrámo-lo a tremer de frio no chão da casa de banho, incapaz de se levantar. Naquela noite, passando da meia-noite, quando eu já dormitara, fui acordado por um arranhar na porta da casa de banho, seguido da tentativa desesperada do Jimmy a chamar por mim, embora o que eu ouvisse fosse como um murmurar abafado de uma pessoa a afogar-se.

Quando cheguei ao pé dele, Jimmy estava no chão da casa de banho, ainda consciente, mas sem poder falar. Tentei pegar nele e levá-lo para a cama. Mas, apesar de magro, pequeno e débil, ele tornara-se pesado. Com os problemas de costas que eu tinha, eu não o podia levantar do chão, menos ainda pegar nele e levá-lo para a cama. Tomado de pânico, não fazia mais do que chamar por ele:

— Não temas, Jimmy, eu ajudo-te. Vou ligar para a ambulância.

Apressei-me a chamar a ambulância e o seu médico. A ambulância chegaria dentro de minutos. Voltei para junto do Jimmy que agora eu sabia que estava a morrer. Não havia, porém, perdido de todo a consciência, pois eu sentia a sua mão apertar a minha. Queria desesperadamente falar-lhe.

– Jimmy, estás a ouvir-me? Responde-me, Jimmy, estás a ouvir-me?

Ele apertou-me os dedos um pouco mais. Gritei-lhe com indescritível dor:

– Perdoa-me, Jimmy, por quem és, perdoa-me!

A ambulância não demorou nada. Jimmy foi declarado morto no hospital. Eu sabia, porém, que ele morreria nos meus braços.

XI “COIMBRA É UMA CANÇÃO”

A Jeanette regressou imediatamente para o funeral do Jimmy. Foi uma cerimónia triste, com a Jeanette, o Señor Muñoz, eu e uns quantos clientes que estimavam o Jimmy. Mesmo assim, no funeral do Jimmy havia mais gente do que no outro a que a Jeanette e eu havíamos assistido havia cerca de um ano. Nesse funeral, nós éramos duas de apenas quatro pessoas, sendo as outras duas ambas parentes da defunta: a Billie que trabalhara connosco no Du Par's. A Billie, que contara a sua história de solidão a tanta gente no restaurante, tinha morrido e sido enterrada quase sozinha. Jimmy e Billie haviam sido duas figuras solitárias, ambos migrantes, a que o destino votara à solidão mesmo na morte neste país que, no que aos imigrantes diz respeito, deveria chamar-se os Estados Unidos da Solidão!

A Jeanette ficou profundamente abalada, como eu fiquei, com a morte do Jimmy. Agora que ele morrera, ela parecia ter um sentimento de culpa tão grande como eu com respeito à nossa situação doméstica. Conhecendo a Jeanette como eu a conhecia, nunca tive quaisquer dúvidas acerca da sua genuína amizade por ele, e que tudo o que ela fez por ele, haveria feito na mesma ainda que ele não tivesse um centímetro. Contudo, sentíamos agora quão humilhado ele deveria ter-se sentido ao viver na casa como seu marido, sabendo que nós os dois éramos amantes, e que ele consentira em

tudo. Como ela agora desejaria nunca ter casado com ele! E como eu desejaria ter tido a coragem de sair da casa na noite em que descobri que eles se acabavam de casar. Agora, mais do que nunca, queria ir-me embora. Mas a Jeanette pedia-me que não me fosse. Que faria eu, não tendo dinheiro nenhum? O que eu ganhava no posto de gasolina dava tão-só para comida e pouco mais? E as propinas e os livros? Porque não esperava até ser aluno de pós-graduação? Até poder conseguir um emprego como assistente na faculdade? Então poderia arrendar um apartamento. É verdade que me tinham dado um bolsa académica, mas eram uns míseros oitocentos dólares. Além de tudo mais, ela tinha-me emprestado cerca de 3 000 dólares para a ajuda da compra de 1000 ações na Republic Corporation. Ela também tinha alguns direitos a reivindicar, não tinha? Não me havia dito, inclusive, que eu podia sair com raparigas?

Um dia convidei o meu caro amigo Heraldo da Silva a jantar na casa da Jeanette. Ele conhecia a minha história, pois eu não tinha segredos com o Heraldo, cuja amizade eu estimava e cujos conselhos eu frequentemente procurava. O Heraldo, originalmente do Faial e que havia lecionado numa escola secundária no Vale de San Joaquin, tinha-se tornado desiludido com a *high school* devido aos problemas de disciplina estudantil. Havia estado no seminário de Angra muitos anos. Quantas vezes partilhara comigo algumas das suas experiências de seminarista, sobretudo quando ambos lemos o romance de Vergílio Ferreira, *Manhã Submersa*. Faltando-lhe um ano para ser ordenado, o Heraldo fora ao continente. Lá tivera experiências que o convenceram quão equivocado andara no concernente à vocação para padre. Havia depois emigrado para a América, casado, e ele e a esposa, Alfredina, tinham um filho, Victor.

Quão doloroso era para o Heraldo andar na UCLA a fazer um doutoramento em Línguas e Literaturas Hispânicas, sabendo que a esposa estava a trabalhar e que ele só uma vez por mês podia ir a casa. Como tinha saudades da família, e como a sua vida, no pequeno quartinho que arrendava a uns quantos quarteirões da Universidade, era uma vida solitária. O Heraldo era um aluno incansável, extremamente aplicado, uma pessoa com quem aprendi tanto, a quem eu admirava mais do que a qualquer outro colega que já tivera ou teria na UCLA.

Embora tivesse usado de discrição acerca do que observara na casa da Jeanette, eu sabia que ele estava convencido de que a minha relação com ela me estava a afetar adversamente. Umás semanas depois daquele jantar, o Heraldo falou-me de um Curso de Férias na Universidade de Coimbra e acerca de uma fundação em São Francisco, a Luso-American Education Foundation (Fundação Educacional Luso-Americana), que oferecia bolsas de estudo a alunos que desejassem frequentar aquele curso. Porque não concorria eu? Ia pensar no caso, prometi-lhe. Sabia que no verão seguinte, o verão de 1972, concluiria um bacharelato duplo em Espanhol e Português, e um Curso de Férias em Coimbra seria um belo prelúdio ao meu programa de mestrado em Estudos Luso-Brasileiros — para o qual eu tinha a certeza que seria aceite. O Heraldo escreveu-me uma das três cartas de recomendação para a Fundação Educacional Luso-Americana.

Depois da partida do Manuel para a Terceira, eu também estava com imensas saudades da minha família. Já lá iam quase nove anos desde que eu partira dos Açores. Que bom seria regressar a casa, embora soubesse, sobretudo pelas cartas da madrinha, que a viagem do Manuel não lhe havia

trazido grandes benefícios. Entre outras coisas que ele tinha feito, como comprar um carro novo, gastando nele mais de metade do dinheiro tão arduamente ganho, ele começara a beber. De acordo com a madrinha, o Manuel, que nunca tinha bebido na vida, começara a beber em companhia, mas depois metera-se a beber de tal modo que toda a gente na família pensava que seria prudente aconselhá-lo a voltar para a América receando que ele se tornasse alcoólico.

E como gostaria de visitar o Continente, uma parte do país — como aliás a maioria, inclusivamente das Ilhas! — onde nunca pusera os pés; ver, finalmente, Lisboa; visitar Coimbra, onde o meu bem-amado Camões havia supostamente estudado; estudar na célebre faculdade onde Antero de Quental e Eça de Queirós tinham estudado! A sorte — como tantas vezes vinha acontecendo — estava comigo: recebi a bolsa! Sabia que a devia em parte ao Herald. E como lhe estava grato! Eis a oportunidade por que eu esperava. Quando regressasse, mudar-me-ia da casa da Jeanette; dar-me-ia e a ela também, uma chance de conhecer outra pessoa. Desde há muito tempo que não éramos um para o outro. A experiência com o Jimmy tinha causado danos irreparáveis na nossa relação. Nunca mais seria o que uma vez fora. Aliás, a deteriorização começara com o Alex. Já havia decidido que um dia me casaria. Por muito que quisesse à Jeanette, não casaria com ela. E a Jeanette era tão merecedora como eu de uma nova oportunidade de conhecer uma pessoa compatível com ela. Partilhei tudo isto com o Herald. Embora ele nunca quisesse dizer-me, era isto mesmo o que ele também pensava.

Comecei a preparar-me para a partida. Nunca me cansava de ouvir os discos portugueses, sobretudo “Coimbra”, a célebre canção sobre Coimbra. Seria Coimbra uma canção

para mim também? Perguntava-me como seria Portugal? E a Terceira, e a Aigualva? Veria a Graça, que já casara e tinha filhos? E a Lúcia, que tinha manifestado interesse pelo Manuel enquanto ele esteve lá? O Manuel, porém, que nunca tinha tido uma namorada em toda a sua vida, mas que agora estava em posição de escolher, havia preferido outra neta do Tio Joaquim, muito mais bonita e menos presumida, mas depois mudara de ideia também em relação a esta. Finalmente, fixara a atenção seriamente – com a intenção de desposá-la – noutra Lúcia, esta do Porto Judeu, uma namorada platônica dos tempos em que Manuel vendia lenha no Porto Judeu e comia no botequim do pai. Muito contra os desejos do nosso pai, que queria que Manuel casasse com uma neta do Tio Joaquim, um belo arranjinho social e economicamente falando, o Manuel eventualmente casaria com a Lúcia da sua escolha, que era pobre, a quem o nosso pai, por despeito, chamava “o Carneiro”, mas que o Manuel já decidira seria a sua companheira e a mãe dos seus filhos. O Manuel saiu da Terceira com um problema com o álcool, mas encontrara a felicidade conjugal.

Comprei uns presentes para levar à família, pois, como era costume, os “americanos” de visita sempre traziam presentes. A madrinha nunca me perdoaria se eu não cumprisse com esta tradição. E comprei o meu primeiro fato americano; os “americanos” sempre chegavam à terrinha de fato. Nisto também não queria desiludir a madrinha. A Jeanette ajudou-me a escolher o fato. Quando a Jeanette e o lojista haviam concordado que me ficava que era uma beleza, entrei eu em ação. Como sempre odiei roupas largas (ou que eu imagino que me ficam largas!), pedi ao empregado que me cortasse duas polegadas das perneiras das calças e duas polegadas das mangas do casaco.

– Mas o fato fica-te como uma luva – fez ele notar, alarmado.

Ia estragar o fato! A Jeanette, conhecendo-me bem, não parava de rir às gargalhadas, sabendo que nada me impediria de mutilar o fato. Ela estava familiarizada com as minhas preferências insólitas, as combinações invulgares de cores, por exemplo, calças verdes com cinto roxo! Mas eu já pagara a minha contribuição às calças largas e enormes casacos à custa de ter vestido as roupas do falecido Sr. Simas, sabendo e sentindo que eram dois números acima do meu. Desta vez vestiria o que *eu* quisesse. Precisava de me vingar dos casacos e das calças largas!

Quando terminou o trimestre da primavera de 1972, tinha completado 104 créditos na UCLA (209 créditos, contando com os que fizera no Valley College) e tinha completado todos os requerimentos para um Duplo Bacharelato em Espanhol e Português. Tinha uma média de 3,923, sendo a média perfeita 4. O meu diploma contém a assinatura de Ronald Reagan, Governador da Califórnia, e tem a data de 13 de junho de 1972. Terminara com *honra e louvor* (*summa cum laude*). E antes de partir para Portugal, o Doutor Claude L. Hulet, meu professor de Literatura Brasileira e futuro diretor de tese de doutoramento, informou-me que eu fora aceite no programa de Mestrado em Estudos Luso-Brasileiros, um programa que eu começaria no outono daquele ano. Fiz um requerimento para professor assistente e até que me fosse concedido eu podia contar com *work study* – um programa em que o aluno consegue um emprego, geralmente reservado para estudantes universitários, e a Universidade é quem lhe paga o vencimento, dentro de um limitado número de horas. Entretanto, eu tinha já declarado a minha intenção de pedir um

empréstimo para estudante à Universidade, que depois da formação se paga a juros baixos.

Para cúmulo, desta vez eu teria a oportunidade de agradecer à Margaret por todas as coisas que ela fizera por mim academicamente. Pois não era aquela rapariga, ali ao pé da Gypsy Wagon, o *stand* de hambúrgueres perto do Rolfe Hall, o edifício de humanidades, a Margaret? Sim, era a Margaret! A Margaret com o cabelo pintado de louro!

— Margaret, que maravilhosa surpresa! — gritei de alegria, estendendo os braços para a abraçar.

— Frank, meu Deus! Se não é mesmo o Fungo! Como vão os estudos de patologia das plantas? És mesmo tu?

Depois desta manifestação inicial, a Margaret moderou o entusiasmo. Então, o que se passava comigo? Acabava de me formar — *summa cum laude* — com um duplo Bacharelato em Espanhol e Português. Havia-me formado *magna cum laude* do Los Angeles Valley College. Como estava aquela gente toda, lá no Valley College? Que planos tinha eu para o futuro? E ela, Margaret, que era feito *dela*? Ela tinha tirado um ano e meio de licença da escola e acabava de concluir o seu curso também. “Em Filosofia, claro?” Sim, tinha-se especializado em Filosofia. E o John, como estava o John? Tinham-se separado. Tinha havido muitas mudanças na vida dela. Antes que eu tivesse a oportunidade de perguntar à Margaret o que tinha mudado, ela rematou:

— Eu mudei muito, Frank. Agora estou com Jesus! É uma grande mudança, não é?

Pois era, era! Enfim, depois da pinga, das pílulas, do sexo, do John e tudo quanto lhe tinha acontecido, ela tinha descoberto que, durante todo aquele tempo, andara à procura Dele. E agora que O encontrara, sentia-se feliz.

– Mas e os Gregos, a filosofia... e tudo isso de que costumavas falar-me?

– A Bíblia não é filosofia? Não é o Sermão da Montanha filosofia, Frank?

– É, mas...

A Margaret tentou acabar com a conversa:

– Deverias tentar, Frank. Deverias tentar encontrar Jesus... para poderes viver o que estou a viver.

Em pasmo, só fui capaz de trocar mais algumas palavras finais com a Margaret. Duas vezes me tinha posto fora de combate: uma, com a droga; agora era outra espécie de droga. “Margaret”, balbuciei numa última tentativa de brincar lembrando a frase favorita de Mr. Beaumont aos cristãos:

– Com que então, Margaret, és uma *Jesus freak*, uma fanática que lê a Bíblia aos saltinhos e dá pulinhos em Jesus?

Depois disto, Margaret afastou-se de mim na direção do Royce Hall... e até hoje nunca mais a vi ou soube o que foi feito dela.

Quando o avião se aproximou de Lisboa senti-me engasgado de emoção. Daqui a cidade parecia tão pequena, pois os meus olhos estavam acostumados a Los Angeles. O aeroporto era uma coisa medíocre em comparação com o Los Angeles International Airport. Mas agora eu estava em Portugal! A América tinha ficado para trás. Concentrar-me-ia no que estava à minha frente e pela frente. Fiz sinal a um táxi e pedi que me levasse a um hotel perto do centro da cidade. Pediria ao motorista que esperasse por mim enquanto me registava e levava a mala para o quarto. Depois ele levar-me-ia a dar um passeio e ver Lisboa; queria ir o mais rapidamente possível àqueles lugares todos que eu conhecia dos meus livros de escola, dos fados que sabia

de cor, das minhas leituras na Literatura Portuguesa. Onde estava a Alfama? O Bairro Alto? A Mouraria? Onde ficavam os Jerónimos? A Torre de Belém? O Castelo de São Jorge? Sim, iria primeiro ao castelo.

Conversei muito com o motorista, que fora, ele também, emigrante em França. Queixou-se da vida em Portugal, da ditadura, da dificuldade em ganhar a vida, da enorme família que ele tinha que manter. Quase não o ouvia, porque estava a viver um sonho, subindo a um lugar bem conhecido onde nunca havia estado.

— Então isto é que é o Castelo de São Jorge?

A vista de Lisboa dali de cima era espantosa. Mas como tudo parecia tão velho! E como eram sujas e tortas as ruas até ao castelo comparadas com Sherman Oaks, com a Universidade, com Sunset Avenue, com Westwood. Como me parecia pobre Portugal comparado com a América. Contudo, apesar disso, que paz, que conforto espiritual, que alegria eu sentia! Que alegria ouvir falar português, um português tão diferente do que eu conhecia nos Açores! E senti-me chocado ao verificar como era pouco atrativa a maior parte da gente que via nas ruas. Ora bolas, a América tinha o monopólio de tudo: até a beleza aqueles filhos da mãe pareciam ter guardado só para eles. Mas como aquele povo parecia simpático, humano. Como toda a gente falava com toda a gente. Como era ativa a cidade, com gente por toda a parte, caminhando nas ruas, vendo as montras, vendendo flores no Rossio, as vozes dos pregões nas ruas, o barulho dos carros elétricos, as pastelarias por toda a parte, os presuntos e as salchichas dependuradas nos tetos das lojas, uns peixes enormes com as bocas abertas e nelas metido um limão nos restaurantes mais luxuosos perto do Coliseu. Lisboa era uma cidade viva! As cidades americanas, com a exceção de

Nova Iorque e umas quantas mais, eram cidades mortas! Morriam por volta das 10:00 da noite — e só ressuscitavam no outro dia para o comércio. E, era verdade, como Lisboa cheirava! Cheirava horrivelmente — e maravilhosamente!

— Por favor, leve-me aos Jerónimos. É longe daqui?

Não era e até podíamos ir à Torre de Belém quando fôssemos lá. Queria ver o Museu da Marinha? E almoçar, eu não queria almoçar?

Claro que queria: eu queria peixe, peixe... sardinhas! Onde podia arranjar sardinhas? E vinho — mas não queria vinhos caros, queria vinho barato, como o *vinho de cheiro* da Terceira que não provava há anos e anos. Mas não, aqui só há tinto que deve ser parecido com o dos Açores. Poderia o motorista arranjar-me um restaurante típico? E queria almoçar comigo? Depois disso, eu queria ir ver o resto da cidade. E também queria ir a Alcobaça para ver os túmulos de D. Pedro e D. Inês. E à Batalha, a Queluz, a Mafra... Queria ir ao Estoril, a Cascais, a Óbidos. Era demasiado para um dia só. No dia seguinte e no outro dia a seguir podíamos ver mais coisas. E quando o curso em Coimbra acabasse, eu podia telefonar ao motorista e ele podia levar-me a ver todos os outros lugares.

Almoçámos. Levou um tempo infinito para o empregado trazer a comida. E tudo começou a reviver em mim. Aqui as coisas levavam muito tempo. Na América, expliquei ao motorista, tudo andava depressa. Ele quis saber acerca dos filmes, acerca de Hollywood, quando lhe disse que vinha de Los Angeles. Sim, eu tinha realmente estado em Hollywood muitas vezes. E não era o que as pessoas pensam. Havia montes de prostitutas na rua, havia muita droga, *hippies*. Hollywood era, e é, o ânus da América. O resto é publicidade — um dos maiores segredos da América. As estrelas de

cinema estavam noutros sítios e eram, com algumas exceções, gente com uma aparência tão ordinária, ou mais, que as pessoas vulgares. Teria a coragem de lhe dizer que vivia com uma ex-atrizzinha? Ele acreditaria em mim? Ele adorava ir ao cinema, mas não para ver filmes portugueses. Os filmes americanos, isso sim, eram os seus preferidos: a ação, as estrelas famosas, as mulheres tão incrivelmente bonitas. (Ele não sabia que a maioria eram plásticas ou esculpidas pela plástica!) Algumas daquelas mulheres eram inacreditáveis, não eram? Não eram nada como as turistas americanas que se viam em Lisboa. Porque é que a gente bonita não vinha a Lisboa? Rimo-nos os dois. Era um homem formidável, aquele motorista de táxi. Andou comigo em Lisboa e arredores até que me senti tão cansado que lhe pedi que me levasse para o hotel. Paguei-lhe 500\$00, que eram cerca de vinte dólares. Nem podia acreditar. Em Los Angeles ter-me-ia custado um bom par de centenas de dólares, pelo menos.

No dia seguinte fomos à Batalha e a Alcobaça, os restantes lugares veria quando voltasse de Coimbra. Ele estaria no hotel para me levar à estação de Santa Apolónia, e eu não tinha de pagar nada por isso. Na manhã seguinte, estaria a caminho de Coimbra — Coimbra, finalmente! Quase chorava agradecido ao Heraldo por me ter informado acerca da bolsa da Luso-Americana, uma excelente bolsa que não só me pagava todas as despesas, mas ainda me dava dinheiro para despesas eventuais. E com o câmbio como estava, o meu dinheiro, embora pouco, levava-me muito longe, como se via.

Como era lento o comboio! Parava em todas as terrinhas pelo caminho, ao que me parecia. Falei com um rapaz que ia sentado ao meu lado — nem sei quem começou a conversa. Antes que eu me desse conta, já falávamos como se nos

conhecêssemos há imenso tempo. E nem sequer me senti acanhado. Senti que a minha personalidade mudava, que regressava a mim, como se tivesse despedido uma personalidade social e tivesse vestido outra. Era um fanfarrão, sempre a citar pessoas importantes que conhecia. Tinha feito isto e aquilo, conhecia este e aquele e mais aquele outro. Coimbra? Queria lá saber de Coimbra! Há quanto tempo estava eu na América? A propósito, eu não falava com sotaque açoriano que ele conhecia bem. Não, não falava. Eu era da Terceira. O que os continentais chamavam a “pronúncia açoriana” era, na verdade, o sotaque de São Miguel, uma das nove ilhas dos Açores. As pessoas têm pronúncias distintas nas nove ilhas, às vezes até na mesma ilha. Mas, claro, o meu sotaque era muito diferente do dele. Eu falava, sem dúvida, o inglês muito bem, não falava? Sim, falava. E ele também, por acaso. Começámos a falar inglês. O seu era corretíssimo, com uma pronúncia britânica: *water*, com um *t* muito claramente articulado, *America* com um *r* à portuguesa sem ser rolado. Falava da América como se fosse um país selvagem, de meios-analfabetos à procura frenética de dinheiro e, na Europa, os americanos eram turistas estúpidos que pensavam que podiam comprar um monumeto com um punhado de dólares. Exagerava muito para mostrar a sua superioridade europeia. Ele jamais queria viver na América. A única coisa que ele gostaria de ver era New York — e falou de Nova Iorque como se já lá tivesse estado. E eu não sabia nada de Nova Iorque senão o que tinha lido! Disse-lhe que tinha vivido no Vale de San Joaquin e falei-lhe um pouco da minha experiência, omitindo imensa coisa. Quando chegámos a Coimbra (ele ia de férias para a Figueira da Foz) eu tornara-me bastante defensivo em relação à América, falando-lhe das coisas excelentes que a América

me tinha proporcionado e a milhares, a milhões de emigrantes como eu. Não ficou impressionado. Era óbvio que provínhamos de diferentes estratos sociais, e eu sentia-me aliviado de não ter que continuar a falar com ele.

A estação de comboio em Coimbra é mesmo junto ao rio, o famoso Mondego. E o Choupal, o conhecido passeio ao longo do rio, o famoso choupal de “Coimbra”, conhecida em inglês como “April in Portugal”. Mas como me parecia tão pouco impressionante! (A contrapartida, em miniatura, do logro que era Hollywood!) Mais tarde voltaria lá, mas agora queria ver a Universidade.

— Por favor, leve-me para uma pensão perto da Universidade — disse para o motorista que me levou para a Praça da República onde ele achou que podia conseguir uma pensão relativamente barata e perto da Universidade.

Vi a Universidade um pouco de longe, na colina. E cá estava a Escadaria Monumental, a grande escadaria que eu iria subir e descer todos os dias durante as próximas seis semanas. Comecei a sentir-me em casa, mas com apertos de estômago porque sabia tanto da famosa Universidade, dos cursos tão rigorosos, dos professores com espírito medievalesco, dos exames inquisitoriais.

O Doutor Machado da Rosa, com quem ainda não tivera aulas porque ele só lecionava cadeiras de pós-graduação, tinha-me contado muitas anedotas acerca de Coimbra, sobretudo de um professor de Ética, salvo erro. Dizia-se que ele descrevia na aula como fazia amor com a mulher: cobria-a com um lençol que tinha um buraco estrategicamente colocado, e assim prosseguia. Quando a mulher dava sinais de estar a gozar, ele admoestava-a, com ar professoral, “Controlai-vos, controlai-vos!” E esparzia-lhe água no rosto, água que mantinha num copinho na mesa de cabeceira

para aquele efeito. E com a incrível habilidade do Doutor Machado da Rosa para contar anedotas, era de rir à gargalhada. Agora ia ter a oportunidade de conhecer um ou mais destes importantes professores, aqueles perus estufados.

Encontrei uma pensão na Praça da República, Pensão Diogo, que me oferecia quarto e comida por uma bagatela. Tinha dinheiro que chegasse para todas as despesas porque a bolsa era, sem dúvida, muito generosa. As aulas começavam no dia seguinte. Eu estava ansioso. Levantei-me muito cedo e corri para a Universidade, subi as escadas monumentais, passei a estátua de D. Dinis, o rei-poeta fundador da Universidade no século XIII. Não era um conjunto como o da UCLA, mas mesmo assim era imponente e ressumando história e memórias que eram e não eram minhas. Caminhava por páginas de Eça, Antero, Branquinho da Fonseca e até pelas memórias do Doutor Machado da Rosa. Onde ficava a famosa biblioteca de D. João V? — perguntei a uma pessoa qualquer. E onde era a Faculdade de Letras onde ia frequentar as aulas? Ouvi grupos de alunos a falarem inglês, francês, italiano. Aqueles deveriam ser os estudantes para o Curso de Férias. Tinha de juntar-me a eles. Caminhámos por entre os edifícios até à Faculdade de Letras, um dos mais imponentes edifícios da Universidade.

Tinha-me inscrito no Curso Superior, no nível avançado. Iria ter cadeiras de Literatura Portuguesa, Linguística, História de Arte. E quem eram os professores? Um aluno informou-me que um deles era Paiva Boléo, conhecido linguísta. Um dos professores de literatura era Aguiar e Silva. Tinha ouvido falar de Aguiar e Silva. Mas havia outros nomes que eu de todo em todo não conhecia: Arnaud (Artaud?) na história, Aníbal Pinto de Castro, na literatura, Ofélia não-sei-quê também em Literatura. Quando

esperávamos em fila para cumprir qualquer burocracia na secretaria do departamento, começaram a circular algumas peripécias cómicas sobre o Doutor Fernandes Martins, diretor do Curso de Férias, entre os estudantes ingleses que tinham estado no curso de verão do ano anterior. Era professor de Geografia e era preciso um dicionário para entender o que ele dizia. Nas excursões dos fins de semana em que ele era o guia fazia-se sempre acompanhar do seu indispensável Pereira, aquele senhor mais velho que parecia deficiente mental, de uniforme cinzento, que estava naquele momento a falar muito alto, quase aos gritos, para as raparigas francesas. Iriamos saber mais coisas depois acerca do Doutor Fernandes Martins. Linguística, com o Doutor Paiva Boléo, era a minha primeira aula e eu estava já um pouco atrasado.

Entre na sala de aula um feixe de nervos. O professor ainda não chegara. A sala estava quase lotada. Mas havia um assento na primeira fila, onde aquela rapariga de cabelo negro comprido, de óculos e de vestido azul estava sentada. Parecia que o assento tinha sido deixado vago para mim. Estava com sorte, pois a rapariga era muito atraente. Estava a falar com alunos atrás dela quando me sentei. Quando terminou, apresentei-me. Eu era português. E ela?

— Eu sou americana — disse em inglês perfeito, sem a mais leve marca de sotaque estrangeiro.

Eu era dos Açores, embora vivesse na Califórnia há muitos anos. Era estudante na UCLA. E ela? Era de Providence. Frequentava a Universidade de Rhode Island. Importava-se de repetir o seu nome?

— Maria Deolinda.

O nome era, pois, português. Sim, era do Faial. Tinha ido para a América quando tinha nove anos. Estava a estudar Ciências da Educação, com uma especialização em Francês

e Português. Parecia-me formidável. Mas eu seria ainda mais formidável: eu era um estudante de pós-graduação na UCLA, a fazer um PhD em Línguas e Literaturas Hispânicas. Aqui estava eu correndo à frente de mim mesmo, já ansioso para impressionar a Maria Deolinda que era tão bonitinha, tão asseada, cujo cabelo preto e longo brilhava como se ela lhe tivesse posto brilhantina. O seu vestido estava impecavelmente engomado. Ela tinha uma aparência de frescura, feminilidade, quase fragilidade. Comecei a tremer. Ia pedir-lhe que saísse comigo! Estava ansioso por lhe perguntar se tinha namorado. Não seria demasiada ousadia? O Doutor Paiva Boléo — pois aquele senhor com certeza que era Paiva Boléo — entrava na sala de aula naquele momento.

O Doutor Paiva Boléo colocou a sua pasta em cima da secretária sem sequer se dignar olhar de frente para a turma, tirou os óculos do bolso próximo da lapela do casaco, depois tirou de outro bolso um lenço e começou a limpar os óculos. Só depois de os ter posto, olhou para a turma e disse “Bom dia!” Começou a dizer-nos o que nós íamos estudar. Citou muitos títulos seus que ele havia editado — “opúsculos”, chamava-lhes ele — sobretudo em revistas alemãs, cujos títulos aparentemente se deliciava em pronunciar. Eu compreendia alemão suficientemente bem para saber, na maioria dos casos, o que os títulos significavam — e agradei aos céus o terem-me livrado de ser estudante de Linguística em Coimbra. Relanceei um olhar para a Maria Deolinda, que parecia um pouco aborrecida com o Doutor Boléo. E apanhei-a uma vez relanceando para mim. Raios, esta pequena era um docinho! Quando é que acabava esta porcaria de aula?

Assim que a aula terminasse, já havia decidido que a ia interpelar sem rodeios. Iria fazer-lhe perguntas diretas.

Talvez a convencesse a sentar-se ao pé de mim nas outras aulas visto ela também estar a fazer o Curso Superior. Onde estava hospedada? “Numa casa na Ladeira do Seminário”. Queria ir dar um passeio comigo naquela tarde para conhecer a cidade? Sim, iria. E comecei a contar-lhe a minha história, aos pedacinhos, para não a cansar, pois sabia que quando estava emocionado tinha a tendência para dominar a conversa. Por tímido que eu sempre tenha sido, uma vez que rompa o gelo inicial, não sei onde parar, tentando rodear a outra pessoa e evitar que ela me fuja. Mas, com a Maria Deolinda, eu tomaria muita cautela. Ela era muito atenciosa, tinha uma voz mansa, doce, calma. E caramba, como era uma mulher asseada! E que idade tinha?

— Vinte e dois. E tu?

Eu tinha vinte e seis — dois anos menos do que a minha verdadeira idade. A mentir outra vez! Raios me partam, porque estava a mentir outra vez? Instintivamente pensei que vinte e oito seria demasiado para a Maria Deolinda. Avançaria a idade mais tarde, se fosse necessário.

Ela frequentara os Cursos de Férias nos últimos dois anos, na Universidade de Lisboa, com bolsas da Gulbenkian. Este ano tinha resolvido vir para Coimbra, para ver como era. Aliás, o ano passado ela visitara Coimbra. O Doutor Fernandes Martins, o diretor do Curso de Férias, tinha-as mandado embora de uma aula, a ela e a uma amiga, Maria Amaro. Ela com certeza que deveria ter ido para Lisboa outra vez, onde as excursões eram maravilhosas e a comida, um espetáculo. Mas queria ver como era Coimbra.

Naquela tardinha, a Maria Deolinda e eu fomos ao parque na Praça da República. No fim do dia, já tínhamos descoberto muito acerca um do outro. Eu não havia sentido a necessidade de lhe mentir mais. Ela era, ao contrário

de mim, uma pessoa muito sincera, muito natural, com um à-vontade admirável. A título de curiosidade, tinha namorado?

— Sim, o nome dele é Paulo.

Aliás, era da Terceira. C'os diabos, eu havia uma vez mais chegado demasiado tarde. Chegaria tarde a tudo na vida. Mas não desistiria. Era óbvio que ela gostava de mim. Se não gostasse, não estaria aqui comigo a passear no parque. Havíamos passado o dia inteiro juntos. Mas agora teríamos mesmo que sair do parque, pois a Maria Deolinda estava toda mordida dos mosquitos. Nas próximas duas semanas teria de vestir calças, do que eu tinha muita pena porque ela tinha umas lindas pernas.

Quando regresssei à pensão estava numa alegria delirante. Estava convencido de que a Maria e eu nos íamos apaixonar um pelo outro. Tinha que ter cuidado, no entanto. Eu conhecia o amor em repercussão. Eu estava ainda envolvido com a Jeanette, acerca de quem pouco tinha dito à Maria. E agora sabia que ela tinha um namorado. Mesmo assim, ela aceitou o convite para ir comigo à Festa da Rainha Santa Isabel, o grande evento festivo de Coimbra naquele verão de 1972.

Tornámo-nos inseparáveis. Sempre nos sentávamos ao lado um do outro nas aulas e andávamos sempre juntos depois das aulas. A Maria começou a tomar algumas das suas refeições na minha pensão; íamos juntos às excursões. À noite, depois do jantar na pensão, eu acompanhava-a até a sua casa na Ladeira do Seminário, a cerca de um quilómetro da pensão. Quando ela vestia minissaia, os soldados num quartel por onde passávamos a caminho da sua casa, assobiavam-lhe. Eu e ela ficávamos sentados num degrau da ladeira — às vezes até às cinco da madrugada, se bem

que as aulas começassem às oito. Eu nunca tinha sono. Não sabia nunca que horas eram. Não me importava com as refeições. Eu não me importei quando o Aguiar e Silva — então aquele peruzinho, mas um excelente professor, sempre de fatiota castanho-clara no calor horrível de Coimbra, era o célebre Aguiar e Silva da Teoria da Literatura! — me disse, antes de uma das aulas começar, que se eu quisesse assobiar fosse assobiar lá para fora! Não me ralei porque me estava a apaixonar. E estava a apaixonar-me tanto que, sabia que um dia casaria com a Maria Deolinda. E sabia que ela também gostava de mim.

Ela usava óculos com lentes bem grossas. Um dia pedi-lhe que ela tirasse os óculos. Ela tinha os olhos verdes mais lindos que eu já vira! Não eram olhos redondos ou ovais. Eram quase diagonais, como os olhos dos gatos. Podia ela ficar sem óculos para mim? Oxalá pudesse, mas não via nada sem óculos. Não podia usar lentes de contacto devido à curvatura de um dos olhos. Pensava que tinha estragado a vista olhando para o televisor muito de perto quando era criança. E como não via quase nada sem os óculos — e devido à minha grosseira falta de sensibilidade, a de uma pessoa que nunca tinha convivido com ninguém que *precisasse* de usar óculos e tinha dificuldade em sequer imaginar o que isso fosse — ela pegava-me no braço e chegava-se muito a mim, enquanto o fogo do amor passava pelos meus sentidos, pelas minhas emoções, por todo o meu ser. Pois eu sabia que não só a desejava fisicamente, eu também redescobri a Lúcia e a Graça — a Maria até dava uns vagos ares à Lúcia, embora muito mais atraente! — conquanto fosse ao mesmo tempo muito diferente delas. A Maria Deolinda era uma rapariga portuguesa e uma rapariga americana. Como eu, ela frequentava a faculdade. Os pais, pobres emigrantes

não instruídos, eram como os meus. Tal como eu, ela estudava línguas estrangeiras; estava, aliás, a pensar ir para Ann Arbor fazer um mestrado em Linguística. Tudo, ou quase tudo, em nós era semelhante, compatível — exceto o nosso gosto pela Literatura — a grande diferença entre nós. A Maria odiava os estudos literários como disciplina académica! Uma aluna com notas de “A” em todas as disciplinas tinha apanhado um “B” em Literatura. Aqui estava uma boa oportunidade para mim: fá-la-ia gostar de literatura! E passámos horas sem conta nos cafés de Coimbra, eu a dar lições de Literatura Medieval à Maria Deolinda, que já havia decidido que não faria o exame final no fim do Curso de Férias.

Abriendo-se mais e mais, a Maria Deolinda partilhou a sua história comigo. Emigrara em 1959 com os pais quando tinha nove anos de idade, apenas feita a terceira classe, depois de o vulcão dos Capelinhos explodir e destruir parte da sua ilha e depois de John F. Kennedy e John Pastore haverem introduzido legislação no Congresso para aumentar a quota para Açorianos. Como tantos outros emigrantes do Faial, ela era uma Criança do Vulcão. Os pais tinham uma história muito trágica, história essa que tinha muitas semelhanças, como também diferenças, com a história dos meus pais. Havia chegado ao aeroporto de Logan, em Boston, muito tarde na véspera do Ano Novo. O seu tio, que deveria lá estar à sua espera, adoeceu e estava no hospital. (Mais tarde, descobriram que não era verdade: era a esposa dele que não queria os cunhados e a filhinha na sua casa!) Passaram-se horas e horas até que se viram a sós no aeroporto. Só muito de manhãzinha é que alguém apareceu para os ir buscar. (A sua história lembrava-me da quase-tragédia, aliás muito conhecida, do casal açoriano que, quando lhe disseram que tinham de esperar pelo voo para a Califórnia,

tinham-se perdido no terminal, perderam o voo, e ela sentindo as dores de parto, foi salva por um contínuo que foi deparar com eles, em estado de pânico, num canto do aeroporto.) Embora o pai da Maria Deolinda tivesse conseguido um emprego, foi despedido pouco depois. Durante nove meses eles viveram dos quarenta e três dólares mensais que o fundo de desemprego lhes dava. Para ajudar a família, a mãe da Maria, que nunca tivera um emprego extradoméstico, viu-se forçada a conseguir um emprego numa lavanderia numa engomadeira automática. Não podendo aguentar o ritmo acelerado do trabalho mecanizado, experimentou o primeiro de seis esgotamentos cerebrais. Devido à sua doença, foram expulsos de vários apartamentos e rejeitados por vários outros senhores.

Mas as experiências e triunfos acadêmicos da Maria Deolinda é que se aproximavam mais da minha própria história. Frequentou a Cleary Grammar School, em Providence. Duas das suas experiências mais dolorosas tiveram que ver com a sua aparência e com o seu conhecimento imperfeito da língua inglesa. Vestindo saias de raparigas de mais idade, doadas por uma vizinha, suscitou o escárnio das outras crianças. Como também foi ridicularizada por se referir aos dedos dos pés (“toes”, em inglês), como *ingers of the feet*, o que como tradução literal é perfeitamente lógico. A sua professora da quinta classe, a Irmã Virgilius, uma vez disse-lhe “Vais ser como todas as outras” – querendo dizer que a Maria Deolinda seria como todas as outras imigrantes açorianas que andavam na escola a passar tempo até que cumpriam os dezasseis anos – e depois se retiravam da escola, como havia acontecido com as minhas irmãs. E parecia que a profecia da Irmã Virgilius se ia cumprir: a Maria Deolinda, que fora uma menina passiva e respeitosa,

tornou-se uma *discipline problem*, com a agravante que lhe impuseram outra humilhação: a de a pôr numa aula para crianças mais jovens do que ela um ano. Como lhe haviam vaticinado fracasso, a Maria Deolinda começou “a adoecer” chegada a hora de ir para a escola. A professora que a salvou foi a Irmã William Mary que um dia lhe disse que a Maria Deolinda tinha uma vantagem sobre todas as outras meninas: falava duas línguas e dentro em breve seria bicultural. Este foi o momento de viragem na sua carreira académica. Desde então a Maria tornou-se uma aluna exemplar.

Na St. Patrick’s High School, ela realizou os seus e os sonhos dos seus pais. À medida que os problemas financeiros e de saúde dos pais se intensificaram, a Maria tornou-se a fonte de prazer e orgulho para o pai, a sua maneira vicária de autorrealização. Na medida em que a sua dignidade era espezinhada e a família era empurrada de emprego para emprego e de residência para residência, a Maria Deolinda atingiu o estatuto de *a melhor aluna* na sua escola secundária que era predominantemente de americanas de ascendência irlandesa — até que se formou como a *valedictorian* (a aluna com a mais alta distinção), fazendo com que uma das professoras, irlandesa também, dissesse que uma imigrante açoriana conseguir aquela honra numa escola irlandesa era um verdadeiro milagre. Os pais — para quem a instrução tinha muito mais valor do que tinha para os meus — fizeram sacrifícios supremos para que a Maria pudesse frequentar a Universidade de Rhode Island onde se formaria *summa cum laude*. O pai da Maria, que fora um mestre carpinteiro e pedreiro muito respeitado na sua ilha, viu-se reduzido a fazer trabalhos humildes na American Insulated Wire, em Pawtucket, Rhode Island, ganhando um salário mínimo. Devido à sua incapacidade e oportunidade de

aprender o inglês (pois sempre trabalhou com portugueses e conviveu com eles na América!), viu-se em lios com cruéis capatazes açor-americanos, que por vezes requeriram a intervenção da sua filha como intérprete e intercedente junto do *bossa grande* para que ele não transferisse ou demitisse o pai quando este, usando da sua experiência e inteligência mecânica, oferecia conselhos para melhorar as condições de trabalho — que tinham o inconveniente de ofender o orgulho do incompetente capataz. Era o equivalente do ambiente das *leitarias* na Califórnia. A nossa podridão açoriana, exportada para todos os cantinhos da América: os Açores, Portugal a perseguir-nos, até depois da nossa fuga deles para fora!

Com antecedentes praticamente idênticos aos nossos, a nossa vida havia sido, em muitos sentidos, um triunfo no qual nos comprazíamos. Ambos filhos de analfabetos ou quase analfabetos, havíamos conquistado uma geração! Tínhamos feito o que normalmente só a segunda ou terceira geração de imigrantes por vezes conseguem fazer. Olhando de frente um para o outro ali sentados àquela mesa no intervalo de falarmos de Literatura Medieval, tínhamos a sensação de estarmos a ver-nos num espelho. Como fôramos capazes de sobreviver e alcançar o que havíamos alcançado? Éramos dois pequenos milagres! Como era possível *não* nos apaixonarmos um pelo outro? Em comparação com a minha, porém, a história da Maria Deolinda havia sido uma história exemplar. Academicamente eu realizaria mais do que ela — mas a um preço humanamente muito mais alto para mim e para aqueles que me ajudaram, como a Jeanette. A Maria havia-o feito sem nunca comprometer a sua ou a dignidade dos seus pais e os sólidos valores açorianos de muita da nossa gente

humilde — nobreza no trabalho e honestidade no trato com os outros.

Adorei as aulas em Coimbra. Não devido às disciplinas em si — embora algumas delas fossem bastante boas, sobretudo as de Aguiar e Silva, Aníbal Pinto de Castro, Ofélia Paiva Monteiro, a cadeira de História de Arte com um senhor padre, homem carinhoso e de caráter são de cujo nome tenho uma pena enorme de me não lembrar. Adorei as aulas porque estava com a Maria Deolinda. E partilhávamos as experiências extra-acadêmicas que estávamos a ter, ela na casa, eu na pensão — por exemplo, a lagarta na salada ontem à noite e o Sr. Diogo da pensão, muito mais jovem do que a esposa, uma senhora que estava sempre à beira das lágrimas. “Deve haver um grande mistério entre aqueles dois”, pensava eu. Falávamos das alunas francesas que ficavam na pensão onde eu estava — ambas de nome Françoise, uma de Limoges, a outra de Paris. Terminado o Curso de Férias, a Maria Deolinda ia passar um semestre em Limoges, para aperfeiçoar o seu francês, que já era exemplar. Não, era uma porcaria, insistia ela, pois a Maria Deolinda tinha a tendência para minimizar os seus feitos — como eu tinha para exagerar os meus.

Sabia ela do *gentleman* inglês com o rolo de papel higiênico no bolso do casaco? Não, não sabia. Então? Conte-lhe a história. Como as casas de banho da Faculdade de Letras nem sempre tinham papel higiênico, aquele *gentleman*, alto, já de certa idade, sério como um sólido *gentleman* inglês, comprara um rolo de papel higiênico, metera-o no bolso e desenrolara um pedacinho para que se visse o que era. E estacionava, este homem altíssimo e sério como uma porta de catedral românica, em frente da casa de banho, e quando um dos alunos do curso de verão ia a entrar, ele

então desenrolava uma porção de papel que imaginasse adequada às necessidades da pessoa. Por hilariante que eu o achasse, também o odiava. Aqui estava outro inglês, outro filho do maior império que o mundo já vira, transformado no mais insólito dispensador de papel higiênico que o mundo já vira, a fazer escárnio de Portugal. Um dia estive quase a tirar-lhe o rolo de papel higiênico da algibeira e a esbofeteá-lo com ele.

As excursões foram excelentes. A Maria Deolinda, porém, tinha saudades das excursões do Curso de Férias de Lisboa, pois havia muito mais para ver e a comida era maravilhosa. A Maria, já descobrira eu, adorava comer. Como conseguia ela manter aquela forma perfeita — de 105 libras? Pois, não sabia. Mas sempre fora assim desde os doze anos! Eu, embora pesando um tiquinho mais do que desejaria, estava a perder peso rapidamente — pois quase que nem pensava em comer. Era uma tortura ter que dormir e esperar até ao dia seguinte, até dali a umas horas, para ver a Maria Deolinda outra vez.

Havia um grupo de japoneses a fazer o Curso de Férias — para depois irem para o Brasil, como nos informaram um dia — que raras vezes falavam com os demais alunos, que andavam sempre juntos como se fossem um único indivíduo com muitas cabeças, pernas e braços. O Doutor Fernandes Martins, fiel à sua reputação de ser um dicionário ambulante de palavras difíceis, bombardeava-nos com o seu português impossível. Era, sem dúvida, um ator frustrado, pois sentia necessidade de dramatizar, teatralizar tudo o que narrasse e visse, por trivial que fosse. Um dia, quando atravessávamos uma região agriculturalmente pobre — se bem me lembro, na zona da Gândara — ele mandou o autocarro parar, ali no meio de um deserto onde não havia

mesmo nada para ver ou fazer, e saiu do autocarro. Que iria fazer desta vez? — a Maria Deolinda e eu perguntámo-nos um ao outro. O Pereira, entretanto, mantinha-se vigilante, para que ninguém ousasse sair do autocarro. O Pereira era uma extensão do Doutor Fernandes Martins. Até refletia a disposição dele: quando o Doutor Fernandes Martins sorria, o Pereira sorria; quando o Doutor Fernandes Martins assumia o ar solene, a solenidade descia sobre o rosto do Pereira; quando o Doutor Fernandes Martins era enfático e dramático, o Pereira também espelhava a seriedade do seu superior. O Doutor Fernandes Martins entrou dramaticamente no autocarro com as duas mãos em concha — cheias de areia! Sendo geógrafo, conhecendo cada centímetro do território do seu país, sabendo e usando o termo geográfico ou geológico preciso para toda a pequena colina e para toda a formação rochosa em existência, todas as excursões haviam sido uma lição de Geografia ou Geologia. Também conhecia a história portuguesa, pois narrou-nos, quando visitámos o sítio correspondente, a Batalha de Aljubarrota. O que eu teria dado para saber o que ele sabia acerca daquela célebre vitória dos portugueses sobre os castelhanos, para ser capaz de recriar verbalmente e, mediante o poder da evocação verbal, fazer reviver aquele evento ali ante os nossos olhos — com a eloquência com que o podia fazer o Doutor Fernandes Martins! Como era possível alguém dominar a língua portuguesa como aquele homem dominava? E ter aprendido os mais incríveis pormenores de uma batalha que acontecera no século XIV? Como era possível alguém reviver um momento da história com uma paixão tão forte como este homem? Sem dúvida que ele era, apesar das suas excentricidades, um homem extraordinário, um homem admirável.

Mas os japoneses não viam as coisas deste prisma. Quando o Doutor Martins entrou no autocarro com o punhado de areia – para dramatizar, viríamos a descobrir, quão pobre era aquela região do país – o *individuo* japonês com muitas cabeças e muitas pernas e muitos braços que se sentava no última fileira de assentos do autocarro, desatou num orquestrado aplauso e grito:

– *Miragre de Fátima! Miragre de Fátima!*

O Doutor Fernandes Martins esmagou-os com o seu ar imperturbável, a sua compostura. Não tinha ouvido nada! Não tinha visto nada! O Pereira correu para a retaguarda do autocarro. Ia castigar os japoneses? Não, mas eles perceberam o seu gesto. A minha vontade era atirar com aqueles idiotas para fora do autocarro.

A Maria, eu e alguns outros alunos do Curso de Férias faltaríamos a uma das excursões para podermos ir ao Norte, a Afife, à festa de aniversário da Celestina, uma das nossas colegas. A Celestina, que emigrara para a Bélgica com a família, ainda mantinha a sua casa no Minho. E tinha-nos convidado para ir celebrar o dia dos seus anos com a família. Era uma linda rapariga, inteligente, mas insuportavelmente mimada que, uma vez em casa dos pais, teve ataques e dizia “Ta-ta-ta!”. Muito esquisito – pensávamos a Maria e eu.

A Celestina tinha vindo ter comigo à pensão várias vezes para estudarmos juntos, pois ambos estávamos decididos a fazer o exame final. Mas não muito depois descobri que o meu conhecimento tão excelente da Literatura Portuguesa não era a única razão pela qual ela queria estudar comigo: a Celestina estava interessada em mim! Um simpático rapaz francês do curso tinha-lhe dito uma vez que, antes de se ir embora, ele e a Celestina haviam de “tornar-se

íntimos”. Podia eu imaginar tal coisa? A Celestina sentava-se na minha cama, depois de verificar que a porta estava fechada. Como se eu e ela fôssemos irmãos, não tinha qualquer cuidado com as saias, frequentemente deixando à mostra as suas bonitas pernas brancas. Era óbvio que ela estava a pensar em alguma coisa mais do que na Literatura.

– Ó céus – pensei eu – o que eu teria feito para ter uma rapariga como a Celestina quando estava em Tularé, ou quando começara a trabalhar no Du Par’s. Porque é que as coisas só me aconteciam na hora errada?

Quando me vi irritado com a Celestina, porém, realmente desejando que ela se pusesse a andar da pensão para fora apesar das suas belas pernas brancas, sabia que era por causa da Maria Deolinda. Naquele momento não hesitaria em pôr a Celestina fora do quarto, literalmente fora do quarto, se suspeitasse que a estada dela ali podia prejudicar o meu relacionamento com a Maria.

Em Afife, a Celestina portou-se com mais intimidade comigo do que me pareceu ser prudente. Portanto a Maria e eu fomos embora sem sequer dizer adeus a ninguém, especialmente aos pais da Celestina que tinham sido muito simpáticos e tinham hospedado toda a gente aquela noite. Mas eu não queria saber de ninguém nem de nada que não fosse a Maria, naquele momento. E também ela, a essa altura, tinha já decidido romper com o Paulo. Também ela estava apaixonada por mim. Um belo dia – e fazia-o de todo o coração – propus à Maria que nos casássemos na Igreja de Santa Cruz! Até tinha comprado um fato novo, com mangas e perneiras de tamanho adequado. Que dizia? Não – mas começámos a discutir a possibilidade de nos casarmos mais tarde. Iria parar o tempo? O curso estava quase a acabar! Como tinham passado tão depressa

aquelas seis semanas — seria possível que o curso estivesse quase passado?

Tinha de preparar-me para os exames. Eram vários e eu sair-me-ia bem. Chegara o meu dia de apresentação: eu ia ser exposto a uma daquelas sessões inquisitoriais de que tanto ouvira falar. Estava preparado. Mas a Maria Deolinda recusou-se a estar presente. Não queria ver-me sofrer a humilhação que sabia que viria, porque também ela ouvira falar dos tais famosos exames. Havia vários professores: o de história, Arnaut (será esse o nome do senhor?), e um professor de literatura. E lá estava a assistente de Paiva Boléo que, afinal, fora quem dera a maioria das aulas dele. Ainda vejo os seus tornozelos de cabra, mas não me lembro de mais nada com respeito a ela. Nem sequer me preocupei em saber como se chamava. Todos eles fizeram perguntas a que fui respondendo. Mas eu nem conseguia acabar a resposta. Assim que eles percebiam que eu sabia a resposta, não me deixavam continuar. Mas quando suspeitavam que eu estava inseguro da resposta, então apertavam a tarraxa. Com que então era assim? Tentei mudar um pouco o jogo. Começava a responder à pergunta, e depois, subtilmente, fazia uma pergunta, para clarificar um ponto, para meter um pormenor de que não estava bem seguro. Mas também esta era uma espreteza que centenas de anos de exames inquisitoriais tinham ensinado aos meus ilustres juizes. O que me salvou foi, ao que julgo, Arnaut. Ele estava, ao que penso, mais interessado em impressionar os colegas do que em me permitir que provasse quanto ele me ensinara. E fazia uma pergunta de História e, antes que eu tivesse ocasião de sequer começar a formular a resposta, respondia ele mesmo. Não é? Não é? É, concordava eu, concordando com tudo o que ele dissesse. Comecei a ficar com tonturas. Graças aos

deuses, a Maria Deolinda tinha decidido não assistir. Que horrível seria fazer aquela figura de parvo na frente dela. Felizmente o meu interminável exame chegou ao fim. Fui felicitado. Sim senhor, tinha sido muito bom. Tinha? Muito bem. E levantei-me e saí — sentindo-me ridículo, humilhado, os meus ouvidos a zumbir de perplexidade.

— Como é que foi?

Era a voz da Maria Deolinda que me chamava à realidade. Dei-lhe um abraço.

— Maravilhoso, minha querida, maravilhoso. Mas, por favor, vamo-nos daqui antes que eu vomite.

Mas, afinal, não havia sido tão mau assim. Tinha era sofrido um abanão no meu ego. Que diabo, porque é que aquela gente não me deixou mostrar o que eu sabia? Para que tinham de me humilhar? Que raio de sistema era aquele? O Doutor Machado da Rosa tinha razão; o Eça tinha razão. E que teria sido no tempo do Doutor Machado da Rosa ou no de Eça! Pensei no Valley College: na Doutora Soper, na Mrs. Shields, no Mr. Beaumont. Pensei no que o Mr. Beaumont diria se tivesse visto aquela gente. E na América até nós avaliávamos os professores! Como eu desejava poder avaliar aqueles bicharocos. Coimbra tinha sido uma maravilha até àquela altura. Como eu tinha gostado de Portugal! Mas agora que tinha tido a minha autêntica prova de Coimbra, como me sentia grato de ter ido para o Vale de San Joaquin e para a UCLA.

— Que os deuses abençoem a América, Maria Deolinda, que os deuses abençoem a América!

Acabei com a classificação de catorze no exame. Não era nada do outro mundo, uma vez que o grau máximo era vinte, uma nota que me fora dito raras vezes alguém recebeu. Se uma pessoa recebe um vinte torna-se uma espécie de figura

histórica ou folclórica. Apesar disso, eu recebi um especial mérito: tinha a mais alta classificação do Curso Superior! Deveríamos ter sido muito burros naquele ano! De acordo com a Universidade de Coimbra eu podia ensinar Português nos Estados Unidos! (Claro que ninguém havia pensado na possibilidade de os Estados Unidos discordarem.)

Temia deixar a minha querida Coimbra que se tinha tornado um sonho, uma canção. A Maria Deolinda iria a Lisboa para me acompanhar ao aeroporto. Embora soubesse que ia ver a minha família, preferiria juntar-me à Maria em Limoges. Deuses, se eu tivesse dinheiro! Se eu tivesse o dinheiro que fizera a ordenhar vacas — e que viria a perder totalmente, cumprindo-se assim a profecia do meu pai! À parte uns dividendos e alguns lucros, do próprio dinheiro que havia ganhado a ordenhar vacas nunca usufruíra nem viria a usufruir um vintém! Anos depois liquidei o meu portfólio e distribuí, proporcionalmente ao que elas haviam contribuído para o investimento original, o dinheiro que sobrava pelos meus irmãos e pela Jeanette. Habitado como estava a partir e a deixar pessoas atrás a quem queria, nunca tinha experimentado tanta dor física ao dizer adeus a alguém. A pobre da Maria Deolinda mal conseguia falar devido às lágrimas. Voltaríamos a estar juntos. Mas não sabíamos ainda o que nos esperava antes que fosse possível transformar o sonho em realidade.

Terceira! Era a Terceira! E o meu coração não ia parar de bater tão depressa? Depois de Santa Maria, onde comprei e mandei à Maria Deolinda uma lembrança (um galinho com uma frase: *Quando este galo cantar deixarei de te amar!*), começara a preparar-me para o regresso a casa. Não sei como caminhei do avião para o terminal, porque não

sentia as pernas. Eu caminhava sem pernas! E depois vi-os: o padrinho tão envelhecido que me apertou tanto ao peito que eu tinha dificuldade em respirar; que não me largava e já estava a irritar os demais que também me queriam abraçar; os meus pais, as minhas irmãs e irmão; os meus tios e tias, primos, vizinhos. Mas onde estava a madrinha? Porque não fora ela a primeira a abraçar-me? A madrinha tinha desmaiado; estava inconsciente, respirando com dificuldade enquanto alguns mirones olhavam em choque porque ninguém parecia preocupado. Porque isto sempre acontecia à madrinha: qualquer forte choque emocional e ela ficava assim por uma meia hora. Entrei no táxi com os meus padrinhos, um de cada lado. Se bem que tínhamos que passar pela casa dos meus pais a caminho da dos meus padrinhos, o protocolo exigia que não houvesse paragem ali — teria de ir a casa primeiro, o que queria dizer a casa dos meus padrinhos. Mais tarde poderia ir a casa dos meus pais para os visitar. A poucos minutos do aeroporto, a madrinha despertou. Olhou para a minha cara como se não pudesse crer. E depois observou-me e disse visivelmente desagradada:

— Chico, quem te fez esse casaco? Essas mangas são uma vergonha de curtas!

— São, sim, madrinha, mas é assim que eu gosto!

Antes que ela tivesse tempo de dizer mais nada, porque eu sabia que ela me ia fazer milhões de perguntas antes de chegarmos a casa, eu desfechei:

— Encontrei a minha mulher em Coimbra. Chama-se Maria Deolinda Silveira. Vou casar com ela assim que acabar os estudos.

A Madrinha mal tinha ouvido o que eu dissera. Queria saber: o quê, onde, quanto, quando, com quem...

— Madrinha — observei —, temos muito tempo para falar de tudo isso.

O táxi dirigia-se à Agualva. De novo a mesma sensação de Lisboa, mas pior: tudo era tão pequeno, tão velho, tão pobre. As casinhas pareciam insignificantes, casas de bonecas, a caírem. Mas o ar era maravilhoso e lindo o mar. Eu que na América parecia um arbusto na floresta, agora era mais alto que toda a gente, exceto o padrinho. Senti-me saudável, bonito, ao lado dos vizinhos que me vinham visitar. Os meus amigos, os poucos que ainda restavam, porque muitos deles tinham emigrado para o Canadá, França, América, pareciam tão velhos, com falta de dentes, a pele envelhecida, acanhados na minha frente, hesitantes no modo de se me dirigirem. E sempre as perguntas, algumas indiscretas: porque é que eu não estava casado? Onde trabalhava? Quanto ganhava? Tinha visto fulano e sicrano na América?

A madrinha tinha caído a casa, pintado os interiores e tinha cortinas novas. A casa cheirava maravilhosamente a comida. Era uma celebração. Todos os vizinhos com os filhos começaram a chegar.

— Onde está o *amaricano*? Onde está o *amaricano*?

E o *amaricano* não sabia a quem abraçar primeiro. Estava surpreso de ver que, a não ser a gente velha, havia um grupo de pessoas que ele não conhecia.

— Que bom vê-lo, Tio José Bonifácio.

Era certo que ele tinha ido ao aeroporto, mas eu não tinha tido ocasião de o abraçar. E como parecia velho e frágil! Toda a gente cheirava um pouco a suor porque ninguém usava desodorizantes. Ainda não havia casas de banho a não ser nas casas dos ricos. Mas como tudo cheirava tão bem! As visitas começaram a chegar com galinhas, com

pacotes de açúcar, com fruta. O meu primo José Melrinho apareceu todo envergonhado. Não, não queria abraçar-me porque estava muito sujo. Trazia-me lapas porque tinha ido apanhá-las de propósito a um sítio na rocha que ele lá sabia, para mim. Ainda gostava de lapas com pão de milho? Comiam lapas na América?

Tinha valido a pena tanto sofrimento para uma receção daquelas! A madrinha começou a pôr toda a gente fora de casa. Tinham tempo de sobra para falar comigo porque eu ia ficar duas semanas. Agora eu precisava de descansar porque estava cansado da viagem.

– Não, madrinha, não estou, foram só duas horas de viagem.

– Não, tu *estás* cansado e eles podem voltar mais tarde.

Portanto toda a gente começou a ir-se embora e só ficou a minha família que olhava para mim em pasmo. Senti-me como se fosse um objeto precioso numa vitrina, um pouco acanhado. Como eu tinha mudado! E o cabelo, que tinha acontecido ao meu cabelo? Ora bem, as vacas, a América. Não, já não me penteava para trás porque estava a perder o cabelo na frente.

– Mas como é bonito, não é? É o mais bonito dos teus filhos, Maria Ribeira – disse a madrinha para a minha mãe.

A mãe, coitada, estava em estado de choque. E agora, olhando para ela, como tinha mudado! Tinha o cabelo arranjado muito profissionalmente, uma coisa que nem mesmo na América eu a vira fazer. Comentei o facto. Era verdade, confirmou a madrinha.

– A tua mãe é uma *amaricana*. Desde que veio da América veste-se bem, arranja o cabelo, até parece mais nova, não parece?

Era verdade: a mãe parecia muito mais nova e mais bonita do que alguma vez a vira. A madrinha não, embora eu não tivesse a coragem de lhe dizer. Essa estava velha, cheia de rugas. Mas era ainda quem mandava. Agora íamos a casa dos meus pais... e todos nós íamos.

Encaminhámo-nos para a casa dos meus pais. Das janelas, das portas, de toda a parte, ao que parecia, surgia gente para me ver, para comentar como eu tinha mudado, embora continuasse bonito, sim senhor. Alguns fingiam não me reconhecer:

– Se eu não soubesse quem era, não seria capaz de dizer assim de repente.

Eu sabia que estavam a exagerar, mas é o que se diz a todos os emigrantes que regressam. Ouviu-se uma voz gritar de não sei onde. A madrinha deu ordem para parar o cortejo: era a Irene, a rapariga cega que era exatamente da minha idade e que costumava viver do outro lado da rua da nossa casa. Queria tocar várias pessoas para reconhecer quem eu era? Ela fê-lo. Quando me tocou já sabia.

– Este é o Chico. Reconhecia-o em qualquer parte.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas enquanto recordava ter andado a pedir com ela e com os irmãos, o que a madrinha sempre detestara. Um dia deixara escapar o carrinho de madeira em que ela ia e o carrinho tinha ido pela colina abaixo com a pobre Irene aos gritos dentro. Felizmente não se tinha aleijado. Eu tinha feito aquilo para ver o que aconteceria. Devia ter uns seis anos, mas já era um diabinho. E tudo fomos lembrando.

Havia regressado ao lar! Ó céus, depois de uma acidentada viagem de nove anos pela Califórnia; depois de seis anos por vezes de suma alegria e felicidade, mas tantas

vezes também de dor e agonia com a minha Calipso suíça, senti que havia finalmente regressado a casa.

O sentimento de regresso ao lar, porém, começou depressa a esbater. Depois de ver toda a família e alguns dos meus velhos amigos (pois o resto havia emigrado, a maioria para a França e o Canadá e tantos outros lugares no mundo...), depois de rememorar com os mais velhos a minha infância de contador de histórias, pouco mais ficou para eu fazer. E estava ansioso para regressar à América.

Amherst, junho-julho, 1990

EPÍLOGO

*Já transcorreram vinte e sete anos desde os acontecimentos aqui narrados. Vinte e três já passaram desde que terminei o doutoramento na UCLA e aceitei uma colocação como Professor Auxiliar de Português na Universidade de Massachusetts, em Amherst. E já lá vão oito anos desde que concluí esta autobiografia que originalmente era para deixar ao meu filho, Evan Anthony, que nasceu quando eu tinha quarenta e três anos. De certo modo, ele é responsável pela escrita de *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey* (memoir). Depois de concluída a escrita, porém, persuadiram-me que esta história – e eu sei que uma autobiografia não é necessariamente objetivamente a história que nos tocou viver, mas tão-só aqueles aspetos mais significativos da história que nós acreditamos que vivemos – não só valia a pena ser contada, mas valia também a pena ser partilhada. Se tinha eu razão ou não é o que o leitor ou a leitora terá de decidir.*

No verão de 1999, a minha esposa Maria Deolinda, o nosso filho e eu fomos passar férias aos Açores. Era a primeira viagem que o Evan fazia à terra dos seus pais. E conquanto a Maria Deolinda e eu houvéssemos estado nas nossas Ilhas numerosas vezes depois de emigrar – ela em 1959 e eu em 1963 – num sentido muito profundo esta foi uma verdadeira redescoberta para nós. Olhámos para os Açores em parte através dos olhos do nosso filho. Enquanto viajávamos por um Faial (terra da Maria Deolinda) semidestruído por um recente sismo, pudemos partilhar com o Evan muita da

dor sofrida pelos habitantes dos Açores através dos cinco séculos de história do arquipélago. O facto de a Maria Deolinda ser uma dos milhares de faialenses que emigraram depois da erupção dos Capelinhos em 1957-58, a relação direta entre a história das Ilhas, incluindo a geológica, e a história da emigração açoriana era demasiado óbvia para precisar de explicação, até para uma criança de 12 anos. Claro que sempre houve muitas mais razões para a emigração. O Evan há de as ir descobrindo por si mesmo com a idade.

Este verão, ele queria ficar mais uma semana nos Açores para conhecer melhor os seus primos açorianos.

Amherst, 5 de setembro de 1999

Jeanette Gage faleceu em março de 2012. A pedido de um amigo e vizinho seu, Ron, escrevi esta evocação que foi lida na cerimónia do seu funeral:

Minha querida Jeanette:

Ao escrever esta evocação, estou a olhar para uma foto tua que eu tirei nos anos 60. Estás vestida de calça de boca de sino e de blusa à maruja, uma malinha dependurada no braço esquerdo, permitindo que as tuas duas mãos te ficassem livres para segurares um saquinho de pevides e grãos que os parques e zoológicos vendiam para se dar aos animais. Em frente de ti, como que de olhos à procura dos teus, enquanto tu lhe roubas um segundo para olhares para a máquina fotográfica, está um veadozinho-fêmea à espera que tu lhe dêes de comer. Tu estás a exhibir um dos teus sorrisos que nem te partem os lábios, daqueles sorrisos que pareciam emergir do interior do teu ser. Tu

eras capaz de sorrir com a tua gentileza, a tua beleza, a tua bondade, a tua inocência como que de criança. Adoravas os animais — desde os animais do zoo, aos animais dos parques como este, aos teus porquinhos-da-índia, aos teus gatos. Quando me mudei para a tua casa no outono de 1966, só tinhas dois gatos, Midnight e Funny Face, e cerca de uma dúzia de porquinhos-da-índia. Mas uma vez havias tido centenas de ratinhos de estimação. Uma das nossas atividades favoritas era passar pelos contentores de lixo dos supermercados para apanhar desperdícios de alfaces para os porquinhos.

Tínhamo-nos conhecido no Restaurante DuPar's, em Studio City, naquele verão de 1966. O teu marido havia partido para o Vietname, onde queria dobrar ou triplicar o seu vencimento como eletricista. Vivias numa imensa solidão. Eu era um imigrante de 22 anos, recém-chegado do Vale de San Joaquin onde havia ordenhado vacas por três anos, até que um dia uma vaca ruim me ia partindo as costas com um coice. Eu era o lavador de pratos no turno da noite em que tu eras empregada de mesa. Um dia fui convocado para limpar água derramada por um cliente que, num acesso de má-criação, havia atirado com um copo de água ao chão, por tu teres acidentalmente derramado um pouco de água em cima das calças dele. Começaste a chorar e eu olhei para os teus olhos azuis/verdes/cinzentos e pedi-te que não chorasses mais. “Ele não merece a tua dor; foi um simples acidente”, implorei-te.

Aquele simples encontro seria o início de um relacionamento que duraria seis anos e transformaria a minha vida para sempre. Tornaste-te a minha maior amiga, e depois o primeiro grande amor da minha vida. Passámos por momentos difíceis, mas tivemos momentos de júbilo

pelos quais eu ainda meço e avalio a felicidade. Sobre tudo para te impressionar, eu matriculei-me na Los Angeles Valley College (apesar de ter feito apenas a quarta classe nos Açores), transferi-me para a UCLA e concluí o meu doutoramento em 1976. Nunca mais nos vimos desde 1974, apesar de subsequentemente eu ter passado por Crisp Canyon Road várias vezes. Uma vez, nos anos 80, até parei o carro em frente da tua casa. Mas o medo – e talvez a cobardia – impediram-me de bater à tua porta.

Em dezembro de 2011, soube pelo meu irmão José – que ainda vive em Upland e que costumava visitar-nos em Sherman Oaks – que tu estavas gravemente enferma. Liguei-te e falámos por umas duas horas. Disse-te que havia escrito uma autobiografia de imigrante em que tu eras uma das principais, senão mesmo a principal personagem. “Queres que ta envie?” perguntei-te. Tu respondeste afirmativamente. E leste o livro, ou pelo menos várias partes dele. Embora te sentisses lisonjeada por alguns trechos, de outros não havias gostado. Nas próximas vezes que conversámos, tentei convencer-te de que aquela era a nossa história, mas do meu ponto de vista; que tu naturalmente terias outra perspetiva dos mesmos eventos. Recordámos muitos dos momentos recriados por mim no livro. Isto durou umas duas semanas. Disse-te que teria que ir a Lisboa para o lançamento de um livro, mas que te ligaria todos os dias logo que regressasse. Nunca mais nos falámos, pois quando regresssei tu já havias sido transferida para um hospício onde virias a falecer. Ao teu vizinho e amigo Ron que me pediu esta evocação para ser lida no dia do teu funeral, escrevi, “... nunca conheci ninguém que fosse tão generosa, tão dadivosa, menos egoísta, e mais adorável do que a Jeanette. Eu precisava de lhe dizer que

ela fora a mulher que eu primeiro amara na vida, uma das que mais amei na vida... e que ainda a amava. Mas sei que a terei magoado profundamente, anunciando-lhe que escrevera uma autobiografia em que ela figurava e sugerindo que ela a lesse. Daí, talvez, esta necessidade de confissão a você, Ron, e a quantos ouvirem esta evocação, que é mais uma das confissões que pela vida fora me tenho sentido compelido a fazer..."

Hoje sou um homem diferente do que seria se não te tivesse conhecido, Jeanette. Ficarias contente de saber que agora sou um admirador e amante de gatos. Temos dois neste momento. E uma das minhas narrativas de que mais gosto, "Midnight" (No Vale dos Pioneiros), é sobre a primeira gatinha que tivemos, cujo nome lhe foi dado pelo Evan, mas que, para mim, honra a memória da tua Midnight.

Que descanses em paz, minha querida Jeanette. A minha profunda gratidão por tudo o que fizeste por mim e foste para mim... e continuarás a ser até ao fim da minha vida.

Amherst, 6 de outubro de 2012

ÍNDICE

Agradecimentos	9
Prefácio de Daniel de Sá	11
Nota do autor	15
I. O menino da madrinha	23
II. América, cá vou eu!	61
III. Boas-vindas de luz	93
IV. O lar é uma família	135
V. A caminho da cidade dos estúdios	173
VI. Jeanette e Margaret	211
VII. Los Angeles Valley College	247
VIII. Habitando-me a uma nova família	283
IX. Alex	319
X. Jimmy	349
XI. “Coimbra é uma canção”	385
Epílogo	421

COLEÇÃO COMUNIDADES PORTUGUESAS

A Coleção Comunidades Portuguesas pretende trazer a público testemunhos, documentos, ensaios e obras de criação literária respeitantes aos portugueses que vivem, trabalham e criam fora de Portugal. Com esta coleção, iniciativa conjunta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quer dar-se visibilidade e voz às nossas comunidades residentes no estrangeiro.

Francisco Cota Fagundes nasceu na Agualva, Terceira, Açores e emigrou em 1963 para os Estados Unidos. Tendo feito apenas a 4.^a classe na Terceira e nunca tendo frequentado uma escola secundária, doutorou-se na Universidade da Califórnia, Los Angeles, em 1976. Professor catedrático de Português na Universidade de Massachusetts Amherst, já assinou mais de trinta livros e é tradutor, do português para o inglês, de *Mau Tempo no Canal*, de Vitorino Nemésio, de *O Barão*, de Branquinho da Fonseca e co-tradutor de *Metamorfoses* e *Arte de Música*, de Jorge de Sena. Do inglês para o português, traduziu várias autobiografias de emigrantes portugueses, incluindo *A Porta Aberta*, de Laurinda C. Andrade. *No Fio da Vida: Uma Odisseia Açor-Americana* narra a sua história de vida, desde a meninice e adolescência nos anos 50 e princípios dos 60 numa freguesia rural dos Açores, depois nas vacarias do Vale de São Joaquim da Califórnia, e posteriormente num *junior college* e na Universidade da Califórnia. Mais importante do que documentar uma história de vida de um imigrante que subiu a pulso, trata-se sobretudo de um percurso que, sem intenção declarada de o querer fazer, consegue minar o mito conhecido como sonho americano.